



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO



**Universidade Federal de Pernambuco - UFPE**  
**Pós-Graduação em Psicologia**  
**Área de Concentração: Psicologia Cognitiva**

**Tese de Doutorado**

**“NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA...”:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O DISCURSO DO SUJEITO  
USUÁRIO DE CRACK EM SUA RELAÇÃO COM O CORPO  
NO USO ABUSIVO DA SUBSTÂNCIA**

**Anna Katarina Barbosa da Silva**

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Glória Maria Monteiro de Carvalho**  
Orientadora

**Recife, 2016**

**Anna Katarina Barbosa da Silva**

**“NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA...”:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O DISCURSO DO SUJEITO  
USUÁRIO DE CRACK EM SUA RELAÇÃO COM O CORPO  
NO USO ABUSIVO DA SUBSTÂNCIA**

**Tese de Doutorado**

Apresentado por Anna Katarina Barbosa da Silva ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como parte das exigências para obtenção do título de Doutora em Psicologia Cognitiva.

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Glória Maria Monteiro de Carvalho  
(Orientadora)**

**Recife, 2016**

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

S586n Silva, Anna Katarina Barbosa da.  
"No meio do caminho tinha uma pedra..." : um estudo de caso sobre discurso do sujeito usuário de crack em sua relação com o corpo no uso abusivo da substância / Anna Katarina Barbosa da Silva. – 2016.  
251 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Glória Maria Monteiro de Carvalho.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2016.  
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Drogas - Abuso. 3. Crack (Droga). 4. Psicanálise. 5. Morte. 6. Corpo humano – Efeito das drogas. I. Carvalho, Glória Maria Monteiro de. (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-28)

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Anna Katarina Barbosa da Silva

“No meio do caminho tinha uma pedra...”: um estudo de caso sobre o discurso do sujeito usuário de crack em sua relação com o corpo no uso abusivo da substância.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 28 de março de 2016

Banca Examinadora

Dra. GLORIA MARIA MONTEIRO DE CARVALHO (Presidente e 1º Orientador)  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dra. VERIDIANA ALVES DE SOUSA FERREIRA COSTA  
Instituição: U.F.R.PE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dra. M<sup>a</sup> DE FÁTIMA VILAR DE MELO  
Instituição: UNICAP

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dr. LUIS FELIPE RIOS DO NASCIMENTO  
Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dra. ANA KARINA MOUTINHO LIMA  
Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão  
Eu pensei que tinha o mundo em minhas mãos  
Como um Deus e amanheço mortal*

*E assim, repetindo os mesmos erros, dói em mim  
Ver que toda essa procura não tem fim  
E o que é que eu procuro afinal*

*Um sinal, uma porta pro infinito irreal  
O que não pode ser dito, afinal  
Ser um homem em busca de mais, de mais  
Afinal, como estrelas que brilham  
Em paz, em paz*

*Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão  
Eu pensei que tinha o mundo em minhas mãos  
Como um Deus e amanheço mortal*

*Um sinal, uma porta pro infinito o irreal  
O que não pode ser dito, afinal  
Ser um homem em busca de mais  
Afinal, ser um homem em busca de mais*

*(Lenine e Dudu Falcão, Música O Silêncio das Estrelas)*

*Dedico esta Tese à memória do meu avô paterno, Luiz Galdino, que faleceu em julho de 2015, antes deste momento de finalização, sem deixar de repetir nenhuma vez, ao ver-me, o quanto eu “era especial” e de seu orgulho porque tinha “uma neta doutora”, mesmo sem eu ainda ser. Foi por sua lembrança que cheguei até o fim! Ao meu voinho lindo e doce, dedico os erros e acertos neste escrito e o título de doutora que pode, então, chegar. Ao senhor, minha saudade e o desejo de ouvi-lo dizer só mais uma vez: “minha neta doutora”.*

## **Agradecimentos**

*Sem palavras para agradecê-lo, preciso dizer “obrigada, Deus”, por ter me concedido essa oportunidade de chegar ao fim de um Doutorado, trajetória única dentro da minha família; sou grata a Ele pelas pessoas lutadoras pelo pão de cada dia das quais eu vim, onde nossa maior riqueza sempre foi à união. A força de Deus e da minha família, em especial o sonho do meu avô, Luiz Galdino, de ter uma neta “doutora”, fizeram com que eu chegasse até o final. Deus, obrigada por estar comigo em todos os bons e maus momentos, por ter me fortalecido, colocando tantas pessoas especiais no meu caminho!*

*Falar em família é falar dos meus pais, Marluce e Barbosa, meu irmão, Luiz e minha cunhada, Joana, por tanto amor, compreensão, colaboração e suporte! Tantas palavras para que eu perseverasse! Devo a vocês também o fato de estar concluindo este Curso de Doutorado. A Messias, porque acompanhou toda esta trajetória ao meu lado, suportando-me e convocando-me a um compromisso maior com os estudos através do seu exemplo de perseverança. Agradeço a todos os familiares, mas quero destacar às primas-irmãs produtoras de estímulo: Priscilla, Rúbia, Flavinha e Mayra.*

*A CAPES, por ter financiado todo o meu curso, por acreditar no desenvolvimento dos pesquisadores brasileiros.*

*A minha doce orientadora, Profa. Dr. Glória Maria Monteiro de Carvalho, por sua paciência e atenção e suporte até o final, com seu jeito singular de direcionar minhas angústias para as construções que fizemos juntas. Profa, como a chamo, agradeço pela confiança e credibilidade evidentes nas palavras que me deram segurança e nas pertinentes orientações; por ter me aproximado da psicanálise lacaniana, que me possibilitou andar em solo novo, mas firme diante do que eu pretendia investigar. A você, Glória, meu respeito, admiração, enorme carinho e incomunicável gratidão, para sempre.*

*A quem sempre admirei, que me falava de psicanálise da forma mais clara que pude ouvir, uma das homenageadas da minha turma de graduação: Profa. Tereza Dubeux, que voltou para a minha vida neste momento, de forma maternal, cuidadosa, amorosa, com suas risadas que aplacavam minha ansiedade; por sua neta carinhosa e educada, Marina, pequena, com seus risos, perguntas e beijos. A profa. Tereza, que marcou minha vida desde sempre e sempre fez a diferença pelo exercício de uma docência que aproxima as pessoas da psicanálise sem medo de não compreendê-la; a docente doce, parceira, que quero aprender a ser. Minha querida, não tenho palavras para lhe agradecer!*

*Às inomináveis nesta trajetória: Amanda Claudino Pereira (uma amiga e grande parceira que ganhei na PPG), Manoela Malta (minha amiga desde os 15 anos de idade, que tanto me suportou, inclusive neste árduo caminho que é o doutorado), Danielle Rabello (com suas sugestões pertinentes), Luiza Bradley (pelas revisões dos textos) e Dayse Vasconcelos (por sua parceria e paz). Estas escondem as asas de anjos (rs). Em especial, a querida Geovana*

*Santos, que foi a “anja-salvadora”, cuidadora, amiga! Mais do que colega de profissão, sim, muito mais do que eu possa dizer aqui...*

*Aos professores da banca examinadora, que aceitaram o convite para estarmos juntos: Profa. Dra. Karina Moutinho, que esteve conosco desde a qualificação, sempre à disposição, estimulando e se colocando de forma a contribuir com este trabalho, ajudando-me a crescer enquanto pesquisadora de forma tão amável e educada; ao Prof. Dr. Luís Felipe Rios, meu querido parceiro de outrora, saudoso orientador no Mestrado, que teve contribuição inenarrável na minha formação e nas minhas reflexões sobre o corpo, a partir das contribuições da Antropologia (as quais nunca poderei esquecer) e suas sugestões que sempre me conduziram também a crescer; a querida Profa. Fátima Vilar, a quem sempre encontrava todas as vezes que ia a UNICAP para as orientações com Glória, que me recebia com um sorriso carinhoso e um desejo verbalizado de sucesso; a Profa. Dra. Veridiana Alves de Sousa Ferreira da Costa pelo aceite, suas palavras para me acalmar neste momento final, me conscientizando de que já estava chegando ao fim. A minha suplência tão querida, Profa. Dra. Alina Spinillo (dona dos abraços mais calorosos da PPG em Psicologia Cognitiva), Profa. Dra. Manoela Malta (minha amiga que me apresentou a psicologia e a Glória Carvalho) e Profa. Letícia Scorsi, que também aceitou docemente o convite à banca como suplente.*

*Ao Centro de Atenção ao Usuário de Drogas, extinto CAUD, local que me favoreceu o lidar com usuários de crack e outras drogas, seus familiares e seus sofrimentos; Sou muito grata aos indispensáveis cuidados e atenção que recebi de Waleska Marroquim, minha terapeuta e Dr. James Cesar; Ao Prof. Dr. Spencer Junior, muito solícito, com quem troquei ideias sobre o Mito de Sísifo.*

*À Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por ter me acolhido desde o ano 2000 (graduação, mestrado, professora substituta e doutorado), por significar para mim um lugar onde me sinto segura, feliz, cheio de lembranças boas e de presentes que lá recebi, como os inumeráveis professores e colegas queridos, alguns que já se foram...e colegas que se tornaram amigos, até hoje, como Caroline Vilas Boas, Alexandra Mesquita, Manuella Moreira, Caroline Perboire, Camila Soares, Gabriella Pontes, Rita Abreu, Marielza Queiroz, Gilvanete Cavalcanti, Gioconda Souza, Sandra Farias, Rosemberg Belém, Gláucia Guedes, Professorores Lucinda Macêdo, Willer Nogueira, Telma Avelar, Silvio Ferreira, Jaileila de Araújo Santos, dentre outros.*

*Aos meus amigos e colegas da turma 2012 do Doutorado: Normando Viana e Mussa Abacar! Conseguimos estar na linha de chegada! Somos poucos, mas somos fortes! Obrigada pela parceria! Aos colegas que entraram junto conosco na seleção mestrado/doutorado de 2012, em especial Fernanda Chagas, Raíssa Almoedo, Denise Almeida (e toda a turma de Petrolina) e nossos inesquecíveis “parmegianas” na hora do almoço; À querida Vera Amélia, da secretaria da pós e toda a equipe docente e administrativa, com carinho especial às Professoras Selma Leitão, Luciane de Conti e Sintria Lautert; Ao Professor Maurício Bueno; A Elaine e Vera, também um forte abraço, já com saudades! Destaco minha colega de turma e amiga Joseane*

*Golin, éramos duas, uma dando força a outra em momentos de estresse e pensamentos de desistir. Jose, minha querida, chegamos ao final. Dra. Golin! Obrigada por tudo!*

*À Equipe do CAPS ad, em Jaboatão dos Guararapes, na pessoa da Gestora Paula que, junto aos seus, me acolheu no locus com carinho e respeito por minha posição de pesquisadora. À Secretaria de Saúde do Município do Jaboatão dos Guararapes, que acatou meu projeto e abriu as portas do serviço para que eu conhecesse um pouco mais sobre os serviços ofertados por nossas políticas em saúde mental. Parabéns pelo trabalho!*

*Aos amigos e colegas pelas trocas psicanalíticas e psicológicas, tantas ideias e encorajamento: Yslla Duarte, Gilmara Santana, Vanessa Piasson, Paulo Aguiar, Mireilly Moura, Vladya Lira, Fernanda Michelin, Giedra Hollanda, Fátima Casanova, Vanessa Elethério, Andréa Coelho, Tércio, Claudia Aciolly, Edyglaiisson Alcântara, Jesus Moura, Alexandra Pontes, Ananda Kenney, Gleydson Rocha, João Neto, Talita Araújo (in memoriam), Sony Santos, Leila Medeiros, Sandra Santana, Andréa Santos, Magaly Lira, Marcos Carneiro, Marcos Nascimento, Gilberlande Santos, Verônica Santos, Angela Waked, Aline Lacerda, Glaudston Lima e tantos outros que estiveram, intensamente ou pontualmente, junto a mim nesta jornada. Quando meus parafusos iam caindo, vocês recolhiam com cuidado, me ajudaram tantas vezes com gestos, estímulos, palavras! Sem vocês por perto esta tese também não teria fluído. A minha “rede solidariedade” foi grande, rs”! Às pessoas também muito especiais: Daniela Andrade Lima, Ana Nery Borba, Marília Andrade Lima, Suelen Brainer, Sérgio Ricardo, Nivaldo Junior e sua esposa Patrícia, Pr. André Espíndola, Elissandra Espíndola, Pra. Nádia Malta, Pr. Manoel Malta, Erica Carla, Yêda Zaidan, Vanessa Oliveira, Jefferson Freitas, Patrícia Santos, Jane Santos, Maria Carolina Santos, Mirian Feitosa, Jurandir Monteiro ... de quem sempre recebi muita energia positiva!*

*Agradeço às equipes e instituições de ensino, das quais já fiz ou faço parte como docente, a dizer Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA), Faculdade Joaquim Nabuco, Faculdade Metropolitana, Faculdades Esuda e, finalmente, a Faculdade dos Guararapes (FG). Às que estou mais próxima atualmente, ESUDA e FG, por serem instituições de ensino que valorizam a formação do profissional, apoiando, compreendendo, demonstrando uma gestão que olha de forma valorizadora para seu profissional. A todos os estudantes que fizeram e fazem parte da minha trajetória docente, sejam em turmas de pós-graduação ou graduação, é também por vocês que chego até aqui, para melhorar enquanto profissional em troca da energia boa que vocês me passam, pelo anseio de aprendermos, tão evidente nos olhos brilhantes quando estivemos ou estamos juntos! Meu lugar chama-se sala de aula!*

*Agradeço, por fim, àqueles que, cordialmente, compartilharam suas vidas comigo e que tanto me ensinaram; A Sísifo, Enarete, Mérope e a Técnica de Referência de Sísifo (pseudônimos dos participantes da pesquisa) por me concederem suas palavras, pilares da construção desta tese; Sísifo, onde quer que você esteja...que você encontre, um dia, uma saída para você menos dolorosa do que o crack....*

## RESUMO

A presente tese de doutorado teve como proposta investigar os discursos do sujeito sobre si mesmo, bem como de sua família e profissional assistente, a partir das mudanças corporais que advém da experiência do abuso do crack. Se e como o sujeito usuário de crack em uso abusivo percebe seu corpo. Fisicamente, os ‘noiados’, como são chamados os usuários de crack, tem os dedos e lábios queimados por causa do consumo da substância, falta ou apodrecimento dos dentes e magreza, na maioria das vezes, excessiva. O estudo tem como escopo teórico a Psicanálise, que fornece subsídios para a discussão sobre as toxicomanias, o movimento repetitivo de consumo, o autoerotismo e busca de um gozo mortífero, além de reflexões sobre a metáfora paterna e o nó borromeu lacaniano. O local de realização da pesquisa foi o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas Recanto dos Guararapes, situado em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, Brasil. Trata-se de um estudo de caso que aborda a história de um usuário de crack, a partir de entrevistas realizadas com o mesmo, fora do momento de consumo, na referida instituição, bem como com os demais participantes. Ele recebe o nome de Sísifo, com sua pequena pedra de crack, uma metáfora ao mito em que o sujeito empurra uma enorme pedra até o topo de uma montanha para vê-la rolar e voltar a seguir e, assim, repetindo o mesmo ato. Os resultados e discussões partem da exposição do caso de Sísifo que iniciou o consumo de crack há cerca de 10 anos, ainda faz uso da substância e está há um ano em tratamento no CAPS. Os trechos de fala dos participantes, em destaque as de Sísifo, debatem o autoerotismo presente no consumo e a noção de busca por um gozo absoluto, conduzido pela pulsão de morte, que apagaria a percepção da automutilação e do masoquismo visíveis no corpo depreciado após o consumo. Ainda, algumas falas deixam escapar uma relação muito próxima do sujeito que “tem medo de crescer” e sua mãe, o que pode contribuir para a recorrência do corpo fragilizado nesta relação com a figura materna, o que permite reflexões sobre uma fragilidade na inscrição do Nome-do-Pai e o corpo necessitando de cuidados, assim como o corpo infantil. Por fim, partindo da ideia do afrouxamento do nó borromeu e sobressalência do Real, o sujeito, após o uso abusivo, traz em seu discurso a proximidade com a temática da morte e se auto denomina pelo que chamo de Nomes-do-Morrer, utilizando significantes próximos da morte e ligados a própria morte. Sugere-se, então, uma clínica borromeana e intervenções que envolvam reflexões sobre o corpo do sujeito usuário de crack e que convoque cada vez mais o Outro, dando espaço de fala aos mesmos, partindo da noção de sujeito como constituído pela linguagem.

Palavras chave: Corpo; Crack; Toxicomania; Psicanálise; Morte.

## ABSTRACT

The present doctoral thesis aimed to investigate the subject's speeches about itself, as well as its family and professional assistants, from the body changes that come from the crack abuse experience. If and how does the subject who uses crack abusively perceive its own body? Physically, the "junkies", as the crack cocaine users are called, have burnt fingers and lips due to the consumption of the substance, missing or rotten teeth and thinness, in the majority of cases, excessive. The study has as theoretical scope the psychoanalysis, which provides subsidies for a discussion about addictions, the movement of repetitive consumption, autoeroticism and the pursuit of a deadly jouissance, besides reflections on the paternal metaphor and the borromean knot of Lacan. The research was conducted at the Psychosocial Care Center for Alcohol and Drugs Recanto dos Guararapes, located in Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, Brazil. This is a case study about the story of a crack cocaine user, through interviews made with the subject, during moments of non-consumption, at the above mentioned institution, as well as the other participants. He is known as Sísifo, with his small crack rock, a metaphor for the myth in which the subject pushes a huge stone until the top of a mountain, to watch it roll back and forth and, thus, repeating the same act. The results and discussions start from the display of Sísifo's case, who started using crack for about 10 years, still uses the substance and has been in treatment for a year at CAPS (Psychosocial care center – PCC). The speech excerpts of the participants, highlighted the Sisyphus, debate the auto eroticism present consumption and the notion of search for an absolute joy, driven by the death drive, which erases the perception of visible self-mutilation and masochism depreciate body after consumption. Still, some lines let out a very close relationship of the subject who "are afraid to grow" and her mother, which may contribute to the recurrence of the frail body in this relationship with the mother figure, which allows reflections on a weakness in the application of name of the Father and the body in need of care as well as the child's body. Finally, based on the idea of loosening the knot Borromean and overjet of the real, the subject after the abuse, brings in his speech the proximity to the theme of death and calls himself by what I call Names-the-Dying using significant near death and linked her own death. It is suggested, therefore, a Borromean clinic and interventions involving reflections on the body of the subject crack user and to convene increasingly Other, giving speech to the same space, based on the notion of the subject as constituted by language.

Keywords: Body; Crack; Drug Addiction; Psychoanalysis; Death.

## **Lista de Abreviaturas**

CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas

SENAD – Secretaria Nacional Anti-Drogas

CAPS ad – Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

TR – Técnica de Referência

PTS - Projetos Terapêuticos Singulares

SNC- Sistema Nervoso Central (SNC)

SRT - Serviços Residenciais Terapêuticos

CECOS - Centros de Convivência

## Lista de Figuras

<b>Figura 1.</b> O mito de Sísifo .....	29
<b>Figura 2.</b> Sísifo, por Tiziano Vercellio .....	30
<b>Figura 3.</b> Sísifo, por Max Klinger .....	30
<b>Figura 4.</b> Sísifo, por Bank Joseph .....	31
<b>Figura 5.</b> Pedras de Crack .....	32
<b>Figura 6.</b> Cantora Amy Winehouse antes e depois do abuso do crack .....	33
<b>Figura 7.</b> Atriz Grazi Massafera e a imagem da personagem no espelho .....	34
<b>Figura 8.</b> Grazi Massafera sem a caracterização do personagem .....	34
<b>Figura 9.</b> Representação da Fita de Moebius .....	54
<b>Figura 10.</b> O Nó Borromeu .....	120

## Sumário

<b>Citação .....</b>	<b>III</b>
<b>Dedicatória .....</b>	<b>VI</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>V</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>VIII</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>IX</b>
<b>Lista de Abreviaturas .....</b>	<b>X</b>
<b>Lista de Figuras .....</b>	<b>XI</b>
<b>Sumário .....</b>	<b>XII</b>
<b>1. Introdução .....</b>	<b>15</b>
1.1 Justificativa do Estudo: O sujeito, o Crack, a pedra e o Mito de Sísifo.....	15
1.2 Objetivos do Estudo .....	37
1.3 Dos Capítulos à Seguir .....	37
<b>2 Fundamentação Teórica</b>	
2.1 A noção de sujeito do qual partimos: algumas considerações sobre a eleição dos marcos teóricos .....	40
2.2 A Linguagem e a Constituição do Sujeito .....	44
2.3 O Corpo na Psicanálise e em outras contribuições .....	48
2.4 O Autoerotismo, o Narcisismo e o Gozo na compreensão psicanalítica das toxicomanias.....	64
2.5 Conceitos da Psicanálise Fundamentais para o Debate da Toxicomania: O Nome-do- Pai e as Psicoses .....	94

2.5.1 A Toxicomania na Psicanálise .....	95
2.5.2 Considerações Importantes sobre o Nome-do-Pai para uma reflexão das toxicomanias .....	104
2.5.3 Reflexões sobre as Psicoses: para pensar a relação mãe e filho no caso Sísifo .....	113
2.5.4 O Nó Borromeu: O Real, o Simbólico e o Imaginário (RSI) nas considerações sobre o caso Sísifo .....	120
<b>3 Suporte Metodológico: o caminho para o estudo de caso chamado Sísifo .....</b>	<b>133</b>
3.1. Onde e quando conheci Sísifo: Sobre a Atenção ao Sujeito Usuário de Crack .....	137
3.2 Sobre o encontro com Sísifo .....	142
3.3 Instrumento da pesquisa e confronto com a fala de usuários .....	145
<b>4 Dos Resultados e Discussões: o Sísifo da pequena pedra, a de crack .....</b>	<b>153</b>
4.1 Introduzindo a história: sobre o uso do mito de Sísifo para apresentação do caso .....	153
4.2 Apresentando o Caso Sísifo .....	157
4.3 Breve Apresentação dos Eixos de Análise .....	164
- Eixo 1: Autoerotismo e a busca do gozo mortífero do uso abusivo da droga: Sísifo repete o consumo do crack, anunciando em si automutilações e masoquismo.....	165
- Eixo 2: O corpo que clama pelo Outro, pelo Nome-do-Pai .....	183
- Eixo 3: o R.S.I. para falar do corpo de Sísifo .....	203
<b>5 Considerações Finais .....</b>	<b>220</b>

**6 Referências Bibliográficas ..... 227**

Anexos

Anexo I – Carta de Anuência

Anexo II – Termo de Consentimento

Anexo III – Roteiro de Entrevista Semi-estruturada com Acompanhante

Anexo IV – Roteiro de Entrevista com Enfoque Biográfico realizada com o Usuário

Anexo V – Aprovação da Pesquisa pelo Comitê de Ética - UFPE

## **Introdução**

Esta tese de Doutorado teve como proposta investigar os discursos dos sujeitos sobre si mesmos, a partir das mudanças corporais advindas da experiência do abuso do *crack*. O debate aqui proposto pretendeu se deter na posição subjetiva do usuário de crack e os possíveis efeitos da droga no corpo, partindo da imagem que o sujeito tem de si mesmo, ou seja, a partir de sua própria fala, bem como das falas daqueles com quem convive. As questões que se impõem, neste primeiro momento, são: o que a experiência do consumo de drogas tem a ver com a posição subjetiva do usuário de crack? *se e como* os sujeitos em uso abusivo do crack vivenciam a desfiguração de seus corpos que decorre do abuso desta droga?

### **1.1 Justificativa do estudo: o sujeito, crack, a pedra e o mito de Sísifo**

Para justificar a relevância deste estudo, faço uso de perguntas, seguidas de respostas, para melhor situar o leitor. A **primeira pergunta**: *o que é, afinal, o crack?*

De acordo com o SENAD (2010), o crack, substância que se engaja na proposta desta tese, conhecida por ser uma droga psicotrópica ou substância psicoativa, funciona como estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC), desde que concentra o princípio ativo da cocaína (feita com folhas da planta *Erythroxylum coca*), feito em barra ou pasta, normalmente repartido e embalado em forma de pequenas pedras, é inalado em forma de fumaça em cachimbos frequentemente improvisados com latas de alumínio.

O efeito é quase imediato (de 8 a 15 segundos), acarretando agitação, sensações de euforia e prazer, alterações da percepção e do pensamento (como alucinações), bem como modificações cardiovasculares e motoras, como tremores e taquicardia, seguidos de tristeza pós-efeito, aspecto este que possivelmente contribui para a busca do sujeito pela repetição do

consumo. Os efeitos a médio e longo prazo podem incluir dependência da substância, aumento da tolerância (necessidade de consumir cada vez mais), desinteresse em relações com o mundo externo, depressão, insônia, sensação de cansaço extremo, diminuição do interesse sexual e perda dos dentes, de apetite e consequente perda de peso e desnutrição, aspectos últimos que despertaram o interesse para a presente pesquisa.

De acordo com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), a mudança corporal acontece, porque o *crack* consome rapidamente massa muscular corpórea do sujeito, proporcionando a magreza percebida. Fisicamente, os ‘nóias’ ou “noiados”, como são chamados os usuários de crack no Brasil, podem ser identificados pelos lábios e dedos queimados causados pela forma de consumo da substância, falta de dentes e pela magreza abrupta e excessiva (SENAD, 2010). Este nome me remete a fazer uma alusão à paranóia, que implica em delírios de perseguição, talvez, comportamento típico daqueles que podem ser ameaçados de morte por conta de possíveis dívidas de droga e/ou envolvimento com o tráfico e vivem à procura da substância que os levam a querer repetir mais e mais seu consumo.

Daí, o título desta tese: “No meio do caminho tinha uma pedra...”: Um estudo de caso sobre o discurso do sujeito usuário de crack em sua relação com o corpo no uso abusivo da substância<sup>1</sup>. O sujeito e seu corpo, em sua relação com a droga, o crack, que usuários os chamam de pedra.

### **A segunda pergunta é: *Por que o meu interesse pelo corpo?***

Em experiência profissional, convivi com usuários de crack todos os dias, durante um ano. Atuando como psicóloga num projeto para reabilitação de dependentes químicos entre os

---

<sup>1</sup>A Profa. Nanete Frej, *in memoriam*, no ano de 2005, fez um trabalho com título parecido: Ao longo do caminho tem uma pedra. Apresentado na Reunião Latino-Americana de Psicanálise, Florianópolis, também parafraseou o poema de Carlos Drummond de Andrade, que relembro a seguir.

anos de 2008 e 2009, o Centro de Atendimento aos Usuários de Droga (CAUD), do Governo do Estado de Pernambuco, presenciava a chegada de usuários de crack: os adictos vinham agitados, sujos, cabisbaixos e sem alternativas para controlar o vício. Aparentemente, não se importavam com higiene pessoal, nem vestimentas ou calçados. Seus corpos denunciavam o consumo: extrema magreza, dedos e lábios queimados, dentes degradados. Impressionou-me o fato de o sujeito aparentemente não se aperceber de sua situação física degradante.

Na chegada ao serviço, o discurso girava em torno das perdas financeiras individuais e familiares, ameaças de morte, vontade de usar cada vez mais a droga que chamam de crack. Questionei-me onde estava o corpo, aquele corpo que eu via tão debilitado, para estes sujeitos no meio da trama de seus consumos abusivos. A vida antes e depois do crack é encharcada de inegáveis mudanças, além das aqui mencionadas, mas as corporais eram as que me intrigavam. E intrigam.

Tocada pelas experiências vivenciadas nesta atuação profissional, o questionamento pessoal pela forma com que estes sujeitos percebem o próprio corpo diante da aparente condição imposta pela droga interessou a mim, enquanto psicóloga, mais do que as modificações físicas em si, fosse emagrecimento, queimaduras ou alterações no autocuidado. Desde o momento da triagem, visualizar os documentos com foto das pessoas que chegavam ao serviço, sempre me conduziam a me perguntar *se e como* eles percebiam o próprio corpo naquela condição. O fato é que o rosto estampado na fotografia 3x4 entregue na triagem ou presente no documento de identificação não se parecia com o da pessoa à frente, onde a desfiguração na face e no corpo é extremamente visível, ocasionada pela rápida perda de peso corporal, um dos danos físicos do uso do crack.

Desta forma, esta tese teve como proposta investigar os discursos dos sujeitos sobre o próprio corpo a partir das mudanças corporais abruptas que advém da experiência do abuso do *crack*. O debate aqui proposto se detém nos possíveis motivos para o consumo da droga, bem

como nos efeitos do abuso da droga no corpo e na posição subjetiva do usuário de crack, partindo da imagem que o indivíduo tem de si mesmo, ou seja, a partir de sua própria fala.

Quero interrogar se o usuário de crack percebe as modificações que ocorrem no próprio corpo e se tais modificações corporais afetam a posição subjetiva do usuário de crack. E por que as modificações corporais vividas pelos usuários de crack me chamaram tanta atenção ao ponto de fazê-las alvo da presente pesquisa. A busca de uma provável resposta perpassa minha trajetória acadêmica.

O momento que demarcou meu interesse pelo tema foi a chegada à graduação em Psicologia e no estágio no Hospital do Câncer de Pernambuco. Naquele lugar, encontrei pessoas surpreendidas por mutilações na face e meu interesse pelo corpo ultrapassou as questões pessoais e se tornou questão de pesquisa. Assim, o atual foco nas modificações corporais que ocorrem nos usuários de crack, como questão de pesquisa, justifica-se primeiramente, a partir do interesse pelo corpo e suas mudanças abruptas, que tem surgido em minha trajetória acadêmica diante de trabalhos de pesquisa por mim realizados<sup>2</sup>.

Os resultados obtidos, nesses primeiros trabalhos, sobre a temática das modificações corporais abruptas, indicaram que os acometidos por uma mutilação e reabilitação protética facial, apesar do auxílio protético, ainda apresentavam sentimentos de vergonha, autoimagem depreciada, dificuldades a respeito da identidade social, temor pelo não acolhimento na sociedade, comportamento de isolamento, estigma, dentre outros.

Assinalo meu próprio trabalho de dissertação de mestrado, interessado na trajetória de vida de pessoas que atravessaram mutilações em suas faces (Silva, 2008). Através da observação participante, entrevistas realizadas antes e depois da adaptação funcional a próteses faciais e investigação por meio de entrevista biográfica (com foco na história de

---

<sup>2</sup>SILVA, Anna Katarina Barbosa da. Monografia intitulada “Implicações Psicossociais na Mutilação Facial e na Reabilitação Protética em Pacientes com Câncer” (2005) e dissertação de Mestrado “Para uma psicossociologia da Máscara: sobre curativos, óculos e próteses faciais na trajetória de vida de pessoas que passaram por mutilações na face” (2008).

vida) foi montada a triangulação metodológica para investigação dos efeitos do advento de mutilações dessa natureza. Dentre outros aspectos, ficou claro o que chamamos de ‘estigma de monstruosidade’, ou seja, a significação de si mesmo percebido como monstro pelos demais, o que ocasiona afastamento das situações sociais como, simplesmente, andar na rua.

Contudo, o fato de não ser olhado com estranhamento pelos seus familiares e parceiros afetivos, denota-se como aspecto fundamental para que o sujeito reflita a respeito ou tome iniciativas de retomar aspectos abandonados da sua vida após o advento da mutilação. Tal situação demanda uma dor psíquica semelhante ao luto, paralisando todo o investimento afetivo dos sujeitos em suas relações, vida profissional, planos e projetos de vida, dentre outros aspectos.

Continuando a abordar impactos de modificações corporais sobre o sujeito, neste Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, alguns estudos também foram realizados neste âmbito. Moutinho (2010), em seu trabalho sobre a construção narrativa dos sentidos de bioidentidade (obesidade e cirurgias bariátricas), aponta que a bioidentidade é uma forma peculiar de definição do humano, típico nas ciências humanas, onde cuidado de si é destinado ao corpo e à conservação de modelos estéticos e médicos.

Diante da narrativa social ocidental contemporânea, com o objetivo de investigar como pessoas que realizaram cirurgia bariátrica em suas construções de sentidos de bioidentidade em narrativas, a pesquisadora realizou duas entrevistas narrativas nas quais as participantes contam sua trajetória de vida, com foco na construção de sentidos nas diferentes posições assumidas antes, durante e depois da cirurgia bariátrica, procedendo com análise de posicionamento. Uma das informantes experimentou posições de descontrole, ambiguidade e controle, enquanto a outra, posições de rejeição, superação, desconforto e aceitação. Além disto, ambas mudaram as posições assumidas diante dos demais personagens de suas vidas, assim como suas posições em relação à vontade, autonomia e reflexividade, trazendo em suas

narrativas, a emocionalidade como elemento novo em relação à narrativa social da bioidentidade.

Outro estudo, também realizado neste Programa de Pós-graduação sobre modificações corporais foi o de Pinheiro (2011), que investigou as chamadas “*body’s modifications*”, como o uso de tatuagens e piercings no próprio corpo, abordando a singularidade e questões de posição subjetiva relacionadas ao corpo. Segundo a autora, através da história, em diversos campos do saber, a singularidade humana recebeu vários sentidos a respeito da posição subjetiva do sujeito. Nesse estudo, a partir de reflexões feitas através do viés psicanalítico com inspiração lacaniana, foi possível problematizar sobre o lugar da singularidade em nossa cultura, com ênfase na relevância de sua desnaturalização nos usos da linguagem, a partir dos efeitos éticos e hermenêuticos que tal aspecto da posição subjetiva pode assumir no modo como descrevemos e nos relacionamos com nossos pares na cultura.

O campo empírico escolhido - extremas modificações corporais (*extreme body modifications*) – estudou sujeitos que modificam a imagem de si como forma de se chegar a um “verdadeiro eu”, compreendido por eles como único e autofundado mais além de questões históricas. Para estes sujeitos, singularidade é vivida no corpo e nos discursos endereçados ao outro, a quem pertence o significante da Lei. Na interpretação de três relatos autobiográficos de praticantes do *body modification*, pensa-se na singularidade como forma de demarcação da identidade que põe o sujeito como autor na composição da sua própria história.

Pereira (2014), interessada na Construção Narrativa do Self em usuários de crack em tratamento, neste mesmo Programa de Pós-Graduação, aborda o uso de drogas que vai do chamado uso recreativo à dependência, apontando que o transtorno de consumo de substâncias psicoativas é uma especialidade de uso que sobressai à vontade própria do sujeito, modifica seu comportamento, suas formas de relacionamentos e sua noção sobre si mesmo. Dessa maneira, observou que o uso do crack conduz ao abandono de vínculos antigos ou a aquisição de novos vínculos. A autora aponta que a continuidade/descontinuidade do self faz

parte da compreensão para a permanência ou ruptura com o uso abusivo da droga. Através de entrevistas narrativas realizadas com usuários em tratamento em um CAPSad, a partir de dois estudos de caso, descobriu-se que a concepção sobre si mesmo se altera de acordo com a fase do tratamento em que cada um deles se encontra, que se descreviam com os termos trabalhador, usuário de crack em tratamento, homem de família e ex-usuário de crack e ambos relataram a força que a droga, o crack, exercia sobre o sujeito que dela faz uso.

Além da trajetória acadêmica e de aspectos que me conduziram ao interesse pelo corpo, é válido considerar que ele, o corpo, numa perspectiva mais antropológica, é refletido por Helman (1994) como algo que significa bem mais do que um simples organismo físico que oscila entre a saúde e a doença. O corpo é também foco de um conjunto de crenças sobre seu significado social e psicológico, sua estrutura e funcionamento, seja qual for à localização espacial e o padrão cultural do indivíduo.

Enquanto objeto de estudo, o corpo pode ser visto de vários ângulos, por diversos campos de saber, como: organismo biológico, corpo social, histórico, o corpo da beleza e da estética, o da admiração e da arte e o corpo da psicanálise – este último, interesse deste trabalho. Este, o corpo da psicanálise, é visto enquanto objeto para o psiquismo, da representação inconsciente, imbuído numa relação de significação e em sua história (Lazzarini & Viana, 2006). O corpo com o qual a psicanálise lida é um corpo erógeno e não um corpo biológico.

Nesta perspectiva, devo mencionar, mais uma vez, que meu interesse pelo corpo e suas mudanças aumentou diante da atuação profissional em espaço de atendimento/acompanhamento a dependentes químicos<sup>3</sup>. Apesar de, inegavelmente as reflexões sobre os impactos de mutilações faciais se configurarem como fértil campo de estudo, o novo campo profissional junto aos usuários de crack me capturou e me fez flutuar

---

<sup>3</sup>Cabe apontar o local de atuação como psicóloga no Centro de Atendimento ao Usuário de Drogas – CAUD-Recife/PE, projeto de apoio a usuários de drogas e seus familiares, em parceria com a OSCIP Saravida, financiado pelo Governo do Estado de Pernambuco, entre os anos de 2008 e 2009.

sobre questões semelhantes, agora, diante deste novo público. Diante de mim, novamente, o sujeito atravessado por suas modificações corporais.

No momento chamado de triagem, como já mencionei, a impressão era de estranhamento entre a imagem da fotografia e o sujeito presente. Já nos atendimentos psicológicos realizados em grupo de acordo com a proposta do serviço, os sujeitos mantinham seus discursos no próprio interesse exacerbado pelo consumo da droga, histórias de perigo atravessadas para consegui-la, a estimulação da atividade física e mental causada pelo consumo, inibição do sono, diminuição do cansaço e da fome e até a queda do desejo sexual. O corpo parecia surgir nas falas em sua funcionalidade (utilizado nas empreitadas pela busca da droga, por exemplo) e como marcador da situação atual do sujeito, quando este alcançava a abstinência: o peso corporal e a aparência eram recuperados aos poucos, comunicando o sujeito, a partir disto, sua nova posição diante da droga. Quais seriam as possíveis implicações de tais modificações na constituição subjetiva do sujeito? Comecei a refletir sobre o corpo como lugar em que as experiências subjetivas acontecem e são comunicadas<sup>4</sup>.

Ao ouvir relatos de familiares, a magreza, um dos danos corporais do uso do crack, não me pareceu oculta, mas com pouca relevância nestas falas em detrimento de outros acontecimentos: ingresso na marginalidade, perdas econômicas, pessoais e familiares devastadoras - principalmente nas classes sociais menos favorecidas - e as ameaças de morte eram as grandes preocupações expressas. Além disso, o desapego a objetos (pessoais ou da coletividade doméstica) como forma de barganhar a droga parecia causar instabilidade nos relacionamentos sociais e desconfiança da parte dos membros da família, que alegavam já ter

---

<sup>4</sup>No capítulo intitulado de ‘Suporte Metodológico’, estão apresentados o que chamo de *flashes* dos meus encontros com estes sujeitos, o que pode ajudar a esclarecer a maneira que o corpo parecia surgir nos discursos de alguns dos usuários do Serviço; montar estes *flashes* também foi fundamental para a elaboração das entrevistas, instrumentos desta atual pesquisa.

previsibilidade do comportamento: mentiras, irritabilidade, agitação, roubo, agressividade e descontrole das ações.

Faço, então, uma **terceira pergunta** na justificativa deste estudo: *Mas, por que o interesse pelo corpo do usuário de crack, em específico?*

Uma vez posto as razões pessoais e acadêmicas para escolha do presente objeto de estudo, faz-se necessário antes de avançar, refletir que estar numa pós-graduação em psicologia nos deixa, inclusive, em posição privilegiada, pelo posicionamento de tal ciência como área de confluência de diversas áreas e disciplinas das ciências naturais e das ciências humanas.

Figueiredo (1993) expõe a psicologia como um campo teórico-prático, caracterizado por sua multiplicidade de áreas afins, com diferentes acepções, interesses, funções, objetivos e instrumentos de trabalho; o que poderia explicar o caráter de multiplicidade da psicologia seria o fato desta lidar com o indivíduo, ou seja, ter por objeto o ser humano compreendido em seus traços e características decorrentes do biológico, subjetivo, sociológico e do cultural. Apesar das modificações corporais dos usuários de crack serem o ponto para a reflexão, não é nos aspectos biológicos que estão centralizadas as reflexões feitas aqui.

Em 2014, o relatório do Ministério da Saúde já apontou o uso abusivo de álcool e outras drogas como grave problema de saúde pública, o que reverbera sobre as diferentes classes sociais afetando a adesão à escola, favorecendo a violência especialmente em pessoas menos favorecidas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) as define como substância psicoativa “qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento” (SENAD, 2010, p.14). Neste contexto, cabe salientar que é chamado de *abuso de drogas* o padrão de uso que aumenta o risco de consequências prejudiciais para o usuário, o que engloba não só os impactos para a saúde, mas também impactos sociais.

Por estes motivos aqui apontados, o debate sobre a necessidade da redução da demanda e oferta de drogas vem ocupando significativo espaço no cenário mundial. O aumento do consumo de crack na contemporaneidade tem sido alvo de elaboração de ações de enfrentamento e políticas públicas.

De acordo com o jornal Estadão, de São Paulo, o Governo Federal divulgou que, em cinco anos, o número de usuários de crack no Brasil passou de 380 para 600 mil<sup>5</sup>. A região Nordeste é a segunda maior em termos de consumo do crack. Entre as suas unidades federativas Bahia e Pernambuco destacam-se. Em Pernambuco, não existe uma estatística oficial que revele o número de usuários de crack. Segundo a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, a estimativa é de que 110 mil pessoas já usaram crack no Estado entre 2010 e 2011. Destes, a maior parte está concentrada na capital Recife, embora haja de destacar, também, o avanço nas cidades interioranas do Estado<sup>6</sup>. Mesmo assim, é possível dizer que a Psicologia tem contribuições a dar neste campo, desde que ainda são escassos os investimentos no sentido de compreender os *significados* do agravo, alternativas coletivamente dialogadas e compartilhadas entre a equipe técnica, o paciente e sua família, diante da nova situação social que se apresenta.

Contudo, essa perspectiva numérica, que nos coloca diante de um problema de saúde pública, nos impõe a necessidade de reflexões a respeito da posição subjetiva do usuário de crack, o que, além de ajudar na compreensão sobre o mesmo e seus comportamentos, pode se configurar também como possibilidade de embasamento para políticas públicas realmente eficazes, ao aprofundar o debate sobre o agravo a partir da contribuição da psicologia, com propostas que envolvam usuários e a sociedade como um todo. O atendimento ao usuário de crack (bem como a qualquer usuário de serviços) não precisa partir de decisões unilaterais,

---

<sup>5</sup>Acesso ao portal do Jornal Estadão, notícia veiculada em 21/05/2010. <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,pais-chega-a-600-mil-usuarios-de-crack-e-governo-lanca-plano-de-combate,554506,0.htm>

<sup>6</sup>O uso do crack na cidade do Recife e suas implicações territoriais. Acesso ao portal [http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404130466\\_ARQUIVO\\_ARTIGOOUSODOCRACKNACI\\_DADEDERECIFE.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404130466_ARQUIVO_ARTIGOOUSODOCRACKNACI_DADEDERECIFE.pdf). Acesso em 30 de abril de 2016.

gerenciais, impositivas<sup>7</sup>. Ainda parecem escassos os investimentos no sentido de compreender os significados do agravo, que só virá do ato de ouvir e buscar entender as dinâmicas subjetivas do sujeito que consome.

Para Henschel de Lima (2014), tudo isso tem efeito sobre o funcionamento subjetivo do sujeito que consome. Chama de higienista o tratamento dado a questão do crack. Está no dia a dia de jovens e crianças em situação de rua, exigindo do poder público, a elaboração de políticas de enfrentamento que só tem como alvo a manutenção da ordem pública, desconsiderando que esta epidemia coloca em jogo variáveis psíquicas para além da formação das “cracolândia” e da ideia do abrigamento compulsório. Não é possível separar os efeitos biológicos e neuropsicológicos da droga das repercussões subjetivas que ela acarreta e o retorno ao modelo manicomial como medida terapêutica, além de prescrição medicamentosa e tratamento moral com base no isolamento do sujeito. Não parecem demonstrar serem suficientes para uma eficaz atuação em saúde mental.

Rui (2012), em sua tese de doutorado, apreende a figura do nóia<sup>8</sup> como categoria que agrupa um segmento particular de usuários de crack: aqueles que, devido a um conjunto de condições sociais e individuais, envolvem-se com o crack de maneira radical e extrema, o que produz uma corporalidade que ganha uma abjeção, ou seja, noção de desprezível, indigno, sujo, dentre outros sinônimos possíveis. Tal forma de ver o sujeito conduz, para a autora, aos tratamentos repressivos, assistenciais, religiosos e morais. Então, é o corpo do nóia que sinaliza sua alteridade, sua diferença, e funda sua exclusão social. O nóia está próximo dos limites corporais, sociais, espaciais, simbólicos e morais, impulsionando o assistencialismo para eliminá-lo do convívio social ou recuperá-lo. O corpo, que possui conexões com

---

<sup>7</sup>Apenas para citar, vale a pena falar da chamada internação compulsória aprovada em alguns municípios brasileiros, que consiste em levar, a força, o sujeito usuário para uma unidade de tratamento e desintoxicação, a despeito da sua própria vontade.

<sup>8</sup>Forma que os usuários de crack são chamados no Brasil: Nórias, noiados e termos semelhantes (Rui, 2012).

processos sociais e simbólicos, possui a potencialidade, a partir de seu definhamento, de produzir a noção de sujeito abjeto. Estes corpos, que se constituem assim em sua relação com a substância, circula em espaços para uso, redes de solidariedade, pessoas envolvidas no comércio da droga, troca de objetos pela substância, prevenção à venda e consumo, a partir de políticas urbanísticas, sanitárias e assistenciais, enfim, é o corpo do usuário de crack, também, que move as formas de olhar para o agravo. O corpo do usuário de crack sinaliza algo...

Então, por que nesta tese de doutorado, não propor um olhar para este sujeito além da forma como a sociedade parece vê-lo e tratá-lo? Por que não olhá-lo enquanto sujeito, ouvi-lo, dar voz a ele e ver o que ele e os seus têm a dizer sobre esse seu corpo, tão significativo? Tendo insto posto, o interesse da presente tese de Doutorado toca nos aspectos que atravessam a posição subjetiva dos usuários de crack que ultrapassam os efeitos físicos da droga e das condutas morais dos indivíduos: Quais as ligações desta experiência para a posição subjetiva do usuário de crack, na psicanálise? *Se e como* percebem o fato de seus corpos serem atravessados pela vivência do consumo excedente da droga? Qual o real sentido encoberto das mudanças corporais advindas?

Faço, então, uma **quarta pergunta**: *a partir de quais referenciais teóricos reflito sobre o uso de drogas?*

A psicanálise, então, surge como aporte teórico para o debate proposto neste trabalho. Para Henschel de Lima (2014), tudo isso acima apontado tem efeito sobre o funcionamento subjetivo do sujeito que consome. Em seu artigo sobre investigação psicanalítica e determinantes psíquicos no consumo abusivo de drogas aponta a psicanálise como importante para determinar o diagnóstico e direção do tratamento de usuários. Neste artigo, a autora defende que o uso da droga na psicose pode surgir como recurso para criar uma pseudo simbolização da metáfora paterna. A forclusão do Nome-do-Pai<sup>9</sup> é um mecanismo de defesa básico da psicose. Na neurose, a baixa eficácia do Nome do Pai pode favorecer o uso da droga

---

<sup>9</sup>Conceitos explicitados no capítulo referente à fundamentação teórica, por se tratar de temas importantes no debate sobre a toxicomania.

como um objeto que visa tamponar esta insuficiência ou esta falta. A intenção no artigo é favorecer um avanço nas políticas públicas brasileiras, apontando uma abordagem “cujo fio condutor seja fornecido pelos conceitos fundamentais da psicanálise” (p.40) e o resgate da fala do sujeito que é usuário de drogas.

Falando das repercussões subjetivas no sujeito usuário de crack, Henschel de Lima (2014, p. 41) cita trabalhos que apontam a relação do consumo de droga com a estrutura do sujeito na abordagem psicanalítica, pois, alguns, mesmo fazendo uso de alguma substância por muitos anos, não se avaliam como adictos, já que não consideram que a droga ocupe lugar central em suas vidas. Mesmo assim, consomem com frequência, enquanto que outros sujeitos, na mesma situação, conseguem se considerar dependentes e assumem a devastadora ação do crack em suas vidas. Cita, ainda, pesquisas que apontam a ligação do uso da substância com as alucinações da psicose. Este estudo mostra que além da ação neurofisiológica da substância inegavelmente presente no sujeito, existe uma ligação “com quadros de desestabilização no funcionamento psíquico e invasão pulsional” (p. 41). Dessa maneira, a relação entre consumo de drogas e estrutura psíquica se torna o eixo condutor da psicanálise para diferenciar os sujeitos e modalidades de consumo, partindo das condições subjetivas para seu desencadeamento e, a partir daí, elaborar um tratamento e um diagnóstico diferencial entre neurose e psicose (citado em Albertini, Inem & Rangel, 2013; Abello, 2009 & Naparstek, 2009).

A psicanálise, então, possui importantes referenciais teóricos como em Freud e Lacan que podem apoiar um debate sobre o consumo abusivo de substâncias e a estrutura do sujeito<sup>10</sup>. Pretendeu-se, assim, discutir estas e outras questões no contexto da produção da tese de doutorado neste Programa de Pós-Graduação. O foco foi mesmo o *afastamento do saber*

---

<sup>10</sup>Conceitos explicitados no capítulo referente à fundamentação teórica, também por se tratar de temas importantes no debate sobre a toxicomania.

das ciências biomédicas dos próprios sujeitos, na lida com o uso do crack e com o evento das modificações corporais decorrentes deste consumo abusivo.

Possivelmente, esta iniciativa de olhar e pensar especificamente as modificações corporais experimentadas pelo sujeito usuário de crack, como já dito, um dos aspectos ouvidos no meio de tantos outros relevantes no discurso destas pessoas, é apenas um pequeno passo diante do imenso caminho que precisa ser percorrido dentro de uma infinidade de hipóteses possivelmente suscitadas, a partir da abordagem da experiência do consumo de drogas. Por isso mesmo, soa como algo desafiador no âmbito científico e compõe um quadro instigante para o profissional interessado em investigações que possam incluir, cada vez mais, a psicanálise de maneira ativa na busca pela melhoria das práticas de saúde e para o benefício da sociedade como um todo.

Antes de prosseguir, faz-se necessária uma **quinta e última pergunta**, para que o leitor compreenda o que se passa a seguir: *Por fim, porque utilizar um mito, o de Sísifo na contação da história de um usuário de crack?*

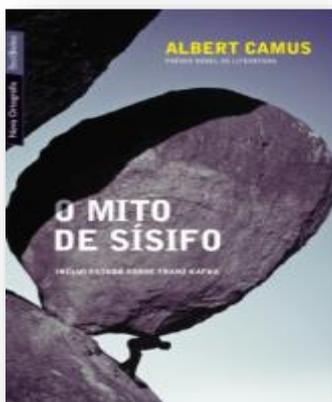
É importante logo dizer que o nome Sísifo está presente no corpo deste texto em diversos momentos. Gosto de mitologia, literatura e arte, e considero possível uma articulação entre estes campos e a psicanálise, apesar de nem sempre compreendê-las. Acredito que, nestes contextos pelos quais me interesso, o campo das modificações corporais, dialogar com a literatura e com a arte confere certa leveza ao texto, além de aproximar os sujeitos participantes das *pesquisas* de realidades já percebidas na sensibilidade de artistas e escritores. Na minha dissertação de Mestrado, chamei as histórias do *Corcunda de Notre-Dame*, *Frankenstein* e *O Fantasma da Ópera* para dialogar com aqueles que atravessam mutilações de face e experimentam o que chamamos de *Estigma de Monstruosidade* (Silva, 2008). Aqui, nesta tese de Doutorado, também, o Mito de Sísifo não ‘cai de paraquedas’ nesta construção.

Afinal, dentro da proposta metodológica de um estudo de caso<sup>11</sup>, além de escolher preservar a identidade dos participantes desta pesquisa com o uso de pseudônimos, o nome Sísifo não entra por acaso, tem uma função metafórica.

De acordo com Camus (2010), na mitologia, Sísifo<sup>12</sup> é condenado a empurrar um rochedo (sem descanso) até ao cume de uma montanha, de onde o rochedo cai novamente. O castigo de Sísifo presta-se ao terrível e inútil trabalho de levar ao topo o rochedo e depois vê-lo descer novamente montanha a baixo.

A Edição de 2010, traz a seguinte capa de ilustração<sup>13</sup>:

*Figura 1. O Mito de Sísifo*



O que se vê? Um homem, empurrando, esforçadamente, uma pedra gigantesca. Um rosto que sofre tão perto das pedras já é ele próprio, pedra! Homem e pedra parecem indistintos!

---

<sup>11</sup>Aspectos melhor explicitados no capítulo sobre o suporte metodológico.

<sup>12</sup>Mais detalhes sobre o mito em sua relação com o sujeito deste estudo de caso, estão no capítulo dos resultados e das análises.

<sup>13</sup>Fonte: <http://www.saraiva.com.br/o-mito-de-sisifo-3371506.html>. Acessado em 12 de dezembro de 2015.

A arte também retratou Sísifo. Tiziano Vercellio (1948/1949)<sup>14</sup>, assim o mostrou:

*Figura 2.* Sísifo, por Tiziano Vercellio



Não se vê o rosto de Sísifo nesta expressão e a pedra, sobre os ombros, também parece se tornar uma com o rosto do sujeito. Parece, também, demasiadamente cansativo o seu trabalho. Max Klinger, em 1914<sup>15</sup>, já o havia assim retratado:

*Figura 3.* Sísifo, por Max Klinger



Sísifo parece forte e carrega sobre a pedra algumas pessoas, que assistem seu sofrimento. A pedra não significa apenas a si mesma, mas outros. Camus (2010) diz que o motivo para este cruel castigo seria porque Sísifo havia revelado os segredos dos deuses e

<sup>14</sup> Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Mito\\_de\\_S%C3%ADsifo](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Mito_de_S%C3%ADsifo). Acessado em 12 de dezembro de 2015.

<sup>15</sup> Sísifo, por Max Klinger (1914). <http://portalcinciaevida.uol.com.br/esfi/Edicoes/41/imprime158645.asp>. Acessado em 22 de dezembro de 2015.

acorrentado à própria figura da morte. Outra versão relata que ele, imprudentemente, pôs à prova o amor de sua mulher. Sísifo, a beira da morte, ordenou que sua mulher lançasse o seu corpo, sem sepultar, para o centro da Praça Pública. Sua mulher fez o que ele ordenou, no entanto, ele fica irritado com tamanha obediência, contrária ao amor (maior do que o amor que ele julgava que ela sentia por ele), e volta à Terra após conseguir permissão de Plutão para castigar sua mulher. Ao voltar, fica encantado com a água, o sol, as pedras, o mar e não quis retornar para a sombra do inferno. Dessa forma, Mercúrio rouba-lhe a alegria, leva-o à força para as profundezas do inferno<sup>16</sup>.

Seu desprezo pelos deuses somado a seu ódio pela morte, teve como preço castigar seu corpo diante do enorme esforço para erguer a pedra em seu ombro e subir com ela para, em seguida, recomeçar o trabalho infernal.

Está no Moseo Del Prado, em Madrid, a pintura de Bank Joseph, intitulada *Sísifo*, datada do século XVII<sup>17</sup>:

*Figura 4.* Sísifo, por Bank Joseph



Nesta imagem, Sísifo parece humano, frágil. Não se tem exatamente a dimensão do tamanho da pedra a partir da Tela, só se percebe que é um esforço muito grande para ele ter de carregá-la. Vou, então, do mito de Sísifo à pedra de crack.

<sup>16</sup>Informações complementares sobre o mito foram acessadas no site: <http://www.saberepreciso.com/2013/02/o-mito-de-sisifo.html>. Em 22 de dezembro de 2015.

<sup>17</sup> Sísifo, por Bank Joseph (XVII). <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/san-simon/c407d683-796b-4e33-8cd0-2393590db4f0>. Acessado em 22 de dezembro de 2015.

Camus (2010), nos ensaios que escreve em *O Mito de Sísifo*, fala do absurdo. O autor se refere ao suicídio e faz diversas reflexões que aqui fugiriam dos objetivos da pesquisa e do uso do mito para figurar este estudo de caso. O ensaio fala sobre a relação entre o suicídio e o absurdo, apontando o suicídio como uma solução para o absurdo. Lembremos que *Le mythe de Sisyphe* é de 1942, publicado quando o autor tinha 29 anos, considerada sua primeira conjugação teórica dentro da noção de absurdidade, da falta de sentido (ou sentido absurdo) da condição humana. Sísifo e sua pedra, o usuário de crack, nos fala de um concreto no corpo impregnado de uma busca lancinante de um gozo só comparado com a morte, já que a pedra do crack, quando fumada, leva o sujeito ao ápice do seu gozo. Figuremos, então, o absurdo:

*Figura 5. Pedras de Crack*



Olhemos o tamanho da pedra do crack. Dedos queimados, calos<sup>18</sup>...será que posso estabelecer um paralelo desta com a outra pedra, a de Sísifo? Este último se submete ao castigo e sempre vai até o fim, quando a pedra rola novamente e ele repete seu trabalho de

---

<sup>18</sup>Fonte: <http://www.ebc.com.br/2012/09/brasil-e-o-maior-mercado-consumidor-de-crack-do-mundo-aponta-estudo>. Acessado em 24 de dezembro de 2015. Título da foto: *Dedos queimados e calos são cicatrizes comuns deixadas pelo crack nas mãos de quem fuma* (Foto: Marcello Casal Jr/ABr)

empurrá-la. Isso chega às raias do absurdo! O que o usuário de crack faz por e com sua pedra, também beiraria o absurdo?

Pacheco (citado por Machado & Derensky, 2013) relembra a morte da jovem cantora Amy Winehouse que, com apenas 27 anos, faleceu vítima das drogas e seus excessos. Recorda as últimas aparições da artista, que emagreceu excessivamente e fez aparições constrangedoras nos palcos, sem conseguir cantar, sempre desarrumada e com os cabelos em desalinho. A suspeita é que Amy tenha morrido de overdose. Para a autora, histórias como estas evidenciam o fascínio que as drogas exercem no mundo atual que conduz muitos jovens ao caminho mortífero do gozo, com destino único e inevitável da morte.

*Figura 6. Cantora Amy Winehouse, antes e depois do abuso do crack<sup>19</sup>.*



Recentemente, em 2015, uma minissérie da Rede Globo de televisão chamada *Verdades Secretas*, retratou a história de uma ex-modelo, usuária de crack e sua decadente carreira por conta do uso abusivo. Interpretada pela atriz Grazi Massafera, a modelo, mesmo

<sup>19</sup>Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=igpUqYmlnmY>, acessado em 12/12/2015.

com o corpo modificado pelo abuso do crack, matinha a expectativa de ser chamada para trabalhos. Percebia as mudanças corporais em outros usuários, menos em si mesma. A cena em que a moça percebe sua imagem degradada no espelho pode ser resumida pela seguinte imagem:

*Figura 7. Atriz Grazi Massafera e a percepção da imagem degradada no espelho*



O absurdo do gozo com droga, que transforma a imagem corporal dos sujeitos e suas histórias de vida. Esta, da imagem acima e a outra, da imagem abaixo, são a mesma atriz<sup>20</sup>:

*Figura 8. Atriz Grazi Massafera sem a caracterização do personagem*



<sup>20</sup>Fonte: <http://www.correio24horas.com.br/single-entretenimento/noticia/atuacao-de-grazi-massafera-emocional-fas-apos-cena-em-verdades-secretas/?cHash=632c12185d155797fc825a4acf133b16>. A atuação de Grazi Massafera, em Verdades Secretas, ganhou mais uma enxurrada de elogios na noite desta sexta-feira (18). A atriz apareceu com o visual 'acabado' pelo consumo de drogas. Na cena mais elogiada, Larissa, personagem de Grazi, fica chocada com a aparência ao se ver diante de um espelho. Acessado em 20 de outubro de 2015.

O que o autor da minissérie, o autor Walcir Carrasco, quis mostrar com este caso? Certamente, não só a mim chama a atenção às modificações corporais advindas do consumo do crack. Como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade<sup>21</sup>:

*No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.*

A pedra do usuário de crack é a pequena pedra do crack. E esta pedra, no meio do caminho, deixa-o mais pesaroso, cansado, mas ainda assim, o ato de consumir é repetido pelo adicto. Tomamos como ponto de partida o mito de Sísifo e tudo que ele nos remete no tocante a leitura deste caso, aqui apresentado e em fragmentos de fala, envolvendo um sujeito que carrega uma pedra. Pedra de crack, tão pesada quanto à carregada por Sísifo. Com efeito, o aporte teórico organizador deste estudo está fundamentado nas contribuições psicanalíticas de Freud e Lacan, a respeito da constituição subjetiva do toxicômano e possíveis respostas e saídas ao fenômeno.

Nesse caso, buscamos uma aproximação entre a verdade do mito Sísifo e a do participante, neste estudo de caso, aqui também nomeado, Sísifo. Onde está verdade do sujeito aqui em questão? É na medida em que nos interrogamos sobre o lugar ocupado pelo Outro que começamos a compreender o artifício que sustenta o sujeito em torno de seu sintoma.

Enarete aparece como mãe de Sísifo. Sísifo era filho de um Deus, Elfos, um grande Outro que o engoliu e o deixou na falta dessa função paterna. Sísifo era por demais esperto e de todas as encenanças conseguia sair. No mito, Sísifo era o segundo entre a ordem dos filhos,

---

<sup>21</sup>No Meio do Caminho, de Carlos Drummond de Andrade. Em Revista de Antropofagia, 1928; Incluído em *Alguma Poesia*, 1930.

o que pode fazer dele um sujeito de muitas faltas, de um vazio muito grande, que pode favorecer o desenvolvimento de sua relação com a pedra. Em algumas imagens, como visto acima, ele fica igual à pedra. A pedra o engole. Mas do usuário, foco deste estudo de caso, é Sísifo que engole a pedra. Ele fuma a pedra. A pedra da qual se considera dependente, para qual ele tem que voltar, igual à Sísifo, do mito. Em ambos os casos deve haver um gozo, porque, Sísifo tem força pra ir e voltar e repetir isso diversas vezes, numa repetição sem fim...

Este é só o início da história de Sísifo, que pode ser refletida a partir da história de outros sujeitos em uso abusivo da droga crack<sup>22</sup>. O personagem bastante presente neste mito é Tântatos, a representação da morte, e a incrível capacidade do astuto Sísifo escapar dela. Na experiência com usuários de droga, eles contam histórias sem fim, de maneiras de conseguir a droga, de consumo em excesso, que me levavam a me questionar, impressionada, como alguns poderiam ainda estar vivos. Como eles conseguiam escapar da morte, assim? Isso se assemelha ao mítico Sísifo, nas suas ousadias para enganar a morte. No mito, Sísifo não quer ficar no Hades, no inferno, como já mencionado. Ele foge da realidade dele. Os usuários de crack se entorpecem, talvez por dificuldade em enfrentar suas realidades, mas as consequências de seus atos, um dia, acabam por alcançá-los.

Finalizando as aproximações do dependente de crack com o mítico Sísifo, fica evidente a urgência do tema do uso abusivo da droga. A história do nosso Sísifo, o estudo de caso aqui apresentado, já começou. Já compreendidas às mudanças corporais e suas possíveis implicações como foco do presente trabalho, nos tópicos a seguir, apresentam-se de forma breve os objetivos de pesquisa, o marco teórico para o estudo (a psicanálise de cunho lacaniano), as demarcações metodológicas também dentro da perspectiva psicanalítica, logo

---

<sup>22</sup>Reflexões feitas junto à Psicóloga Fernanda Michelon, autora do blog Fernanda Michelon – Psicóloga Jungioana, situado no endereço <http://fernandamichelon.com.br/jung/mito-de-sisifo-uma-forma-mitologica-para-falar-sobre-as-caracteristicas-de-personalidade-anti-social/>, agora, residente no Canadá, aprovou por e-mail a colocação de suas reflexões na tese e aguarda, gentilmente, vê-la finalizada.

após resultados e análises das entrevistas, seguidas das considerações finais; o fim, da história contada do nosso Sísifo; nosso, porque sobre ele nos debruçamos...

## **1.2 Objetivos do Estudo:**

O objetivo do presente trabalho foi investigar, a partir do discurso do sujeito sobre si mesmo, bem como do discurso do outro (o dos familiares, o da parceira afetiva e o da profissional assistente), a apreensão das modificações corporais abruptas que advém da experiência do abuso do crack, a partir da posição assumida pelo sujeito frente ao desejo de consumir droga, especificamente as repercussões sobre o seu corpo, foco deste estudo.

Tenho como pergunta condutora se e como o sujeito usuário de crack percebe as modificações corporais advindas do abuso da droga. Desta forma, de acordo com a abordagem psicanalítica que subsidiou este estudo, os objetivos específicos deste trabalho podem ser pensados da seguinte maneira:

1. Investigar a relação do sujeito com a droga e com os outros para obtenção e consumo da droga e suas repercussões sobre o seu corpo;
2. Identificar as formas de se referir si mesmo, ou seja, o uso de significantes na produção do discurso do sujeito e dos demais participantes para aludir ao próprio corpo e ao corpo de outros usuários de drogas;
3. Analisar a história de vida do sujeito e seu discurso sobre o próprio corpo, percebendo a existência de entrelaces com o discurso do outro e as possíveis repercussões deste sobre o corpo do sujeito.

## **1.3 Dos capítulos a seguir**

Se, portanto, sabe-se deste desejo pela droga que conduz a destruição moral, familiar, social e física do sujeito, procurou-se focalizar, então, toda a discussão no presente trabalho

na destruição física, nas palpáveis e abruptas mudanças corporais psíquicas com o consumo de crack, o que nos obriga a transitar pelo sofrimento do corpo, mórbido, não em seu sentido biológico, mas o corpo desnaturalizado, psicanalítico, marcado pelo desejo inconsciente, atravessado pela linguagem e regulado pelo desejo. Para tanto, faz-se necessário passear sobre alguns conceitos fundamentais da psicanálise, a seguir, a começar pelo conceito de sujeito, tão fundamental no ensejo do debate aqui proposto. Parte-se da perspectiva psicanalítica freudiana e lacaniana para engendrar tais reflexões, onde as experiências corporais estão ligadas a tudo que o sujeito vivencia, experimenta em seu corpo e que tem impacto sobre a posição subjetiva do sujeito.

Neste capítulo que se segue, chamado de ‘Fundamentação Teórica’, além de abordar a importância da linguagem para a constituição do sujeito, fala-se também sobre o corpo na Psicanálise e em outras contribuições, alguns conceitos da psicanálise fundamentais para o debate sobre a toxicomania, considerações sobre a importância do Nome-do-Pai sobre constituição subjetiva do sujeito. Desta forma, tangeram-se os temas: do gozo ilimitado, da pulsão de morte, das atuações na compreensão psicanalítica às toxicomanias, ainda reflexões sobre o nó Borromeu (O Real, o Simbólico e o Imaginário – RSI) e outros aspectos importantes sobre a atenção em saúde ao sujeito usuário de crack.

No capítulo intitulado ‘Suporte Metodológico’, apresenta-se o caminho para o estudo de caso chamado Sísifo, o local onde conheci Sísifo, um CAPS ad, que remete a reflexões a respeito da Atenção ao Sujeito Usuário de Crack, narro aspectos dos encontros com o sujeito, apresento os instrumentos de pesquisa utilizados e a forma de análise.

No capítulo “Dos Resultados e Discussões” está descrito o caso Sísifo da pequena pedra, a de crack, partindo de uma introdução a história, ao abordar o mito de Sísifo para apresentação do caso, posto a seguir. Depois, tendo seguido a proposta de análise do que foi trazido nas entrevistas, estão expostos os Eixos de Análise, a dizer: Eixo 1: Autoerotismo e a busca do gozo mortífero do uso abusivo da droga: Sísifo repete o consumo do crack, anunciando em si

*“No meio do caminho tinha uma pedra...”: Um estudo de caso sobre o discurso do sujeito usuário de crack, em sua relação com o corpo no uso abusivo da substância. Anna Katarina Barbosa da Silva*

automutilações e masoquismo; Eixo 2: O corpo que clama pelo Outro, pelo Nome-do-Pai; e o Eixo 3: o R.S.I. para falar do corpo de Sísifo.

Por fim, então, as considerações finais deste trabalho. Seguiremos, pois, para cumprir a trajetória acima apresentada.

## **1. Fundamentação Teórica**

Este capítulo é fruto de uma maior aproximação da pesquisadora com o tema da toxicomania no campo da Psicanálise, diante do desafio lançado no início da trajetória deste Doutorado de abordar o tema corpo dentro desta perspectiva, especialmente aproximando das propostas do psicanalista Jacques Lacan (1901 – 1981). No anseio de conhecer mais e compartilhar deste conhecimento neste espaço de tese, assim, além de abordar a importância da linguagem para a constituição do sujeito, aborda-se o corpo na Psicanálise e em outras contribuições, alguns conceitos fundamentais da psicanálise fundamentais para se falar de toxicomania, além considerações sobre a importância do Nome-do-Pai para a constituição subjetiva do sujeito, além de reflexões sobre o nó Borromeu (O Real, o Simbólico e o Imaginário – RSI), importantes conceitos desenvolvidos pelo supracitado autor e outros aspectos importantes sobre a atenção em saúde ao sujeito usuário de crack.

Desta maneira, convido, neste tópico, aos leitores, especialmente aqueles que possuem pouca familiaridade com psicanálise a mergulhar, junto comigo, em reflexões teóricas fundamentais para a construção desta tese.

### **2.1 A noção de sujeito da qual partimos: algumas considerações sobre a eleição dos marcos teóricos**

Antes de iniciar as cogitações teóricas no campo da Psicanálise que podem contribuir com as reflexões a respeito dos discursos dos sujeitos sobre o próprio corpo com foco na apreensão (ou não) das modificações corporais abruptas que advém da experiência do abuso do crack, é preciso abordar uma questão crucial: qual é o olhar que lanço sobre esse sujeito? Como olho para ele? É preciso dizer, como no início, que neste estudo de caso, tive a Psicanálise como marco teórico.

Ora, como a psicanálise pode servir de esteio para as reflexões de acordo com os objetivos propostos? Se existem reflexões pertinentes em outros campos de saber?

De fato existem. Contribuições antropológicas são inspiradoras e de maneira alguma divergem necessariamente da Psicanálise e delas, também, escolho fazer uso como ponto de reflexão<sup>23</sup>. Inclusive, há de se questionar o fato de, estando num Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, onde estaria o sujeito cognoscente nesta construção. Ele aparece, apenas para se contrapor ao sujeito que eu investigo: o sujeito do inconsciente.

Na presente pretensão da investigação do humano, a dizer, o usuário de crack em suas experiências corporais, primeiro, é preciso apontar o *sujeito* para o qual olho no estudo em questão: este sujeito do inconsciente, concebido pela psicanálise como um ser mergulhado em um mundo de linguagem, sendo por ela atravessado e estando a ela assujeitado. De acordo com Coutinho Jorge (2011), não existe ação no humano, escolha, tendência ou desejo que escape à atuação do inconsciente – desta maneira, também, as experiências corporais no abuso do crack.

Lendo Elia (2010), o mesmo diz que enquanto René Descartes pronuncia o sujeito da ciência, do pensamento, Freud revela o sujeito do desejo. Este indivíduo, antes identificado pela consciência, sofre um deslocamento radical, ao ser lançado, em Freud, ao novo objeto que, é o inconsciente. No dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis (2001), o conceito de inconsciente é a questão central da teoria psicanalítica e é em torno dele que se concentram os conceitos freudianos. Em sua experiência clínica, Freud não aponta lugar anatômico para existência do inconsciente, mas afirma que o psiquismo humano não está

---

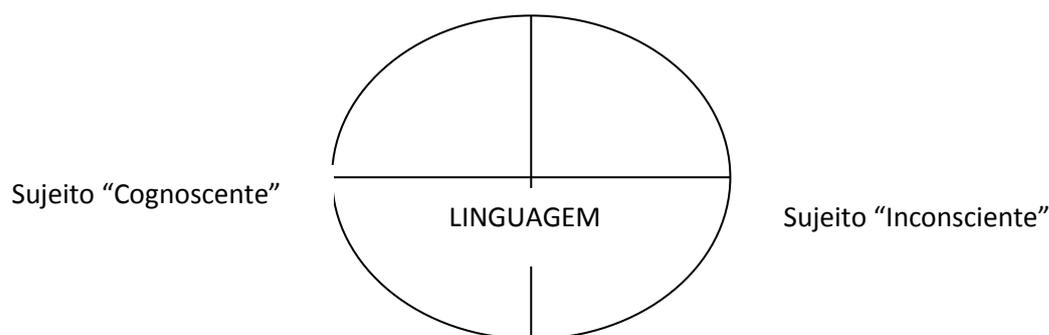
<sup>23</sup>Falo novamente do meu trabalho de Dissertação de Mestrado produzido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta Universidade, com o apoio substancial e inesquecível, do Mestre em Antropologia e Doutor em Saúde Coletiva, o querido Luís Felipe Rios. Não poderia me desprender, me desvincular das contribuições antropológicas que ele me apresentou no meu trabalho intitulado **Para uma Psicossociologia da Máscara:** sobre curativos, óculos e próteses faciais na trajetória de vida de pessoas que passaram por mutilações na face. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE. Recife, [2008].

reduzido ao consciente; alguns conteúdos resistem a este espaço e, ainda assim, permeiam a vida psíquica. O conteúdo do inconsciente se constitui a partir de conflitos, ligados a histórias imaginárias, fantasias e outras manifestações de desejos ligados às primeiras vivências de satisfação, às pressões pulsionais que podem levar o sujeito a repetições compulsivas em busca de objetos que tamponem a falta inerente ao ser humano. Como diz Garcia-Roza (1985):

Vimos que o inconsciente não é: ele não se identifica com as profundezas da consciência nem com aquilo que a subjetividade possui de caótico e impensável. (...) O inconsciente freudiano não é uma substância espiritual, contrafação da *res cogitans* cartesiana, nem um lugar ou uma coisa. O termo “conteúdo inconsciente” não designa uma relação de conteúdo a continente análogo a quando o copo contém água. Dizer que uma representação é inconsciente ou que está no inconsciente não significa outra coisa senão que ela está submetida a uma sintaxe diferente daquela que caracteriza a consciência. O inconsciente é uma forma e não um lugar ou uma coisa. (...) O que define, portanto, o inconsciente não são seus conteúdos, mas o modo segundo ele opera, impondo a estes conteúdos uma determinada forma. (p.173, 164, 175).

Para Coutinho Jorge (2011), a psicanálise descentrou o homem de si mesmo, retirou a sede do sujeito de sua consciência. Então, estar em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva construindo esta tese de doutorado, me conduziu a um giro de 180° no que tange a perspectiva teórica.

Tento expressar, então, meu ponto de partida com o seguinte esquema:



Qual o ponto de encontro que proponho, ponto este que distancia e aproxima do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva? A linguagem!

Continuando, o sujeito do qual falamos nesta tese, como Lacan também concebe (1998), é o do inconsciente, assujeitado à linguagem. Indo além, já que menciono Lacan Chemama (1995), define sujeito como o ser humano que é constituído pela linguagem que o antecede, bem como submetido às regras impostas por ela, através da qual o inconsciente se manifesta de forma privilegiada. Então, abordar a concepção de sujeito a partir do referencial psicanalítico é, também, falar de linguagem, desde que são intimamente ligadas, pois a linguagem é vista como fundante do sujeito, que é cindido e constituído na e pela linguagem - isto dentro da concepção estruturalista lacaniana.

De acordo com Badiou e Roudinesco (2012), Lacan, apesar de autor polêmico, acusado de reler a psicanálise freudiana de forma complexa, é discutido e admirado, amado e odiado, mas, para alguns teóricos, é o maior psicanalista depois de Freud, sendo alvo das reflexões teóricas no presente trabalho além, é claro, do próprio Freud.

Na perspectiva psicanalítica e a partir dos objetivos deste estudo, é possível pensar em sujeito e na noção de posição subjetiva do sujeito também se referindo ao corpo, sendo necessário, teoricamente, que se retorne a ele, desde que este nem sempre parece compor as discussões no que tange a posição subjetiva humana. Mas, para Birman (1997), a ideia de um sujeito distante de sua corporeidade é fruto de um modo de pensar na posição subjetiva exclusivamente através do discurso, a partir de modelos racionais, matemáticos e lógicos. Torna-se necessário, então, neste espaço de discussão, aproximar as ideias de sujeito do inconsciente e de corpo, na psicanálise. A linguagem e o corpo são inerentes ao ser humano, mas nem sempre a linguagem é capaz de nomear o que o corpo experimenta. Daí o registro do Real, criado por Lacan (1975-76/2008), a partir do nó borromeu, que inclui o Real, o Simbólico e o Imaginário, aspectos teóricos abordados mais adiante.

Volto-me, neste instante, aos usuários de crack; aqui, é possível compreender que linguagem que abordamos não é aquela da fala, mas a do próprio sujeito que consome a droga, inclusive suas práticas e o que imprime no corpo as experiências vivenciadas por eles.

Mas, a fala dá conta de tudo que acontece com nosso corpo? Nos relatos que ouvi destas pessoas em atendimento psicológico na rede estadual em Pernambuco, o cachimbo de crack (construído, normalmente, a partir de uma cânula de caneta esferográfica), as latas de alumínio (furadas, usadas para inalação da droga, que é fumada) e os cigarros de tabaco (suas cinzas são utilizadas para potencializar os efeitos do crack, segundo alguns usuários) acabam por ganhar um sentido para ele, sentido para o outro que o vê, além de serem objetos que falam da relação que o sujeito estabelece com a droga. Isso também é linguagem! Ainda mais, a própria droga, está mediando a relação do sujeito com o mundo<sup>24</sup>. É, então, o todo este complexo visceral, social, agindo sobre o biológico, estruturando o humano! Se somos constituídos de linguagem, isso não acontece sem nossa relação com o mundo, acontece através do outro, através da linguagem.

Olhando assim para o sujeito, elegeu-se a psicanálise como matriz teórica, e neste campo vou caminhando a seguir.

## **2.2 A Linguagem e a Constituição do Sujeito**

Permanecendo na importância da *linguagem* para a constituição do sujeito psíquico, Lajonquière (1999) coloca a mesma como eixo principal para a formação do humano. Também, para Cláudia Lemos (1986), o processo de aquisição de linguagem é o próprio processo de constituição da subjetividade. A autora diz que a criança, passando do seu estado de não falante para falante da língua, percorre seu caminho para subjetivação. A linguagem, então, seria pré-requisito para que exista posição subjetiva, através da qual, acontecimentos, pessoas, objetos, dentre outros aspectos do mundo exterior, ganham significado. Segundo

---

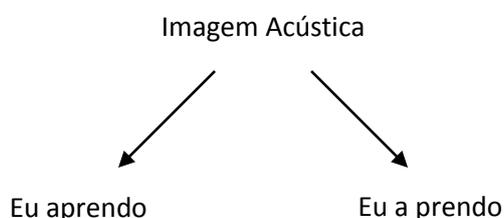
<sup>24</sup> Sem ousar falar algo assim com base em achismos, informo que aspectos teóricos centrais como este, estão postos a seguir, no decorrer da fundamentação teórica.

Lacan (1979), este sujeito de linguagem é “determinado pela linguagem e pela fala” (p.187). Justificando tal premissa, a linguagem proporciona o surgimento do sujeito em sua condição humana, pois através dela ele é significado.

Para falar de linguagem, é preciso lembrar que o supracitado autor desenvolveu uma releitura de representantes do estruturalismo linguístico– Saussure e Jakobson. De acordo com Dor (1989), o primeiro, fundador do estruturalismo francês, investigou a língua em seu funcionamento como regida por leis próprias. O conceito de signo linguístico é um dos principais nas suas formulações, definindo-o como a unidade linguística composta pelo significante e o significado, que estariam colados, a dizer, pensamento e som, conceito (significado) e imagem acústica (significante).

Saussure lança uma proposta inovadora ao dizer que o ato de falar implica em seleção (escolher um termo entre outros com possibilidade de substituição dos termos entre si) e combinação (articulação entre unidades linguísticas), existindo, então, dois eixos: o sintagmático (eixo de combinações) e o paradigmático (eixo das substituições).

Farias (1997), a respeito das concepções saussurianas de linguagem, afirma que o autor compreende a língua como um sistema de relações onde nenhuma unidade se define em relação a si própria, mas que isso só é possível na existência das demais unidades presentes nesse sistema de relações, o que chama de *valor do Signo linguístico*, onde uma imagem acústica não tem significação quando o signo é isolado de outros signos. Joel Dor (1989) inclusive, ao citar Saussure (1980), diz que é possível que uma mesma imagem acústica esteja articulada a dois significados possíveis, induzindo a significações diferentes, de acordo com Malta (2006), é possível mencionar o seguinte exemplo:



Com este exemplo, faz-se necessário debater a possibilidade da mesma imagem acústica estar ligada a dois significados diferentes, estando essa significação circunscrita ao contexto da cadeia falada ou, como diz Dor (op. cit.): “signo só é signo em função do contexto” (p.37), sendo este contexto o conjunto de outros signos possíveis.

Outro autor importante no estruturalismo foi Jakobson que, a partir das elaborações de Saussure, desenvolveu a ideia de que a linguagem está sujeita aos processos metafóricos (eixo das seleções) e metonímicos (eixo das combinações), onde os primeiros permitem surgir a equívocidade ou assumem diversos sentidos pelos significantes substituídos pela similitude, e os segundos onde os significantes são, por relação de contiguidade e proximidade, substituídos.

No estruturalismo Lacaniano, existe uma diferença em relação à concepção proposta por Saussure. Lacan revoluciona a ordem do signo representado como significado/significante e o apresenta como significante/significado, ou seja: existe uma autonomia do significante em relação ao significado, o que cria duas ordens inconfundíveis e quebra a unidade do signo defendida por Saussure: a do significante e a do significado. Ao realizar a inversão do algoritmo saussuriano, o significante ganha, nesta perspectiva, supremacia em relação ao significado, assumindo uma função primordial, governando o discurso do sujeito (Dor, 1989).

Assim, a relação significante/significado não seria de colagem como propõe Saussure, mas de fluidez, onde o significante desliza de forma indeterminada e ilimitada em significações, o que confere ao significante a noção de autonomia, podendo se ligar a outros significados. Daí então, a necessidade de investigar, neste trabalho, os significantes utilizados pelo sujeito para se descrever em uso abusivo pois estes podem, inclusive, produzir efeitos no sujeito, como em nosso caso, no corpo dos usuários de crack.

Lacan ainda incorre sobre a proposta de Jakobson e os conceitos de metáfora e metonímia numa re-leitura de “A Interpretação dos Sonhos”, de Freud (1900/1996). Chama,

então, a condensação de metáfora e o deslocamento de metonímia, inserindo o sujeito do Inconsciente ou o sujeito psicanalítico no campo da linguística.

Além de ser dividido e atravessado pela linguagem, o sujeito é por ela surpreendido. A linguagem, por dominar o sujeito, emerge nas formações do Inconsciente, como em sintomas, chistes, atos falhos e sonhos, através das quais o Inconsciente se expressa, todos fora do controle consciente do sujeito, surpreendendo-o quando ele não espera. Então, o interesse dos psicanalistas lacanianos pela linguagem, como aponta Nasio (1993), mas que Freud já anunciara, é onde acontecem hesitações, esquecimentos, balbucios, atos falhos, ou seja, onde a linguagem tropeça.

Buscando trazer, novamente, as reflexões para meu tema de estudo, se for para por em foco a fala dos sujeitos neste estudo de caso, é também, falando que eles, expressam aspectos da sua relação com a droga e entre si. A família, inclusive, pode se referir constantemente a mudança de comportamento do usuário, de “bom menino” para a “ovelha negra da família”, como por exemplo; relatar o deslizar de suas práticas, escolhas, vocabulário, amigos, posturas diante da vida. A droga, por ocupar lugar aparentemente central na vida da pessoa, parece permear sua relação com o mundo e com a linguagem.

Então, retomando, como Lacan (1998) concebe o sujeito do qual falamos, este é sujeito do inconsciente, que está fora do pensar cientificista preso ao sistema de percepção-consciência, desde que o sujeito funciona a nível inconsciente. Este é o humano tal como concebe a psicanálise: um ser falante e um ser corporal, com dimensões inconscientes, como as pulsões, os desejos, as fantasias, as compulsões às repetições, etc. Ele diz:

A essas proposições opõem-se toda a nossa experiência, na medida que ela nos dissuade a conceber o *eu* como centrado no sistema *percepção-consciência*, como organizado pelo princípio da realidade, no qual se formula o preconceito cientificista mais contrário à dialética do conhecimento, e nos indica que partamos da *função de desconhecimento* que caracteriza em todas as estruturas (...) (p.103).

Quinet (2000) aponta que não somos onde pensamos, mas sim, onde desejamos. Sobre este mesmo sujeito da ciência, opera o sujeito da psicanálise, já que somos o sujeito do pensamento inconsciente.

Agora, refletida a importância da linguagem para o sujeito, avanço para reflexões sobre o corpo na psicanálise e em outros lugares teóricos.

### **2.3 O Corpo na Psicanálise e em outras contribuições**

O terceiro tópico em questão é o *corpo*, na psicanálise. Este ponto envolve a imagem do corpo e o falar sobre o próprio corpo. Para começar, é preciso, então, neste espaço da tese, retornar ao corpo, inclui-lo nas discussões sobre o sujeito e salientar o potencial deste para afetar a subjetividade humana. Para Cukiert (2000), não seria, portanto, o corpo orgânico que interessa nesta discussão, desde que a psicanálise é o pano de fundo do atual debate. Por falar nele, vale lembrar que o sujeito psicanalítico ou do inconsciente é dotado de um corpo que é desnaturalizado, que nada tem a ver com a noção anatofisiológica (Leite, 2003).

Para Miller (2011), “o meu próprio corpo é a fonte de todas as informações vitais que me abriram uma porta para uma maior autonomia e autoconsciência” (p. 13). Ainda, de acordo com o que apontam Lazzarini e Viana (2006) a ideia que se contrapõe ao corpo organismo constituído pelos órgãos e sistemas funcionais é o corpo psicanalítico, marcado pelo desejo inconsciente, atravessado pela linguagem e regulado pelo desejo – corpo erógeno, base do interesse do presente estudo. Remeter-se ao corpo parece dar margem a aspectos que deveriam ser preferencialmente silenciados, como o pensar sobre a existência, a morte e a finitude do sujeito. Diante de uma subjetividade “lógica”, aquilo que não faz sentido permaneceria fora do debate. Na intersecção entre corpo e linguagem, não se pensa no corpo material, propriamente dito, mas no corpo afetado pelos efeitos da linguagem e que, apesar de ser afetado pela linguagem, tem uma fala própria, que nem sempre consegue ser simbolizada.

Neste ponto, torna-se interessante beber de fontes sociológicas e antropológicas para o debate sobre o corpo, como já havia dito, contribuições sócio antropológicas as quais posso aqui considerar e não posso desprezar.

Para Mauss (1974), o corpo é o primeiro e mais natural objeto do homem, modulado de acordo com hábitos culturais; ele é fonte de expressão de sentimentos e comportamentos que transitam na coletividade, informando a situação moral da pessoa, a qual influencia cada um de nós com normas coletivas implícitas. Amor, amizade, sofrimento e alegria são realidades que podem ser transmitidas ao outro a partir do corpo, de acordo com cada repertório cultural. Por exemplo, o posicionamento diante da dor está ligado ao que está indicado no contexto social e cultural que se está inserido, de acordo com a visão de mundo, crenças religiosas e outros aspectos da comunidade a qual pertence. A própria identidade sexual é influenciada pelo discurso cultural.

É válido trazer à tona reflexões de Le Breton, com sua Sociologia do Corpo (2006). De acordo com tal autor, a sociologia se interessa pelo corpo à medida que busca compreender a corporeidade humana como simbólica, alvo de representações simbólicas e imaginárias, próprias do fenômeno cultural e social. É através do corpo que o homem se relaciona e interage com o mundo: gesticula, expressa sentimentos, pratica exercícios, trabalha, sente dor, dentre outras coisas, se assume, inclusive, sexualmente como homem, mulher, homossexual.

Ainda perseguindo o pensamento de Le Breton (2006), vê-se que as possibilidades ofertadas pelo mundo moderno no que se refere às modificações corporais: transplantes, manipulações genéticas e próteses enunciam soluções futuras cada vez mais promissoras. Para se ter este tal “corpo perfeito”, (ou melhor, o “corpo perseguido”) paga-se qualquer preço; a carne humana parece se igualar a objetos. De acordo com tal autor, este pensamento decorre do fato de olharmos o corpo como uma máquina, composto por peças que podem ser criadas, retiradas, recolocadas. Refletindo que se este corpo “máquina” é sede da identidade humana e

referência primordial para os outros (família, relacionados interpessoalmente e demais instituições), pergunta-se, então: o corpo é ou não é o homem? O corpo é uma criação, uma manifestação do homem ou o corpo o define?

O mesmo autor, em seu discutido livro intitulado *Adeus ao Corpo* (2003), reflete que o corpo é hoje entendido como objeto dotado de imperfeição, servindo apenas como aquele que abarca a insatisfação do ser humano. O sucesso das cirurgias estéticas decorre do desejo humano de “mudar seu corpo para mudar sua vida” (p. 10). Para ele, o corpo é hoje visto como “rascunho a ser corrigido”, como peças isoladas, que podem ser substituídas por conveniência ou para perseguir a perfeição do homem. Ele enxerga aí uma certa aversão ao corpo, ou seja, essa aparente “atenção” a ele devotada não passa da banalização do mesmo. O corpo e a carne humana parecem percebidos, desde sempre, como modificáveis, sujeitos a morte, a doenças e ao envelhecimento.

O que parece coincidente entre vários teóricos, é que no mundo atual as qualidades de ser humano são conferidas de acordo com as formas de seu corpo (Le Breton, 2006). Além disto, o corpo está intimamente ligado à questão da aparência, aspecto deveras relevante quando se fala em autoimagem e imagem que o outro tem de nós, que influencia inúmeros âmbitos da vida, como relacionamento interpessoal, relações profissionais, familiares, etc.

De acordo com Rios (2004), os diferentes sistemas de entender o mundo tendem a marcar no corpo as desigualdades sociais, usando tais marcas para justificar diferenças estabelecidas. Para ele, a compreensão das experiências corporais e suas inter-relações com a estrutura social poderiam ser pensadas por meio de uma abordagem do que o mesmo denominou “economia política do corpo”. Assim, propõe que as experiências corporais devem ser entendidas como realidades socialmente construídas, expressão de processos estruturais da sociedade onde os sujeitos estão interagindo. O corpo físico individual pode, então, ser compreendido como atravessado de significados pelos diferentes sistemas de entendimento e construção da vida social.

Vemos, então, que a temática corporal parece estar numa área de confluência de diversas disciplinas (psicologia, psicanálise, filosofia, antropologia, sociologia, medicina, dentre outras) e é alvo de interesse dos indivíduos desde muito tempo. Lacan (1998), postulando o inconsciente estruturado como linguagem, não exclui a corporeidade de seu esquema mental. O corpo da psicanálise, distinto do da Biologia, convoca para o cerne das discussões, o homem como ser de linguagem e nos oferece instrumentos para analisar a forma de inscrição das experiências no aparelho psíquico.

Este corpo, voltando ao sujeito do inconsciente está submetido à lógica das pulsões. Ora, mas o que é pulsão? Para Leite (2003), a pulsão representa psiquicamente as excitações que provém de uma fonte somática, é o que denuncia o motivo das palavras exercerem poder sobre nós e nosso corpo. De acordo com Hanns (1999), *Trieb* ou pulsão é um termo que possui várias possibilidades de utilização na língua alemã, como força interna que impele ininterruptamente para a ação, tendência, inclinação; Instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades; Ânسيا, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa. Pulsão seria energia, força que impulsiona, propulsiona o sujeito a agir, que está situada entre o somático e o psíquico. Assim, o que está na pré-história da pulsão é a excitação e o próprio corpo como fonte da excitação, onde "o corpo não é causa de nada, nem da pulsão, nem do prazer de órgão, mas sem a corporeidade nada seria possível" (p. 182). Para Freud (1915/1969)

É fundamental pontuar a definição de Freud (1915/1969):

Uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (...)" (p.142).

Uma pulsão tem alguns termos que precisam ser entendidos: a fonte (proveniente do corpo), pressão (fator motor, a quantidade de força ou de exigência de trabalho constante que exige à mente), sua finalidade (é a satisfação) e seu objeto, que é extremamente variável, pode

ser qualquer parte do corpo do indivíduo ou qualquer objeto do mundo externo. Isto está relacionado ao tema desta pesquisa, pois está diretamente ligado à pressão que o sujeito sente para repetir a busca incessante pela droga, decorrente da ação da pulsão de morte, conceito melhor explicitado a seguir.

Para Barros (2015), se a droga pode ser concebida como autodestrutiva, podendo levar à morte e o sujeito a um estado de indiferença psíquica e física absoluta, a autora também questiona em que medida esta droga pode se colocar a serviço de manter a vida psíquica, funcionando como uma proteção contra ameaças do ambiente exterior, tornando-se uma escolha obrigatória para o sobreviver psíquico do sujeito de um objeto que, apesar de submeter o sujeito a um risco de morte psíquica, se coloca como insubstituível. A relação com a droga pode, então, sinalizar uma certa impossibilidade de investir na realidade exterior.

Em Projeto para uma psicologia científica (1950[1895], 1990), Freud define pulsão como “um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia da vida orgânica” (p. 47). A partir daí o autor verifica a existência da pulsão de morte: “não conhece exceção, o fato de tudo o que vive morrer por razões internas, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que o objetivo de toda vida é a morte” (p. 49).

Garcia-Roza (1990) diz que no seminário de Lacan de 4 de maio de 1960, o autor propõe três níveis que podem ser articuladas a questão da pulsão de morte: o primeiro nível, naquele dos sistemas materiais inanimados (a entropia); o segundo nível, aquele dos sistemas materiais vivos (retorno ao inanimado); e a terceira, como vontade de destruição.

Em outra obra, o autor (1985) diz que, de acordo com Freud, um dos destinos na pulsão é o masoquismo, que retorna em direção ao eu do indivíduo.

Freud (1920/1996), em *Além do princípio do prazer*, diz que a pulsão de morte se opõe a pulsão de vida; enquanto a pulsão de vida junta às pulsões sexuais e as pulsões do eu ou do objeto, as pulsões de morte se refere à tendência geral dos organismos humanos, não apenas a redução da excitação vital interna, mas também, por este motivo, retornar a um estado primitivo e inorgânico. A pulsão de morte é responsável pelo desinvestimento, pelo desligamento, pela diferenciação e separação. Ela representa uma dimensão autodestrutiva, por isso se vincula ao masoquismo, ao sadismo, a automutilação, a melancolia e etc.

Foi introduzida por Freud em 1920, no livro *para além do princípio do prazer*, subvertendo em muitos aspectos suas formulações teóricas, tanto às teorias pulsionais, quanto as suas teorias sobre o aparelho psíquico e também sobre uma nova perspectiva a respeito do sadismo e do masoquismo. O autor substituiu a primeira teoria pulsional que se resumia em pulsões do ego e pulsões de autoconservação x pulsões sexuais por pulsões de vida, que englobava tanto as pulsões sexuais, quanto as pulsões do ego e de autoconservação, introduzindo, com polo oposto, a pulsão de morte. Essas funções têm os funcionamentos imbrincados, mas tem tendências diferentes; enquanto cabe a pulsão de vida ligações cada vez maiores e investimentos cada vez maiores, indiferenciações cada vez maiores à pulsão de morte compete o desligamento, a diferenciação, a separação, o desinvestimento. Ambas são necessárias ao funcionamento psíquico; ambas podem levar a morte; ambas podem levar a vida, o que depende da desmedida, da predominância exclusiva de uma ou de outra.

Em 1924, no artigo *o problema econômico do masoquismo*, Freud (1924/1969) diz que:

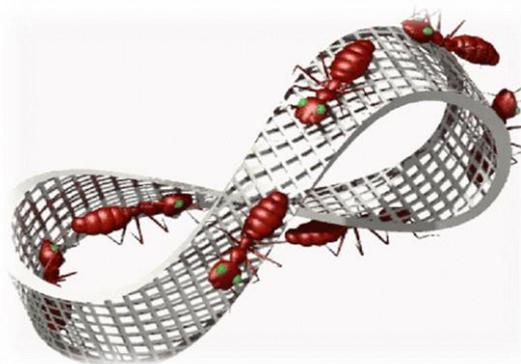
Estando-se preparado para desprezar uma pequena falta de exatidão, pode-se dizer que a pulsão de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por um outro, ainda tem o eu (self) com seu objeto. Esse masoquismo seria assim a prova irremanescente da fase de desenvolvimento em que a união (tão importante para a vida) entre a pulsão de morte e a pulsão de vida que se efetuou. Não ficaremos surpresos em escutar, que, em certas circunstâncias, o sadismo ou a pulsão de destruição, antes dirigido para fora, projetada, pode

ser mais uma vez introjetada, voltada para dentro, regredindo, assim, a uma situação anterior. Se tal acontece, produz-se um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original (p. 205).

Já sobre a automutilação, Pinheiro (2011) lembra que depois dos anos 90, cirurgias plásticas para tornar o corpo escultura de sua vontade passam a ocorrer de forma mais intensa. Cita um artista chamado Orlan, que pratica o que chama de Arte Carnal, que não poderia ser prática reduzida a prática de automutilação, já que a mutilação estaria ligada à diminuição de capacidades e arte carnal significaria o contrário, à ampliação delas.

Ao posicionar o masoquismo e a automutilação, para falar da pulsão de morte, abordemos o que Chemama e Vandermersch (2007) dizem sobre a fita de Moebius: é uma figura topológica que fornece a intuição de um objeto unilateral, a partir do qual Lacan pôde esclarecer a relação do consciente com o inconsciente, do interior com o exterior, da pulsão de vida e da pulsão de morte, assim como o funcionamento da interpretação. Pela torção, pode-se perceber que é possível encontrar um trajeto, que uma formiga ou o dedo humano pode cumprir sem encontrar nenhuma borda, partindo de um determinado ponto pode voltar a ele, depois de ter cumprido duas voltas e ter passado pelo segundo ponto.

*Figura 9. Representação da Fita de Moebius<sup>25</sup>*



<sup>25</sup>Fonte: <https://ztfnews.wordpress.com/2010/06/11/%C2%BFque-es-una-banda-de-mobius/>. Acessada em 28/02/2016.

Esta figura é utilizada por Lacan para mostrar como a psicanálise percebe a relação entre mundo interno/mundo externo, consciente/inconsciente, pulsão de vida/pulsão de morte, dentre outros, porque dá uma ideia de que as coisas não são separadas, mas sim contínuas e imbricadas. A separação é meramente didática. É possível formular a questão do inconsciente a partir da faixa de Moebius, pois este pode ser concebido como uma inscrição que seria feita em um outro lugar que não o do discurso consciente – no verso deste laço – mas, na realidade, não há se não uma face, o inconsciente pode vir interferir em cada ponto do discurso consciente<sup>26</sup>.

Assim, a noção de corpo em psicanálise, mais do que corpo matéria, está ligada à concepção de corpo energia. Para Leite (2003), atravessado pela linguagem que atua sobre ele, pode ser chamado de corpo pulsional, o corpo como local de experimentação de prazer: este é um possível *corpo* do usuário de crack debatido nesta proposta de estudo. Nasio (1993) aponta que corpo é falante e sexual, pois está cheio de elementos significantes. Assim sendo, a depreciação da imagem do próprio corpo pode levar a perda do corpo desejável, tão perseguido na modernidade ocidental, como já debatido na introdução desta tese.

De acordo com Dor (1999), para os psicanalistas, os acontecimentos empíricos em si, as sensações e experiências corporais não possuem realidade, a não ser pelo caminho do discurso, pois só ele delega a fidedignidade da experiência do sujeito. Esse corpo ocupado pela linguagem possui várias noções, dentre elas, dos três registros propostos por Lacan (1996/1985): - na do real, na do imaginário e na do simbólico<sup>27</sup>.

No primeiro registro, a do corpo enquanto real, o mesmo é compreendido como mais próximo da ideia de organismo, funcionando como fonte de energia e matéria-prima para a

---

<sup>26</sup>Sabe-se que a ideia da fita de Moebius é um assunto amplo na psicanálise lacaniana e não poderia ser simplesmente resumida; está trazida aqui apenas para falar sobre as noções de pulsão de vida e pulsão de morte não excludentes uma a outra mas, sim, pensadas em uma continuidade, simultaneidade, no funcionamento do sujeito.

<sup>27</sup>Estes aspectos aqui mencionados, estão aprofundados no tópico 2.6, sobre o nó borromeu.

experiência. A segunda, a do corpo imaginário, é exatamente a noção que permite o corpo ser pensado como uma Gestalt, como um todo. Por fim, o corpo simbólico, é possível encontrar o sujeito falante, com capacidade para representar e converter no corpo seus pensamentos e fantasias. São estas três possibilidades de registro do corpo – no real, no imaginário e no simbólico – de acordo com a perspectiva lacaniana, que surgem normalmente imbrincadas, servindo de unidade mínima para a constituição do sujeito. Dessa maneira, se existe uma ordem simbólica que precede a existência do sujeito, torna-se plenamente inviável pensar o corpo apenas como biológico.

De acordo com Birman (1997), o corpo da psicanálise é marcado pelo outro, é um corpo-sujeito marcado pela linguagem que o habita. Contudo, isso não significa dizer que tudo o que foi vivido possa se fazer representar pela palavra. Bergès (2008) lembra que, na primazia do simbólico, a criança humana é falada bem antes do seu nascimento e é forçada pelo significante a ingressar no universo da fala. Mais adiante, a experiência com a imagem corporal, no Estágio do Espelho, antecipa a vivência do imaginário e compõe, conseqüentemente, a constituição do sujeito.

Ora, a percepção do próprio corpo se dá no chamado *estádio do espelho* onde esta imagem é fornecida por um Outro (portador de uma bagagem de significantes) de forma antecipada ao bebê, permitindo a instalação das experiências subjetivas e cognitivas na pessoa. Esta imagem não passa este tipo de informações de maneira passiva, pois estes significantes tem efeito sobre o corpo, mas tem importante função pregnante e formadora, tornando-se lugar de representações psíquicas (Dor, 1989). Para Dolto e Nasio (2008) a criança, antes mesmo de se vislumbrar refletida em qualquer superfície, pode sentir seu corpo e possuir uma relação com este, o que se chamada de imagem inconsciente do corpo. Esta é uma imagem das sensações corporais, referente às primeiras impressões gravadas no psiquismo da criança a partir do que é escutado, sentido, visto.

Para Klautau (2008), a experiência do estágio do espelho, observada por Lacan nos primeiros meses de vida do bebê aproximadamente entre os seis e os dezoito meses, vem depois de um período onde a criança encontrava-se imersa num caos pulsional. De acordo com Lacan (1998b), é por volta dos dezoito meses de idade em que a criança começa a se reconhecer na imagem formada no espelho, assim como sua mãe também ali refletida e os objetos ao seu entorno, o que é possível notar nas brincadeiras e gestos, empreitados com grande alegria, em frente ao espelho. Este reconhecimento é dado pelo olhar do grande Outro: a criança se vê como o outro a vê e é nesta imagem, advinda do outro, que ela se aliena.

Os Escritos de Lacan apontam que esta imagem assumida pelo sujeito antes mesmo de possuir o controle motor para obtenção da independência física, produz uma transformação no sujeito antes dos processos identificatórios com as pessoas e antes mesmo que a linguagem lhe restitua sua função total de sujeito. Este reconhecimento serve de base para futuras identificações e configura-se como o início de um “eu”. Para o autor, a imagem do espelho não revela só a perspectiva do corpo como uma Gestalt, mas também é uma experiência constitutiva do sujeito enquanto “eu” (Je).

Desta maneira, o corpo, antes fragmentado, torna-se inteiro, da mesma maneira que são inteiros os corpos dos outros que se pode observar ao seu redor. O corpo é, para Lacan (1998b, p. 100), "uma armadura enfim assumida de uma identidade alienante", que vai ser o esteio condutor do seu desenvolvimento mental, pois até o estágio do espelho este corpo era fragmentado, despedaçado e o reconhecimento de fora para dentro, através de uma visão parcial de seu corpo e dos significantes trazidos por outras pessoas.

O estágio do espelho é crucial para a formação de um eu narcísico, que funciona em razão das expectativas que o sujeito carrega em relação ao Outro, fundamental para a constituição do sujeito, desde que o eu só se interessa por sua imagem especular (mim), na medida que

essa imagem é reconhecida pelo Outro (A)<sup>28</sup>, o Outro da linguagem, que pode ser representado pela mãe, como objeto de desejo. Daí, no objetivo do presente estudo com usuários de crack, torna-se importante dar voz, também, aos possíveis outros significativos.

Retomando Klautau (2008), é a partir da percepção da imagem do corpo do outro em sua totalidade que o bebê obtém a sensação de unificação corporal, por antecipação visual à imaturidade motora, estado em que o Eu se constitui como objeto para a libido, deparando-se e identificando-se diante do espelho com a sua imagem como objeto de investimento libidinal. Para Vasse (1974), esse Outro vai provocando bordas, buracos, marcando, desta maneira, um mapa corporal, que é produto do desejo do Outro, criando-lhe uma falta no corpo, que o transformam num corpo erógeno e simbólico.

Para Dolto & Nasio (2008), o espelho favorece a percepção de que existe uma função relacional onde este reflete o ser do sujeito no outro. Percebe-se, então, que enquanto para Lacan o estágio do espelho é antecipatório, que inaugura de forma primordial uma imagem totalizada do corpo, lugar da experiência de alegria da descoberta para a criança, em Dolto, a imagem do espelho vai de encontro à imagem inconsciente do corpo que esta criança tinha de si e provoca um estado de angústia ao frustrar as expectativas da criança em relação a seu corpo, tendo função, aí, castrativa, modelando e individualizando a imagem inconsciente do corpo (Dolto & Nasio, 2008).

Assim, apesar da possibilidade de ser integradora, a vivência identificatória no estágio do espelho pode despedaçar a criança de forma imaginária e o narcisismo primário é o fruto da superação do encontro com as diferentes imagens de si, o que confere ao estágio do espelho, além da função integradora, também uma função de castração, que acontece em diversos momentos da constituição do sujeito, mas que, neste momento, é fundamental para a formação da imagem do corpo. Lacan (1998b) também aponta a importância da castração, já que ela oferece abertura ao desejo que irá barrar e controlar o gozo.

---

<sup>28</sup>A diferença entre o grande e o pequeno outro (Outro) está colocada no tópico sobre o Nome-do-Pai, nesta fundamentação teórica.

No livro, *Meu corpo e suas imagens*, Nasio (2009) diz que as imagens do corpo não só definem o eu, mas também servem como suporte para o sujeito em sua relação com o mundo, já que “não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos do nosso corpo” (p. 10), a representação que o sujeito faz – o sujeito do inconsciente – do próprio corpo, imagem em geral, alienada, pois “o eu é o outro”, como afirma Lacan (1954-55/1985). Para Nasio (2009), existem três imagens constituintes primordiais desta imagem inconsciente do corpo: a básica (que favorece a noção de que seu corpo é vivo e está amparado em terra firme e a partir da própria carne); a imagem funcional (a de um corpo imbricado na satisfação de necessidades e desejos e a imagem erógena (que permite o corpo ser sentido como um orifício para o prazer, como a boca e o ânus), sendo imagem a primeira a mais significativa, pois dá o sentimento de existência e serve de lugar de abrigo para o bebê.

Para ele, o que se percebe sempre é uma imagem velada de nosso corpo, que ocorre a partir do momento que tudo que é percebido pelo sujeito que se constitui é permeado por sentimentos de amor e ódio, emoções infantis que ressurgem, através da presença do Outro e dos outros que levamos em nós. É possível dizer que o corpo real é aquele sentido, o que abarca as sensações, os desejos e o gozo. "O corpo do gozo é nosso corpo quando sentimos despender sua energia, resistir aos mais extremos sofrimentos, desgastar-se e degradar-se inexoravelmente" (Nasio, 2009, p. 76). Já o corpo imaginário é aquele corpo que vejo a imagem especular da maneira que o sujeito consegue apreender, esta imagem surge a partir do Outro e da história do sujeito. E o corpo simbólico é aquele que pode ser nomeado. O símbolo que poder de substituir a realidade, também de modificá-la ou permeá-la. "Quando o símbolo, entidade eminentemente formal e abstrata, produz efeitos concretos na realidade, Lacan o denomina de significante" (p. 92). E esse corpo significante tem o poder de determinar um destino.

A imagem de si ganha um estatuto de ideal, local em que a criança concretizará tudo que os pais jamais puderam ser ou fazer, tornando-se também lugar do desejo do outro, o que

prende sua alteridade ao outro, à medida que este fornece elementos para sua própria identidade. Neste sentido, há ênfase no papel do Outro, desempenhado pela mãe na dialética do espelho. No início do processo da constituição da subjetividade, o desejo é o desejo do outro especular, instituído a partir da relação de dependência ao Outro, devido ao desamparo do bebê humano.

Para Dolto, (2010), a imagem inconsciente do corpo é a base corporal da subjetividade humana, de maneira que, à luz dos seus significados, faz-se fundamental a pergunta: qual a relação entre subjetividade e corporeidade? Para a autora, a imagem inconsciente do corpo não é o corpo em si, nem se situa nem dentro, nem fora do corpo, mas é a vivência, a experiência do corpo, o que se configura no sentimento identitário de si mesmo. Esta imagem, então, não é objetivamente carnal, nem subjetividade simbólica, mas um corpo real e imaginário, que possui compromissos simbólicos, que se movimenta entre realidades biológicas, pulsionais e simbólicas.

A representação de si seria, então, uma expressão substancial da subjetividade que vive, que se projeta na realidade do mundo. Torna-se interessante completar tal reflexão com a ideia de Birman (2005), aproximando esta vivência com o consumo de drogas, servindo esta como um objeto que o sujeito busca se busca para reviver o seu primeiro estado de plenitude com o corpo da mãe. O consumo da droga poderia estar simbolizando uma negativa da perda da plenitude ideal da criança junto à figura materna.

Desta forma, não teríamos nenhuma imagem diretamente oriunda do corpo, pois a auto-representação, que se estrutura a partir do corpo, em meios às pulsões e mecanismos psicológicos, pela subjetivação corporal, já é atravessada por processos cognitivos e pela linguagem. A imagem inconsciente do corpo emana do corpo físico objetivo, mas ingressa na subjetividade e na auto-representação para então, assim, retornar a realidade física de forma projetiva (Dolto, 2010).

Tendo posto todas estas questões, ainda no que tange ao corpo, torna-se pertinente pensar no percurso que o sujeito para falar de si mesmo e falar do seu próprio corpo, como meu interesse de pesquisa propõe. Sobre este homem que fala, conforme o linguista Benveniste (1988), “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (p.285). Sobre este sujeito que fala, Benveniste (1998) indica que pode ser qualquer um que assuma o papel de locutor e faça uso do “eu”, que é móvel, utilizado quando alguém se remete a si próprio e ao próprio discurso. É no exercício da linguagem que o indivíduo se apropria do signo “eu” como sistema de referência interna, remetendo, também, ao indivíduo como locutor. A condição de diálogo, onde o “eu” se dirige ao “tu” é constitutiva da pessoa. É o contrário da terceira pessoa, “ele”, que é utilizado quando o sujeito não se refere a si mesmo, como já dito, ficando na condição de não pessoa, não significando a reflexão que ocorre em si mesmo. Assim, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (p.286).

O autor defende o discurso como propiciador do surgimento da subjetividade, desde que oferece signos para que se refira a sua pessoa e ao parceiro. “A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito (...)” [p.289] e, neste ponto, é possível pensar no corpo, também como lugar de construção da subjetividade do sujeito.

Contudo, é importante pensar estas constatações a partir do sujeito na contemporaneidade. Lebrun (2010) aborda a criação de novas configurações subjetivas. Para ele, o sujeito contemporâneo está destinado a errar infinitamente, a estar num mundo, numa família, que nada interditou, não dizendo ‘não!’, não transmitindo o interdito, corroborando que com o declínio da função paterna houve também um declínio do poder da fala como pilar para a ação e para a existência do sujeito. O autor diz que:

Hoje vemos um sujeito sem recurso, no avesso do que Lacan indicava. (...) Diríamos que é sem-recurso quanto à possibilidade de apelar às palavras do

Outro(...) Esses que-não-se-deixam-levar estão fora do campo da representância, como se não tivessem se apropriado da língua em todas as suas funções. Seria a função semântica – o ato individual de apropriação da língua que, segundo Benveniste, introduz aquele que fala na fala – que estaria em suspenso. (Grifos do autor), (Lebrun, 2010, p. 126).

Voltando as reflexões sobre os usuários de crack e seu corpo, fazem-se necessárias algumas reflexões a respeito do consumo da droga pelo sujeito que não cessa seu processo de subjetivação, ainda que envolvido no consumo de uma substância. Façamos, então, de alguns aspectos da toxicomania e sua clínica na psicanálise para finalizar os marcos teóricos para o presente trabalho.

Se, portanto, sabe-se deste desejo que conduz a destruição moral, familiar, social e física do sujeito, focaliza-se, então, toda a discussão no presente trabalho, na destruição física, nas palpáveis e abruptas mudanças corporais com o consumo de crack. Para Miller (2011) “possivelmente, a droga consegue reprimir tanto os medos e as dores que a pessoa em questão não precisa experimentar os verdadeiros sentimentos enquanto o efeito da droga dura. Mas as emoções não vividas intensificam-se quando o efeito da droga diminui” (p. 124).

Neste sentido, diante da proposta do corpo como lugar de onde o sujeito se experiencia e fala de si mesmo, também local de experimentação do seu gozo, a droga, além de servir de apoio para o aspecto gregário e de reconhecimento entre os jovens, para Calligaris (2000), ela também oferta um lugar de gozo ilimitado, paralisando a busca incessante da fluidez característica do desejo significativo. Para o autor, a droga, que promete uma satisfação completa, logo um gozo ilimitado, ainda que momentâneo, que a conduz para assumir posição superior ao status social por ela possivelmente instaurada: só ela importa, como objeto, quebrando o que chama de “regra moderna de funcionamento de desejo” (p.47).

A droga estancaria ou apagaria o desejo, e aquele que a consome deixaria de deslizar para outros objetos – emprego, carro, casa, roupas, pessoas. Para o autor, “a droga é um

objeto mortal. Não só porque pode matar o usuário, mas porque – tão grave quanto isso – ela pode matar seu desejo” (p.48).

Ora, trata-se se de um desejo desmedido do sujeito e de meios de interdição em confronto que, se o foco for o barramento do consumo exercido pelo sujeito (o que é feito incansavelmente pelas leis elaboradas, campanhas publicitárias, programas nos âmbitos da educação, saúde e composição de programas sociais), é importante entender o que poderia ser eficaz para evitar a ultrapassagem deste gozo, ou seja, os meios suficientemente eficazes para surtir efeitos na busca hipnótica pela droga.

Para Melman (1992) a toxicomania é um sintoma social, já que surge como única alternativa social possível a este mal-estar da divisão subjetiva. Uma interdição, a favor da abstinência, se solidariza com o discurso dominante e reforça o caráter sintomático da toxicomania. Para o autor, quanto mais houver proibições, seja qualquer a pena, tudo é em vão, já que a proibição corrobora com o fenômeno. O autor observa condutas perversas nos toxicômanos e esta cultura de consumo inerente ao capitalismo globalizado, seria a condição necessária para a constituição do consumo excessivo de drogas como sintoma social, assim como o consumismo assume outras formas, tais como excesso de compras, de busca por um corpo belo, por bens materiais, como se o ter passasse a ser mais importante do que o ser.

Dessa forma, qual o lugar que o corpo ocupa na posição subjetiva do usuário de crack? Este corpo que é por ele experimentado, mas que também visivelmente maltratado, a partir de uma prática excessiva de consumo de drogas? Nasio (1997) debate que a representação do objeto amado pode ser tão superestimada e recheada de afeto – neste caso, podemos pensar na droga - que as demais representações tornam-se inconciliáveis com a forma atual de funcionamento de eu, que repugna tudo que foi desinvestido, como, por exemplo, as pessoas do convívio familiar, social e atividades rotineiras anteriormente realizadas. Este abandono pelo sujeito de aspectos considerados fundamentais, em prol do foco exclusivo no desejo pela droga, teria, então, uma explicação?

A seguir, o debate de um tema central ao se falar no prazer vivenciado pelo abuso da droga: o autoerotismo, o narcisismo e o gozo, na Psicanálise.

## **2.4 O Autoerotismo, o Narcisismo e o Gozo na compreensão psicanalítica das toxicomanias**

A Psicanálise tem importantes referenciais teóricos, que podem apoiar um debate sobre o consumo abusivo de substâncias e a estrutura do sujeito, o que Henschel de Lima (2014) denomina em seu trabalho de “a hipótese de Freud sobre a causalidade da adição” e “a hipótese de Lacan sobre a causalidade da adição”. Faremos inicialmente uma análise das compreensões de Freud e posteriormente retornaremos às ideias de Lacan. A autora coloca a seguinte questão: “por que um sujeito recorre à substância psicoativa e não a um sintoma?” (p.42).

A partir da carta 79, Freud em seu primeiro volume (1897/1976) apresenta a masturbação como a primeira adição, “o vício primário” (p. 367), e é no sentido de substituição deste que outros vícios passam a fazer parte da vida do sujeito. Esta ideia já aparecia na carta 55, neste mesmo volume, ao falar de dipsomania (mórbida propensão ao uso de bebidas alcóolicas), quando Freud já sugere a substituição de um impulso sexual por outro, ainda abordando a neurose, como um fator dentro da normalidade. Retornando a carta 79, o autor questiona se um vício desta espécie, no caso da dependência química, é curável, passível de tratamento por análise ou outros tipos de terapias, ou se seria o caso de contentar-se com a substituição da histeria<sup>29</sup> por um caso de neurastenia.

Freud defende a pulsão sexual como base das adições, “como a dipsomania, a paixão pelo jogo e a morfina” (Henschel de Lima, 2014, p.42). Assim, a droga substitui a

---

<sup>29</sup> Neste volume, Freud está refletindo acerca da neurose, mais especificamente sobre a histeria, que estava sendo bastante estudada à época, por isso aborda o vício primário e refere-o no caso da histeria e da possibilidade de substituição pela neurastenia.

adição primária que pode surgir na vida do sujeito através do álcool, cigarro, morfina, dentre outras drogas. Desta maneira, Freud associa a lógica da constituição do psiquismo à adição como substitutivo à masturbação, ou seja, a droga funciona como uma saída psíquica para o sujeito – no lugar do sintoma pode surgir a adição.

Esta lógica é aprofundada nos textos “Fantasias Históricas e sua relação com a bissexualidade” (1969). Neste texto, Freud diz que as fantasias históricas, ligadas a causa dos sintomas neuróticos, são satisfações de desejos oriundos das privações e anseios. O que o autor chama de ataque histórico envolve uma possível expressão patogênica a partir de sintomas e ataques quando elas se tornam inconscientes. Estas fantasias inconscientes “têm uma conexão muito importante com a vida sexual do sujeito, pois é idêntica à fantasia que serviu para lhe dar satisfação sexual durante o período de masturbação” (Freud, 1969, p. 164 - 165).

O ato de se masturbar para além do que chama de apenas friccionar o órgão envolve uma fantasia e um componente ativo que comina a fantasia para obter a autossatisfação. Ao abandonar essa forma de satisfação que junta a masturbação e a fantasia, esta passa a ser inconsciente, e se não consegue outra forma de satisfação sexual, o sujeito permanece abstinente. Ou seja, é possível refletir que a droga pode ser umas das formas de satisfação sexual para o sujeito, falando o autor sobre a histeria. Assim, os sintomas vêm da renúncia da masturbação, buscando reestabelecer a satisfação sexual original e primária. As formas que os sujeitos históricos não expressam suas fantasias através dos sintomas são com realizações conscientes, como tramar e encenar estupros, atos ou ataques de agressão sexual. Os sintomas históricos “são – como outras estruturas psíquicas – uma expressão da realização de um desejo(...)correspondem a um retorno, a um modo de satisfação sexual que era real na vida infantil e que desde então tem sido reprimido” (Freud 1969, p. 167).

Em “O caminho da formação dos sintomas” (1969), Freud esclarece que a eliminação dos sintomas gera a possibilidade da formação de novos sintomas. Portanto, é preciso

compreender que os sintomas psíquicos têm um sentido na vida do sujeito e em sua estrutura, pois, conscientemente, eles são reclamados como indesejáveis, inúteis e causadores de sofrimento e desprazer. “O principal dano que causam reside no dispêndio mental que acarretam e no dispêndio adicional que se torna necessário para lutar contra eles” (p. 419), o que pode acarretar um grande empobrecimento para a pessoa que paralisa todas as tarefas importantes da sua vida no gasto da energia para formar os sintomas. Daí, talvez, é possível fazer uma articulação com a origem do abandono pelos usuários de crack de demais aspectos da vida em função da busca pela droga, declarado comportamento de usuários abusivos da substância.

É neste ponto que o autor ressalta que todos são neuróticos, pois reúnem as condições para a formação de sintomas. Os sintomas neuróticos são fruto de um conflito que surge a partir de uma nova maneira para satisfazer a libido. Está libido insatisfeita foi expulsa pela realidade e vai procurar outras formas para satisfazer-se. A libido, então, mesmo que preparada para assumir outro objeto no lugar do que lhe foi recusado, pode ser induzida” a tomar o caminho da regressão pela fixação, que deixou atrás de si nesses pontos do seu desenvolvimento” (Freud, 1969, p. 420).

À medida que retrocede, a libido se afasta das leis do ego e renuncia a educação que adquiriu na influência dele. O Sintoma surge como um derivado múltiplas vezes distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente, uma peça de ambiguidade engenhosamente escolhida...”(p.421). Os sintomas, por fim, surgem em substituição a uma satisfação frustrada, operando uma regressão da libido a períodos anteriores do desenvolvimento que se vincula a estágios anteriores de escolha de objetos de organização, retornando a libido algum período do passado onde não havia privação da satisfação, a algum período do passado.

Para Freud (1969), sintomas como forma de satisfação libidinal pode parecer estranho, pois ao lançar mão deles o sujeito despreza objetos da realidade, abandonando sua relação com a realidade externa, aí o sujeito retorna a um autoerotismo difuso, rejeitando o princípio

da realidade e retornando ao princípio do prazer onde a pulsão sexual alcançou as primeiras satisfações. Assim,

[...] em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo: estabelecem um ato interno em lugar de um externo, uma adaptação em lugar de uma ação- uma vez mais, algo que corresponde, filogeneticamente, a uma regressão altamente significativa. Isto somente compreenderemos em conexão com algo novo e ainda teremos de aprender das pesquisas analíticas da formação dos sintomas (p.128).

O ego humano, pela necessidade de obedecer ao princípio da realidade, ver-se obrigado a renunciar permanentemente, ou temporariamente, a uma possível variedade de objetos com os quais sinalizam sua busca de prazer não apenas do sexual. É difícil, para o autor, renunciar ao prazer e os sujeitos podem buscá-lo por alguma forma de compensação:

[...]todo desejo tende, dentro de pouco tempo, a afigurar-se em sua própria realização; não há dúvida de que ficar devaneando sobre imaginárias realizações de desejo traz satisfação, embora não interfira como conhecimento de que se trata de algo não – real. Desse modo, na atividade da fantasia, os seres humanos continuam a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa, á qual há muito tempo renunciaram, na realidade. Idearam uma forma de alternar entre permanecer um animal que busca o prazer, e ser, igualmente, uma criatura dotada de razão. Na verdade, os homens não podem subsistir com a escassa satisfação que podem obter na realidade (Freud, 1969, p. 334).

Portanto, a fantasia desempenha importante papel na formação dos sintomas. A libido que retorna aos seus pontos de fixação no desenvolvimento volta aos objetos que não foram abandonados totalmente, mas mantidos nas fantasias em alguma intensidade. Para o autor, o objetivo principal da atividade mental é obter o prazer e evitar o desprazer, e isso é o domínio do princípio do prazer.

Haveria, então, uma ligação lógica da estrutura psíquica com a fantasia e a formação do sintoma a partir do autoerotismo. Resumidamente, Henschel de Lima (2012), propõe a seguinte lógica: no Tempo 1, a ação masturbatória é auto erótica com objetivo de obtenção de prazer em determinada zona erógena; no Tempo 2, age o recalçamento; e no Tempo 3, o auto

erotismo se liga à fantasia e à formação do sintoma que é, neste caso, substituído pelo consumo abusivo de droga. Ou seja, no primeiro momento, a masturbação não está ligada a fantasia, sendo apenas uma atividade autoerótica. Somente no Tempo 3, após o recalque acontecer, o auto erotismo se une a fantasia e a formação do sintoma, o que aproxima o consumo de droga da estruturação da neurose, já que a substância surge como substitutiva na formação psíquica do sintoma e da masturbação.

Henschel de Lima (2014) lembra ainda que a ligação entre adição e autoerotismo no lugar do sintoma neurótico ganha mais força em Freud no texto “Contribuições a um debate a masturbação”(1912/1976), onde o autor compara os sintomas das neuroses atuais a adição. Neste texto, Freud diz que a origem dos sintomas nas neuroses atuais seria tóxica, mediante a acumulação da excitação psíquica que não se transforma em sintoma. No âmbito do que chama de neuroses atuais, a droga surge enquanto vício, servindo de substituta de falta de satisfação sexual.

Aquele que se masturba sempre que exposto a algo que lhe deprime, quer retornar a sua confortável maneira de satisfação e entregar-se a si mesmo, e tudo que possa bloquear esta satisfação parece prejudicial ao sujeito. É essa perspectiva da masturbação como um vício que seria a matriz de outros vícios, coloca a dependência química como substitutiva da falta da satisfação sexual.

Neste texto, Freud (1912, 1976), aponta três possíveis danos que podem emergir da masturbação ou de comportamentos de dependência e vícios. O primeiro é o prejuízo orgânico, físico que o sujeito vivencia por conta da sua dependência – refletindo sobre este trabalho específico, os danos físicos visíveis no uso abusivo do crack-. Um segundo prejuízo desta busca é a obtenção da satisfação sempre da mesma maneira, o que impede o sujeito de passar pelas experiências do mundo externo para obter sua satisfação – que tange a ideia da repetição do consumo exigida pelo crack e a relação do sujeito com esta *pedra*. E o terceiro prejuízo, seria a permanência do que chama de infantilismo psíquico, ou seja, uma

persistência que, de alguma maneira, faz com que o sujeito fique preso a fases anteriores do seu desenvolvimento.

O vício surge, então, como uma intoxicação da satisfação com o mesmo objeto. É como se, aquele que é viciado não tolerasse o mundo externo e se refugiasse em sua satisfação autoerótica, realizando o programa do princípio do prazer. Esses vícios podem adquirir várias formas, desde que resultem na satisfação autoerótica almejada.

Hernschel de Lima (2014) diz que em “Luto e Melancolia”(1917, 1976) Freud finalmente sustenta a correlação entre toxidade e supressão do dispêndio subjetivo com o recalque permitindo o aprofundamento da discussão clínica sobre diagnóstico diferencial para o desencadeamento do consumo abusivo de substâncias psicoativas no campo das neuroses.

Neste texto, Freud (1976) sustenta que diante da perda, desapontamento ou desconsideração do objeto escolhido, a relação objetal fica destruída. A retirada da libido desse objeto e seu deslocamento para um novo pode não acontecer retornando a libido para o ego fortalecendo uma identificação com o objeto perdido. Assim, existe uma forte ligação com o objeto amado e a energia a ele destinada.

Substitui-se então, a energia erótica pela não renúncia à relação com o objeto. A escolha deste objeto foi feita pelo ego, onde predominaria a escolha objetal do tipo narcisista. A melancolia, distinta por um desânimo profundo, falta de interesse pelo mundo exterior, perda da potencialidade de amar e desaparecimento de qualquer outra atividade, está sediada na escolha narcísica objetal, uma regressão para fase oral narcísica da libido. Nas neuroses de transferência também acontece a identificação com o objeto, o que participa da formação dos sintomas na histeria. A melancolia pega emprestado do luto alguns dos seus traços, como regredir à escolha objetal narcisista, sendo também uma reação à perda do objeto amado. Este objeto amado, o amor por ele não pode ser abdicado, podendo entrar neste momento, um objeto substitutivo. Assim, o amor que permanece pode encontrar conexões com objetos substitutivos. A saída do luto, ou seja, da reação face ao objeto perdido, faz com que o sujeito

gaste grandes quantidades de energia pela permanência psíquica do objeto perdido (Freud, 1917/1976).

Posteriormente, o ego vai retomado sua autonomia para construir novas relações e fazer novos investimentos libidinais. Já o melancólico, não consegue estabelecer essa relação direta com o objeto, pois não alcança identificar exatamente o que perdeu o que faz do tratamento com o melancólico algo difícil. Na identificação narcísica, o objeto é abandonado. Já na histeria, ele permanece exercendo efeitos sobre o sujeito. A identificação narcísica faz surgir a satisfação sádica, fruto do desejo de vingar-se do objeto original, submetendo os entes queridos à visão da sua própria dor.

No melancólico, também, há uma regressão ao estado narcísico, o conflito e a autopunição transformados em sadismo, uma vontade de infringir o mal que pode voltar-se para si mesmo, como o suicídio. Sendo assim, nesta obra, Freud fala do investimento em si mesmo e no objeto, existindo estudos que alteram este investimento ora mais para si mesmo, como no caso das psicoses, ora mais no objeto, como no caso das neuroses e de algumas doenças, como as erotomanias (Freud, 1917, 1976).

A elaboração do luto é que permite o investimento libidinal em outros objetos. Enquanto na melancolia, o sujeito reinveste em si mesmo encontrando-se impossibilitado de investir em objetos, estando, portanto, na psicose. Enquanto no luto normal não há culpa pela perda do objeto, na melancolia existe a culpa. Antes de se relacionar com qualquer objeto, todo investimento objetal é construído em detrimento de uma posição narcísica, onde há o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si mesmo. É justamente nesta ponte entre o autoerotismo e o narcisismo primário que acontece a identificação narcísica que opera toda a relação objetal (Freud, 1917, 1976).

Em “O mal estar na civilização”, Freud (1929-[1930], 1976), diz que o conflito entre os sujeitos na civilização acontece quando uma ideia impede a busca pelo prazer. Ou seja, para ser “civilizado”, o sujeito acaba por abrir mão do prazer e assim buscar maneiras para

evitar o desprazer. Civilização, portanto, está ligada a ideia de controle nas formas de socializar as pessoas, e se ela não existisse, o homem reagiria através de suas pulsões.

É próprio da civilização que um grupo de pessoas mais fortes controle as demais. Contudo, cada sujeito possui uma característica individual para a própria satisfação. E é neste ponto que as escolhas para satisfação se diferenciam. A coerção a partir da distribuição de riquezas e das demais criações do homem surge para controlar os impulsos individuais, pois a realização de cada um deles traria uma desordem nas relações humanas.

Um outro modo de barrar às pulsões além da repressão estabelecida pelas leis existentes na sociedade, existem os mecanismos de defesa utilizados pelos sujeitos frente a estas restrições a satisfação pulsional e o ter que lidar com a falta e a castração. Entre estes mecanismos pode-se citar o recalque, típico das neuroses, que atinge o representante pulsional no psiquismo (a ideia e o afeto), separando a ideia do afeto, tornando a ideia inócua, não causando dano (Freud, 1915, 1969). Porém, o recalque extremo dessas funções pode estagnar o processo civilizatório, pois são exatamente essas que conduzem o homem a criar, inovar e garantir a manutenção da civilização (Freud, 1929-[1930], 1976).

A grande questão então, entre a adição, a busca do prazer e a evitação do desprazer é o conflito entre o sujeito e a civilização, pois, coagido, o sujeito padece de uma atenção interna para solucionar a sua questão. Existe uma necessidade do organismo que aguarda ser suprida, saciada, esperando uma descarga, sem descanso. Ficar entre a obtenção do prazer e o atender a lógica da civilização, faz com que o sujeito busque evitar o desprazer de três maneiras: a partir do seu próprio ego lidando com as repetidas experiências de desprazer; nas relações com os outros, que se forem repetidamente negativas, podem implicar num afastamento do mundo exterior, sendo este afastamento a terceira fonte de evitar o desprazer o que ligaria a noção de vida à noção de sofrimento (Freud, 1929-[1930], 1976).

O *gozo*, a forma de buscar a satisfação completa, conceito desenvolvido por Lacan, entra no bojo dessas reflexões.

No Dicionário Enciclopédico de Psicanálise editado por Kaufmann (1996), o gozo não é reduzido à vivência biológica do orgasmo: está para além do princípio do prazer e sugere, de alguma forma, transgressão. Roudinesco e Plon (1998) dizem que o termo gozo virou conceito na obra de Lacan.

O termo *Gernuss*, utilizado por Freud, surge em 1905 em *Os chistes* em sua relação com o inconsciente, como o primeiro conceito de gozo em Freud, lançando base para o que iria tratar em 1920 no *Mais – além do princípio do prazer*, quando trata da repetição, onde a busca pelo prazer se manifesta com a recorrência inconsciente, significando uma luta para reencontrar com alguma coisa que estaria em seu lugar, onde estaria um objeto já perdido. Para sustentar o gozo sexual como sendo o gozo absoluto, Freud precisa recorrer a um mito onde apenas o pai da horda primitiva estaria livre para o gozo sexual.

Chemama e Vandermersch (2007) destacam que o gozo, para a psicanálise, é uma noção complexa. O gozo humano está marcado pela falta e não pela plenitude. Existe diferença entre o gozo fálico e o gozo Outro, ou o gozo absoluto. Chemama (1996) diz que o gozo fálico está relacionado com a castração, pressupondo uma identificação sexual. Este gozo está ligado ao fálico; Já o gozo Outro, ou absoluto, não deve ser compreendido como sinônimo de prazer para diminuição da tensão. Se opondo a esta noção de prazer para redução de tensão, o gozo absoluto “seria, então, o único termo adaptado (...), e a satisfação ou a insatisfação não dependeriam mais unicamente de um equilíbrio das energias, mas de relações diferentes, com o que não é mais concebível como uma tensão privada, mas como o campo da linguagem, com as leis que o regulam” (p.91).

O gozo, então, é feito do próprio tecido da linguagem, é interdito, barrado, onde o desejo encontra regras e barreiras no grande Outro: por isso, gozo do Outro. A falta estrutural que o Outro demarca faz com que Lacan pense o gozo “não apenas segundo o ideal de plenitude absoluta, nem segundo um ideal de inclinação perversa, que procura capturar o gozo imaginado de Outro subjetivado, mas segundo uma incompletude ligada ao fato de que a

linguagem é uma textura e não um ser” (p. 91). Ou seja: gozo marcado pela falta e não pela plenitude do ser, gozo da cadeia de significante em sua infinitude que só pode ex-sistir<sup>30</sup> porque a linguagem permite que ali exista um sentido, mesmo que seja, realmente, impossível,

Freud (1920-1923/2011) em *Psicologia das massas e análise do eu*, situa este pai como quem desfruta de todas as mulheres e obriga os filhos a inibição de suas tendências sexuais, o que remontaria um tempo antes do Édipo, onde o gozo seria absoluto, exatamente porque não existe lei. Para Freud, o gozo sexual no sistema do sujeito não é em lugar algum simbolizado nem simbolizável. Ele é real. Nesse sentido, não há sujeito do gozo sexual” (p.222).

Lacan, no Seminário 20 (1982), fazendo uma reflexão sobre a área do direito e o gozo fala, inicialmente, que o sujeito pode querer continuar a gozar, sem querer saber a razão pela qual goza. “O gozo é aquilo que não serve para nada” (p.11). Contudo, ele é tão excessivo que, muitas vezes, é impossível de se expressar em palavras; para o autor, é preciso ter um corpo para gozar; só quem possui um corpo pode nele gozar, mas, para tanto, é necessário apoderar-se dele através da linguagem; por isso, para gozar, faz-se necessário levar em consideração o corpo. Ele diz:

Esclarecerei com uma palavra a relação do direito com o gozo. O usufruto – é uma noção de direito, não é? – reúne numa palavra o que já evoquei em meu seminário sobre a ética, isto é, a diferença que há entre o útil e o gozo. O útil, serve para quê? É o que não foi jamais bem definido, por razão do respeito prodigioso que, pelo fato da linguagem, o ser falante tem pelo que é um meio. O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir o que diz respeito ao gozo. O que é o gozo? Aqui ele se reduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada. Ai eu aponto a reserva que implica o campo do direito-ao-gozo. O direito não é -dever. Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é -o imperativo do gozo: Goza! (Lacan, 1985, p. 11).

O Dicionário de Psicanálise editado por Chemama e Vandermersch (2007) propõe “que um sujeito desejante e falante pode esperar e experimentar, no uso do objeto esperado”

<sup>30</sup>A noção de ex-sistir está debatida no capítulo desta tese sobre o nó borromeu.

(p. 168). É necessário que este sujeito desejante fale, que seja um ser que fala, o que faz com que sua relação com o objeto não seja imediata, mas mediada pela linguagem; e isso não é pelo acesso ou não ao objeto desejado, mas o que distingue o gozo do prazer, é exatamente, este gozo constituído pelas nossas relações com as palavras, que nos conduz a misturar os conceitos a noções de espera, satisfação, perda, frustração, luto, dor e tensão.

“De fato, a psicanálise freudiana e lacaniana propõem a originalidade do conceito de gozo, pelo próprio fato de que nosso desejo é constituído pela nossa relação com as palavras (...). O gozo refere-se ao desejo, e precisamente ao desejo inconsciente; isso mostra o quanto essa noção ultrapassa qualquer consideração sobre os afetos, emoções e sentimentos, e coloca a questão de uma relação com o objeto que passa pelos significantes inconscientes.” (p. 168).

Chemama e Vanderersch (2007) informam que o termo gozo foi introduzido na psicanálise por Lacan. O gozo do qual o autor fala, desde que nosso desejo está ligado a sistemas simbólicos que dependem da linguagem, a ideia de descarga, como de parte da noção de prazer – que podem baixar as tensões do aparelho psíquico – é, então, uma impossibilidade, o que chama de gozo do ‘idiota’. O gozo pode ser compreendido como a satisfação de uma necessidade, suprida por um objeto, pois na linguagem o gozo encontra regras, que o grande Outro, que está no lugar da linguagem. Roudinesco e Plon (1998) dizem que a ideia de satisfação de necessidade orgânica a ser satisfeita pela criança na sucção ao seio quando, já satisfeita, se entrega a repetição do chupar, tal atividade repetitiva é da ordem do gozo, demarcando a entrada numa fase de autoerotismo.

É o outro, a mãe ou seu substituto, que confere um sentido à necessidade orgânica, expressa sem nenhuma intencionalidade pelo lactente. Em decorrência disso, a criança vê-se inscrita, à sua revelia, numa relação de comunicação em que esse outro (o outro minúsculo), pela resposta que dá a necessidade, inclui a existência pressuposta de uma demanda. Em outras palavras, a partir desse instante, a criança é remetida a discurso desse outro, cuja posição exemplar contribui para a constituição do Outro (Outro maiúsculo). A satisfação obtida pela resposta à necessidade induz à repetição do processo, escorado no investimento pulsional: a necessidade transforma-se então em demanda propriamente dita, sem que, no entanto, o gozo inicial, o da passagem da sucção ao chupar, possa ser resgatado. O Outro originário permanece inatingível, barrado pela demanda que se tornou

ilusoriamente primária. Esse outro, objeto dessa demanda impossível, torna-se, no seminário do ano de 1959-1960, *A ética na psicanálise*, a coisa (*das Ding*), objeto impossível, fora do significado (p. 299, 300).

No Seminário 7, *A ética na psicanálise* (1960/1997), coloca o privilégio do simbólico em relação ao real, abordando o fato da sublimação, como a arte, a religião e a ciência, como aquilo que pode remontar o vácuo do gozo. É em 1960 que o autor define gozo como tudo que diz respeito à distribuição do prazer no corpo. De acordo com *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise* editado por Kaufmann (1996), em 1969, quando cria o refrão “não há relação sexual”, Lacan reelabora que não se pode reduzir o gozo ao significante da relação sexual e que tudo está ligado ao falo, ainda que o gozo sexual tenha privilégio em relação a todos os outros.

De acordo com *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise* editado por Kaufmann (1996), a ampliação da noção de falo diz que essa função não regula por si só o que diz respeito ao gozo. O gozo tem ligação com um objeto perdido, um buraco no nível do Outro em relação ao sujeito:

Como o gozo sexual é marcado pela impossibilidade de estabelecer, no enunciável ou Um da relação sexual, uma vez que não há significante do gozo sexual, deduz-se que o gozo é fálico, isto é, não tem relação com o Outro como tal. Ele é gozo do que vem no lugar, o que substitui, é gozo da fala fora do corpo. E para o homem, na medida em que ele é provido do órgão dito fálico, o parceiro sexual, representante do corpo do outro, será, nesse ponto do objeto que fura esse Outro, objeto causa do desejo que é mais – gozar, impossibilidade de ultrapassar um limite no gozo. Esse limite orgânico, imposto pelo princípio do prazer, vem constituir barreira, malogro, e precisa remendar, mais ainda nessa virada do gozo que o sujeito homem sustenta encontrando, no ato sexual, uma mulher como objeto de sua fantasia” (p.223). Há uma impossibilidade em atingir o saber desse gozo por que este saber está no lugar de uma falha não existindo porém, um saber do outro no nível desse gozo infinito. Esse saber que não se sabe, está no real “pode, no entanto, resultar desse traço escrito e através disso ter acesso a uma possibilidade de objetivação. Esse é o móbil que engaja Lacan na escrita topológica da modalidade (p.224).

O sofrimento psíquico acarretado pela coerção da civilização contemporânea faz com que o sujeito busque maneiras paliativas de satisfazer ou sublimar o seu desejo, permitindo

que o mesmo suporte este sofrimento. As substâncias tóxicas entram, então, como possíveis medidas paliativas para o sofrimento do sujeito sendo sinal do isolamento do sujeito em relação ao mundo externo, ajudando a reduzir suas preocupações, e distanciando-o da realidade (Freud, 1929-[1930], 1976).

O sujeito uma saída a partir da criação de um mundo próprio que lhe proporciona imediato prazer e mudando de tal maneira as suas condições de sensibilidade: uma hipersensibilidade dos sentidos propriamente ditos, uma ampliação dos sentidos, podendo alterar a percepção do sujeito sobre si mesmo, o que autor chama de melhores funções de sensibilidade (Freud, 1929-[1930], 1976).

Segundo o discurso dos adictos, o uso de qualquer substância facilita o contato consigo mesmo. Será? Ou não se tratará de uma alienação?

A partir de 1920, com a reformulação da teoria das pulsões e a elaboração do conceito de pulsão de morte, Freud fundamenta a toxicidade da Pulsão. Em “o mal estar na civilização” (1930-[1929],1976), Freud aponta o uso abusivo de drogas como amortecedor das preocupações “à medida paliativa mais eficaz para lidar com as decepções da vida” (p.43). Henschel de Lima (2012) diz que é possível pensar que o tratamento para o uso abusivo de substâncias psicoativas está ligado à maneira como a substância funciona no psiquismo do sujeito, pois seria uma resposta de cada um diante das imposições da civilização e cada um pode ter ou não, como parceira, a substância química.

De acordo com o dicionário enciclopédico de psicanálise (1996), a palavra *narcisismo* é empregada na psicanálise para denominar um comportamento através do qual o sujeito ama a si mesmo, ou seja, “trata o próprio corpo da mesma maneira como se trata habitualmente o corpo de uma pessoa amada” (p. 347).

De acordo com Cavalcante (1992), no mito grego, o jovem Narciso se apaixona por si mesmo, ao se encantar pela própria imagem. O termo narcisismo então, oriundo do mito de Narciso, assume uma grande importância na teoria psicanalítica por determinar um momento

necessário na evolução da libido do sujeito, momento este antes que ele se volte para um objeto externo. Conta a mitologia grega, que Narciso era um jovem muito bonito e apesar de atrair o interesse de ninfas e donzelas, preferia viver só, pois ninguém estaria à altura do seu amor. Quando ele nasceu, sua mãe teria consultado um adivinho que disse que seu filho viveria muitos anos, desde que não conhecesse a si mesmo. Quando a ninfa Eco se apaixonou por ele, ele a rejeitou. As ninfas, então, jogaram-lhe uma maldição que ele amasse com a mesma intensidade sem poder possuir a pessoa amada. Diante de uma fonte límpida de águas cristalinas, Narciso se inclinou para beber água e vendo sua própria imagem, encantou-se com o que viu: ficou contemplando seu lindo rosto, olhos, lábios e apaixonou-se pela imagem sem saber que ela era a sua própria imagem. Por muitas vezes, Narciso tentou alcançar a sua imagem na água, mas não conseguia reter aquele ser encantador. O autoadmirador permaneceu na contemplação de si mesmo e assim morreu. A fascinação inerente a um apaixonamento é sempre narcísico e mortífero.

Nos Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade, Freud (1905, 1996) fala da origem dos destinos da pulsão sexual e do eu como objeto de investimento libidinal, deixando transparecer importantes elementos para a concepção do narcisismo, o entendimento do eu como objeto de amor, as identificações como fundamento do narcisismo e a relação destes com as escolhas objetais, lançando fontes de reflexão sobre o autoerotismo e o narcisismo.

No primeiro ensaio, Freud, na versão original de 1905, apresenta ideias sobre as perversões como ligadas à excitação e obtenção de prazer de maneira mais generalizada, ao mesmo tempo em que as perversões são entendidas de maneira independente de um objeto sexual predeterminado, refletindo, assim, sobre as tendências perversas como parte fundamental da sexualidade infantil.

O segundo ensaio, que tem por título “a sexualidade infantil”, mesmo que o sentido de narcisismo não tenha sido mencionado em 1905 (surge na edição de 1910), tem como centro o surgimento do sujeito psíquico a partir do autoerotismo, uma das principais características da

sexualidade infantil, ressaltando a sucção da criança como autoerótica sendo o seu interesse dominar a zona erógena, que é a boca, a primeira maneira de relação do bebê com o mundo externo (Freud, 1905, 1996).

O ato de se alimentar para a criança, pode ser fonte de excitação, ou seja, para além de uma função nutricional, mas fonte de o gozo infantil. No ato da sucção o bico do seio pode ser substituído pelo dedo, o que indica o caráter sexual deste ato pela necessidade de repetição para a satisfação sexual. Em seguida, ao representar a mãe como objeto total para a criança, Freud sustenta a sexualidade infantil como autoerótica. O autoerotismo, também nas edições posteriores dos Três Ensaio, vem tratar de uma sexualidade sem objeto exterior. Freud, ainda fala sobre as fontes da sexualidade infantil, associando a ideia de co-excitação associada a emoções como medo, pavor ou sensações dolorosas para a criança (Freud, 1905, 1996). Dor e prazer passam a constituir um par, além de ser possível, também pensar na excitação como um modo de romper os limites impostos pelo outro no próprio corpo da criança. A sexualidade infantil, como polimorfa ou multiforme, se organiza nas conhecidas fases do desenvolvimento psicossocial infantil em 1915.

No terceiro ensaio é que Freud (1905, 1996) fala no desenvolvimento da pulsão a partir da dispersão em diversas áreas erógenas que eram predominantemente sem objeto e autoerótica na criança e que ganham outra organização com a puberdade em função da obtenção do prazer com o outro, mas apontando a questão reprodutiva como fim na constituição normal da vida sexual infantil. Freud diz, que com a puberdade, o desenvolvimento psíquico “permite a sexualidade encontrar o objeto, para o que havia sido preparado desde a infância”(p.213).

A zona genital subjugava então, as demais zonas erógenas, pontuando uma hipótese de que a relação primeira entre mãe e filho tem ligação com a escolha objetual na vida adulta, desde que o primeiro objeto sexual do infante é o seio da própria mãe. “Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe tenha se tornado o protótipo de toda

relação amorosa. Encontrar o objeto sexual significa, em suma, reencontrá-lo” (Freud, 1905, 1996, p.230).

Freud (1920, 1976), em “Além do Princípio do prazer”, relata:

A criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta (...). Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão a repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instituais que desde então foram reprimidos. (p. 28 - 34).

A ideia de narcisismo, como já mencionada, é trazida pela primeira vez na edição de 1910, *dos três ensaios*, e nenhuma diferenciação é feita ainda entre o narcisismo, como instante principal da constituição do sujeito psíquico e a ideia de libido narcísica. Ao falar sobre *o encontro de um objeto*, no terceiro ensaio Freud, em nota de rodapé, acrescentada em 1915, demonstra como o narcisismo pode introduzir novos elementos quando se pensa na escolha do objeto sexual, e também pode estar na origem de perturbações da ordem das psicoses. Assim, o autor deixa de mencionar que a sexualidade infantil estaria unicamente baseada na pulsão e passa a olhá-la como suporte para escolha de objeto.

Em 1910, no estudo sobre Leonardo da Vinci e em 1911, na análise do caso Schreber, Freud pensa o narcisismo a partir da homossexualidade masculina. Sobre Leonardo da Vinci, ele diz:

[...] assim se tornou homossexual; na realidade, tem deslizando para trás, até o autoerotismo, pois os homens a quem ama agora, já crescido, não são senão, pessoas substitutas e novas versões da sua própria imagem infantil, e os ama como a mãe o amou quando era criança. Dizemos que escolhe seus objetos de amor pela via do narcisismo., pois Narciso, segundo a lenda grega menciona era um jovem a quem nada agradava mais do que sua imagem no espelho[...] (Freud, 1911/1989, p.93).

O narcisismo, então, aparece como forma de escolha objetal na fase autoerótica, onde o sujeito desliza pela via narcísica de escolha para o autoerotismo. Não de forma explícita,

Freud distingue narcisismo e autoerotismo, sendo a constituição do ego com imagem de si, o que diferencia o deleite autoerótico da objetal.

No caso Schreber (1911,1989), Freud introduz o narcisismo como fase do desenvolvimento entre o amor objetal e o autoerotismo, ao abordar uma colação numa fase narcísica passando o narcisismo a ser compreendido como fase comum ao desenvolvimento humano. Identificando-se com a mãe, Schreber, escolhe a si mesmo como suporte para se narcisismo, como objeto sexual, para em seguida, escolher homens parecidos com ele em seus delírios persecutórios.

Em Totem e Tabú (1912-1914, 1989), Freud repete a ideia de narcisismo como período intermediário entre o amor de objeto e o autoerotismo. Para ele, a ideia de onipotência dos sentimentos e pensamentos da criança diz respeito ao narcisismo infantil, fundamentado na crença da onipotência dos povos primitivos. É o narcisismo primário na criança que possibilita sentimentos de inferioridade ou superioridade, sua forma de investimento em objetos internos, influenciando todo desenvolvimento humano.

Na sua importante obra, *Introdução ao narcisismo*, (1914-1916, 2010), a ideia de narcisismo começa a ser retratada. Nela, Freud defende que muitas doenças, como a paranoia, por exemplo, estariam associadas a fixações e inibições primordiais, devido a uma fase do desenvolvimento libidinal que viria antes da adoção dos objetos externos, ou seja, ligadas a etapa do autoerotismo e do narcisismo. Tal ideia enfraquece o que ele mesmo pontuou nos *Três ensaios*, onde sugere a disputa entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais resultando em conflito psíquico. É neste texto que o autor coloca o conceito de narcisismo com fundamental para o desenvolvimento do sujeito.

No dicionário enciclopédico de psicanálise (1996), ver o sujeito retirar a libido dos objetos para investi-la em si mesmo foi fruto de observações de Freud com pacientes esquizofrênicos, em quem percebia a existência de delírios de grandeza como consequência do desinvestimento do mundo e a manifestação do retorno da libido para o eu, que ficava

assim, ameaçado por um afluxo demasiadamente grande de energia, como na megalomania e na onipotência.

Sabendo, pelo raciocínio recorrente próprio da teoria psicanalítica, que nada aparece nas distorções patológicas que não repita um estado psíquico anterior geralmente necessário ao desenvolvimento do indivíduo, Freud postulou a partir de então, a exemplo do delírio de grandeza, um estado original do eu em que este, inteiramente investido pela libido, estava entregue à onipotência absoluta. Este estado de onipotência do eu passou então a definir o que chamamos de *narcisismo primário*, ao passo que o *narcisismo secundário* que designa esse mesmo estado novamente instaurado pelo retorno ao eu dos investimentos de objeto (Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, 1996, p.349).

O autoerotismo, então, está caracterizado como uma ação sexual, em que o sujeito conquistado prazer a partir do incitamento do seu próprio corpo, no instante que antecede a confluência das pulsões parciais, (onde cada uma se depara com a satisfação a partir do excitamento de um órgão ou prazer de órgão) em direção a um objeto comum. Ao desintegrar a pulsão, Freud aponta para a desaparecimento do ego, ou do sujeito, como objeto total, sem alusão a uma imagem unida do corpo, o que seria um primeiro traçado do ego (Freud, 1914-1916, 2010).

Quando as pulsões parciais, até o momento afastadas se reúnem numa unidade e encontram o ego como objeto, é aí então, que o narcisismo é entendido como um estágio, a fase especular em Lacan (1998). Freud diz que:

Nos formamos à imagem de um originário investimento libidinal originário do ego, cedido depois aos objetos; mas considerado em seu fundo, ele persiste, e é para os investimentos como um corpo de uma ameba para os pseudópodes que emite (...). As emanações desta libido, aos investimentos de objeto, que podem ser emitidas e retiradas de novo, foram as únicas que nos saltaram a vista. Vemos também, grandes expressões da oposição entre a libido do ego e a libido de objeto (Freud, 1914-1916, 2010, p. 73).

O ego, então, é o primeiro objeto da libido narcísica, pois a sua constituição permite a libido se tornar nessa imagem como objeto total. A pulsão sexual posteriormente, que o sujeito busca para se satisfazer, diz respeito a escolha do objeto quando a libido desinveste o

ego e se lança em objetos externos. A libido do ego e a libido objetal se relacionam de maneira complementar e inversamente proporcional, pois ao mesmo tempo em que o arrojamento do ego pela libido aumenta, (aditam-se as condutas narcísicas), encurta-se a libido de objeto que se transpassa entre a libido do ego, ficando prejudicada no retorno aos objetos. Pulsões do ego e pulsões sexuais são substituídas pela objeção entre a libido do ego e a libido do objeto, faz com que o ego antes entendido como agente de recalque, deixe de ser traduzido como aquele que põe o psiquismo diante do princípio da realidade tornando-se comparsa do princípio do prazer, tornando-se narcísico e objeto da sexualidade. Neste ponto, para manter a teoria das pulsões, já mencionada neste capítulo, Freud explica o princípio psíquico a partir delas sendo apenas quando apresenta a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte que o autor põe a libido do ego e a pulsão de autoconservação no campo das pulsões de vida (Freud, 1914-1916, 2010).

O começo do autoerotismo, então, acontece no instante em que a pulsão sexual se aparta das pulsões de auto conservação, bem como do seio materno, objeto natural e se entrega à fantasia. O autoerotismo é uma etapa onde ainda não aconteceu a confluência das pulsões parciais para um objeto genérico e a imagem do corpo fica unificada, a pulsão sexual se satisfazendo no próprio corpo partindo da constituição egóica como imagem de si mesmo. “O ego tem que ser desenvolvido. Agora, bem, as pulsões auto eróticas são iniciais, primordiais; por tanto, algo tem que acrescentar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua” (Freud, 1914-1916, 2010, p. 74).

É na constituição do ego que o sujeito constrói uma imagem de si próprio e essa é a nova ação psíquica para que aconteça o narcisismo. A imagem de si mesmo é um objeto total e no caminho do autoerotismo para o narcisismo o ego é tomado como primeiro objeto quando as pulsões sexuais se unem. No desenvolvimento do ego, ele se afastaria do narcisismo primário ao ponto de desinvestir de si mesmo e arremeter em objetos exteriores, o que significa um declínio do ego em favor dos investimentos objetais. Se o que Freud chama

de intenso egoísmo adoeceria o sujeito, este é o motivo pelo qual o ego se sente compelido a investir em outros objetos; para não ficar doente o sujeito precisa amar, mas apesar disso uma parte do narcisismo nunca se vai, sempre está presente no sujeito, ainda quando ele investe em um objeto exterior (Freud, 1914-1916,2010).

As escolhas de objeto de amor acontecem de duas maneiras: a opção narcísica de objeto e a opção por um objeto de apoio. Quando a criança em suas primeiras satisfações sexuais se apoia nas pulsões de autoconservação, a sexualidade é o primeiro objeto quando a criança se apoia nas figuras parentais. Já na escolha narcísica, objeto de amor é selecionado a partir do modelo de si mesmo e não a partir do modelo do outro. Ele diz: “se ama segundo o tipo narcisista: a) o que se é (assim mesmo);b) o que se foi; c) o que se queria ser; d) a uma pessoa que foi uma parte de si próprio” (Freud, 1914-1916, 2010, p.87).

Para ele, a escolha homossexual está muito próxima do narcisismo, já que se escolhe um objeto de amor a partir da própria imagem. A busca de si mesmo como um objeto de amor, Freud chama de eleição narcisista, o que considera a mais forte ideia sobre este conceito. Nestes casos, o ego exige muito dos objetos para obter satisfação e, a censura faz com que essa satisfação pareça impossível retornando a libido para o ego, para o ideal narcísico da infância (Freud, 1914-1916, 2010).

Ao falar nas psicoses, tópico melhor trabalhado posteriormente por Lacan, Freud constata que a conduta narcísica, partilhada por todas as pessoas, nas psicoses, acontece com investimento da libido em objetos externos que depois se volta para o ego. O elo com a realidade externa como pessoas e coisas é rejeitado, e estas são substituídas por objetos imaginários, que nasceram na infância na relação com objetos que já foram investidos, mas abandonados. Quando o sujeito idealiza, ele volta ao estado onipotente do narcisismo infantil. O ego ideal, que é o ideal narcísico da onipotência, surge com objetivo de refazer a satisfação consigo mesmo típica do narcisismo primário abalado durante a infância. A idealização ou a

identificação com o objeto idealizado contribui então para a satisfação do ego ideal e também para o surgimento do ideal do ego (Freud, 1914-1916, 2010).

De acordo com o dicionário enciclopédico de psicanálise (1996), o ideal do eu é personificado na figura do herói, em que a função do pai é fundamental para o destino do sujeito. Ao mesmo tempo em que o ideal do eu significaria uma fixação narcísica, também mostraria uma superação desta posição e a busca pela satisfação das exigências éticas do eu significando o desinvestimento no objeto original em favor do objeto que mantém o estatuto ideal para a identidade do sujeito como membro do grupo.

Já o que Henschel de Lima (2014) chama de “a hipótese de Lacan para o consumo abusivo de drogas”, está fundamentada nesta ligação que Freud faz entre autoerotismo e fantasia, ligada à definição de falo, apontada no Seminário livro 23, intitulado por “O Sinthoma” (1975-1976, 2007), onde diz que “o falo é a conjunção do que chamei de esse parasita, ou seja, o pedacinho de pau em questão com a função da fala” (p.16). Inserindo a noção de falo, Lacan mostra que existe uma relação entre ele, o órgão pênis, e a ação da palavra. A autora também divide em três tempos a relação da constituição do psiquismo em Freud a partir da noção de falo em Lacan: Tempo 1, ligado ao autoerotismo e ao pênis, órgão; Tempo 2, ligado ao recalçamento/ação da palavra, e o Tempo 3, que funde o autoerotismo à fantasia /Inscrição do falo. Freud, então, está muito ligado às funções erógenas no próprio corpo, enquanto Lacan, ao inserir a noção de falo, amplia a questão do prazer para além do órgão, pênis. Para Lacan, o recurso à droga pode ser entendido entre esses três tempos.

Ao reler Freud, exatamente em 1975, na Intervenção no Encerramento da Jornada de Cartéis na Escola Freudiana de Paris, o autor relembra o caso do Pequeno Hans e a sua angústia apontando que a fobia é uma tentativa de solucioná-la decorrente da eclosão do gozo em seu órgão distinta do sintoma. Henschel de Lima (2012), quando ressalta a eclosão do gozo no pequeno Hans, aponta que o trabalho psíquico da criança para lidar com a invasão da pulsão em seu órgão (falo), é a porta de entrada para a neurose e o marco para a estruturação

da fantasia. Nesta distinção entre sintoma e fobia na clínica, Lacan defende a posição da droga no funcionamento psíquico associando a ideia de Freud em relação à fixação na satisfação autoerótica “ao localizar seu recurso no ponto em que se verifica a ruptura com o gozo fálico” (p. 44).

Lacan, então, aprofunda a reflexão a cerca da estrutura subjetiva além da fantasia e da pulsão ao afirmar que a substância permite uma espécie de curto circuito no gozo fálico e conseguinte uma economia para o sujeito das possíveis dificuldades diante da eclosão do gozo<sup>31</sup>. A droga aparece no ponto em que a pulsão invade o corpo desencadeando o consumo abusivo, o que coloca o diagnóstico diferencial entre neuroses e psicoses no centro da questão. As neuroses, alvo do interesse de Freud, traz o recurso da droga como ruptura com o gozo fálico indicando a possibilidade de existir uma suspensão do gozo fálico devido à fragilização da ação da interdição paterna na regulação pulsional.

Lacan aprofunda os esclarecimentos sobre a relação entre o consumo abusivo de drogas partindo da diferença entre neurose e psicose. Nas neuroses, a substância rompe com o gozo fálico devido à fragilidade da ação do nome do Pai na regulação da pulsão, associando aos argumentos de Freud e Lacan, é possível dizer que o uso da droga com o autoerotismo, como uma possibilidade de ser tóxico ao sujeito por conta do desejo da satisfação que pode ser mortal e necessite de uma direção de tratamento que busque encontrar “o ponto de defesa contra a pulsão e articule essa defesa ao modo de funcionamento psíquico, ou seja, ao campo da estrutura psíquica” (Henschel de Lima, 2014, p. 45).

A proposta de Lacan, direcionada ao tratamento da psicose faz emergir a seguinte questão: no caso de adição partindo das referências de Freud e Lacan, existe a forclusão do nome do pai, como nas psicoses? Seria o uso abusivo de droga uma resposta à fragilidade do nome do pai sobre a pulsão em alguns casos?

---

31

Henschel de Lima (2014), trás estudos realizados no Brasil sobre adição e psicanálise, que discutem que a intoxicação pela droga é o resultado de uma supressão do gasto psíquico causado no relaxamento das pressões do recalque, onde o uso da droga está ligado à defesa contra a pulsão. Apontam que a droga surge como recurso da lógica subjetiva para o tratamento do real pelo real com devastadores impacto sobre o imaginário. No caso das psicoses, o sujeito busca o crack numa desesperada tentativa para se estabilizar, o que justifica o seu uso abusivo da substância (Calmon, 2010; Henschel de Lima, Lipiani et. al, 2012).

Já na literatura internacional, a autora aponta pesquisas que abordam a substância como aquilo que opera uma ruptura onde o grande Outro surge como invasivo e excessivo, ou seja, em excesso ou pela falta desse, pela negligência e abandono. O Outro neste caso clínico, oferece então, um ponto de referência para o diagnostico da psicose em diferenciação com a adição. Em outro estudo de caso, diz que o uso de drogas, no caso das psicoses, não produz necessariamente um excesso de gozo, mas ao contrário, limita-o no corpo apontando a necessidade do clínico investigar a história de vida do sujeito que pode desencadear a busca pela substância e a invasão pulsional (Aucremanne, 2011; Naparstek, 2009).

Nesses casos de invasão pulsional no corpo pelo recurso à substância, pode ser um resultado direto da forclusão do nome do Pai. Portanto, Henschel de Lima (2014), Freud e Lacan definem a busca pela substância “no ponto em que não se verifica a formação dos sintomas, nem os efeitos da ação do nome do Pai na formação da estrutura psíquica” (p. 46), bem como os estudos publicados sugerem a repetição pulsional das recaídas, apesar da sua toxicidade na busca de ajuda pelo sujeito nas interações como uma tentativa de solucionar a invasão pulsional, o que permite associar a adição aos fatores estruturais: na psicose a droga depende da forclusão do nome do Pai e na neurose, a baixa operatividade do nome do Pai, o que pode indicar, de acordo com a relação de cada sujeito com a droga, direções mais efetivas para um tratamento.

Herncshel de Lima e Lipiani *et. al* (2012), no artigo intitulado *o que pode a psicanálise diante do destino para o pior? Considerações sobre a direção de tratamento das toxicomanias no avesso do mestre contemporâneo*, dizem que pensar no uso abusivo de drogas partindo do imperativo pulsional, conduz a uma interrogação em relação ao nome do Pai, desde que ele ocupa na psicanálise uma função de regulação para as funções. Os autores apontam que o último ensino de Lacan sobre o uso da droga como recurso e seus possíveis tratamentos, voltou-se a investigação sobre o nome do Pai, apontando uma fragilidade na ação do Nome-do-Pai na efetuação da estrutura psíquica.

Desta maneira, o recurso à droga permite preservar a integridade do diagnóstico a partir da localização da importância do Nome-do-Pai para a regulação do gozo, preserva um eixo diagnóstico para a direção de tratamento e demarca a posição do analista nesses casos. Os sintomas da contemporaneidade, como a toxicomania, a depressão, a anorexia, entre outros, permitem para as autoras a reflexão sobre a formação das estruturas psíquicas, a partir de uma fragilidade na metáfora paterna e de efeitos na pregnância do gozo, trazendo os sintomas para direção do tratamento das neuroses.

Por se tratar de uma questão tão complexa, para elas é preciso pensar na elaboração de um diagnóstico diferencial diante dos sintomas contemporâneos especialmente no que tange a toxicomania. Para elas, é possível dizer que as toxicomanias permitem a invasão da pulsão no corpo apresentando características clínicas do que Freud chama de neuroses atuais; o uso abusivo de droga evidencia uma posição subjetiva do sujeito de escassez de recurso ao significante e uma debilidade na metáfora paterna fazendo ascender o desejo da mãe, assumindo o sujeito o valor de objeto da fantasia materna.

Herncshel de Lima & Lipiani *et al.*, 2012, ao pensar em tratamento que centralizem o modelo biológico, coloca a experiência subjetiva à margem da questão da toxicomania. Políticas como as que prevêm a internação compulsória de crianças e adolescentes em

situação de rua em uso ou não abusivo de drogas (resolução SMAS nº 20 de 27 de maio de 2011, Rio de Janeiro) reforçam a força do viés biopolítico:

[...] de supressão do sujeito, subjacente à direção de tratamento nesses casos: execução da força policial para a efetuação do recolhimento de crianças e medicalização indiscriminada do psiquismo, evidenciando a decisão por tratamentos que incidem violentamente sobre o sintoma, com o objetivo de suprimi-lo pela retirada radical da droga, e ausência de uma investigação clínica, etiológica, apurada sobre as condições estruturais de invasão pulsional na estrutura psíquica (p.5).

A psicanálise, em especial ao problema do crack no Brasil, considera o recolhimento compulsório uma violência sobre o sujeito e sobre o seu sintoma buscando abstinência radical da droga e a medicalização do psíquico. A experiência subjetiva precisa ser valorizada nos tratamentos pensados para o caso do crack e seu impacto na saúde pública do Brasil. Isso implicaria numa nova lógica no funcionamento nas instituições em saúde mental, pois é grande a demanda de internação de usuário de crack em hospitais psiquiátricos e em residências terapêuticas<sup>32</sup>.

As autoras, tomando por base outros estudos, afirmam que um diagnóstico diferencial pode irromper o imperativo pulsional e desestabilizar o funcionamento psíquico. Ora, a droga pode ser uma solução psicótica para a forclusão. Então, cada caso necessitaria de uma avaliação mais completa. E qual seria a solução que a psicanálise pode oferecer?

Existem duas hipóteses possíveis para o tratamento da invasão do gozo diante do estabelecimento de diagnóstico diferencial entre psicoses e casos de usos abusivos de drogas: a primeira, identificatória, demarca a droga como recurso para a identificação ao significante *soutoxicômico* garantindo o laço com o Outro; o segundo seria o tratamento do real, o que traz impactos sobre o imaginário, onde o recurso à droga tem objetivo de localizar um gozo” no ponto em que o recurso ao discurso não é possível” (Henschel de Lima & Lipiani et. al, 2012, p. 06.).

---

<sup>32</sup>Questões como estas estão melhor esclarecidas no subtópico sobre a atenção ao sujeito usuário de crack.

O uso da droga seria uma tentativa desesperada de estabilizar-se ou justificar o uso desse recurso pela própria importância da mesma, sendo os efeitos no imaginário, muito evidente.

Um referido estudo de caso realizado por Henschel de Lima e Lipiani et al. (2012), sobre uma paciente que teria passado por diversas internações, ora era internada no Serviço de Internação para usuário de álcool e outras drogas (SAD), quando o uso do crack era excessivo, quando a mesma apresentava sintomas de abstinência, ora era internada no Serviço de Internação para Agudos feminino (SIAF), quando seus sintomas psicóticos pareciam agudos, em hospital psiquiátrico em Niterói, Rio de Janeiro. As internações eram sempre a pedido da paciente quando pensava que iria morrer pelo uso do crack. Ela dizia: “se continuar assim, vou morrer; estou pele e osso, esse não é meu corpo” (Henschel de Lima & Lipiani et al., 2012, p.7).

Quando não se leva em consideração o funcionamento do caso, a internação parece sempre a melhor alternativa. Contudo, no primeiro dia de tratamento extra-hospitalar, a usuária fugiu, retornando dois dias depois apenas para pegar sua medicação. Enquanto a fuga justificaria o internamento, a escuta baseada no discurso analítico defendeu o tratamento hospitalar baseado na decisão da paciente em se internar apenas nos momentos em que sentia a morte aproximada e na regulação os efeitos danosos da droga a partir da formação delirante que a colocava na posição aquém do Outro.

Sendo assim, ao contrário do clamor pela internação como solução para o consumo abusivo do crack, a escuta analítica sustenta a hipótese de que seu consumo é que reduz o gozo das alucinações concentradas em torno de uma voz que vem de fora. Para além da anorexia, apresentava pelo consumo de crack e outras questões físicas, como ferimentos, o seu tratamento direcionou-se para “uma estabilização dos fenômenos elementares da psicose resultando da diminuição progressiva do consumo do crack” (Henschel de Lima & Lipiani et al., 2012, p. 8).

O tratamento voltado para os sintomas apresentado pelo uso prolongado da droga, overdoses e fissuras, pode suprimir importantes considerações sobre o funcionamento da estrutura psíquica do sujeito. No caso relatado pelas autoras supracitadas, houve uma invasão do gozo tóxico em resposta a forclusão do nome do Pai que acontece em casos de psicose. A internação como possibilidade pode calar sujeitos como estes e podem calar a possibilidade do significante surgir na formação dos seus delírios, exilando-a na posição de dejetos da sociedade.

Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), em um artigo sobre o crack e o seu consumo entre crianças e adolescentes em condição de rua na abordagem psicanalítica, trata do desencadeamento do consumo do crack nestes casos como fruto da desvalorização social, da perda fálica ligada ao lugar de resto, de refúgio da sociedade, que se instala na população pobre brasileira e se transmite para a criança, onde o consumo abusivo de crack estaria ligado à falta de recursos subjetivos pela baixa operatividade do nome do Pai para lidar com as mudanças típicas da infância e da adolescência.

Ora, a importância do amor e da função paterna para a constituição do sujeito, está na psicanálise desde o início das elaborações freudianas, sendo o conceito de inconsciente fundamental para se pensar neste amor e na função simbólica do nome do Pai. O recurso à droga é um dos aspectos que conduz o profissional a pensar sobre a importância do nome do Pai.

Ao falar de crianças que usam crack em situação de rua, é possível pensar no nível de operatividade da metáfora paterna. A presidência da república, em 20 de Maio de 2010, (decreto nº 7.179), no lançamento do *Programa Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas e no Programa Crack, é Possível vencer* (2011), afirmou que o governo federal dispõe de ações de prevenção, tratamento, reinserção social de usuários e enfrentamento ao tráfico do crack, prevendo no programa citado algumas medidas agrupadas

em três eixos: a prevenção, o cuidado e a autoridade. Esses documentos ressaltam a importância de estudos sobre sujeitos que consomem crack no Brasil.

Voltando a Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), a fragilidade do laço familiar, como no caso de crianças de rua, é preocupante para a psicanálise, pois é em torno dele que se constitui toda a experiência subjetiva do sujeito que se coloca frágil diante de um adulto que lhe transmita um ideal e são colocados numa posição negativa como: perigoso, viciado e outros adjetivos. No momento em que faltam recursos ao sujeito, o início do consumo abusivo de drogas pode surgir como uma forma de lidar com a pulsão e com a ausência/presença da função paterna que tem para Freud, uma relevância na posição subjetiva do sujeito.

Lacan (1998b) afirma que para a construção de uma realidade psíquica, o sujeito precisa ter a sua disposição o que o autor chama de Nome – do – Pai, ou a função paterna que é estruturante da realidade psíquica e estabiliza os efeitos do desejo da mãe para que apareça a significação fálica para o sujeito. O nome do Pai estabiliza a relação entre a criança e a mãe, pois é ele que garante a fundação de uma identificação e o limite referente desejo materno, como discutido teoricamente nos tópicos a seguir.

Lacan (1985) diz que o mecanismo de separação é formalizado a partir da intervenção do nome do Pai sobre o desejo da mãe. Este momento de separação é fundamental para a constituição da subjetividade e para que o sujeito se coloque diante do desejo do Outro e entender o que este Outro deseja dele. Portanto, essa separação só é possível se a função paterna for eficaz. A partir Lacan (1998a), é possível pensar se o desencadeamento do consumo de drogas ocorre pela não operatividade da função paterna na constituição da subjetividade, o que deixa a satisfação pulsional livre para o consumo abusivo de drogas, atos violentos associados ao uso do crack e as recaídas.

Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillipe Lacadeé, apontam como *Nomes-do-Pior*, aqueles nomes que se

contrapõem ao ideal oferecido pelo Nome-do-Pai, a dizer: noiado, viciado, drogado, dentre outros, são significantes frutos da desvalorização social desses sujeitos que são colocados muitas vezes como resto, refugo da sociedade e porque não dizer do laço familiar. O que a canção de Rita Lee chama de *a ovelha negra da família*.

O que Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013) defendem que a ausência de um contexto familiar é um dos eixos problemáticos para a dependência química. A operatividade frágil do nome do Pai levam as crianças e adolescentes em situação de rua, a deixarem seus corpos vulneráveis aos prejuízos clínicos do crack, a dizer: anorexia, Parkinson precoce, problemas dentários, sentimentos paranoicos, atos de violência e ações ilícitas, bem como a serem chamados pelos *Nomes-do-Pior*, como perigoso e viciado.

Neste ponto, chega-se a dois importantes tópicos ao falar de toxicomania: a importância do significante do Nome-do-Pai, bem algumas reflexões sobre a psicose, não por considerar todos os toxicômanos psicóticos, mas para ressaltar a importância da não simbolização adequada do Nome-do-Pai na drogadição.

## **2.5 Conceitos da Psicanálise Fundamentais para o Debate da Toxicomania: O Nome-do-Pai e as Psicoses**

Neste capítulo abordamos temas importantes dentro dos conceitos psicanalíticos ligados ao debate sobre toxicomania, a dizer, a questão do Nome-do-Pai e o debate sobre as psicoses, propostas por Henschel de Lima (2014) ao debater as hipóteses de Freud e Lacan sobre a adição. Aqui, não se pretende falar do sujeito Sísifo, alvo do nosso estudo de caso e apresentado logo a seguir, como psicótico, mas sim refletir, à luz da psicanálise, sobre a importância da metáfora paterna para os debates sobre a toxicomania na contemporaneidade.

### **2.5.1 A Toxicomania na Psicanálise**

Faz-se necessário, como ponto de partida, delimitar que a toxicomania não está estruturada como sintoma, mas realiza sofrimentos corporais que não possuem sentido em si mesmo, mas que suspendem a sensação de tempo e o desejo para estes sujeitos (Le Poulichet, 2005).

Recorrendo a pergunta “o que pode a psicanálise?”, Almeida (2010) contribui com o debate sobre a toxicomania e a psicanálise a partir de sua experiência clínica com pacientes que abusam de drogas atendidos em serviços públicos com ênfase interdisciplinar de atenção a usuários e familiares. Afirma que, na toxicomania, a psicanálise encontra um fértil terreno, pois pode oferecer um tratamento ao sujeito que demanda análise em função do sofrimento que ele traz. Cabe ao analista observar como o sujeito articula seu discurso, colocando-se enquanto profissional. Para a autora: “a clínica das toxicomanias nos convoca a buscar, no sentido da verificação de uma certa pluralidade e generalidade de enodamentos do sujeito ao Outro, teorizações elásticas, inclusive que se legitimam nos campos de atuação do psicanalista, principalmente, nas instituições que aliam atendimento e pesquisa” (p. 14).

A invenção toxicômana se desgasta ao longo do tempo e não consegue separar verdadeiramente os corpos; é por isso que frequentemente ela se conjuga como o exercício de uma violência que leva muitos toxicômanos para o hospital ou para a prisão. Psicopatia? Delinquência? Tendências suicidas? Nenhum destes termos tem poder de expressar a lógica desses atos. Importa antes entender a maneira como eles se constituem como respostas maciças e imediatas a uma questão informulável, a própria questão do puro devir: Devo desaparecer para que o meu lugar seja conservado? Como produzir o que me apaga? Roubar um carro e correr de olhos fechados na estrada do contorno, mergulhar em comas repetitivos, fraturar-se... Todos esses atos representam diferentes respostas à urgência da questão evocada e todos atestam o impasse em que se esmaga um corpo que se impõe a doação do impossível e que só pode subsistir desaparecendo (Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, 1996, p. 545).

Almeida (2010) situa a posição psíquica do toxicômano, diante das exigências de gozo as quais está submetido no ato de drogar-se de maneira incessante e repetitiva. Cabe, neste ponto, refletir teoricamente sobre a lógica das repetições. Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (citado por Machado & Derensky, 2013), dizem que não vale se contentar com o silêncio no qual fica imerso o sujeito em uso abusivo de uma substância. “Se o sujeito se apresenta encapsulado no seu gozo, sem uma janela para o Outro, usando a palavra para continuar gozando tão somente dos efeitos da droga, o ato analítico precisa ter habilidade de fazer entrar o Outro sem violência, ali onde a droga falha, propiciando o corte do gozo mortífero, ilimitado, que conduz à repetição” (p. 203). Vale lembrar, que enquanto aqui se fala de uma repetição do uso da substância, o Mito de Sísifo, que inspira este estudo de caso, fala da repetição do rolar da pedra pelo sujeito.

Para Garcia-Roza (2003), se não há possibilidade de reminiscência o sujeito repete para elaborar e inscrever simbolicamente o conflito psíquico. A repetição, neste sentido, torna-se um importante instrumento para compreensão, desde que a repetição na fala, como refere o autor, abre a possibilidade para simbolização de conteúdos que mobilizam o sujeito. Ora, por que não refletir que no ato de repetir o consumo da droga, o sujeito também não busca simbolizar algo? A repetição funciona, então, como uma tentativa de simbolizar o não simbolizado. A repetição visa uma elaboração simbólica daquilo que não pôde ser inscrito psiquicamente.

Para Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (citado por Machado & Derensky, 2013),

[...] a droga é aquela substância que pode realizar a função de colocar entre parênteses aquilo que, para todo ser falante, significa sua inadequação ao sexo biológico. Pode-se dizer que a toxicomania é uma resposta ao real desvelado pelo vacilar dos semblantes. Essa resposta culmina na ruptura com o Outro e no silêncio do falasser (p.202, 203).

De acordo com Garcia-Roza (*op.cit.*), partindo da leitura de textos de Freud, existem dois tipos de repetição: *a repetição do mesmo* e *a repetição diferencial*. Enquanto a primeira

se aproxima de uma reprodução, uma cristalização, girando em torno do mesmo, a segunda modalidade produz novidades e é fonte de transformações, sendo um dos mais poderosos instrumentos terapêuticos. Falar em repetição como ofertando sentido parece algo improvável, mas há um sofrimento sendo comunicado e, através desta comunicação, é possível estabelecer uma terapêutica. Para Deleuze (1968), a repetição significa algo, não é uma coisa, a repetição pode ser, em sua natureza, de origem simbólica ou real. Não significa a repetição, um sinal de que ali há alguma coisa, mas a repetição simboliza algo e favorece significação na medida em que vai acontecendo e, enquanto repete, o sujeito está, novamente, se esforçando para simbolizar e elaborar conteúdos próprios.

Qual seria o conflito psíquico denunciado pela repetição?

Em Projeto para uma psicologia científica (1950[1895], 1990), Freud sustentou suas premissas sobre a tendência do organismo em buscar a homeostase, o equilíbrio, ao formular o Princípio do Prazer. Para o autor, a conquista da estruturação do mundo se dá por meio da repetição insistente, desde que o objeto encontrado, na realidade, condiga apenas em parte com o que favoreceu satisfação em uma descarga provavelmente inaugural daquilo que chama de aparelho psíquico. O sujeito se coloca em busca e repete, sem definição de vezes, sua procura, com objetivo de reencontrar esse objeto. O objeto se estrutura, então, pela repetição, no encontro de objetos substitutivos. Em Além do princípio do prazer (1920/1988), Freud reforça a repetição como fenômeno clínico e a destrutividade surge explicitamente em seus textos a partir de então.

No Dicionário Enciclopédico da Psicanálise (1996), apresenta-se uma reflexão histórica a respeito das contribuições da Psicanálise sobre a toxicomania, onde há o reconhecimento de que, durante muito tempo, a Psicanálise contribuiu para a cristalização da ideia do toxicômano como a representação do ‘drogado’, desde que herdou ideologicamente do modelo médico, a noção de toxicidade. As propriedades químicas das substâncias fascinavam, com o nascimento da psicofarmacologia moderna, depois dos anos 50. Depois

dos anos 70, o discurso do usuário de droga como ‘flagelo social’ da droga, alimentava a lógica do toxicômano dentro de um problema social. Com o desenvolvimento de conceitos analíticos, a Psicanálise pôde, então, renovar suas reflexões na abordagem às toxicomanias.

Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (citado por Machado & Derensky, 2013) afirmam que para refletir sobre uma política que circunde a complexidade da toxicomania faz-se necessário sermos modestos no que tange ao tema, para não incorrer em soluções superegoicas e/ou de ideais do eu de acordo com os valores predominantes na sociedade. Para eles, os toxicômanos já foram demasiadamente inalisáveis. A droga aparece como a suplência do vazio, pois a partir do momento em que se declara ‘toxicômano’, surge um nome que lhe coloca em um lugar. Então, cabe à psicanálise pensar na identificação com a substância que faz encobrir a causa que o levou a se drogar: amenizar a dor perante a existência? Encontrar um sentido possível dentro de uma satisfação na ordem de um gozo que impede a operacionalidade da função fálica como norteadora do gozo.

Ao ampliar seu discurso sobre as toxicomanias, a Psicanálise, além das reflexões sobre as substâncias químicas e idealização social, cuida para que suas contribuições não fiquem no âmbito do comportamento do sujeito. Um dos aspectos disparadores desta forma de pensar é a própria fisionomia dos toxicômanos, que não para de mudar, junto com as modificações sociais. A psicanálise, portanto, não oferece uma explicação para a toxicomania, mas apresenta potencial para tanger realidades singulares que atravessam a lógica do tóxico. Mesmo que Freud tenha contribuído pouco com o tema diretamente, suas ideias sobre narcisismo e o sexual/tóxico podem ser vistas como importantes contribuições<sup>33</sup>.

A noção da droga como autodestrutiva é derrubada a partir do momento que Freud levanta a hipótese de que, a partir da aparente autodestruição, a toxicomania tem o caráter de automedicação ou, porque não, uma tentativa de autoconservação. Parece um paradoxo, mas quando o tóxico se transforma na única maneira de conservar, dia após dia, a um corpo, o

---

<sup>33</sup>Estes tópicos estão melhor explicitados na hipótese de Freud sobre a causalidade da adição, neste texto.

amparo de uma dor intolerável. “E deve pôr em questão a função dessa condição dolorosa do corpo, especialmente quando sabemos que a ação das drogas não obedece sempre a um princípio racional de causalidade” (Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, 1996, p. 542).

De acordo com o referido Dicionário, para Freud, as dependências a substâncias químicas parecem paralisar o corpo num tratamento da dor que opera uma forma de fechamento narcísico, ou seja, “uma dor de corpo que, ao mesmo tempo, provoca e anestesia sua própria dor por meio do tóxico”, assegurando, ao sujeito, sua normalidade (p. 542).

Com o surgimento da toxicomania, a angústia e a formação de sintomas somem, exercendo, um vício, uma função: a de suspender a dinâmica dos conflitos psíquicos no caso de uma organização neurótica, sendo o tóxico o agente supressor de memórias e angústias por uma organização narcísica que tenta reunir e conservar um corpo ameaçado de invasão, funcionando a droga como suplência narcísica. A escuta analítica, então, derruba outro conceito: a da droga como verdadeiro tóxico ao sujeito. Diz neste Dicionário:

[...] a toxicomania propriamente dita só intervém, aí, portanto, num segundo tempo, para prolongar e limitar simultaneamente essa dependência. De fato, a adição às drogas e o fechamento narcísico que ela promove, seriam, em muitos casos, tentativas de organizar um circuito autoerótico, que arranque o corpo de uma dependência muito mais radical. De fato, o verdadeiro tóxico, nesse caso, não é a droga, mas antes um excesso que situa o corpo sob uma influência. E na perspectiva freudiana, esse excesso é entendido como uma manifestação particular do sexual (Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, 1996, p. 543).

Assim, como anoréxico diz ‘não’ ao outro que diz querer seu ‘bem’ (bem que, sempre destruído pela lógica narcísica, continua sendo o do outro ao se dizer o meu), na toxicomania as tentativas de fazer de si mesmo um corpo estranho, graças a uma operação autoerótica, também podem significar o autoengendramento de um corpo que desejaria recompor suas próprias bordas. O próprio sentido transgressor nas toxicomanias revela a necessidade do sujeito em relevar um desejo próprio, resistindo à subjugação do ‘bem’ de tipo materno. “Tornar-se o bem do outro, no sentido amplo do termo, pode ser entendido de fato como uma ameaça de desaparecimento que a toxicomania poderia tentar reduzir através de uma suplência

narcísica” (p.544). As recaídas são compreendidas, portanto, como uma resposta ao apelo de satisfazer o Outro.

Ora, trata-se de um desejo desmedido do sujeito e de meios de interdição em confronto que, se o foco for o barramento do consumo exercido pelo sujeito (o que é feito incansavelmente pelas leis elaboradas, campanhas publicitárias, programas nos âmbitos da educação, saúde e composição de programas sociais), torna-se fundamental entender o que poderia ser eficaz para evitar a ultrapassagem deste desejo, ou seja, os meios suficientemente eficazes para surtir efeitos na busca hipnótica pela droga.

As toxicomanias inventam uma maneira de fazer de si mesmo um corpo estranho graças a um tóxico incorporado, m corpo estranho, todos os dias, para exercer a curiosa tentativa de ser mesmo um corpo estranho. O sujeito se torna ininterruptamente o que incorpora, para que alcance a ilusão de se fechar sobre as próprias bordas e sobreviver a uma abertura mortal. Contudo, essa operação fracassa na maioria das vezes, desde que faz retornar a alienação que o sujeito queria superar, já que investir sempre na superfície corporal na tentativa de circunscrever o gozo, o corpo atualiza o enlace impossível com o eu, colocando em ação uma nova coincidência entre o corpo e o que tenta significá-lo (Le Poulichet, 2005).

Se a Psicanálise pensa em retirar a noção tóxica da droga, a forma de intervenção com o sujeito também se modifica. As demandas são singulares e abre-se um novo lugar ao sujeito, fazendo-se necessária uma relação analítica onde se decompõe o estereótipo da substância, permitindo dúvidas, questões e novos dizeres. Se a proposta for a de curá-lo da droga, a tendência é que o sujeito recue e até desafie esta nova sedução de amor materno, o que pode se repetir, diversas vezes, levando-o a transgressão e ao seu desaparecimento como objeto do outro. O espaço de fala precisa estar aberto ao sujeito, em abstinência ou não, sem que os cuidados se voltem para rivalizar a droga ou para alguém que assuma o outro materno. Desta forma, não existe uma Psicanálise para as toxicomanias; existe, sim, uma prática que leva em

consideração uma posição subjetiva que deve ser compreendida por si mesma e não em função do consumo de qualquer substância (Le Poulichet, 2005).

Qual a queixa do sujeito? Qual a **sua** queixa? Não, não é a queixa de ser toxicômano que interessa a Psicanálise. A fonte enigmática do sofrimento dele, isso sim, é o que importa. Desta maneira, abre-se outra perspectiva, onde a imediata visão do corpo intoxicado e modificado anulava sempre a questão principal. Em que tempo a elaboração fantasística se cristalizou para dar lugar ao fechamento narcísico, que provavelmente veio antes do consumo da droga? As questões fundamentais, na criança, no adulto, não podem ficar em suspenso. Há um enigma do desejo do Outro que deve ser acordado e posto em jogo no tratamento, se o sujeito se acomodou a perda do objeto. É preciso retomar indagações, posicionamentos, lá, onde o inconsciente se expressa, para que o local aparentemente preenchido, que sempre evocava uma resposta no corpo, seja posto em movimento. Não se tenta, portanto, curar uma toxicomania, mas, ao invés disso, fazer surgir formações que traduzam as questões fundamentais do sujeito (Le Poulichet, 2005).

Em sua queixa, o sujeito trás sintomas, que são o retrato do despertar de questões sobre uma montagem narcísica dele. O sintoma promove um afastamento entre o sujeito e o gozo, dando espaço para surgir o enigma e um terceiro saber. O sintoma tem ligação com o desejo do Outro e é fazendo suscitar esse lugar que “no tratamento como o lugar de onde seu sofrimento vai receber um sentido” (Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, 1996, p. 546).

A substância funciona, então, como substituta. Os atos de fala é que permitem que se pare e mergulhe dessa vez o corpo numa questão sem resposta. De acordo com Le Poulichet (2005), podemos imaginar um corpo que caiu há anos no abismo temporal de uma formação hipnótica, ocupada pelo lugar do tóxico, de propriedade de uma forte relação narcísica. Tudo é atribuído a uma Outra pessoa, cujo desejo não é interpretado, mas afastado dentro de uma lógica imperativa. A prática com toxicômanos desencadeia atos, uma resposta do corpo, que

se esforça em repetir o costumeiro, até que encontre, no tratamento, um local para elaboração da fantasia.

Para o autor, a toxicomania é a manifestação da pulsão que, por meio da droga, é contornada ou enlaçada. Desde que cada sujeito lida de forma diferente com a pulsão, o que faz alguns adictos compulsivos e outros não, onde uns ficam sobre o comando da exigência pulsional sem medida e outros conseguem diminuir a tendência ao gozo, fechado em si mesmo, que a pulsão se engaja a partir daquilo que não foi assimilado do corpo. É possível dizer, então, que

Quando já não se ouve o corpo na palavra e no sonho, o tóxico pode surgir em sua dimensão de “prótese psíquica” [...] a figura do tóxico tem sido neutralizada pela do sonho, contudo se manifesta um retorno do tóxico quando o modelo do sonho já não cumpre sua função. Pode-se pensar que o tóxico consuma um tratamento da ‘máquina’ quando o corpo não se encontra perdido (tradução livre, Le Poulichet, 2005, p. 96).

Neves e Miasso (2010), levando em consideração a complexidade de fatores ligados ao uso e abuso de drogas ilícitas, julgam importante compreender as diversas relações singulares que o sujeito estabelece com as substâncias ao longo da vida, trazendo uma reflexão sobre a importância da busca de significados no discurso do sujeito para o uso de drogas. Santos e Costa-Rosa (2007), demonstraram em estudo que o período de abstinência, ou tempo em que se suspende o consumo, não é considerado pelos usuários como um rompimento com a droga.

Para Melman (1992), a toxicomania, ou o uso repetitivo de substâncias psicoativas, é um sintoma social desde que ela é inscrita num discurso dominante da sociedade, bem como o alcoolismo e a delinquência. Para Vocaro (2004), o sintoma social vem da possibilidade que a droga oferece, de ultrapassar o gozo fálico, a vida que se submete às leis da linguagem, diante da possibilidade do gozo sem medida, fora da lei, sem borda. Assim, questiona se o gozo do toxicômano seria ilimitado ou, como propõe Melman (*op.cit.*), a toxicomania estaria inscrita no discurso social.

Lacan, no Seminário *Mais, ainda* (1982), afirma que o sujeito é efeito da linguagem e este fato o condena a buscar outras variantes de gozo, desde que nada sabe o sujeito do gozo absoluto. Ao retornar a posição quando apelava ao Outro, concebido como onipotente, o sujeito retorna a um gozo que havia perdido, ao recuperar um objeto perdido, de posse desse outro. No nó borromeu<sup>34</sup>, onde o autor situa o Real, o Simbólico e o Imaginário como amarrados, enodados, mas distintos, o foco do Outro está onde o real incide sobre o imaginário. Diz respeito a uma impossibilidade real, desde que o gozo pertence ao Outro, aquele que pode ou não me ofertá-lo, e o obstáculo ao gozo permanece não rompido no gozo fálico. O autor diz:

Não é isso – aí está o grito por onde se distingue o gozo obtido do gozo esperado. É onde se especifica o que se pode dizer na linguagem. A negação tem toda uma aparência de vir daí. Nada mais, porém. A estrutura, para se engatar nisso, não demonstra nada, senão que ela é do mesmo texto do gozo, na medida em que, ao se marcar de que distância ele falta, aquele de que se trataria se fosse isso, ele não somente supõe que seria isso, ele suportaria supor, com isso, um Outro (Lacan, 1982, p. 152).

Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (citado em Machado & Derensky, 2013) dizem que “os usos de substâncias tóxicas são os mais diversos possíveis. Mas quando o gozo da experiência com a droga torna-se prioritário entre os modos de satisfação pulsional, pode-se deparar com uma ruptura dos laços sociais, configurando o curto-circuito que implica prescindir do Outro sem se servir dele” (p. 203).

A dependência química compromete as relações sociais do sujeito com sua família, amigo, ambiente de trabalho e altera seu comportamento (Campos, 2004). Schenker e Minayo (2004), usuários abusivos de drogas tem dificuldades em manter uma família ou formarem uma por causa da maneira que orienta suas relações e afetos, substituindo muitas vezes o relacionamento com pessoas pelo relacionamento com a substância. Conte (2002), diz que o uso intenso de drogas faz emergir novas marcas no corpo do sujeito, como escaras, cicatrizes e abscessos, apagando antigas marcas e inscrições significantes, levando o sujeito a não

---

<sup>34</sup>Conceito já explicitado no capítulo sobre o Nó Borromeu: o Real, o Simbólico e o Imaginário.

reconhecer a si mesmo e nem o próprio corpo, distanciando-se de sua identidade e desfazendo relações afetivas consigo mesmo e com o outro, como familiares, colegas de trabalho e outros círculos familiares.

Almeida (2010) aborda a especificidade da relação do toxicômano com a droga, apontando para a generalidade e a pluralidade de enodamentos do sujeito ao Outro. Para a autora, a realidade psíquica diz respeito a uma temporalidade característica de cada sujeito, fugindo das generalizações e interessando-se pelo toxicômano em sua singularidade. Toma, então, conceitos essenciais da psicanálise para pensar esta singularidade: o Outro, o gozo e o objeto.

Quando se remete ao Outro, Almeida (*op.cit.*) se apóia na ideia de Outro como lei, definido pela ordem constituída por nossa enunciação, que põe o sujeito alienado à linguagem. Desta maneira, a função do Nome-do-Pai escalona o Outro como local de trocas de significantes. O significante da castração, o rompimento com o falo, típico na toxicomania, revela uma ordem onde o Nome-do-Pai não aparece mais como legitimador, o que vai além da ruptura do desejo. Nos movimentos de alienação e separação<sup>35</sup>, típicos na constituição do sujeito do inconsciente, o toxicômano constitui um modo diferente de alienação, pois a entrada da droga releva uma falha na constituição do Outro; ora, o toxicômano se faz um com a droga, evitando a relação sexual e a castração. “Diante da pergunta *O que sou?* Ao Outro, a resposta do toxicômano é a droga” (p. 18).

Neste ponto, a autora vai mais além: quando, na prática clínica, o sujeito chega ao atendimento enunciando “eu sou toxicômano” ele tem, ali, um lugar de assujeitamento, assegurado pelo Outro, que o convida a gozar cada vez mais. O Outro, então, o faz de objeto para gozar e, assim, o sujeito transita entre a vida e a morte. De acordo com Manonni (1995), quando a morte e a doença se impõem, pode se colocar a ausência de representação, como o

---

<sup>35</sup>Os conceitos de alienação e separação já estão explicitados no capítulo sobre o Nome-do-Pai.

inominável. Frente à situação de morte eminente, é possível ver sujeitos mortos subjetivamente antes mesmo de seus corpos morrerem. O sujeito apagado, desaparecido.

Almeida (2010) diz que a droga funciona como uma suplência da função do Nome-do-Pai, refletindo na substituição do pai pela substância, onde a metáfora paterna fracassa na produção do gozo fálico. O sujeito afirma-se no Outro que não existe, carente de sentido, desde a problemática operação da castração.

Ao remeter-se ao gozo, Almeida (2010, p.17) questiona como, então, engendrar o entrelaçamento no significante com o gozo na clínica das toxicomanias? É preciso pensar na articulação do gozo com o significante, diante do desamparo de todo ser humano, do fracasso, a instauração de uma determinada resposta, a solicitação de reconhecimento na direção do Outro. Para a autora, “o gozo que nos é acessível está submetido pelo significante fálico, significante que representa a ausência da relação sexual que faz limite ao gozo, barrando-o. O que se obtém nessa operação é a instituição de outra lógica, a do gozo sexual, que é regido pelo predicado fálico”. O consumo da droga, estaria, então, no campo do gozo, no excesso, uma parceria essencial e exclusiva do sujeito, chamando a verificação da função de mais-de-gozar, ligada a captura do objeto de satisfação pulsional.

Vocaró (2004) supõe que para gozar no Real do Outro, faz-se necessário, paradoxalmente, delinear o Outro, restringindo-o à posição de objeto, a própria droga. No gozo pleno, o sujeito abre mão dos gozos possíveis a partir do campo da linguagem, colocando no lugar um gozo anterior à entrada da lei, antes ainda de qualquer separação entre objeto e sujeito.

Almeida (2010) diz que droga figura-se como objeto narcísico, que exerce fascínio sobre o sujeito na sua condição imaginária, que surge para encerrar uma aprisionante relação de amor, mortífera. Para Lorencini (1998), por dificuldades em se autorregular, quanto mais o sujeito recorre ao uso de drogas, maior é a interiorização de que elas são indispensáveis para a sua vida. Assim, o sujeito se aproxima das drogas na procura de um prazer automático, imediato,

que se diferencia dos outros prazeres. Esta experiência substitui os outros possíveis prazeres, os outros possíveis objetos, pois a droga parece, ao sujeito, substituir todos os demais à altura, o que põe o adicto centralizado em sua relação com a droga e, diminuindo, assim, os interesses por outras coisas. Como já mencionada, a relação do sujeito com a droga tem por base a repetição, operando a substância para a economia psíquica do sujeito.

Para Melman (1992), a felicidade do sujeito toxicômano é ter a satisfação ao alcance das mãos: a droga. O gozo é imperativo sobre a vida do sujeito, que é um efeito da globalização e do consumo como possibilidade do sujeito aparecer, ser reconhecido, incluído socialmente. Contudo, na medida que consome drogas o sujeito vai alterando seu grau de felicidade ou infelicidade, bem como seu status na inclusão ou exclusão social, visualizado como sujeito fracassado ou de sucesso.

Avancemos, pois, para a relação da toxicomania com a ideia do significante do Nome-do-Pai.

### **2.5.2 Considerações Importantes sobre o Nome-do-Pai para uma reflexão das toxicomanias**

Neste ponto, faz-se necessário abordar, assim como autores já apontados anteriormente, a importância do Nome-do-Pai para reflexões no que tange a adição, a transgressão e outros aspectos da constituição subjetiva do sujeito usuário de crack.

Para Freud (1924/2006), o pai barra o desejo e instaura a lei simbolicamente ao promover a interdição e ao mesmo tempo a castração da mãe; porém, este pai só ocupa o lugar de terceiro na relação mãe-filho se esta permitir. É isso que fundamenta a experiência do Édipo e a proibição do incesto, fazendo com que a criança se dê conta de que o amor materno é limitado e que esta figura não pode lhe satisfazer plenamente e esta é uma experiência essencial para a criança. Ao lidar com a lei e com este limite à sua onipotência, são lançados

os fundamentos primordiais para a constituição subjetiva do sujeito que é limitar o gozo. Ao se submeter a esta lei primeira, o sujeito poderá submeter-se a leis futuras a ele imputadas, sendo o pai um operador que vai ordenar uma função, que é a função paterna.

Para Lacan (1957-1958/1999), ao reler Freud, destaca que o pai enquanto genitor, em sua noção biológica não é necessariamente aquele que contribui para a fundação do sujeito. O papel do pai, no sentido mais amplo do texto, pode ser desempenhado por qualquer um que opere o limite, a lei, inclusive no sentido social: A metáfora do Nome-do-Pai. Assim, o pai não se trata de uma pessoa, mas de um significante que lança o sujeito para a dimensão da Lei.

No dicionário de Chemama e Vandermersch (2007), afirma-se que o Nome-do-Pai é o produto da metáfora paterna que, designando primeiramente o que a religião nos ensinou a evocar (‘em nome do Pai, do filho e do espírito santo), atribui a função paterna ao efeito simbólico de um puro significante e que, em um segundo momento, designa aquilo que rege toda dinâmica subjetiva, ao inscrever o desejo no registro da dívida simbólica. O Nome-do-Pai consiste, principalmente, na regulação do sujeito com o seu desejo, em relação ao jogo dos significantes que o animam e que constituem sua lei.

Dor (1989) comenta que a função paterna tem caráter operatório, desde que a referência ao falo não diz respeito à castração do pênis, em si, mas refere-se ao pai, a uma função que media a relação da mãe com a criança e da criança com sua mãe.

Lacan (1957-1958/1999) formaliza a metáfora paterna a partir de um jogo de substituição na cadeia de significantes e organiza dois tempos que podem, igualmente, traçar o trajeto de um tratamento em seu conjunto. O primeiro tempo realiza a eliminação do desejo da mãe, substituindo-o pela função do pai, naquilo que ela, conduz através do apelo a seu nome, à identificação com o pai e à extração do sujeito para fora do campo do desejo da mãe. Este primeiro tempo é decisivo, regulando com todas as dificuldades pertinentes a uma história particular, o surgimento da dialética edipiana. Ele condiciona o que se convencionou

chamar de normalidade fálica, ou seja, a estrutura neurótica que resulta da inscrição de um sujeito, por meio do recalque originário. Já no segundo tempo, o Nome-do-Pai enquanto significante duplica o lugar o Outro inconsciente. Ele teatraliza a relação com o significante fálico, originariamente recalcado e institui a fala, sobre os efeitos do recalçamento e da castração simbólica, condição sem a qual um sujeito não conseguiria assumir seu desejo na ordem do seu sexo.

Lebrun (2008), em seu livro *A perversão comum: viver junto sem o outro*, afirma a importância dos limites e das proibições para que se prescreva a proibição do gozo para que a criança possa crescer. No exercício da paternidade e da maternidade, o autor usa o termo parentalidade para falar do momento atual que a sociedade vive, onde a criança não consegue distinguir quem exerce a função de mãe ou de pai, desde que não se diz ‘não’ aos filhos. Apesar do ato de dizer ‘não’ ser perpassado, de geração em geração, como importante na criação dos filhos, hoje é quase extinto aquele que ocupa lugar de poder, mestre, chefe, como se não houvesse mais necessidade deste lugar existir. Hoje, vive-se a ilusão da perda na necessidade do limite para o gozo, não se pode frustrar nem infligir perdas, pois elas não seriam mais necessárias. Consequências sociais drásticas são inevitáveis e já podem ser observadas no mundo contemporâneo, segundo o autor.

Na medida em que a regulação faz-se desnecessária e não haveria mais necessidade de existir a proibição, não se é mais subtraído do gozo e consequência é a predominância da imaturidade afetiva e sexual, então, não se cresce. O pai, a lei, a ordem, não tem legitimidade, pois se questiona, frequentemente, o motivo de proibir, o porquê do dizer não. Desta maneira, a família, a escola, o professor, a lei, perdem a legitimidade; todos se sentem incompetentes de intervir. O discurso que defende o gozo a qualquer preço para evitar conflitos toma lugar em nossa sociedade e é em torno dele que ela se organiza. Na infância e na adolescência, faz-se necessária a figura de alguém para organizar as pulsões do sujeito, na possibilidade de realização de todos os seus desejos, que é uma proposta mortífera. É preciso ensinar aos filhos

como que se vivencia a frustração, a perda, o erro; é preciso ensinar o sujeito a aceitar as próprias falhas e se responsabilizar por elas.

No caso da toxicomania, como o foco desta tese, observa-se também uma compulsão ao gozo que precisaria de regulação.

Em seu seminário *A relação de objeto*, Lacan (1956-1957/1995, p. 68-69) refere:

[...] Até então, a mãe existia na estruturação como agente, distinta do objeto real, que é o objeto de satisfação da criança. Quando ela não responde mais, quando, de certa forma, só responde a seu critério, ela sai da estruturação, e torna-se real, isto é, torna-se uma potência (...) A partir do momento em que a mãe é a potência, e como tal real, e que é dela que manifestamente depende, para a criança o acesso aos objetos, o que acontece, esses objetos que eram até então, pura e simplesmente, objeto de satisfação, tornam-se por parte dessa potência, objetos de dom.

Os objetos têm, então, a marca da potência e já não são tanto para satisfação. Assim o objeto se torna simbólico e a mãe real. A potência materna se transforma em duplo objeto para satisfação, já que é favorável a simbolização e também satisfaz uma necessidade. Ainda nesta obra Lacan diz que o falo, que é um objeto imaginário, ganha toda importância. É possível articular esta importância dada ao objeto com o que ocorre no drogadito. Será a droga representante do falo para ele?

O falo está no desejo do Outro como objeto privilegiado, desde que no imaginário da criança exista o desejo do falo da mãe, mas ela mesma descobre, dentre tudo o que falta para a onipotência materna, que a ela também falta o falo. Essa vivência da falta percebida na mãe afetando sua potência é crucial para a formação da criança, já que o falo passa a ocupar lugar de supremacia; a partir daí, existem dois tipos de sujeito no mundo para a criança: os que possuem falo e os que não possuem, sendo em torno da ausência do falo da mãe que se desenrola o Complexo de Édipo. O infante não abre mão facilmente da mãe como possuidora do falo, confrontado com o real a diferença entre os sexos, precisando renunciar o fato de se tornar o único objeto de desejo da mãe. A noção de falo implica também a percepção de ser

ou não castrado e é isso que confere angústia diante da ameaça de castração vivida pela criança.

É observável em qualquer usuário de crack uma profunda angústia diante da falta da droga. Será possível articular esta angústia com a impossibilidade de lidar com a falta e a castração?

Nesta mesma obra, Lacan situa como centro da vivência do Édipo a posição que o sujeito assume em função da relação com o pai. Ele precisa fazer um esforço na comparação entre o falo (objeto absoluto) e a prova do real ao qual submete ao falo. O pai funciona articulado aos três registros que compõem o psiquismo do ser humano: O real, o simbólico e o imaginário isso ligado à castração, à privação e à frustração. O sujeito humano depende então do simbólico em sua experiência que o põe em confronto com a castração, implicando na renúncia ao falo que é um objeto imaginário. O pai real é uma presença constrangedora para a criança porque dependendo do lugar que a mãe confere a esse pai ele pode ou não adquirir consistência diante do desejo da mãe. Já o Pai imaginário é percebido pela criança como intruso cheio de poder capaz de frustrar, interditar e privar, sinalizando para a criança que ela não é um único objeto de desejo da mãe a ser satisfeito, impedindo-a de possuir a mãe só para si (Lacan, 1956-1957/1995).

O aspecto central, então, é confrontar a criança com a falta imaginária do objeto, assumindo o pai a posição de frustrador que coloca para o sujeito a problemática a ser aceita, simbolizada e registrada. Ser ou não o falo no plano imaginário? Por não saber se é ou não o falo da mãe, a criança escorrega para uma concessão fálica paterna. Ao mesmo tempo em que o pai vai sendo investido, assume também um caráter simbólico. A rivalidade fálica entre os dois faz com que a criança descubra que a mãe precisa do desejo do pai e que o seu desejo se choca com a lei do desejo do outro. Assim, o desejo da mãe está submetido à instância paterna e a criança também reconhece a Lei do Pai que pode, presumidamente, realizar seu desejo. A criança muda de posição: deixa de ser o falo da mãe para ter o falo desejado por ela, fazendo

com que a premência paterna alcance o lugar de pai simbólico e outro significante se associe ao significante do falo – a metáfora paterna ou o Nome do Pai.

Lacan (1957-1958/1999) diz que a função do pai simbólico só será estruturante se este pai for presentificado e a mãe o funde como mediador do que vai além da sua própria lei. Segundo o autor, “de que se trata na metáfora paterna? Há, propriamente, no que foi constituída de uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante no lugar da mãe” (p. 186). O pai, definido como metáfora, designa uma operação que coloca uma coisa em nome de outra, a substituição do que é significante na origem – a mãe – em benefício de outro – o Nome-do-Pai.

Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (citado em Machado & Derensky, 2013, p. 204) chamam de “À procura de um Outro Consistente” a busca de toxicômanos pela figura divina, pelo aumento da oferta de tratamento das adições pelas religiões instituídas. A promessa de salvação em nome de Deus, fala no resgate aos desgarrados, dentre eles, os toxicômanos. São retirados do gozo para à Palavra de Deus, onde aceitam que o Outro existe de forma consistente e pode salvá-los da demoníaca pulsão. As chamadas recaídas, mesmo no meio religioso, mostram que este discurso também está fadado ao fracasso, já que o Real é sem lei e se manifesta à revelia das tentativas de domesticação simbólica da pulsão. Quando o real irrompe, vem o sentimento de culpa, a ruptura do laço social e a queda em posição de objeto. Livrar-se das drogas pela palavra divina é crer no Outro sem falha, que mantenha o Outro absoluto ou se encontrar novamente com o furo do Outro, rompendo o laço e insistindo em seu gozo ilimitado, narcísico e mortífero.

Costa (2015), ao falar do adolescente diante do ato infracional, aponta que, quando em contato com o significante da fala do Outro, o mesmo é convocado e se posiciona frente à castração e ao Outro. Desta forma, a revalidação do Nome-do-Pai estaria relacionada com a posição do adolescente diante da Lei, o que só aconteceria na condição do encontro com um

Outro que se mantenha como lugar de endereçamento, de transmissão da lei e alteridade radical, refletindo a autora sobre intervenções possíveis em casos como estes.

Para Porge (2006) “os nomes do pai são um dos princípios maiores de ligação do real, simbólico e do imaginário, a ponto de se poder sustentar que a tríade RSI provém da distinção entre pai imaginário, simbólico e real. (...) o Nome-do-Pai contribuiu para fazer dessas três dimensões um ternário, que Lacan estabeleceu, de início separadamente, como fundamentais” (p. 133).

O que Lacan (1957-1958,1999) chama de três tempos do Complexo de Édipo consiste, em um primeiro momento, que a criança busca realizar o desejo da mãe, identificando-se com aquilo que é objeto de desejo dela: identificação com o falo materno; um segundo momento, no plano imaginário, em que o pai priva a mãe e a criança se desconecta de sua identificação fálica e se liga pela primeira vez à Lei, embora ainda a uma lei imaginária; e um terceiro tempo, em que o pai intervém como possuidor do falo e aquele que pode dar à mãe o que ela almeja, levando a criança a recalcar o desejo pela mãe, renunciando à mesma como objeto de desejo e fazendo emergir o significante do Nome do Pai. O pai, então, surge como representação simbólica da Lei, abrindo ao sujeito o caminho ao simbólico, o que lhe permitirá nomear seu desejo, tornando-se um sujeito desejante. Mas, isso só acontece com a confrontação com a castração e cada sujeito vai lidar com essa confrontação de maneira particular, de acordo com suas experiências edípicas. Com a prevalência da ordem simbólica, o sujeito, então, se torna capaz de lidar com as impossibilidades, normas, faltas e limites.

Em *As Formações do Inconsciente*, Lacan (1957-1958, 1999) desmembra a operação da metáfora paterna em três períodos: primeiro, quando a metáfora paterna age de maneira encoberta, quando a criança ainda está ligada fortemente a sua mãe, buscando ser o objeto do seu desejo; segundo, quando o pai priva a mãe do falo no plano imaginário e a criança entende que ela está sujeita a uma lei; e, terceiro, quando o pai real intervém e prova sua posse do falo, que pode ofertar a mãe ou privá-la dele, período este onde o filho pode se

identificar com o pai e a filha pode integrá-lo como seu desejo. O Nome-do-Pai está ligado, então, ao desejo e a lei, formando uma ordem ternária.

No Seminário 11, intitulado Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964/1979), Lacan especifica a alienação e a separação como duas das principais operações para a fundação do sujeito. Na alienação o sujeito está fadado a não se ver surgir a não ser no campo do desejo do Outro, também está condenado a surgir apenas em uma divisão que faz com que ele apareça de um lado com um sentido produzido pelo significante, mas de outro lado, aparece pelo medo mórbido do desaparecimento de seu desejo. Já na separação, a criança encontra uma falta no Outro mesmo que esta operação conclua uma circularidade da relação do sujeito com o Outro, não uma circularidade perfeita, mas aquela cuja torção se dá a partir dos furos do seu discurso. O Dicionário de Psicanálise (2004), assim, conclui: “a alienação é a vacilação do ser ao sentido, a separação o que o detém, ao lembrar ao sujeito a qual significante primordial ele está assujeitado” (v. 2, p. 15).

Porge (2006) afirma que um dos ensinamentos da evolução da função paterna nos escritos de Lacan é o seguinte: “(...) o Nome-do-Pai favoreceu a formação desse ternário – *Real, Simbólico e Imaginário* - não manteve com ele relações pacíficas (...)” (p. 133, grifos meus).

O que acontece em torno da metáfora paterna, de acordo com o supracitado autor é que num primeiro momento, Lacan (1998) propõe que o pai simbólico tem ao lado o pai imaginário que é mortífero, pois está ligado a uma imagem primitiva do sujeito em atitude passiva, angustiada, sujeita ao despedaçamento. Ao buscar o pai simbólico, surge o medo da castração, o que resume a proposição de Lacan de que existem trocas entre os pais real, simbólico e imaginário. Porge (2006) considera: “Onde falha o pai real, há apelo ao pai simbólico, e onde falha a função do pai simbólico – de garantir a castração – surge o pai imaginário” (p.134).

Lacan (1953, 2008), referenciando ao texto freudiano sobre O Homem dos Ratos, considera que o Nome-do-Pai surge novamente entre as ideias de pai real, simbólico e imaginário. Neste caso clínico, Lacan propõe que entre os neuróticos, o pai é separado em pai imaginário e pai simbólico.

Porge (2006) diz que as três dimensões de pai (Pai simbólico, pai imaginário e pai real) significam o cruzamento da dinâmica do Nome-do-Pai com o ternário RSI, o que diz respeito aos tipos de pai que tem a função de operação da privação (pai imaginário, que está incluso nas relações imaginárias, sendo ameaçador), da castração (pai real, ligado ao registro do impossível, que foge ao simbólico, mesmo que seja pela mediação do pai real que o pai simbólico, mítico, possa intervir) e aquele não agente de operações, o pai simbólico. “(...) o pai imaginário sucede, no declínio do Édipo, ao pai real, o agente da castração” (p. 139). O pai simbólico seria, portanto, o impensável, pois não está em lugar nenhum e não intervém. A palavra pai é elevada ao status de símbolo, significante, mas não só isso: faz-se necessário utilizar o termo Nome-do-Pai para dar conta da função simbólica do pai caracterizada, mas não reduzida, a oposição entre presença/ausência. “Para que o simbólico seja plenamente realizado é necessária a metáfora do Nome-do-Pai, a qual (...) não é idêntica ao pai simbólico” (p. 140).

Para o autor, quando Lacan diz que o pai é uma metáfora, ele quer dizer que a metáfora paterna faz do pai um significante e por intermédio da substituição de significantes o pai é uma metáfora criadora de sentidos para o sujeito, como ocorre nas metáforas, o que se chama do surgimento de significações. A operação do significante Nome-do-Pai, a metáfora paterna, faz com que não haja necessidade de ser o pai biológico ou possuir um pênis para ser assim simbolizado pelo sujeito; pai, na metáfora, é simplesmente reconhecido como tal.

Dessa maneira, Lacan insere dois eixos com relação à função paterna: I) aquele que elevado ao pé da letra e o outro, que é repartido entre pai simbólico, imaginário e real. Na Conferência de 08 de julho e 1953, Lacan, então, pronuncia o R, S, I participando da

constituição do sujeito pelo viés do pai imaginário, simbólico e real, diminuindo, assim, a ênfase no Nome-do-Pai. No momento em que instaura a ideia do RSI (Real, Simbólico e Imaginário) como instâncias unificadas através do nó borromeu (Lacan, 2005), o estatuto do Nome-do-Pai é relembado, mas não é debatido neste momento. Apenas no Livro III, intitulado *As Psicoses* (Lacan, 1955-1956/1992), retoma com toda força a ideia do Nome-do-Pai, na discussão do caso Schereber. O pai vai além da figura de procriador, genitor, mas é uma função que se sujeita na maneira como o sujeito apropria-se do significante na linguagem e o ser pai também introduz o sujeito na ordenação da linhagem através da nomeação e da filiação. A forclusão do Nome-do-Pai ou a sua abolição simbólica é o que caracterizam as psicoses.

Retomando, então, *As Psicoses* (Lacan, 1955-1956/1992), torna-se importante considerar tal obra e suas considerações no bojo do presente trabalho, desde que o Nome-do-Pai aparece como tão importante na constituição do sujeito, bem como sua relação com a figura materna aparecem como temas centrais nos debates em psicanálise sobre toxicomania.

Sobre as psicoses, tópico significativo quando se decide falar sobre o Nome-do-Pai, falamos no tópico a seguir.

### **2.5.3 Reflexões sobre as Psicoses: para pensar a relação mãe e filho no caso Sísifo**

Lacan (1955-1956/1992), ao tratar das psicoses, aborda assuntos já mencionados no presente trabalho, como a metáfora paterna, dentre outros aspectos, discutidos a seguir.

Sobre as psicoses, é importante situar que, para o autor, sua defesa típica é a *forclusão*. Freud (1894/1990) utiliza o termo recusa para o mecanismo que o psicótico utiliza quando o eu rejeita uma insuportável representação, junto com o seu afeto e age como se a ideia nunca tivesse acontecido. Em *História de uma Neurose Infantil*, Freud (1918-1914, 2010), ao falar

do Homem dos Lobos<sup>36</sup>, põe o pai como o agente da castração, um personagem terrível, que ameaça uma castração real. A distinção entre neurose e psicose começava, então, a se delinear a partir deste conceito de castração.

Lacan avança no sentido de apontar a questão da relação do sujeito com o significante do Nome-do-Pai. No volume 1 do Dicionário de Psicanálise (1997), é debatido aquilo que é o puro significante do Nome-do-Pai e não aquilo que está ligada a noção de procriação. A forclusão do Nome-do-Pai pode ser definida como a sua abolição simbólica e expulsão do registro psíquico do sujeito. Foracluído do Simbólico retorna no Real. Em Uma Questão Preliminar, Lacan (1957-1958, 1998) assume o termo, tratando da forclusão do significante. Com a teoria do significante, o autor responde à questão das psicoses de uma nova maneira colocando, no centro, a questão da relação do sujeito com o significante.

Lacan (1957-1958, 1998), para além da fragilidade psíquica do sujeito psicótico, permanece na busca de entender os fenômenos que acarretam o sujeito. O autor aborda a paranoia a partir da explicação freudiana do surgimento do narcísico e da formação do ego, o que para ele corresponde ao estágio do espelho. Em Freud, um retorno ao autoerotismo; em Lacan, o corpo despedaçado do espelho. O esquizofrênico adoece por dificuldades vividas no estágio do espelho, tendo como consequência a vivência do despedaçamento do corpo.

Lembrando os sujeitos usuários de crack, de ‘nóias’ ou “noiados”, são chamados os usuários de crack no Brasil, identificados quando andando pelas ruas, rapidamente, magro, com lábios e dedos queimados causados pela forma de consumo da substância, além de falta e podridão de dentes. Se fizermos alusão deste nome à paranóia, que implica em delírios de perseguição, talvez, comportamento típico daqueles que buscam incessantemente mais e mais

---

<sup>36</sup>Nobre russo Serge Pankejeff, conhecido como o homem dos lobos, um dos casos freudianos mais famosos, ele procurou Freud em 1910 e sua análise durou mais de quatro anos. Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO – Cursos Online: Mais de 1000 cursos online com certificado <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/12451/o-homem-dos-lobos#ixzz3xPpmpsCX>.

drogas, dos que podem ser ameaçados de morte por conta de possíveis dívidas de droga e/ou envolvimento com o tráfico.

Desta maneira, uma segunda questão preliminar (Lacan, 1957-1958, 1998) da especificidade da estrutura psicótica, que são perturbações no sentimento de realidade e nas relações com o outro. Retornando ao Édipo e colocando-o no centro da compreensão da psicanálise sobre as psicoses, Lacan separa, estruturalmente, as neuroses das psicoses, avançando para a ideia de que, ao psicótico, falta um significante primordial: O Nome-do-Pai, expulso pela forclusão.

Como já dito, o Nome-do-Pai é o significante da lei no Outro. O psicótico, não tem acesso a função paterna, já que nele este significante está impossibilitado de advir no Simbólico. Lacan (1955-1956, 1985), ao abordar as psicoses, afirma que no contexto da clínica se introduzem os registros do simbólico, do real e do imaginário. O simbólico, alicerçado na linguagem, permitindo que o sujeito, por intermédio de significações e signos, faça uso da capacidade de simbolização; o imaginário, onde tem lugar a ilusão e o engano; o real, impossível de ser representado. Nas psicoses, a ideia de real está ligada com o que foi rejeitado e, desta forma, posto para fora do registro do simbólico. É na relação do sujeito com a realidade que se põe a distinção entre neuroses e psicoses. Nas neuroses, a realidade psíquica continua a existir através de uma significação particular dada pela ordem simbólica, havendo uma fuga parcial da realidade, desde que ela não é claramente articulada com o mundo exterior. Já nas psicoses, “a própria realidade que é em primeiro lugar provida de um buraco, que o mundo fantástico virá em seguida cumular” (p. 57).

Nas psicoses, o sujeito foraclui a ordem simbólica, a ameaça da castração. A alucinação no psicótico acontece ao ressurgir, no real, o que foi abolido no sujeito por não poder ser simbolizado. Lacan (1955-1956/1985) No exemplo de Schreber<sup>37</sup>, já lido por Freud

---

<sup>37</sup>Em 1911, Freud leu o livro escrito por Daniel Paul Schreber, autobiográfico, chamado “Memórias de um doente dos nervos”, onde o mesmo relata aspectos de sua patologia, analisada também posteriormente por Lacan, no campo das Psicoses.

anteriormente, a significação do Nome-do-Pai é o que dá ordem aos significantes e estabiliza o sujeito, que vive pelo efeito do significante. Pela falta de acesso à castração, o psicótico é tomado pelo gozo do grande Outro, a partir das vozes que escuta e nos delírios que constrói na tentativa de recuperar sua relação com a realidade através de uma pseudo metáfora paterna.

Lacan (1955-1956, 1985), neste seminário, Lacan confere importância à linguagem dentro dos fenômenos típicos da psicose, onde a fala do sujeito deve ser pensada na lógica do desejo. Ele diz que “na psicose, é o significante que está em causa, e como o significante nunca é solitário, como ele sempre forma alguma coisa de coerente – é significância mesma do significante – a falta de um significante leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto de significante” (p. 231). A fala tem grande importância, pois é através dela que o sujeito expressa seu sofrimento, mesmo que destoe da realidade, utilizando ideias inacabadas, repetindo de maneira exaustiva algumas ideias ou falando de verdades absolutas. O delírio, expressão do psicótico, deve, então, ser analisado e paciente deve falar livremente, como Schreber, que relatou seus delírios e alucinações em seu livro.

Avancemos, pois, para o discurso materno. Para Oliveira e Carvalho (1994), quando fala de seu filho a mãe carrega suas próprias fantasias sobre ele para o registro do simbólico. Algumas vezes estas fantasias maternas podem dificultar que seu filho nasça como sujeito do desejo. “Na psicose, a díade mãe-filho, fechada enquanto célula narcísica, não permite a entrada da lei e a criança continua com uma ligação de dependência com a mãe, sendo completada e completante” (p. 32).

Mannoni (1992) diz que “na mãe idealizante, é o filho que receberá a carga esmagadora de assemelhar-se ao filho modelo. O filho inteligente, o filho bem comportado, que não fala, que não existe [...] ou seja, o futuro psicótico.” (p. 202). Aulagnier (1990) diz que constituição psicótica sustenta ao máximo possível a premissa imaginária materna, a existência de um forte desejo narcísico sobre o corpo do seu filho.

Mais uma vez, faz-se necessário lembrar o que diz Porge (2006) sobre as figuras maternas e paternas que não precisam ser a mãe ou o pai, mulher ou homem. Trata-se de uma metáfora para surgimento de significações: pai, na metáfora, é simplesmente reconhecido como tal, seja ele como for.

Para Lacan (1985), a psicose está caracterizada pela fixação na imagem do sujeito que atrapalha o seu desenvolvimento subjetivo. Este, atrelado ao desejo do outro, num tipo de loucura vivenciada a dois, o filho e sua mãe, impossibilitando o filho de acessar a lei paterna. O pai, como lei, precisa ter o acesso permitido pela mãe, como já dito no tópico sobre o Nome-do-Pai, ao olhar para ele como representando o seu próprio desejo, fazendo com que a criança desvie o olhar para o pai. Quando o pai não ocupa esse lugar, o olhar alienante mãe-filho/filho-mãe inviabiliza o Nome-do-Pai e a vivência da castração. A mãe do psicótico tenta dar o máximo de si e, neste exercício, o filho fica mínimo e não cresce. Assim, há um regresso ao estádio do espelho, “visto que a psicose se desencadeia num sujeito em condições eletivas ao encontro da falta do significante como tal, e pelo buraco que este abre no significado, segue-se o desenvolvimento separado da relação do significado e do aparelho significante” (Dicionário de Psicanálise, v.1, 1997, p. 85).

De que modo o psicótico se endereça ao Grande Outro? É possível pensar no sentido dos delírios psicóticos. A palavra, ouvida alucinatoriamente, diz respeito a receber a mensagem de maneira invertida, o sujeito recebe a sua própria palavra no outro que é seu reflexo no espelho. Para Lacan (1955-1956/1985):

Eu tenho o tanto disso como todos vocês, o que há de delirante no homem normal. Eu venho do salsicheiro, se me dizem que há alguma coisa para compreender aí, posso certamente articular que há uma referencia a porco. Eu não disse porco, disse suíno. Ele estava bem de acordo, era o que ela queria que eu, outro compreendesse. Era também talvez a que ela queria que a outro compreendesse. Porém, é justamente o que não se deve fazer. Aquilo por que é preciso se interessar e em tal situação, saber porque ela queria justamente que o outro compreenda isso, e por que ela não lhe dizia claramente, mas por alusão. Se compreendo, eu passo, não me detenho nisso, visto que já compreendi. Eis o que manifesta para vocês o que é entrar no jogo do paciente - é colaborar coma sua resistência. A resistência do paciente

é sempre a de vocês, e quando uma resistência é bem-sucedida, é porque vocês estão dentro até o pescoço, porque vocês estão compreendendo. Vocês compreendem, vocês não tem razão. *O que se trata precisamente de compreender é porque há alguma coisa que é dada para ser compreendida. Por que ela disse Eu venho do salsicheiro, e não Porco?* Limitei meu comentário, pois não tinha mais tempo, fazendo-lhes observar que se tratava ali de uma pérola, e lhes mostrei a analogia disso com essa descoberta que consistiu em perceber um dia que certos doentes que se queixam de alucinações auditivas faziam manifestamente movimentos de garganta, de lábios, em outras palavras, eles mesmos as articulavam. Aqui, não é a mesma coisa, é análogo, e é ainda mais interessante porque não é a mesma coisa (p. 60, grifos meus).

O Dicionário de Psicanálise (1997), em seu volume 1, aponta como um dos efeitos da forclusão os distúrbios da linguagem, a partir da perturbação da relação ao significante (neologismos, frases estereotipadas nos delírios e frases interrompidas, com sentido suspenso, onde, nos psicóticos, não acontece nada parecido com o que se chama de metáfora).

Lacan diz que:

Vemos ai claramente a função da frase em si mesma, na medida em que ela não carrega forçosamente consigo sua significação. Penso nesse momento das frases que surgem em sua a-subjetividade como que interrompidas, e que deixam o sentido em suspenso. Uma frase cortada no meio auditivada. O resto está implicado enquanto significação. A interrupção chama uma queda, que pode ser indeterminada sobre uma vasta gama, mas que não pode ser qualquer uma. Há ai uma valorização da cadeia simbólica em sua dimensão de continuidade (Lacan, 1955-1956, 1985, p.118-119).

É importante considerar que é no registro do imaginário que se mantém o equilíbrio frágil do sujeito, desde que a anulação do significante, fazendo-se necessário que ele arque com o encargo, assumindo a compensação de uma série de identificações puramente conformistas. Para Lacan (1955-1956,1985):

A relação imaginária se instaura sozinha, num plano que não tem nada de típico, que é desumanizante, porque não deixa lugar para a relação de exclusão recíproca que permite fundar a imagem do eu na orbita que dá o modelo do outro, mais acabado. A alienação é aqui radical, ela não está ligada a um significado aniquilante, como um certo modo de relação rivalitária com o pai, mas com um aniquilamento do significante. Essa verdadeira despossessão primitiva do significante, será preciso que o sujeito dela se encarregue e assuma a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que e preciso fazer para ser um homem. É assim que a

situação pode se sustentar durante muito tempo, que certos psicóticos vivem compensados, tem aparentemente os comportamentos comuns considerados como normalmente viris, e de uma só vez, misteriosamente, Deus sabe por quê, se descompensam. O que será que torna subitamente insuficientes as muletas imaginárias que permitiam ao sujeito compensar a ausência do significante? Como o significante repõe como tal suas exigências? Como o que é falho intervém e interroga? Antes de tentar resolver esses problemas, gostaria de fazê-los observar como se manifesta a parição da questão posta por uma falta do significante. Ela se manifesta por fenômenos de franja em que o conjunto do significante está posto em jogo. Uma grande perturbação no discurso interior, no sentido fenomenológico do termo, se realiza, e o Outro mascarado que está sempre em nós aparece em um só tempo elucidado, revelando-se em sua função própria. Pois essa função é a única que retém então ao nível do discurso, o qual inteiramente ameaça faltar-lhe, e desaparecer. Tal é o sentido do crepúsculo da realidade que caracteriza a entrada nas psicoses (p. 233-234).

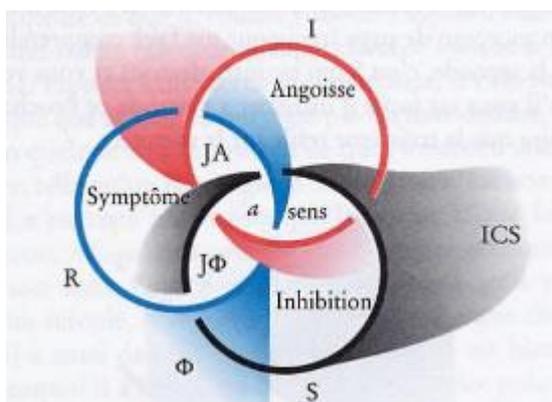
Desta maneira, já que o pai não pode ser o significante, ele pode ser somente uma imagem, à qual o símbolo não pode vir fazer limite. Trata-se de uma relação totalmente desmesurada a um personagem que está na ordem da potência e não na ordem do pacto. O sujeito não consegue reestabelecer de forma alguma seu pacto com o outro, por não conseguir fazer qualquer tipo de mediação simbólica entre o novo e ele mesmo, entra, então, em outra forma de mediação, totalmente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica proliferação imaginária deformada, e totalmente a-simbólica, o sinal central de uma possível mediação. No caso Schreber, ele necessita de Deus, o próprio, para que seu delírio chegue a um lugar de equilíbrio, o que significa um sacrifício para ele, colocar alguém neste lugar (Lacan, 1955-1956, 1985).

Será que a criação de um novo significante é a única perspectiva de resolução da forclusão do Nome-do-Pai? Em busca de respostas para questões corporais, alvo do presente estudo, avancemos, pois, a um dos grandes méritos de Lacan em sua releitura de Freud: a criação do Real, Simbólico e Imaginário na enodação borromeana.

## **2.5.4 O Nó Borromeu: o Real, o Simbólico e o Imaginário (RSI) nas considerações sobre o caso Sísifo**

Chemema e Vandermersch (2007), em seu dicionário de psicanálise, definem o nó borromeu como: “o nó é um objeto matemático utilizado por Lacan para apresentar, na psicanálise, as articulações possíveis das categorias do Real, do Simbólico e do Imaginário, e suas implicações na gênese e na teoria do sujeito. (...) A utilização, a partir de 1972, de um enodamento de três círculos, tal que a ruptura de um único deles acarreta o desligamento dos três, marca um achado importante nas apresentações topológicas de Lacan ” (p.265).

*Figura 10. O Nó Borromeu* <sup>38</sup>



Ainda de acordo com o mesmo dicionário, as propriedades deste objeto matemático, uma cadeia de três nós, permite ultrapassar as limitações da lógica binária, ao introduzir uma outra lógica, que articula diferentemente os laços de três elementos entre si. O que está em jogo no nó borromeu não é apenas representar, mas apresentar, ou seja, por em jogo os elementos da topologia lacaniana de modo que, fora de todo apelo ao sentido, possam, não

<sup>38</sup>Figura retirada do site [http://marciopeter.com.br/links2/inter/stela\\_jimenez.html](http://marciopeter.com.br/links2/inter/stela_jimenez.html), em 04 de março de 2016.

obstante, nas combinações possíveis, se revelar articulações que teriam, de outra maneira, permanecido desconhecidas, caso Lacan não tivesse elaborado este nó.

De acordo com a figura 9, acima apresentada, existem lugares que correspondem a determinados elementos, que concernem ao sujeito, em função dessa articulação trina (Real, Simbólico e Imaginário):

- o objeto a, no lugar da fixação das três categorias que Lacan assegura, pelo fato de que ao mesmo tempo elas o criam;

- os gozos, designados como: 1) o gozo do falo, na intersecção dos círculos do Simbólico e do Real, separando do espaço parte do imaginário, que vem retirar daí o objeto a<sup>39</sup>; 2) o gozo do outro ou o gozo ilimitado, na intersecção do imaginário e do real, retraindo parte do simbólico retirada pelo objeto a; 3) o sentido, na intersecção do imaginário e do simbólico, retirando dessa, parte do real, que este objeto a subtrai;

- a inibição, o sintoma e a angústia, instâncias que se localizam nas superfícies e o I, do S e do R e fora dos círculos que as apresentam, encontrando seus locais de articulação nos respectivos cruzamentos, com o simbólico, o real e o imaginário.

- enfim, o inconsciente, retratado no campo do simbólico, mas exterior ao nó, como se vê na figura acima.

O sujeito, então, não é designado nesse enodamento. Ele não é, senão, o resultado desta operação: é o enodamento por si mesmo, ao mesmo tempo em que é seu referencial (Chemama e Vandermersch, 2007).

---

<sup>39</sup>O Dicionário de Chemama e Vandermersch (2007) define o objeto a como aquele que não é um objeto do mundo e não é representável enquanto tal, só podendo ser identificado sobre a forma de fragmentos parciais do corpo, redutíveis a quatro: 1) o objeto da sucção, o seio; 2) o objeto da excreção, as fezes; 3) a voz e; 4) o olhar. Esse objeto é criado nessa margem que a demanda abre além da necessidade que a motiva: nenhum alimento pode “satisfazer”, por exemplo, a demanda do seio; ele se torna mais valioso para o sujeito do que a própria satisfação da necessidade, desde que esta não esteja realmente ameaçada, pois o seio é condição absoluta de sua existência enquanto sujeito desejante. Em Roudinesco e Plon (1998), já o grande Outro, distinto do pequeno outro, é tudo o que é o tesouro de significantes, distinto do a na função da fala. A ordem simbólica é o lugar do grande Outro.

O trabalho de Lacan pode ser dividido em três etapas: a primeira focalizou a compreensão do imaginário; a segunda, a ênfase foi dada ao simbólico; já na terceira etapa, o autor colocou o Real no centro de suas investigações. A invenção do nó borromeu pode ser situada nesta etapa. De acordo com o Dicionário de Psicanálise Freud e Lacan (1997), Lacan pegou emprestado do matemático Guilbaut o nó que era o brasão da família dos Borromeus, no século XV, para simbolizar a ligação dos três registros, R, S, I, que já tinha sido estabelecido desde o começo de seu ensino. Vamos, então, ao entendimento de cada registro, em separado (cada instância está marcada em *itálico*, para facilitar ao leitor).

A começar pelo *imaginário*, de acordo com o Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (1996), das três categorias lacanianas, é aquela que procede da constituição da imagem do corpo. Não se pode pensar o imaginário a não ser dentro de suas relações com o Real e o Simbólico. O imaginário deve ser compreendido a partir da imagem, sendo o registro do engodo, da identificação. Na relação intersubjetiva, é sempre colocada alguma coisa fictícia, que é a projeção do imaginário de um sobre uma simples tela em que o outro se transforma. É o registro do eu, com o que comporta de desconhecimento, de alienação, de agressividade e amor na relação a dois. Para compreender o imaginário, é preciso partir da fase do espelho, como já apontado nesta fundamentação teórica. Ela é uma das fases da constituição do ser humano, situada entre os seis e os dezoito meses, caracterizado pela imaturidade do sistema nervoso. A criança, antes disso, se vê como fragmentada, não fazendo nenhuma diferença entre o que é ela e o que é o corpo de sua mãe, entre ela e o mundo externo. Pode-se imaginar que esse momento do reconhecimento pela criança da imagem do seu corpo pela sua expressão de júbilo ao se voltar para a sua mãe, pedindo-lhe que autentifique sua descoberta. É porque a criança é carregada por uma mãe que a olha e a nomeia, que ela é incluída na família, na sociedade e no registro do simbólico. A mãe a instaura em sua identidade particular, dando-lhe um lugar a partir do qual o mundo pode ser imaginado, onde o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo. Assim, pode se compreender a

fase do espelho como a regra de partilha entre o imaginário, a partir da imagem formadora, mais alienante, e o simbólico, a partir da nomeação da criança, pois o sujeito não poderia ser identificado por nada se não um significante que remete, na cadeia significante, sempre a outro significante.

Para Chemama e Vandermersch (2007), carregado por sua mãe ou por quem escreve esta função materna, a criança, vai reconhecer sua imagem no espelho, antecipando, imaginariamente, a forma total de seu corpo. Mas, é como um outro, o outro do espelho em sua estrutura invertida, que a criança se vê e se referencia pela primeira vez; assim, instaura-se o desconhecimento de todo ser humano quanto a verdade do seu ser e sua profunda alienação à imagem que ele vai dar de si mesmo. É o advento do narcisismo primário, narcisismo no sentido pleno do mito, pois indica a morte, morte ligada à incapacidade vital da qual esse momento surgiu.

Vanier (2005) lembra que no estádio do espelho, Lacan lança propostas esclarecedoras sobre o narcisismo, ele debate o conceito de imaginário, retornando várias vezes ao estádio do espelho para explicar o R, S, I. Lacan (1998b) aponta o estádio do espelho<sup>40</sup> como um momento singular para a construção da relação do homem com o seu semelhante, e com sua própria imagem.

Para Porge (2006), o estádio do espelho, momento teórico em que Lacan se inaugurou na psicanálise, é onde o autorreitera suas reflexões do eu, fundando a importância do imaginário, declinando de qualquer opinião que tente fazer do eu uma presença de conhecimento do Real. Lacan admite que a ideia de Freud ao falar do eu ligado ao corpo (sua superfície), mas diz que este eu, lugar do des-conhecimento, está explicada pelo estádio do espelho.

---

<sup>40</sup>Aspectos sobre a relevância do estádio do espelho já foram ressaltados no subtópico intitulado *O corpo na psicanálise e em outras contribuições*.

Vanier (2005) diz que Lacan diferencia o eu, condição imaginária, do sujeito do inconsciente. O Eu se constitui como outro diante da primeira identificação, estando as três instâncias, Real Simbólico e Imaginário, em evidência. De acordo com o autor, Lacan aponta que a criança quando nasce já esta marcada pelo o discurso do Outro e nela se inscreve as fantasias parentais a classe social, a cultura, que organiza o campo Outro.

O registro psíquico do imaginário, quando Lacan pronunciou a noção do estágio do espelho (1998) trata da relação que o sujeito estabelece com o seu eu e a construção da sua imagem. No primeiro tempo desse estágio, a criança contempla o outro no espelho, sem nenhum reconhecimento de que se trata de si mesma; já no segundo, ela começa a acreditar que aquela imagem é uma criança, que é parecida com ela; e no terceiro, a criança finalmente entende que a imagem do espelho é sua imagem. O corpo é vivenciado no primeiro momento como despedaçado. Esse entendimento só é dado a partir do olhar do Outro. Logo a imagem com a qual a criança se identifica a mantém alienada à imagem que o Outro lhe transmite. Daí a frase de Lacan: “o eu é o Outro” (Lacan, Escritos, p. 104).

O que se espera é que depois dos três períodos do estágio do espelho, a criança consiga construir a imagem do seu corpo, pois o sujeito fica preso a esta imagem por toda vida, sendo este momento de extrema importância para a construção do eu. Depois de assumir a imagem refletida do espelho como sua, a criança pode, enfim, identificar-se com ela. O eu é sobretudo imaginário e fonte de alienação. O imaginário, então, é o ponto de referência para o corpo, trazendo à consciência a imagem do seu corpo para o sujeito. Avancemos, pois, para a noção do Simbólico.

O *simbólico*, de acordo com Chemama e Vandermerch (2007), refere-se a uma função latente e complexa que envolve toda a atividade do ser humano, que comporta uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas a função da linguagem e, mais especificamente, à do significante. O simbólico faz do homem um animal *fallasser*, essencialmente regido e subvertido pela linguagem, o que direciona a maneira de seus vínculos sociais e escolhas

sexuadas. Menciona-se, de preferência, de uma ordem simbólica, no sentido da psicanálise ter reconhecido sua primazia, por um lado do jogo dos significantes, condicionantes do sintoma e, por outro, como a verdadeira mola propulsora do completo de Édipo, com suas consequências na vida afetiva; por fim, reconheceu-se seu princípio como o que organiza, de forma subjacente, as maneiras predominantes do imaginário (efeitos de ostentação, competição, sedução e ostentação).

Na conferência “o Simbólico, o Imaginário e o Real” (Lacan, 1953) introduz as três letras RSI como significando os três registros que dominam a construção humana. Ao pensar no simbólico, é possível dizer que “toda a experiência se passa no campo da palavra e da linguagem, e é daí que tira sua eficácia” (Vanier, 2015, p.54). O simbólico diz respeito a uma rede de significantes que precedem o sujeito, dando-lhe um local no desejo do Outro e inscrevendo o sujeito no mundo da palavra, colocando-o lugar de falta, que tem um significado humano, deixando na palavra o desejo eternizado e irreduzível. Vamos, ao Real.

Para Chemama e Vandermersch (2007), o *Real* é aquilo que, para o sujeito, é expulso da realidade pela intervenção do simbólico. Segundo Lacan (1953), o Real só pode ser definido em relação ao Simbólico e ao Imaginário. O simbólico expulsou o Real da realidade. Ele não é essa realidade ordenada pelo simbólico, que a filosofia chama de representação do mundo exterior. Mas, para o autor, ele volta na realidade para um lugar no qual o sujeito não o encontra, a não ser sobre a forma de um encontro que acorda o sujeito de seu estado normal. Definido como impossível, o Real é aquilo que não pode ser simbolizado totalmente na fala e na escrita e, por consequência, não cessa de não de escrever.

No Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (1996), o Real como sinônimo de realidade, é apontado como proposta freudiana; já o dicionário de psicanálise, em seu volume 2 (2004), aponta que o Real, para Lacan é o impossível. O sujeito o prova como sintoma irreduzível e incontornável, muitas vezes, doloroso e irrepresentável. A relação do Real com o corpo é de borda e de buraco, como explicitado a seguir.

Na conferência de 1953, sobre o Simbólico, o Imaginário e o Real, aqui já mencionados, Lacan pouco menciona o Real, definindo apenas como aquilo que escapa ao psicanalista, constituindo o limite de sua experiência, podendo ser compreendido como aquilo que não é nem simbólico e nem imaginário e está ligado a satisfações pulsionais.

Na linguagem, os significantes se deslocam do imaginário para o simbólico, mas o Real não se mexe e pode ser reconhecido nas fixações ou nas repetições, sendo imutável como em alguns sintomas das crianças autistas. No seminário *A ética na psicanálise* (1959-1960/1997), Lacan diz que a lei significaria a moral, fundamental ao sujeito ao se inserir no real. No seminário *sobre A carta roubada* (1955, 1998), Lacan confere ao Real um estatuto que não mais mudará “pois, quanto ao Real, não importa que perturbação se possa introduzir nele. Ele está sempre e de qualquer modo em seu lugar” (p.22).

Desta forma, é o significante que se desloca e circula, sendo esse aspecto fundamental para certas situações determinantes do sujeito, como própria do deslocamento do significante. O significante muda de lugar, mas o Real jamais, pois só se move com o próprio lugar, junto com ele. O Real está sempre no mesmo endereço e para o psicótico é perturbador não encontrar, por exemplo, seus órgãos em seu corpo, nos lugares em que conhecia, suas ideias fixas, as palavras dos seus discursos e outras situações de sua fala, como os elementos das frases que constrói. Até algumas automutilações, talvez, sejam provenientes do aspecto do Real que se torna estranho e angustiante, buscando encontrar o seu lugar.

Depois de situar cada instância (O Real, o Simbólico e o Imaginário), retomemos a ideia do nó borromeu, como antes prometido. No Dicionário de Psicanálise Freud e Lacan (2004), volume 2, um nó simplesmente é o que une, junta, enlaça. Para o enodamento borromeano, a ruptura de qualquer um dos elementos significa o desligamento de todos os outros, o que na família dos borromeus significava um pacto entre as três famílias, que seria rompido se qualquer uma delas viesse a faltar. Enquanto borromeu, uma escritura matemática, se retirarmos um elemento, todo o conjunto perde o sentido.

Voltando ao Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (1997), a esses três registros Lacan confere um enodamento, que significa o entrelaçamento de cordões ou fios ou linhas, cujas pontas passam uma pela outra e apertam-se. Lacan confere ao nó Borromeu a consistência de um aro, um barbante ou uma corda que apresenta duas características: ao cortar uma das três, independente de qual seja, todas são liberadas, e nessa cadeia de três cada uma tem o mesmo valor, e nenhuma é privilegiada. Assim, um corte em qualquer uma das instâncias tem o efeito de liberar todas. O “RSI” estrutura um real, o real do nó. Este nó é imaginário, pois os três registros tem um sentido diferente, é pelo nó que eles se homogeneízam.

É preciso, portanto, explicar os conceitos de Consistência, Ex-sistência e de Buraco, que são conexos e necessários para compreender o nó borromeu. A consistência, na origem da palavra é o que segura, consistir significa segurar num lugar, numa posição, manter junto, mantendo a noção de continuidade e ausência de corte. A consistência, então, é o que não tem corte, se mantém e não depende das circunstâncias. Consistência significa o Um, a unidade das três instâncias, é o que segura. É possível pensar que o real seja a própria consistência.

No Seminário 23, O Sinthoma, Lacan (1975-1976, 2008), diz que a consistência dos elos é a corda que é mantida pela materialidade real da sua ligação. “Os três círculos participam do imaginário, enquanto que consistência do simbólico, enquanto que buraco, e do real enquanto que ex-xiste a eles” (p. 56).

Outro conceito fundamental para compreender o nó borromeu, é a ideia de ex-sistência, que se define a partir de que se alguma coisa ex-xiste a qualquer outra coisa, o enodamento simplesmente existe, mesmo que de formas diferentes, o que permite as diferenças subjetivas. Os três elementos são operados em triplicidade, mas são distintos em sua ex-sistência, o que opera um buraco em cada um dos registros. O Dicionário de Psicanálise Freud e Lacan, volume 1 (1997), diz que:

[...] a ex-sistência se suporta disso que faz buraco em cada um dos termos do real, do simbólico e do imaginário. É nisso que a ex-sistência se suporta do real, quer dizer do objeto, do lugar para o objeto que a operação do significante faz no real. É isso que permite compreender no que Lacan afirmara sobre o nó borromeu (p.163).

Em *O Sinthoma* (1997-76, 2008), Lacan define a ex-sistência como aquilo que se suporta do que faz buraco em cada um dos termos R, S, I. A condição para que a ex-sistência seja real é um buraco, em torno do qual a ex-sistência existe. Por fim, o conceito de Buraco também se engendra na compreensão do nó borromeu Lacaniano.

No *Dicionário de Psicanálise* (1997), quando dois arcos se enodam é preciso que sejam esburacados, e que um atravesse o buraco do outro e vice-versa. A palavra buraco significa abotoar, no latim, botoeira. Esse buraco, oco, existe pela consistência, pois para que haja um buraco é fundamental uma consistência ao redor, sem buraco não há nó. No nó borromeu “um não faz cadeia pelo buraco do outro, mas é pela ex-sistência de um terceiro que esse dois se enodam” (p. 174).

Em *O Sinthoma* (*op.cit.*) Lacan diz que: “o simbólico gira em torno de um buraco inviolável, sem o que o nó dos três não seria borromeano” (p 46). O simbólico é o buraco seguro, inviolável que marca o recalque primordial, inacessível em torno do qual gira.

Lacan afirma que “essas três palavras, Real, Simbólico e Imaginário, tem um sentido, são três sentidos diferentes com uma medida comum” (p.3). Esses três termos, com sentidos diferentes, distinguem-se entre si, se é a consistência do real que uniformiza os anéis, o sentido é o que os distingue. E todos esses sentidos dizem respeito ao real, esse real pelo qual cada um replica ou reage. Com o nó borromeu em mãos, Lacan nos oferece um objeto para manusear, convocando a uma manipulação por um impossível, sobre o qual só podemos fazer o contorno onde ele assinala o buraco, o impossível de escrever. Milner (2006), diz que “nada poderia ser imaginado, isto é, ser representado, a não ser por I, nada pode existir a não ser por R, nada pode se escrever a não ser por S (...) assim o imaginário só se imagina pelo imaginário, o real só existe pelo real, o simbólico só se escreve pelo simbólico” (p.8).

O nó borromeano, além de que apenas um nó é semelhantemente real (na existência de um impossível que marca o desfazer do nó), simbólico (já que as letras RSI diferenciam os anéis), imaginário já que por ser de barbante ou corda é possível fazê-lo uma realidade manipulável, mas cada aro, R,S ou I já é real (irredutível), simbólico (fazendo um só), e imaginário na produção do anel. Neste nó, cada um dos seus elementos tem propriedades como conjunto e cada um afeta os demais já que são considerados de forma coletiva. Toda cadeia assim constituída possui em cada um dos seus eixos a capacidade fundamental borromeana, que é passível a cada um dos três anéis, e neles desperta uma feição sempre distinta.

O real do nó borromeu brota no momento em que se convoca a possibilidade de que um dos aros seja desmanchado. Nesse momento, que teria a estrutura de um corte, cada anel se revela por ser aquele que mantinha os demais. Este elo não é fraco e essa é propriedade do nó. No entanto, existe a doutrina do elo fraco; o importante é que o nó borromeu existe e que por um único corte os anéis podem se dispersar. Essa dispersão é o real em si mesmo. Se esse corte acontece é preciso garantir que nada de S nem de I está em R, pois a liberação dos anéis dispersaria o sujeito, e o abandonaria diante do seu próprio desejo. “Ali, e em nenhum outro lugar, reside esse horror do nó que se experimenta constantemente: o real do nó nada mais é senão o advento, pelo desenodamento borromeano, do real como tal como concebemos que tais sujeitos dele se desviem com horror absoluto, recuando incessantemente em efetivar o mínimo corte desenodador: raiz de todas as procrastinações, assim como da infinitude da análise” (Milner, 2006, p. 13).

O momento do desenodamento do nó borromeu pode estar relacionado com várias figuras, como por exemplo, o brotar do sentido através do qual se desmancha o tecido ligado das significações; o sonho e a vigília e as suas representações igualmente imaginárias no despertar; o esbarro do encontro que acontece na sessão analítica; a interpretação que não tem ligação com a tradução simbólica, mas com a nomeação real de um desejo.

Barros (2015), em sua tese de doutorado sobre o adolescente em situação de rua, destaca Aborda o Nome-do-Pai como o operador de um lapso no nó e, a partir de dificuldades no estabelecimento desta metáfora, como em seu público estudado, faz sentido a proposta de uma clínica borromeana, que pensa a instituição como referente simbólico para o sujeito e que opera a suplência, pelo uso da palavra, aos possíveis lapsos no nó borromeu; a instituição, assim, se tornaria um ponto de ancoragem para o adolescente que transgride e se vê excluído de maneira familiar e social.

Assim, para Milner (2006), é preciso levar a sério o nó borromeu, “é o desenodamento que dá a estrutura desses instantes diversos. É o advento de uma dispersão que acontece através de cada um deles. Ora, a análise – afinal, é o que seu nome significa- é precisamente esse desenodamento pelo qual o real borromeano se constitui. Cortar o anel pelo qual isso se aguenta, ou, antes, pelo corte, determinar o anel pelo qual isso se aguenta, interpretar é isso” (p. 13).

Nas psicoses é que se pode pensar na dispersão desse nó, o que Mione (2006), chama de sinal de horror, o momento em que o sentido bate e que surgem episódios de morte e de desrazão, pois quando a dispersão toma forma, é como “o sol do sentido e a morte pulverolenta” (p.13). E só na psicose é possível ultrapassar o que pode ser escrito ou imaginado.

O autor reconhece que no discurso podem acontecer circunstâncias desconcertantes, em que o que estava enodado pode se desenodar.

O lugar é marcado e nomeável: é a verdade, corte real que subverte as superfícies onde opera. Mas a singularidade do discurso analítico subsiste: ali, e ali apenas, a verdade é significativa. A erupção de R fica, pois, imediatamente enodada a S; o horror instantâneo nasce de uma nomeação real que ao mesmo tempo o suspende. Nesse momento, que é um momento de concluir, a abertura do anel decisivo se efetiva. No instante seguinte, o anel se fechou e o nó ainda se aguenta como se nada estivesse acontecendo: a análise, como discurso, isto é, como laço, passou e refez o nó daquilo que, numa escansão, ela mesma havia liberado. Nada aconteceu senão que, nesse nada que separa um antes de um depois, ao sujeito aconteceu um real (p.14).

E o que isso tudo tem a ver com o corpo, interesse da presente tese?

De acordo com Nasio (2009), o corpo de interesse na psicanálise, portanto, é o corpo tal como vivemos, interpretamos, e fantasiados, pois é difícil separar nosso corpo de carne e osso da percepção que temos dele, da imagem deformada que podemos ter dele ou da fantasia sobre ele; tudo se confunde. O corpo é sempre fantasiado, mas quando o sinto ele toma o status de real, quando vejo, de imaginário, e quando provooco uma mudança na vida do sujeito adquire status de significante. O corpo fantasiado interessa à psicanálise e o corpo que sentimos, o corpo real, é indefinível. O corpo real é ao mesmo tempo corpo de sensações, de desejos e de gozo. Sensorial, erógeno e dotado de energias para resistir a sofrimentos e desgastes. Sensação, desejo e gozo são intensidades crescentes de um corpo que qualificamos de real; real não porque é sólido e palpável, mas porque a vida que existe nele constitui o impenetrável mistério: o real é inacessível ao conhecimento e impossível de simbolizar.

O dicionário de psicanálise (2004) aponta para a criança, o mundo onde esta o seu berço é real e composto de tudo que o Outro significa para ele: as pessoas, seus corpos, as coisas, suas necessidades. Um objeto então aparece e desaparece sempre no mesmo lugar, que é a mãe, cuja presença introduz a criança no mundo do simbólico, pois já está repleta de símbolos, significantes e discursos. Com essa linguagem, a criança progressivamente se identifica, imita e a linguagem se recria com diferenças a partir do que a criança percebe que o Outro significa para ela, e tudo isso fica em sua memória inconsciente, compondo suas representações. As coisas só ganham sentido para a criança se o outro familiar investe palavras naquilo, fazendo com que cada coisa vá perdendo seu caráter angustiante, ameaçador, estranho.

A falta de palavra faz com o que essas coisas não cheguem ao simbólico e que se fortifique no real. Ora, todos os sinais que o bebê emite representam algo para sua mãe, que o questiona e ele responde. Esta linguagem se denomina de manhês, língua que a mãe fala e responde sobre as necessidades do seu bebê. Com esta fala, a mãe vai recortando, em torno

desta criança, um real, no qual, de outra forma, ela permaneceria imersa. Esta troca faz com o que a criança surja como sujeito.

Para Porge (2006), o termo real é o mais difícil e o mais complexo para se apreender. Tem-se ligação com o que chamamos de realidade, nela encontra um ponto que lhe escapa ou resista à simbolização. O real vai ao ponto de encontro falhado na simbolização, vai de encontro ao que não funciona, ao que se cruza e que, ao mesmo tempo, retorna ao mesmo local, estando ligado à repetição da busca pelo o objeto perdido. Ao invés de significar algo exterior que confronte a interioridade do sujeito, o real perturba as relações existentes entre o dentro e o fora, participando da determinação do sujeito em tudo exterior a ele. “O real aparece como uma dimensão antinômica da realidade, mas é por meio dela que também abordamos, ou, pelo menos, os seus fragmentos, uma vez que o real não constitui um todo. É um tico, um bagaço da realidade, diz Lacan, que não se liga a nada, está excluído do sentido, impensável, no limite de nossa experiência. Em suma, o real é o impossível” (p.119).

Mais uma vez, faz-se necessário lembrar o que diz Porge (2006) sobre as figuras maternas e paternas que não precisam ser a mãe ou o pai, mulher ou homem. Trata-se de uma metáfora para surgimento de significações. A operação do significante Nome-do-Pai, a metáfora paterna, faz com que não haja necessidade de ser o pai biológico ou possuir um pênis para ser assim simbolizado pelo sujeito; pai, na metáfora, é simplesmente reconhecido como tal.

O próximo capítulo se destina a descrição metodológica aplicada ao caso Sísifo.

### **3. Suporte Metodológico: o caminho para o estudo do caso chamado Sísifo**

Retomando o objetivo deste trabalho, pretendemos, basicamente, investigar os discursos dos sujeitos sobre si mesmos a partir das mudanças corporais que advém da experiência do abuso do *crack*. As questões que se impuseram, neste momento, foram: o que a experiência do consumo de drogas tem a ver com a posição subjetiva do usuário de crack? *Se e como* os sujeitos em uso abusivo do crack vivenciam a desfiguração de seus corpos que decorre do abuso desta droga?

Neste capítulo, estão apresentados, então, aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização do estudo em tela, bem como o instrumento de pesquisa escolhido, quer dizer, as entrevistas.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, na medida em que esta implica uma abordagem mais adequada do objetivo do estudo. De acordo com Minayo (2000), um fator importante na pesquisa qualitativa é a relação estabelecida em um clima de confiança mútua e acolhimento para com o sujeito que participa para tratar de questões onde o discurso pode mobilizar o sujeito e suscitar sentimentos e emoções variadas, como no presente estudo. Minayo (2000) também aponta que a pesquisa qualitativa:

(...) trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 22).

Desta maneira, sem o foco na questão da “variáveis” ou na quantificação, o estudo de caso mostrou-se pertinente na busca por cercar as possíveis implicações que mudanças tão particulares, como as vividas no próprio corpo, podem suscitar nos sujeitos usuários de crack.

Segundo Yin (2004), a utilização do estudo de caso, na pesquisa, contribui para o conhecimento de fenômenos individuais, focalizando questões do tipo *como e por que*, “quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (p. 19), o que se aproxima dos objetivos desta investigação. O estudo de caso focaliza um caso único, ou alguns casos e, desse modo, são comuns as críticas a tal a método, por oferecer poucos argumentos que sirvam de base à generalização científica, o que, entretanto, não se coloca, em virtude da natureza deste trabalho.

Quando se posiciona no vértice das possíveis contribuições dos casos para a Psicanálise, Nasio (2001) aponta que, para o analista, o caso sinaliza o interesse muito particular que ele dedica a um de seus pacientes, o que frutifica, muitas vezes, numa observação escrita que exprime a própria singularidade do falante, o que faz o caso, em psicanálise, ser definido como o relato de uma experiência singular, escrito por quem atesta seu encontro com o outro para respaldar um prosseguimento teórico. Um caso pode ser visto como uma mostra sensível de fatos de uma vida e “é sempre um texto escrito para ser lido e discutido. Um texto que, através de seu estilo narrativo, põe em cena uma situação clínica que ilustra uma elaboração teórica” (p. 12).

Voltando a Yin (2004), outro fator relevante é que, estudando o cotidiano e a vida real das pessoas, o pesquisador não tem o controle dos sujeitos e eventos, como em laboratórios ou bibliotecas, além de passar a fazer parte do mundo daquele que fala. Desse modo, aquele que investiga busca respostas espontâneas em suas entrevistas ou outros instrumentos, para obter o máximo de informações, compreendendo um método que abrange variadas fontes de obtenção de resultados. Em nosso caso específico, observações no lócus (como por exemplo, a maneira como os usuários chegam ao serviço), entrevistas com familiares e profissionais que atendem, além do próprio sujeito e sua fala.

Nasio (2001) conduz a compreensão de que o estudo de caso pode se apresentar, então, como uma atividade enriquecedora, na medida em que pode, além de discutir conceitos

teóricos, propor novos olhares sobre os temas. De acordo com o autor, o caso possui a função didática (levar o leitor à cena e permitir, na prática, a assimilação de constructos a serem descobertos ou elaborados), função metafórica (como o caso Dora, metáfora da histeria) e função heurística. Esta última, que especialmente interessa ao estudo em questão, seria a possibilidade de que um estudo de caso fosse visto como gerador de novos conceitos, o que o levaria a ultrapassar as funções anteriores. Diz o autor que “às vezes a fecundidade do caso é tão frutífera, que vemos proliferarem novas hipóteses que enriquecem e adensam a trama da teoria” (p. 17).

Assim, em suas funções didática, metafórica e heurística, o caso nunca é o relato fiel da situação concreta (bem como, assim pode ser vista qualquer outra situação de pesquisa), mas a descrição de um encontro marcante, permeado pelo olhar do pesquisador, por seu filtro de experiências.

Para Tauber (1989), o caso vai além daquele que o relata, permitindo a articulação de “interpretações, intervenções ou invenções do analista com as palavras do paciente (com seu sintoma) e também o reconhecimento de bloqueios, paralisações ou resistências no encontro entre o paciente e o analista” (p. 92). Assim, é na transferência, na relação singular, quando o investigador entra no contato imediato com a fala do falante, que se é remetido a materialidade da fala, abarcando o que pode surgir, como imprevisível, na relação que o sujeito mantém com o seu dizer e com o do outro.

Na relação do investigador com o fenômeno, de acordo com Lier-DeViito (2002), o compromisso deve ser com a especificidade do material, condição que põe o investigador na condição de ser interrogado/afetado pela singularidade do caso. “Sob efeito da linguagem e das relações com a Psicanálise, espera-se que a transferência com a teoria se estabeleça, mas não só, também com o imprevisível de cada fala de cada caso”, afirma Catrini (2005, p. 60). Dessa forma, diante dos resultados, o investigador precisa se defrontar com uma fala não-

desencarnada, que implica um sujeito, ou seja, com a fala e com o corpo que fala, articulando fala e falante a partir de um olhar e uma escuta peculiar (Lier-De Vitto, 2003).

Como fala e falante são indissociáveis no instante da fala, é possível pensar que o contato posterior que o investigador tem com o material fruto das entrevistas, como no caso desta pesquisa, favorece que o imediatismo da fala seja minimizado pelo distanciamento fundamental para a interpretação das falas e da afetação que esta causa no pesquisador –“uma resposta à presença daquele que fala (...) um discernimento só pode ser produzido em momento posterior, momento de tomada de distância do instante em que a fala e seu efeito se produzem” de acordo com Andrade (2001, p. 261). Neste momento da construção dos resultados e da interpretação dos resultados, de acordo com Santos (2012) “o investigador pode à distância deixar-se afetar pelo movimento significativo que permeia aquela fala. Com isso, a pesquisa passa a procedimentos explicativo-interpretativos que implicam os mecanismos subjacentes à fala e os efeitos que deles emergem” (p.86). Lendo a fala, o investigador se coloca em outra posição, podendo, então, invocar as teorias que lhe permitem escutar o que foi colhido pelo mesmo sujeito que já foi afetado pela escuta. Para Santos (2012):

É dessa forma que a escuta que é afetada pelo corpo-que-fala imbrica-se com a escuta afetada pelo corpo da teoria durante a leitura do material transcrito. Só assim a fala transcrita não é reduzida ao mero estatuto de dado empírico. Ou seja, a marca da voz e do corpo do falante já estão inscritos na escuta e no corpo do investigador enquanto afetação que não se dilui no tempo e está presente na leitura de material clínico. As questões aqui levantadas demonstram que a construção de um método de pesquisa que implica a relação fala – sujeito – linguagem abre portas para a singularidade e suas implicações. Pode-se dizer que a pesquisa em linguagem coloca-se do lado do compromisso com o enigmático de um acontecimento, de sua imprevisibilidade (p. 87).

Passemos à descrição do local, explicando-o como lugar onde conheci Sísifo; antes. Porém, tornam-se necessárias algumas palavras sobre a “atenção ao usuário de crack”.

### **3.1. Onde e quando conheci Sísifo: Sobre a Atenção ao Sujeito Usuário de Crack**

De acordo com o Ministério da Saúde (2013), em uma cartilha desenvolvida para profissionais que já atuaram juntos a abordagem de álcool e outras drogas, à atenção ao usuário de crack está no âmbito da atenção básica, que significa: conjunto de ações para cuidar da população nos lugares onde vive, deixando a saúde básica mais próxima às pessoas, o que está previsto na Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). Desta maneira, os cuidados em saúde mental estão associados aos cuidados em saúde em geral, sendo o campo saúde mental aquele exige profissionais que, em suas intervenções possam levar em consideração “a subjetividade, a singularidade e a visão de mundo do usuário no processo de cuidado integral à saúde” (BRASIL, 2013, p. 11).

Os profissionais de saúde, então, podem se deparar com pacientes em situação de sofrimento psíquico a qualquer momento e o seu papel é favorecer o acesso dessas pessoas ao sistema de saúde. Na posição de cuidador mais também disponível para ouvir o sujeito, a atuação dos profissionais em saúde atualmente vem sendo inspirada em movimentos da Luta Antimanicomial e a Reforma Psiquiátrica, sobre a qual a atual política de saúde mental brasileira se apoia para mobilizar usuários, familiares e trabalhadores da saúde para modificar a realidade de quando os manicômios, que não possuíam os referidos cuidados para o exercício da cidadania do sujeito, eram os locais de convivência das pessoas com transtornos mentais. Não se trata apenas de controlar os sintomas, mas de fazer com o que o sujeito exercite sua cidadania por sua participação ativa e de seus familiares no seu tratamento em serviços abertos que contribuem para a formação de redes com outras políticas públicas para a educação, moradia, trabalho, dentre outros. Este desafio está além da proposta do SUS (Sistema Único de Saúde), mas pede que a própria sociedade se abra para a diversidade.

O CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) está entre os serviços substitutivos ao modelo manicomial, bem como os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), os Centros de Convivência (cecos) enfermarias de saúde mental em hospitais gerais, dentre outros equipamentos. Contudo, como lócus de pesquisa do presente estudo o CAPS é o foco de reflexão desta pesquisa. No entanto, a todos os profissionais em saúde faz-se necessária uma postura que vise favorecer ao usuário um momento de reflexão, o exercício de uma boa comunicação usando a habilidade da empatia, escutar as queixas emocionais do sujeito, oferecer um suporte que não gere dependência na pessoa nem sobrecarga no profissional e, sobretudo, reconhecer os modelos de entendimento de cada usuário.

As intervenções em saúde mental devem promover novas possibilidades de modificar e qualificar as condições e modo de vida, orientando-se pela produção de vida e de saúde e não se restringindo à cura de doenças. Isso significa acreditar que a vida pode ter várias formas de ser percebida, experimentada e vivida. Para tanto, é necessário olhar o sujeito em suas múltiplas dimensões, com seus desejos, anseios, valores e escolhas (BRASIL, 2013, p.23).

Nesta cartilha, conta-se um caso de uma profissional que teve como uma de suas primeiras experiências o atendimento ao um jovem emagrecido que revelou fazer uso do crack. A mãe dele sofria de artrose, hipertensão, fibromialgia e fazia uso de Benzodiazepínicos, quando seu filho foi encaminhado ao CAPS – ad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas), neste documento se reconhece que ao lidar com o sofrimento das pessoas, como no caso deste usuário de crack, alguns aspectos podem ser negligenciados na prática e é preciso que o profissional de saúde se volte para o sofrimento das pessoas em suas diversas dimensões.

Toda pessoa, dentro da definição desta cartilha, é tudo aquilo que viveu, que vive e também suas expectativas futuras e possui um mundo cultural e uma vida familiar onde exerce diversos papéis, além de ter uma vida de trabalho e isso tudo pode estar associado a

um sofrimento que não deve ser ignorado. Sobre o interesse do presente estudo, que é o corpo do sujeito em sofrimento por causa do uso abusivo de droga, este documento oficial diz:

Toda pessoa tem um corpo com uma organicidade e anatomia singular composto por processos físicos, fisiológicos, bioquímicos e genéticos que o caracterizam. Mais, além disso, toda pessoa tem o corpo vivido, que é muito diferente do corpo estudado na Anatomia, na Biologia e na Bioquímica. Cada um tem uma relação com o próprio corpo que envolve história pessoal, pontos de exteriorização de emoções, formas de ocupar o espaço e de se relacionar com o mundo. O corpo é ao mesmo tempo dentro e fora de mim, podendo ser fonte de segurança e orgulho, ou de ameaça e medo. Toda pessoa tem alma autoimagem, ou seja, como ela atualmente se vê em relação aos seus valores, ao seu mundo, ao seu corpo, e aqueles com quem ela se relaciona (p. 30).

Pensando desta maneira, se a pessoa é constituída por diversas dimensões interdependentes, à atenção em saúde precisa se voltar para a família, a casa, a rua, a religião, o sistema político, olhar de perto as pessoas como um todo. No caso exposto na cartilha, o jovem emagrecido pelo consumo do crack fez com que a profissional acionasse a assistente social, a agente de saúde e a família, o que levou aos cuidados para com a mãe do rapaz. Configuraram-se assim novos territórios que sustentaram a rede de cuidados para com ele, já que o uso de drogas é uma questão social complexa que vai além da saúde individual, afetando inclusive situações de violência, pobreza, tráfico de drogas, dentre outras questões. É importante ressaltar uma ideia fundamental na saúde básica brasileira, que são os Projetos Terapêuticos Singulares (PTS).

O Projeto Terapêutico Singular é definido “como uma estratégia a de cuidado que articula um conjunto de ações resultantes da discussão e da construção coletiva de uma equipe multidisciplinar e leva em conta as necessidades, as expectativas, as crenças, e o contexto social da pessoa ou do coletivo para o qual está dirigido. A noção de singularidade advém da especificidade irreproduzível da situação sobre a qual o PPS atua relacionado ao problema de uma determinada pessoa, uma família, um grupo ou um coletivo” (p.55).

Desta forma, o PPS é um instrumento fundamental para os usuários dos serviços de saúde mental como o CAPS, onde casos mais graves e complexos devem ser priorizados e sugeridos PTS nos casos que exigem maior articulação com outros serviços de saúde. Neste Projeto, é preciso lidar com as expectativas e aquilo que realmente se pode oferecer ao usuário, pois a execução do mesmo gera metas para a solução dos problemas envolvendo as pessoas cuidadas em outras instâncias que precisam ser levadas em consideração.

A divisão de tarefas e responsabilidades é um dos aspectos mais importantes para execução do PTS; Técnico de Referência (TR) é o profissional responsável em coordenar o PPS ao estabelecer um maior vínculo com a pessoa em sofrimento. O TR executa suas tarefas por meio de acompanhamento articulação e reavaliação estipulando metas e prazos com a pessoa, familiares, equipe de saúde e outros envolvidos. Os casos complexos são distribuídos entre os trabalhadores de maneira a não os sobrecarregar a partir do reconhecimento de que lidar com o sofrimento gera o confrontar-se com o medo e incertezas, mas também favorece a superação de desafios, o exercício da criatividade e uma prática onde a subjetividade dos trabalhadores contribui com todo o processo.

A família também tem papel fundamental no tratamento aos usuários de serviços de saúde mental. É importante inseri-la no tratamento desde que:

Cada família tem uma cultura própria em que circulam seus códigos: normas de convivência, regras ou acordos relacionais, ritos, jogos, crenças ou mitos familiares, como modo próprio de expressar e interpretar emoções e comunicações. Tais emoções geram ações que formam o enredo do sistema familiar e constroem a história singular de cada família, que se transforma com o tempo, com a cultura e com as mudanças sociais. Dessa forma, o tema família refere-se a uma realidade muito próxima a cada um de nós. O significado, o sentido, os sentimentos despertados são diferentes de acordo com a experiência de cada um e sua história familiar (p.63).

As famílias, então, junto ao usuário, são também protagonistas no cuidado em saúde mental. Na cartilha do governo federal intitulada *Crack, é possível vencer* (2014), aponta-se

que o cuidado como a oferta de tratamento e atenção é um dos pilares no que diz respeito a esta droga, que está no interesse da presente pesquisa. Contudo a prevenção (Educação, informação e capacitação) e autoridade (enfrentamento ao tráfico de droga e as organizações criminosas) também se engajam neste processo.

Além do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas que podem funcionar na modalidade de até 24h, outras ações são empreitadas ao enfrentamento do crack; como os consultórios na rua, unidades de acolhimento, leitos especializados em enfermarias para desintoxicação e as comunidades terapêuticas, estas últimas são em sua maioria não governamentais, mas tem abrigado, após habilitação e financiamento, usuários de drogas, visando a seu acolhimento e recuperação. A autoridade também se articula com a área de saúde e assistência social, mas esse projeto está voltado ao enfrentamento ao tráfico de drogas e ao crime organizado. Já a prevenção deve acontecer nas escolas e em todos os serviços da rede pública de saúde, segurança e educação, dentre outros, para combate contínuo ao crack e outras drogas.

O crack se caracteriza pela rápida dependência a qual subjuga seus consumidores desde que funciona como estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC); ao ser fumado, chega ao cérebro em 5 a 10 segundos, causando muita euforia e excitação, insônia, sensação de poder, mania de perseguição, desorientação e instabilidade emocional. Há riscos de convulsão e morte por conta do uso contínuo e comprometimento das funções cerebrais, além dos pulmões e coração, sem contar a anorexia provocada pela droga e toda vulnerabilidade causada por ela, como relações sexuais desprotegidas e o envolvimento em atos violentos e infracionais (Brasil, 2010b).

Contextualizado todo o local de realização da pesquisa, falemos de Sísfo.

### **3.2 Sobre o encontro com Sísifo**

O local selecionado para a realização de presente proposta de pesquisa, como já dito anteriormente, foi o CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) – Atenção Integral aos Usuários de Droga e seus Familiares. Trata-se de um lugar de acesso a usuários de crack e de seus familiares, permitindo a observação da dinâmica desses sujeitos na busca pelo serviço.

A entrada no local deve ser autorizada após contato prévio com os responsáveis técnicos e carta de apresentação. O sujeito participante da pesquisa foi escolhido após observações no local e conversas com a equipe técnica. Não se levou em conta a questão de gênero, mas a escolha recaiu sobre sujeito maior que 18 anos e não possuidor de diagnóstico de qualquer transtorno psicótico (que venha ao conhecimento da equipe do local até o início do trabalho). A partir da experiência nesse campo de pesquisa<sup>41</sup>, percebeu-se que o caso Sísifo nos fornecia material suficiente para reflexões robustas sobre o adicto de crack e seu corpo, considerando os objetivos desta pesquisa.

A escolha recaiu então sobre Sísifo que consentiu em sua participação na pesquisa, de acordo com a Carta de anuência (Anexo I) e o Termo de Consentimento livre e esclarecido (Anexo II), documento também assinado, após explicitação de seus termos, por sua mãe, sua companheira e sua Técnica de Referência (TR). O sigilo sobre o nome e as informações concedidas foi garantido, de acordo com as premissas éticas vigentes.

Após apresentação e aprovação da presente proposta de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a partir do CAAE número 40985115.8.0000.5208 (Anexo V) procedeu-se, então, ao início das visitas ao CAPS ad, realizando-se também a apresentação dos objetivos da pesquisa à equipe

---

<sup>41</sup> Convém lembrar que minha Dissertação de Mestrado foi realizada, tendo como participantes pessoas que passaram por mutilações na face.

técnica do local. Deu-se início ao trabalho de campo da presente pesquisa, procedendo-se, primeiro à fase de observação, para o início das entrevistas com as pessoas escolhidas.

Assim, após contatos com equipe técnica e Secretaria de Saúde do município de Jaboatão dos Guararapes, vários contatos telefônicos com a gerência do CAPS ad Recanto dos Guararapes, tendo o projeto aprovado para coleta de dados pela Secretaria de Saúde do Município e liberação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fiz minha primeira visita ao local. Logo na entrada do CAPS, é possível perceber produções de arte dos usuários do serviço pelas paredes e estantes. Trata-se de uma casa grande, aonde a todo instante chegam usuários, a maioria do sexo masculino, acompanhados ou não, que colocam seus nomes numa ata de frequência para participar dos grupos do dia e também receberem o almoço na hora prevista. Sou gentilmente recebida pela gerente do CAPS, que já tinha conhecimento do projeto e dos objetivos da pesquisa por nossas conversas e pela Secretaria de Saúde do Município. Percebi os sujeitos chegando e me observando; alguns, chegavam perto e se apresentavam, dizendo o porquê estavam ali. Um grupo começou na área externa, com a leitura de um texto. Os participantes diziam que estavam ali porque ‘eram alcoólatras’, ‘tinham problemas com drogas’, ‘com álcool’. Depois de observar as dinâmicas da manhã daquela segunda, foi convidada a sala da gerência, que me explicou todas as atividades que os sujeitos participavam.

Ao conversarmos sobre o projeto, a gerente sugeriu-me, então, Sísifo, como sujeito de pesquisa para o estudo de caso. Sísifo tinha acabado de sair de uma desintoxicação em unidade hospitalar. A gerente chamou-o a entrar, dizendo que ele já estava há um ano no serviço, sem nunca deixar o uso do crack. Reafirmou ter acabado de sair de uma desintoxicação e, ao ser convidado a participar da pesquisa e explicitado os objetivos da mesma, marcamos dia e horário para o início das entrevistas, e convidei-o, bem como sua mãe, a participarem da pesquisa. Ele usava óculos escuros, tinha os cabelos molhados e vestia

uma camisa com motivos de rock. Demonstrando entusiasmo, confirmou sua participação e presença no início da próxima semana.

No dia e horário marcados, eu estava lá. Roteiros de entrevista, termos de consentimento nas mãos, tinha grande expectativa, enquanto conversava novamente com a gerente do CAPS e outros técnicos. Essas pessoas informaram que seria a primeira vez, em um ano, que a mãe dele compareceria ao local, pois ainda não havia se engajado no tratamento do filho. Na hora marcada, Sísifo chegou: trouxe sua mãe, Enarete e aquela a quem chamou de esposa, Mérope. Tinha novamente os cabelos molhados, usava óculos escuros, falava animadamente, apresentando os seus. Concederam-nos uma sala no andar de cima da casa e o mesmo sugeriu que conversasse primeiro com sua mãe e posteriormente com sua companheira. Apoiou a mãe para subir as escadas, a qual subiu devagar. Parecia cansada, mas falou bastante durante a entrevista. Já Mérope, falou pouco. Em seguida, eu e Sísifo conversamos pela primeira vez, mas o uso da entrevista com enfoque biográfico demandou mais tempo, que nos levou a realizá-la em dois momentos; marcamos novo momento e novo horário, na segunda-feira seguinte.

No dia marcado, estava eu, novamente lá. Mas, Sísifo não chegou no horário marcado. Após esperar cerca de uma hora, resolvi ligar para os telefones recolhidos da família na semana anterior. Primeiro, a mãe: disse que Sísifo ‘desandou’, que sumiu o final de semana inteiro. Que provavelmente ele tinha recaído, mas que faria o possível para que ele viesse ao CAPS para me contar o que houve. Depois, Mérope: ‘ele desapareceu, não sei dizer nada dele’. Fui embora, na promessa de que se Sísifo chegasse, seria chamada. E assim aconteceu, cerca de uma hora e meia depois. Logo na porta, Sísifo me recebe alegre, como sempre. Contudo, estava sujo; cheirava a bebida alcoólica; a camisa, de novo com motivos de rock, parecia grande demais para ele, o que me deu a impressão de que tinha emagrecido; apresentou-se com os cabelos encaracolados e assanhados e falava animadamente com os demais usuários do serviço. Fomos, então, para uma sala cedida pelo CAPS. Sísifo logo falou

que chegou de carona com uma cunhada, pois teria vindo de vários shows de rock que havia tocado e cantado desde sexta-feira, mas não recebera cachê algum. Afirmou, como da primeira vez e como sua própria mãe havia falado, que não deixaria de ir ao CAPS de forma alguma, porque lá se sentia acolhido. Ao final, ele me falou da importância daquelas entrevistas para que ele reorganizasse sua forma de pensar sobre a própria vida e me pediu dinheiro. Disse que não tinha como voltar pra casa. Disse que não tinha dinheiro ali, pois tinha ido ao local só com o celular e o roteiro de entrevista. Sísifo insistiu, mas eu não tinha realmente dinheiro. Despedi-me dele, pois se tratava do fim do roteiro de entrevista do enfoque biográfico.

Soube, no mesmo dia por ligação telefônica, que Sísifo havia sido suspenso dos serviços do CAPS, após ser apanhado usando crack no banheiro do local. Foi denunciado pelos outros usuários. Nesta ligação, me disseram que Sísifo estaria fora dos atendimentos por 30 (trinta) dias e só voltaria se eu chamasse ou precisasse para dar continuidade à pesquisa. Não o chamei novamente, não havia motivo enquanto pesquisadora. Mas, perguntava em ligações, quase que diariamente, se ele havia retornado. Não. Após a suspensão, até este momento, ele não retornou ao local que dizia nunca abandonar. Por fim, foi realizada a entrevista com a Técnica de Referência (TR) que acompanha Sísifo desde seu ingresso no CAPS.

### **3.3 Instrumento da pesquisa e confronto com a fala de usuários**

Na tentativa de dar conta dos objetivos gerais e específicos, neste trabalho, estabelecidos, foi utilizado como instrumento para o estudo de caso, *a entrevista semi-estruturada com um enfoque biográfico*, ou seja, com um enfoque na *história de vida* do sujeito.

A *entrevista*, em formato semi-estruturado, permite a formulação de perguntas previamente elaboradas e também deixa espaço para colocações mais espontâneas do sujeito e

do pesquisador. No momento da entrevista, foi eleita como instrumento da pesquisa, por ser um instrumento privilegiado que possibilita interação social entre o sujeito e o pesquisador (MINAYO, 2000), podendo ser realizada, na proposta do estudo de caso, com o sujeito usuário de drogas, bem como com acompanhantes e outros atores envolvidos no processo (Anexos III, IV e V), de acordo com roteiros pré-elaborados, conforme cada informante.

O enfoque biográfico ou na história de vida tornou-se um importante recurso para compor o quadro metodológico deste projeto, a ser realizada com o usuário do serviço, participante da pesquisa, chamado Sísifo, como anunciado desde a introdução deste trabalho (Anexo V). De acordo com Mintz (1984), a história de vida constitui-se como oportuno, após significativo tempo e intenso trabalho de campo em um local, como em nosso caso. Convém lembrar que, em nossa pesquisa, que o pesquisador já possui uma visão da comunidade em que se incluem seus participantes, aspecto cuja relevância é ressaltada por Queiroz (1991). Para Becker (1993), a história de vida pode nos ofertar uma visão do lado subjetivo das pessoas em questão, ou seja, pode nos oferecer base para conhecer mais de perto o impacto que, todavia, as modificações corporais advindas do consumo do crack podem trazer sobre as pessoas. Assim, esse enfoque nos permite conhecer detalhes que podem fazer com que os objetivos da pesquisa sejam melhor contemplados, lembrando da proposta da amostra por conveniência e saturação, ficando, a realização da mesma, a critério do pesquisador para melhor contemplar os objetivos da pesquisa.

O fato do enfoque da entrevista na história de vida se configurar como um relato da experiência a partir da interpretação do sujeito em relação ao mundo em que vive, constituiu-se como fundamental para esta pesquisa, que teve seu interesse focado sobre os significados que os próprios sujeitos podem vir a conferir as suas modificações corporais, valorizando a história contada por aquela pessoa. De acordo com Queiroz (*op.cit.*), a história de vida nos ajuda a compreender não só como o indivíduo reagiu em dada circunstância, mas também

quais motivos o impeliu a tanto, porque é o desenvolvimento individual em interação com um grupo e a cultura que pode nos oferecer estes motivos.

Ainda, a autora afirma que a história de vida tenta não reduzir a realidade social a números e, desta maneira, preservar os significados, sendo este o interesse do presente estudo. Concordamos com a autora, que relata que:

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera a significativos, é através dela que se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que transmitido e que se insere nas atividades a que o narrador pertence (p. 6).

Essa autora ressalta que tanto a psicologia, quanto as ciências sociais têm na atenção às narrativas do sujeito sobre si mesmo uma importante fonte de informação e que nada do que este relata pode ser considerado supérfluo, pois suas falas compõem sua maneira de explicar a própria existência. Foi pertinente aos objetivos da presente pesquisa a ideia de que “mesmo que o cientista social registre somente uma história de vida, seu objetivo principal é captar o grupo, a sociedade de que ela faz parte; busca encontrar a coletividade a partir do indivíduo” (Queiroz, 1991, p. 10).

Utilizando-se de histórias de vida em sua pesquisa, Terto Júnior (1997) aborda a importância das narrativas, exatamente porque possibilitam a reconstrução das experiências individuais em determinados momentos da vida dos sujeitos, onde há interação entre os fatores individuais e culturais, a partir do ponto de vista do próprio indivíduo. Tal pesquisa contribuiu para despertar nosso interesse a respeito dos mecanismos que indivíduos usam para construir suas vidas, atentando para experiências cotidianas, formas que as pessoas escolhem para explicar como experimentam suas vidas e como as constroem e as reconstroem nos discursos, o que pode ajudá-los no reconhecimento da própria história.

É importante, ainda, notar que pareceu necessário fazer referência à experiência anterior com a fala de sujeitos usuários de crack, o que justifica as perguntas desta pesquisa, bem como os procedimentos eleitos como adequados para tentar abordar as questões que se colocaram. Foi essa experiência obtida, durante a realização de minha de Dissertação de Mestrado (Silva, 2008) que norteou a elaboração dos roteiros de entrevista, para que se pudesse por em foco os objetivos da presente pesquisa. A título de exemplificação, transcreveremos fragmentos de fala (de três sujeitos) que foram tratados naquele trabalho de Dissertação:

M = Usuário    I = Investigadora

M: *Minha mãe sempre me dizia, mas eu não acreditava. Ela dizia: “você tá muito magro, precisa se alimentar direito”! Pra mim, estava tudo bem. Quando eu vim perceber meu estado, era tarde demais.*

I: Quando você “caiu na real”?

M: *Minhas roupas começaram a ficar todas folgadas. Nada cabia mais em mim. Meus amigos, os que sobraram, tiravam onda, dizendo que eu estava ‘aidético’. Eles logo diziam que eu era ‘noiado’ e não queriam andar comigo, pois eles só usavam maconha e que maconha não fazia isso, não.*

I: E você se via assim?

M: *Não, não doutora. Eu só pensava na lata. Eu ficava agitado, o tempo todindo agoniado dentro de casa, não tava nem ai para o que vestir, o que ia vestir, o que comer, só pensava em como conseguir grana pra próxima pedra.*

Durante o processo de triagem, lembro-me da sensação de estranhamento que experimentei ao olhar sua foto 3X4 e compará-la ao sujeito que estava diante de mim. A juventude e o vigor daquela foto se dissiparam. Como dois anos conseguiram transformar um homem de aparentemente 90 quilos naquele ser franzino, fisicamente tão frágil? Ele percebia o quanto mudara? Estava consciente das modificações em seu corpo a partir do uso de crack? Essas perguntas decorreram do efeito que a mudança na aparência desse sujeito provocou em mim.

B = usuário

I = investigadora

Cheguei ao Centro de Reabilitação às 11 da manhã, quando sabia que eles já haviam realizado todas as tarefas domésticas previstas. Foi a primeira vez que fui àquele centro, o que justifica tamanha nitidez em minhas lembranças. B recebeu-me com um largo sorriso. Quando o vi, sequer imaginara que ele era um dos internos. Corpo atlético, porte de militar, ‘lábia de político’, parecia familiarizado com a casa, embora lá estivesse há apenas uma semana. Prontamente, dispôs-se a me mostrar a casa e então pude conhecer a sua história. Chef de cozinha de um dos maiores restaurantes da cidade começou o consumo de crack há dois anos, perdendo vínculos familiares, mulher e filhos. Devido às inúmeras faltas ao trabalho, acabou demitido, recebendo uma indenização de três mil reais:

*B: Gastei tudo, cada centavo. Estava em São Paulo na época. Hospedei-me em um hotel na sexta, quando fui dispensado, e só saí ao domingo, totalmente chapado. Consumi trezentas pedras, Doutora. Trezentas pedras! Não sei como estou vivo agora. Está vendo este corpo aqui? Eu era “marombado”, malhava todos os dias e tinha um corpo de fazer inveja a qualquer um. Veja agora como estou: magro, um pouco abatido, queria recuperar o corpo de antes. Vê o que a droga fez comigo?*

Esse discurso chamou-me a atenção. Eu não o conhecia, mas aparentava estar ainda em pleno vigor, forte, longe da magreza típica esperada. Ao meu ver, estava ótimo! Mas, ao que parece, ele não se percebia assim....

D = usuário            I = investigadora

D: *A senhora sabe porque os meus dedos são queimados? – disse ela, sorrindo, mostrando os próprios dedos, com as pontas enegrecidas – porque é melhor se queimar do que perder um pedacinho dela! Ai, a gente se queima, quando segura ela assim, ó.*

Jovem, com 18 anos, além da magreza expressiva, ela parecia achar graça em tudo, até em si mesma. Onde está a palavra crack? Ou a palavra droga? Não me lembro de ter ouvido. Fica subtendida. “Ela” é o nome da droga.

I: E você não sente dor?

D: *Dor? Usar não dói. – disse, entre risos.*

I: Não, pergunto de dor ao queimar os dedos.

D: *Não. Quando a gente queima os dedos, a boca, na hora, não pensa nisso, em dor, não. Só pensa no consumo e ai se queima. Depois, só vê a queimadura já feita. E não liga, não. Agora depois, sei lá, às vezes tem dor de dente, dor de barriga e eu sei que é ela que faz, né? Mas não tem importância, não.*

Ela disse que estava lá apenas porque a mãe levou, mas que não queria deixar de consumir a droga. Como esta moça, apesar dos ferimentos nas mãos e nos lábios, diz não

sentir dor, se a marca está lá, acusando que a dor, em algum grau, deveria existir? Seria efeito entorpecente da droga ou a dor é minimizada pelo prazer do consumo?

Esses são alguns dos fragmentos de fala de usuários de crack que, como disse, inspiraram esta investigação e a elaboração dos roteiros de entrevista utilizados nesta pesquisa.

Para finalizar este item do método, retomo o que colocou Santos (2012, p. 86), a fim de fornecer uma indicação geral da maneira como se deu a escuta dos resultados obtidos com as entrevistas utilizadas nesta investigação: “o investigador pode à distância deixar-se afetar pelo movimento significativo que permeia aquela fala. Com isso, a pesquisa passa a procedimentos explicativo-interpretativos que implicam os mecanismos subjacentes à fala e os efeitos que deles emergem.”

Assim, a forma escolhida para a decomposição dos dados obtidos em entrevista semi-estruturada foi a da *Análise Temática*. Procedeu-se assim porque, de acordo com Minayo (2000), na análise temática, através da leitura exaustiva do material obtido, é possibilitada a descoberta de núcleos de sentido a partir dos quais se procede a aproximação com os marcos teóricos que guiaram este estudo. Vale ressaltar que, para a citada autora e no atual estudo, tanto a frequência quanto à presença de algum elemento é significativa para o objetivo analítico.

De acordo com Minayo (2000, p.208), “o tema é a unidade que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Procedeu-se, assim, com o levantamento das unidades de significação presentes e/ou, qualitativamente, atentando para a presença de determinados temas no discurso do sujeito.

Segundo Minayo (*op.cit.*), para fazer uso de análise temática, são necessárias três etapas: A primeira delas é a Pré-Análise, na qual as tarefas são: a leitura flutuante (ou contato exaustivo com o material para que o investigador fique impregnado com os achados presentes sem se deixar tomar pela sensação caótica a partir dos inúmeros achados) e a constituição do

Corpus (onde se observa se o corpo de informações responde ao que foi proposto no roteiro, a representatividade dos dados dentro do universo pretendido, a homogeneidade dos mesmos e a pertinência dos documentos analisados quanto aos objetivos do trabalho).

Nesta fase, identificam-se as “palavras-chave” presentes na fala do sujeito e que identificam determinada categoria de interesse do investigador. Posteriormente, procede-se com a exploração do material, onde os achados são classificados a critério do investigador e podem ser transformados em dados brutos ou em informações compreensíveis ao leitor do texto, sendo esta a segunda fase da metodologia. A terceira e última fase da análise temática diz respeito ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos. Vale ressaltar que ao final de tal análise, percebe-se que as inferências são feitas em torno dos significados.

Desta maneira, na releitura dos dados obtidos mediante realização de entrevista semi-dirigida, uma das fontes de dados para a atual pesquisa, privilegiou-se os temas mais ressaltados e seus possíveis significados, tendo em vista o referencial teórico escolhido. De acordo com Rios (2005), a dupla hermenêutica, forma de análise utilizada diante da entrevista com enfoque biográfico, permite observar os sentidos que os sujeitos – em nosso caso, o sujeito usuário de crack - constroem de suas ações e relações. Do mesmo modo, cabe ao pesquisador ir um tanto mais além, enquanto analista que parte de um referencial teórico-metodológico, olhando e interpretando as ações, sentidos e interpretações dos interlocutores da pesquisa.

Foi dado destaque, então, aos significantes que, nas falas dos participantes causaram algum efeito na investigadora, considerando os objetivos da pesquisa. Em outras palavras, na análise dos discursos dos sujeitos, tentou-se escutar os significantes que circulavam através desses discursos, na medida em que a investigadora foi por eles afetada.

#### **4. Dos Resultados e Discussões: O Sísifo da pequena pedra, a de crack**

Este capítulo é introduzido pela descrição da história de vida do sujeito participante, tomando como ponto de partida, aspectos gerais trazidos na entrevista com enfoque biográfico realizada, apresentando o caso alvo deste estudo. Tais informações são mescladas com outras, trazidas pelas demais pessoas entrevistadas - além do próprio participante, sua mãe, sua namorada/companheira e com a técnica de referência que acompanha o mesmo desde seu ingresso no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), há mais de um ano - a partir de roteiros semiestruturados, de acordo com a metodologia proposta. Este tópico, também é fruto das reflexões feitas desde a primeira visita ao CAPS Ad Recanto dos Guararapes, com finalidade de selecionar o sujeito informante da pesquisa junto à equipe técnica do local.

Em seguida, já no capítulo da análise e discussão dos resultados, seguem-se eixos de reflexões possíveis ao pesquisador dentro da teoria psicanalítica, trechos de fala de todos os participantes escritos em forma de história, dialogando com a perspectiva teórica deste estudo, história que é fruto das reflexões feitas desde a primeira visita ao CAPS Ad Recanto dos Guararapes, com finalidade de selecionar o sujeito informante da pesquisa junto à equipe técnica do local. Nesta história, estão aspectos ligados à observação no local e trechos de fala significativos de todos os entrevistados, após exaustiva leitura do material, a partir da forma de análise proposta, mantendo como foco o discurso do próprio sujeito, a quem escolhi chamar pelo pseudônimo de *Sísifo*, não sem significado.

##### **4.1 Introduzindo a história: sobre o uso do mito de Sísifo para apresentação do caso**

Para Pastore (2012), Freud consegue extrair da mitologia grega, importantes alicerces para a fundação da psicanálise. Por sua sensibilidade, pinça da Grécia antiga em seus relatos míticos, elementos que servem de base para a construção de noções importantes na

psicanálise, como o complexo de Édipo, por exemplo, onde Édipo é “responsável por seus atos inconscientes ou não, o que instaura uma conexão entre a tragédia e a psicanálise” (p.1), abrindo um leque de possibilidades no estabelecimento de uma relação entre o mito e a psicanálise.

Como já dito na introdução, na minha pesquisa de mestrado, quando tratava das repercussões de mutilações faciais na trajetória de vida das pessoas, já foram utilizados nomes de personagens da mitologia grega, apenas pelo critério de gênero, para nomear os participantes da pesquisa<sup>42</sup>. Mas, neste espaço de construção da tese, desde que me aporço em constructos teóricos da Psicanálise, o informante se chamará *Sísifo* não apenas para ter identidade preservada, mas também pelo significado, pelas semelhanças encontradas entre o personagem e ele, o sujeito alvo deste estudo de caso. Relembrando o uso dos mitos de Narciso e Édipo pelo pai da Psicanálise, Sigmund Freud, o que interessa no uso do mito não é unicamente a construção da narrativa, mas principalmente o sentido simbólico dos termos.

Assim, na atual pesquisa, utilizo o codinome e o mito de *Sísifo* para contar a história do participante; já relembra Pastore (2012), que a palavra mito tem sua origem na palavra grega *mythos*, derivando do verbo *mytheio*, que significa contar, narrar; já *mytheo*, significa contar, conversar, onde o narrador tem a palavra tomada como verdade, em nosso caso, não absoluta e ao menos provisória, diante daquilo que se chama de conhecimento científico. Levi Strauss (1978), em seu livro *mito e significado*, aborda o pensamento científico em comparação ao pensamento mítico, pois ambos apresentariam proximidades, de acordo com o

---

<sup>42</sup>Ver em “Para uma Psicossociologia da Máscara: sobre curativos, óculos e próteses faciais na trajetória de vida de pessoas que passaram por mutilações na face” (SILVA, 2008), os sujeitos que responderam a entrevista semiestruturada foram chamados pelo primeiro nome de autores emblemáticos da literatura brasileira, enquanto aqueles que responderam a entrevista com enfoque biográfico receberam nomes de personagens da mitologia grega.

autor, pois para ele, apesar de ser outra linguagem, o mito seria pleno de significado. Para Pastore (*op.cit.*):

O mito é, assim, um termo múltiplo desde sua raiz na língua grega, e se presta a designar as composições de diversos gêneros literários - o épico, o lírico e o dramático -, os relatos históricos, as lendas da tradição oral, bem como sua própria ordenação, isto é, os tipos de relação que se estabelecem entre os elementos constitutivos dos relatos. Comumente, o mito é associado a histórias fabulosas, a narrativas fantásticas, muitas vezes, absurdas, incoerentes e contraditórias, impossíveis de terem lugar na vida real, porque se alojam na esfera do simbólico (p. 2).

O Sísifo, do mito (Camus, 2010), recebeu, então, o castigo eterno de rolar todos os dias uma pedra até o topo de uma montanha, e depois de causticado, a pedra rolava de volta até o chão, tornando o seu trabalho repetitivo, levando-o a começar tudo de novo. O Sísifo que começo a contar sua história, também escapou da morte diversas vezes; o Sísifo que conheci no CAPS também tem uma pedra em sua vida, que carrega repetidamente. Mas esta pedra é bem pequena, em dimensão, contudo enorme, em seus danos. É a pedra do crack...

Sísifo é manipulador. Como já disse, algumas das queixas familiares são as manobras dos usuários para tirar dinheiro e objetos da família e até mentir, para conseguir o que querem. Sísifo, no mito, engana a morte a partir de um sedutor discurso e a prende com uma algema. Assim, Sísifo engana a morte. Assim, os jovens se desfazem de seus bens e desestabilizam seus laços familiares e relacionamentos afetivos. A família, às vezes se queixa de cansaço, por outras, não impõe limites ao sujeito e os desgastes só aumentam. Diariamente, um trabalho para obter meios de conseguir a droga: repetição e o ciclo são novamente retomados. Também a família do usuário parece repetir a dinâmica do castigo interminável do mito de Sísifo.

Sísifo, o do mito, também desafia Zeus, o maior dos deuses, e que não deve ser contestado. Os usuários de droga, muitas vezes, dão de frente com normas e regras sociais e tem dificuldade em lidar com isso. O uso de mentiras se faz presente, muitas vezes para

poupar a própria vida dos traficantes e também como forma de manipulação de ter acesso às drogas.

Os planos para o futuro ficam comprometidos; Sísifo parece não pensar nas consequências de trair Zeus e enganar a morte. Os usuários de crack vivem no desejo de satisfazer seu anseio pela droga, muitas vezes, como já dito pela experiência com usuários, deixando de lado trabalho, família e valores morais. Colocam em risco a própria vida, desafiando Deus, envolvendo-se em brigas, assaltos, sendo irresponsáveis pela própria segurança e também de outros; Sísifo não consegue trabalhar. No mito, ele se nega a acompanhar Tântalos e assumir as consequências de seus atos e faz tudo para escapar. Adictos podem ter dificuldades laborais, em assumir horários, manter um emprego; parecem não conseguir manter outra rotina a não ser a da busca pela droga; não pedem desculpas a Zeus mas, ao contrário, sempre os desafiam.

Apresento o caso de Sísifo, lembrando ainda que, para Nasio (2001) a observação escrita do caso exprime a própria singularidade do ser que fala ao interessado, o que faz o caso, em psicanálise, ser definido como o relato de uma experiência singular, escrito por quem atesta seu encontro com o outro para respaldar um prosseguimento teórico, inclusive a exposição da vida e dos sintomas do sujeito. Para a construção deste caso, diante dos resultados, o investigador precisa se defrontar com uma fala não-desencarnada, que implica um sujeito, ou seja, com a fala e com o corpo que fala, articulando fala e falante a partir de um olhar e uma escuta peculiar (Lier-De Vitto, 2003).

Para Santos (2012), como fala e falante são indissociáveis no instante da fala, é possível pensar que este contato posterior que o investigador tem com o material fruto das entrevistas, como no caso desta pesquisa, favorece que o imediatismo da fala seja minimizado pelo distanciamento fundamental para a interpretação das falas e da afetação que esta causa no pesquisador, que se permite afetar pelo movimento significante que permeia aquela fala.

Lendo a fala, o investigador se coloca em outra posição, podendo, então, invocar as teorias que lhe permitem ler o que foi colhido pelo mesmo sujeito que já foi afetado pela escuta.

Dessa forma, é o efeito que causa no investigador, algo que o interroga e que pode suscitar uma discussão, dialogar e transformar aspectos teóricos. Passemos ao caso de Sísifo e no capítulo seguinte, de análise e discussão dos resultados, aos aspectos observados e ao que marca a sua fala e dos demais envolvidos na construção do caso.

## **4.2 Apresentando o Caso Sísifo**

Sísifo tem 32 anos, é pardo, tem cabelos cacheados e estatura média; se reconhece como dependente do crack há sete anos, mas teria conhecido as drogas aos 17 anos, numa viagem a cidade de Salvador, com um amigo, com o consumo da maconha. Passou mais de sete anos consumindo a droga achando que poderia parar quando quisesse, mais aos 25 anos chegou à conclusão de que era mesmo dependente da substância e começou a buscar tratamentos. Atualmente, está no CAPS em tratamento há um ano e acabou de passar por uma desintoxicação hospitalar depois de recaída.

Ao falar de sua infância mais tenra, diz ter nascido com problemas respiratórios e ter sobrevivido devido a um milagre. Tem quatro irmãos, três biológicos e uma adotiva. Os maridos das irmãs não permitem seu contato com Sísifo por conta de seu envolvimento com drogas e ele se relaciona apenas com o irmão mais velho e a mais nova, a quem se refere como adotiva. Seus pais, que segundo sua mãe, viviam entre brigas porque o pai já possuía outra família no interior do estado, separaram-se quando Sísifo tinha doze anos. Sua mãe, a quem chamarei de Enarete<sup>43</sup>, casou novamente, mas se separou recentemente, já que o padrasto de Sísifo tentou agredi-la fisicamente.

---

<sup>43</sup>Nome da mãe de Sísifo, na mitologia grega.

Diz ter sido uma criança feliz, que estudava em escolas particulares e era mimado e criado por uma tia, a quem chama ‘titia do amor’, que faleceu jovem, de lúpus, com trinta e três anos quando o mesmo tinha apenas treze anos. Diz que esta tia era a estrutura da família, que harmonizava as pessoas e pacificava as brigas. Devido à separação dos pais e a morte desta tia, com quem morava e que era professora na escola onde estudava como bolsista, diz ter sido matriculado em escola estadual, motivo que sua Enarete, que é técnica em enfermagem, dá ao início do envolvimento de Sísifo com as drogas. Ele afirma ter ficado deprimido após a morte de sua tia e que sua avó paterna o estimulava a sair para rua e conhecer pessoas, quando, com a turma do colégio usou maconha pela primeira vez, aos quatorze anos.

Desde que Sísifo, então, tinha 12 anos, seu pai foi residir no interior e mantém contato com ele até hoje basicamente pelo telefone. Mesmo assim, diz que o pai lhe dá muita atenção e conselhos. O fato do pai ter sido descoberto com outra família também revolta Sísifo, que refere esta separação também como determinante para seu envolvimento com as drogas. Atualmente, Sísifo mora no mesmo espaço físico que a mãe e os irmãos, sendo que a mãe, o irmão e a irmã moram numa casa na parte de cima do imóvel, e ele mora sozinho na parte de baixo da casa.

Aos dezessete anos Sísifo, fez uma viagem com um amigo à cidade de Salvador, onde conheceu o crack e a cocaína. Mesmo com o consumo de drogas, diz gostar de estudar e ter concluído o ensino médio e ter o sonho de realizar curso técnico em enfermagem do trabalho e posteriormente o curso superior em Enfermagem ou Psicologia. Diz que a partir dos 18 anos, quando passou oito meses em Salvador, fez uso de todas as drogas, como *rupinol*, *LSD*,

---

*exctase e morfina*<sup>44</sup>, exceto cola e loló, que diz nunca ter gostado. É categórico em dizer que o crack é uma droga diferente, porque quanto mais se fuma, mais se quer. Além disso, afirma que o crack faz com que o sujeito perca seu valor moral na sociedade. Sísifo ainda usa o crack, especialmente numa casa na comunidade onde mora, local em que a dona permite que os usuários se agrupem num quartinho dos fundos com certa privacidade. Por causa do crack, diz que praticou crimes, como assalto a mão armada e tráfico de drogas, mas nunca foi preso nem tem passagem pela polícia. Profissionais se questionariam como ele ainda pode estar vivo com um uso tão intenso de drogas; Sísifo, em sua esperteza, explica a seguir suas táticas para preservar a saúde e não ser preso.

Já fez grandes dívidas de drogas, sempre pagas por sua mãe ou através de suas trapaças quando alguém pede para que ele busque drogas; sempre pede dinheiro aos que têm medo de descer na boca de fumo ou retira pedaços das pedras de crack dos temerosos, para negociar ou mesmo fumar. Diz que escapa da polícia, porque conhece muito bem o bairro onde mora. Contudo, quando chegam em sua porta de moto, pedindo para que desça e pegue drogas, sua mãe expulsa aqueles que vê. Ele mesmo entrega dinheiro e cartões a sua mãe para que cuide e proteja dele mesmo, ainda que insista para que entregue.

Diz ter tido muitos e bons empregos. Começou a trabalhar ainda jovem, na função de contínuo, mas nunca permanecia nos empregos por causa do consumo de drogas. Passava noites usando drogas, chegava atrasado e com o corpo aparentemente abatido. Já chegou a usar drogas em ambiente de trabalho. Diz ser vítima da “maldição dos três meses”, por ser mandado embora ao fim do período de experiência. Mesmo assim, diz nunca ter sido demitido por justa causa, mas sim, sair dos empregos com boas referências e com pedidos de retorno,

---

<sup>44</sup> As três primeiras se tratam de drogas sintéticas; já morfina, é um forte medicamento receitado em casos de fortes dores.

após tratamentos. Atualmente, está recebendo benefício do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) no valor de um salário mínimo e seu cartão de saque fica de posse de sua mãe, que controla suas finanças, como já mencionado.

Pelo uso abusivo de crack, Sísifo já fez tratamento em comunidade terapêutica de cunho religioso, conseguindo permanecer oito meses sem uso da droga, tempo máximo que alcançou sem consumir nos últimos anos. Passou seis meses internado no local e depois dois meses auxiliando nos trabalhos, como obreiro e se converteu ao protestantismo. Ao deixar o local por conta de uma oportunidade de trabalho que considerava imperdível, teve uma recaída, segundo o mesmo, por causa de mulher e bebida alcoólica, que abre as portas para que anseie consumir o crack. Diz que crê muito em Deus e quer voltar a frequentar a igreja evangélica. Contudo, quando está drogado, diz que xinga Deus por Ele ter permitido o fato de Sísifo ser dependente do crack. Comparece ao CAPS sempre sozinho, nos dias determinados pela equipe técnica. Ali, passa pelos tratamentos e grupos propostos, inclusive recebe medicação psicotrópica, que também fica de posse da equipe técnica ou da mãe de Sísifo, já que quando está muito ansioso e na “fissura”<sup>45</sup> pelo crack, ele já tomou uma cartela inteira do ansiolítico prescrito.

Sísifo diz ser cantor de rock e ter uma banda que faz shows em diversos locais, dentro e fora do estado. Diz que, na época que seus pais se separaram, ele conheceu a banda Nirvana e o cantor Kurt Cobain, o que mudou sua vida desde então. Diz que se baseou e se baseia<sup>46</sup> de forma doentia no cantor artisticamente, mas também já tentou copiar, inclusive, a aparência física do vocalista. Refere-se diversas vezes ao cantor e ao seu suicídio e também ao fato de

---

<sup>45</sup>A fissura (craving) é um estado em que o dependente químico enfrenta quando aparece uma vontade incontrolável em beber/usar drogas. Fonte: Cartilha já nas referências bibliográficas, *Crack, é possível vencer* (BRASIL, 2014). Na minha experiência com os usuários de crack e também na fala de Sísifo, a fissura é representada pela vontade de usar cada vez mais a droga.

<sup>46</sup> Na linguagem dos usuários de maconha, “baseado” é o cigarro que se faz na maioria das vezes com papel seda e a erva de nome científico *Cannabis sativa*.

considera-lo humilde como artista, como ele mesmo também se intitula. Ambos teriam medo de crescer musicalmente, medo do sucesso e da fama. Diz-se fanático pela banda.

Sísifo diz que já foi casado e parece hesitar ao falar de uma criança que seria sua filha: em um momento, diz que a criança não é seu filho (assim como afirma sua mãe Enarete), em outro momento, diz que o menino é sim, seu filho, e que só não assume legalmente por ameaça de morte do atual companheiro de sua ex-mulher, que já foi preso por homicídio. Na ocasião da participação na pesquisa, Sísifo namorava há algumas semanas, mas chamava a namorada de esposa em alguns momentos. Diz que ambos eram amigos desde a infância e que pedia a Deus uma mulher como Mérope<sup>47</sup>, que pudesse receber atenção, respeitar e confiar. Teria, então, encontrado essa mulher na pessoa da namorada. Contudo, viajou para shows de rock na companhia de outra moça, a quem chama de maria paleta (ou seguidoras de músicos de rock), e se dizia arrependido por ter magoado a atual namorada. A mesma afirma que o namorado muda muito quando está em uso abusivo de crack, pois seu olhar fica opaco e ele distante, diferente da pessoa extrovertida e carinhosa que considera. Sísifo afirma ter medo de decepcionar as pessoas que ama.

Sísifo já chegou a fumar dezesseis gramas de crack em um só dia. Diz que quando está em consumo, só consegue tomar líquidos e não consegue comer, pois o crack tiraria totalmente a fome da pessoa. Por vezes, esse líquido é o leite, que acredita ter potencial para limpar seus pulmões do consumo excessivo ou a cerveja, que o conduz a querer usar mais droga. Diz que, por muitas vezes forçou-se a comer para não ficar desnutrido e debilitado. Atualmente usa crack e maconha, mas também consome álcool e cigarro comum. Diz que quando consome muito crack, sente seu corpo pedir ajuda e o leite ajuda a desintoxicar.

---

<sup>47</sup> Nome da esposa de Sísifo, de acordo com o mito.

Consome o crack na lata com cinzas de cigarro comum barato, mas diz que prefere fumar usualmente cigarros mais caros.

Sísifo diz que as pessoas da comunidade o classificariam como um menino bom, de família, que se perdeu com as drogas. Sua mãe diz que os vizinhos têm pena do seu filho e não tecem comentários maldosos a seu respeito, apesar dela mesma chamar outros usuários de crack de “noiados”. Diz que, na abstinência do crack fica agressivo, insulta pessoas da família e da comunidade, mas não chegou a bater ou machucar ninguém, apenas a empenhar eletrodomésticos da família. Classifica-se como “depressivo, ansioso, estúpido e contagioso” quando em consumo abusivo. Diz que os vizinhos mais próximos pedem sempre para ele parar de consumir o crack, quando em uso abusivo, por estar magro e aparentemente debilitado e que já o compararam com o cantor Cazuza, e que ele até gosta, mas ressalta que faleceu em decorrência da AIDS. Diz que a irmã mais nova chora, dizendo que ele é muito bonito e está se deixando destruir pelo crack, questionando por que ele faz isso com ele mesmo. Também, perde a confiança da família até para entrar em suas casas, por temor de perder objetos pessoais para o tráfico. Sente-se rejeitado. Quando questionado, avalia-se como quem parece com uma caveira, com olhos fundos e pensamentos suicidas. Reafirma que não pretende desistir de sua vida e dos tratamentos, pois se entregar ao crack seria bem pior para ele.

Quando consome crack, Sísifo diz ter pensamentos de grandeza, de euforia; Depois, sente uma forte dor de cabeça e taquicardia. Diz que queima as pontas dos dedos quando fuma na lata<sup>48</sup> e a boca, quando fuma crack e maconha juntos<sup>49</sup>, mas que na hora do consumo não

---

<sup>48</sup> De acordo com os relatos dos usuários de crack com os quais convivi na minha prática profissional, já mencionada na introdução desta tese, fumar na lata implica em fazer cinzas de cigarro comum, colocar em uma lata de alumínio, onde faz um furo, através do qual segura a pedra do crack e inala, pela boca, a fumaça produto da mistura do crack com as cinzas do cigarro.

<sup>49</sup> Mesclado ou melado, de acordo com a fala do próprio Sísifo e dos usuários de crack com os quais convivi em experiência profissional, é um cigarro, feito com papel seda, preparado com maconha e pedaços esmigalhados de crack.

vê nem percebe as queimaduras, nem mesmo se o cigarro, utilizado para fazer cinzas para o consumo do crack, queimar seus braços. Diz que o crack apodreceu seus dentes, mas que durante o consumo ele não se importava com isso. Depois de consumir, sempre se questiona por que consumiu novamente. Classifica-se como “anjo decaído” quando está usando crack, por ficar com um péssimo semblante, desleixado e com barba comprida. Reafirma, quando perguntado, que durante o consumo não pensa em nada disso. Diz que um dia, dois dias depois, quando cai a lucidez, é que o sujeito se questiona a respeito. Já chegou a cair no palco de tão alterado pelo consumo da droga. Quando perguntado, diz que a sua concentração e memória estão abaladas, sintomas que também relata sua mãe, quando o filho está em uso abusivo da droga. Diz que ambos, mãe e filho, sofrem muito por causa do crack. Afirma que o crack queimou os seus neurônios, que não retornam mais, mas não se aprofunda sobre a temática de sua aparência. Diz que o crack é a pior de todas as drogas que já usou, porque todas as drogas enjoam com o tempo de consumo, mas o crack o sujeito quer usar cada vez mais.

Sísifo faz planos de voltar a trabalhar, estudar e ter uma vida social. Quer casar com a namorada, voltar para igreja evangélica e tocar música gospel. Diz que tem artistas do meio em que também pode se basear, que tocam rock, mas que servem a Deus com seriedade. Diz que, nos últimos dias, enquanto esteve viajando com sua banda de rock, orou com fé e entregou sua vida a Deus, afirmando que sem Ele não conseguiria não consumir drogas durante a viagem.

Sísifo se considera depressivo e cansado desta sua relação com a pedra. Utiliza frases do cantor Raul Seixas e diz: “Levanta tua mão servente e recomeça a andar. Tente outra

vez”<sup>50</sup>. Então se barbeia, passa um creme no cabelo, toma leite quando sente o corpo debilitado ou um chá de boldo. Diz que não vai deixar o crack destruir sua vida mais do que já destruiu. Diz que a mãe sempre fala que não quer morrer e deixa-lo em consumo de crack. Sente vontade de chorar quando conversam a respeito disso. A mãe diz que é sua força; Sísifo afirma que a mãe é tudo pra ele. Está fazendo caminhadas e novas amizades como estratégias para se afastar do crack, mas o rock o aproximaria da droga. Acredita que caminhando e correndo seu corpo se desintoxica do crack.

Fisicamente, se descreve hoje bem melhor do que antes, há algumas semanas, quando esteve em uso abusivo do crack em uma recaída, antes da desintoxicação hospitalar, mas que ainda falta muito para melhorar. Deseja ganhar peso, pois dá pra perceber que ainda está debilitado. Quer voltar aos 78 kilos, pois hoje pesa 69 kg, e quer praticar esportes. Deseja também reativar seus sonhos, comprar um carro e viver sua vida.

Assim, tendo exposto o caso de Sísifo, vamos aos trechos de fala ressaltados como significativos após leitura exaustiva do material a partir do viés teórico que embasa este estudo, apontando os significantes presentes nos discursos dos entrevistados.

### **4.3 Breve Apresentação dos Eixos de Análise**

Neste ponto, com base nas primeiras leituras dos resultados, foram formulados possíveis eixos de análise para fins de melhor apresentar ao leitor o recebido no campo de pesquisa, bem como organizar as falas dos sujeitos, reflexões teóricas e posições neste momento assumidas por mim, enquanto pesquisadora. Não foi fácil o exercício de pensá-los,

---

<sup>50</sup> Sísifo, aqui, faz referência a canção *Tente outra vez*, lançada em 1975, de autoria do cantor Raul Seixas, morto em 1989, provavelmente por conta do alcoolismo.

formulá-los, decidir pô-los aqui; senti-me um pouco o Sísifo, do mito, com exaustivas idas e vindas ao dito pelos participantes, às obras base desta tese, orientações...

Cada um destes eixos, já abordados na fundamentação teórica desta tese, estão minimamente apresentados e, no capítulo a seguir, junto os seguintes eixos de análise: *O eixo 1*, intitulado *autoerotismo e a busca do gozo mortífero ao uso abusivo da droga*: Sísifo repete o consumo do crack, anunciando em si automutilações e masoquismo, *o eixo 2*, chamado de *o corpo que clama pelo outro*, pelo Nome-do-Pai e o eixo 3, o Real, o Simbólico e o Imaginário: *O RSI para falar do corpo de Sísifo*.

Meus diálogos e as falas com os sujeitos (Sísifo, mãe, namorada e TR) estão postos em itálico no decorrer das discussões.

**- Eixo 1: Autoerotismo e a busca do gozo mortífero do uso abusivo da droga:  
Sísifo repete o consumo do crack, anunciando em si automutilações e masoquismo**

É o preço a pagar pelas paixões deste mundo. Nada nos foi dito sobre Sísifo nos infernos. Os mitos são feitos para que a imaginação os anime. Neste caso, vê-se apenas todo o esforço de um corpo estirado para levantar a pedra enorme, rolá-la e fazê-la subir uma encosta, tarefa cem vezes recomeçada. Vê-se o rosto crispado, a face colada à pedra, o socorro de uma espádua que recebe a massa recoberta de barro, e de um pé que a escora, a repetição na base do braço, a segurança toda humana de duas mãos cheias de terra. Ao final desse esforço imenso, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, o objetivo é atingido. Sísifo, então, vê a pedra desabar em alguns instantes para esse mundo inferior de onde será preciso reerguê-la até os cimos. E desce de novo para a planície (Camus, 2010, p. 86).

*O eixo 1*, que aborda a obtenção de prazer de Sísifo com o uso da droga, conforme a fundamentação teórica, versa sobre a busca de um gozo ilimitado por Sísifo, abordando a busca da obtenção do gozo com o uso da droga, impulsionado pela pulsão de morte, o que

favorece o surgimento do masoquismo e das automutilações presentes no uso abusivo do crack<sup>51</sup>. Tem respaldo nas reflexões freudianas sobre o autoerotismo.

Para começar, relembro que em *O caminho da formação dos sintomas* (1969), Freud diz que um grande empobrecimento para a pessoa é a paralisação de todas as tarefas importantes da sua vida em prol do gasto da energia para formar os sintomas. Os sintomas, por fim, surgem em substituição a uma satisfação frustrada, operando uma regressão da libido a períodos anteriores do desenvolvimento que se vincula a estágios anteriores de escolha de objetos de organização, retornando a libido a algum período do passado onde não havia privação da satisfação. Em *Contribuições a um debate a masturbação* (1912, 1976), os sintomas das neuroses atuais podem ser comparados à adição. A droga surge enquanto vício, servindo de substituta da falta de satisfação. Essa seria matriz de outros vícios, coloca a dependência química como substitutiva da falta da satisfação sexual. Neste texto, Freud aponta três possíveis danos que podem emergir da masturbação ou comportamentos de dependência e vícios. O primeiro é o prejuízo orgânico, físico que o sujeito vivencia por conta da sua dependência – refletindo sobre este trabalho específico, os danos físicos visíveis no uso abusivo do crack . Um segundo prejuízo desta busca é a obtenção da satisfação sempre da mesma maneira, o que impede o sujeito de passar pelas experiências do mundo externo para obter sua satisfação. E o terceiro prejuízo, seria a permanência do que chama de infantilismo psíquico, ou seja, uma persistência que, de alguma maneira que, faz com que o sujeito fique preso a fases anteriores do seu desenvolvimento.

Tendo posto aspectos acima ressaltados e apontando o sujeito toxicômano que busca um gozo absoluto, como explicitado a seguir, a droga, crack, inalada pela boca por seus usuários, quando abordamos o sujeito em relação com a pedra e seu corpo, é importante

---

<sup>51</sup> Estes conceitos, a partir daqui utilizados como fontes de reflexão nos eixos teóricos, estão colocados na fundamentação teórica deste trabalho e brevemente mencionados neste e no próximo capítulo.

considerar o autoerotismo que está caracterizado como uma ação em que o sujeito busca o prazer a partir do incitamento do seu próprio corpo, (Freud, 1914-1916/2010). No segundo ensaio, que tem por título “a sexualidade infantil”, na versão de 1910, fala que o narcisismo tem como centro o surgimento do sujeito psíquico a partir do autoerotismo, uma das principais características da sexualidade infantil, ressaltando a sucção da criança como auto-erótica sendo o seu interesse dominar a zona erógena, que é a boca, a primeira maneira de relação do bebê com o mundo externo (Freud, 1905, 1996).

Há uma inegável relação do sujeito com sua pedra de crack no caso Sísifo. Porém, é possível questionar se o sujeito chega a retirar a libido dos objetos para investi-la em si mesmo, fazendo com que o eu ficasse ameaçado por um afluxo demasiadamente grande de energia. Não há, nesta pesquisa, elementos para que foquemos na estrutura de Sísifo, pois como dissemos, a discussão pretende ir além da noção de estruturas clínicas. Mas, a ideia de Birman (2005), faz-se aqui, plenamente aproximável. O consumo da droga pode significar, aproximando esta vivência com o consumo de drogas, servindo esta como um objeto onde se se busca para reviver o seu primeiro estado de plenitude com o corpo da mãe. O consumo da droga poderia estar simbolizando uma negativa da perda da plenitude ideal da criança junto à figura materna.

Este eixo, então, trata da soberania da droga frente ao sujeito do Inconsciente. O corpo, então, fica a serviço da droga e do gozo obtido através dela. Sobre isso, disse Enarete, sua mãe:

*Ele começa a se...assim, quando ele começou, logo não. Mas depois acho que ele foi usando mais. Porque o crack, ele não se contenta em usar só uma vez não. Ai ele vai, parece que dá um negócio que quer mais, quer mais. Ele fica gritando. Quebrando portão dentro de casa, querendo assim, gritar comigo. Dá murro. Machuca, né. Nas mãos. Uma vez ele saiu chutando lixeira, e tudo no meio da rua. Fica... ele fica sem controle dele: “Me dê, eu*

*quero!” Isso gritando, né. Pergunto: Ele pede o que? Dinheiro, é? O crack, dinheiro pra... “Eu quero usar, eu quero usar”.*

Aqui, sua mãe fala da compulsão do seu filho pela droga. A busca pelo prazer que o faz se machucar. O prazer, que está acima da dor, acima do corpo se machucar... O prazer, porém, é mortífero e tão intenso, que Sísifo não percebe as queimaduras que faz em seu corpo, durante o uso abusivo. Teoricamente, comento o tópico adiante. Primeiro, estou falando do prazer; em seguida, passo ao tópico da pulsão de morte, masoquismo e automutilação.

Freud (1920/1996), em *Além do princípio do prazer*, diz que a pulsão de morte é responsável pelo desinvestimento, pelo desligamento, pela diferenciação e separação. Ela representa uma dimensão auto-destrutiva, por isso se vincula ao masoquismo, ao sadismo, a automutilação, a melancolia e etc. Já sobre a automutilação, Pinheiro (2011), ao citar falas do artista Orlan, aponta que a automutilação estaria ligada a diminuição de capacidades.

Sobre seu estado físico após o consumo, Sísifo começa:

*Num posso beber álcool. Quando você usa crack, você não come, só entra líquido. Ai você no meio ali só tem vontade de beber. O crack corta totalmente a fome da pessoa. Eu já cheguei ao ponto de empurrar comida pra não ficar desnutrido, mas corta mesmo a fome, geral. Aí eu...debilitado...aí tome cerveja. Atualmente eu uso crack e maconha e às vezes bebo. Pra evitar fumar crack, eu prefiro tomar a cartela toda de remédio (...), depois de fumar muito, eu sinto meu corpo alterado. Pedindo já ajuda. Como se dissesse: “Meu irmão, eu num tou aguentando o que tu tás exigindo não.” Tomo leite. É porque o leite ele desintoxica, né? O corpo. Aí o cara vai de novo. (...) Na ilusão... aquele comercial que passava, do lado do prazer “Quando eu quiser parar eu paro.” Mas você depois que pra parar é difícil. Aos 25 Eu usava crack, cocaína... morfina.*

Roudinesco e Plon (1998) dizem que a ideia de satisfação de necessidade orgânica a ser satisfeita pela criança na sucção ao seio quando, já satisfeita, se entrega a repetição do

chupar, tal atividade repetitiva é da ordem do gozo, demarcando a entrada numa fase de autoerotismo. Sísifo revela o ciclo repetitivo do prazer pela droga e suas estratégias para lidar com a desnutrição típica da droga. Inapetência alimentar e desnutrição, o prazer que está acima disso, o que nos fala do gozo, debatido na sequência.

Como diz Almeida (2010), a droga figura-se como objeto narcísico, que exerce fascínio sobre o sujeito na sua condição imaginária, que surge para encerrar uma aprisionante relação de amor, mortífera. Para Lorencini (1998), por dificuldades em se autorregular, quanto mais o sujeito recorre ao uso de drogas, maior é a interiorização de que elas são indispensáveis para a sua vida. Assim, o sujeito se achega às drogas na procura de um prazer automático, imediato, que se diferencia dos outros prazeres. Esta experiência substitui os outros possíveis prazeres, os outros possíveis objetos, pois a droga parece, ao sujeito, substituir todos os demais à altura, o que põe o adicto focado em sua relação com a droga e, diminuindo, assim, os interesses por outras coisas. Lembremos ainda que, para Calligaris (2000), ao falar de adolescentes, diz que a droga oferta a possibilidade de um lugar para gozo ilimitado, paralisando a busca incessante da fluidez característica do desejo significante. Para o autor, a droga, que promete uma satisfação completa, logo um gozo ilimitado, ainda que momentâneo, que a conduz para assumir posição superior ao status social por ela possivelmente instaurada: só ela importa, como objeto, quebrando o que chama de “regra moderna de funcionamento de desejo” (p.47). A droga estancaria ou apagaria o desejo, e aquele que a consome deixaria de deslizar para outros objetos – emprego, carro, casa, roupas, pessoas. Para o autor, “a droga é um objeto mortal. Não só porque pode matar o usuário, mas porque – tão grave quanto isso – ela pode matar seu desejo” (p.48).

Desta maneira, Sísifo se machuca, sem perceber e não consegue se manter em qualquer emprego, usando o termo “maldição dos três meses” (que está abordado mais adiante), para designar a própria maldição, o próprio castigo ao qual está submetido junto a sua pedra.

De acordo com o Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (1996), a droga oferta a possibilidade de satisfação a ponto de se tornar pura e simplesmente o gozo, o que remonta o narcisismo. Por conta deste investimento libidinal narcísico, como se vê nos trechos de fala expostos, pode-se pensar que Sísifo não consegue se manter no trabalho, como por exemplo, pois toda sua energia psíquica se volta para si mesmo. Esta etapa precede o masoquismo e está diretamente ligada ao autoerotismo, primeiro tópico deste eixo, já abordado teoricamente.

O autoerotismo, como foi visto, etapa arcaica da organização do sujeito, é aquela que organiza o narcisismo, em que o sujeito vai obtendo prazer no seu próprio corpo, como o próprio nome afirma, na sua relação com ele mesmo. A energia libidinal é voltada para o próprio sujeito e isto é o primeiro investimento em si mesmo, diz Freud, nos *Três ensaios* sobre a sexualidade e em seu texto sobre *O narcisismo* (Freud, 1905; 1910). O autoerotismo acompanha as três primeiras fases do desenvolvimento psicosexual. Só depois, quando o sujeito passa ao investimento libidinal externo, no corpo do outro, que acontece só no segundo momento da fase fálica, é que se volta pra fora; antes disso, o investimento é apenas no sujeito.

Dessa maneira, em busca do prazer obtido com o consumo do crack, Sísifo vai repetindo sua relação com a pedra...

Vamos, então, passar do autoerotismo ao gozo; a palavra gozo, de acordo com Chemama e Vandermersh (2007), só foi utilizada por Freud uma vez, sendo explorada por Lacan e é neste tema, o gozo, que caminharemos a seguir. Conforme já colocado na fundamentação teórica, o Dicionário Enciclopédico de Psicanálise editado por Kaufmann (1996), diz que o gozo não é reduzido a vivência biológica do orgasmo, mas pelo contrário, é vivenciado em pactuação com a linguagem.

Lacan, em 1969, criando o postulado ‘não há relação sexual’, aponta um limite orgânico para gozar, imposto pelo princípio do prazer, o que vem constituir uma barreira, que precisa se remendado. Há uma impossibilidade em atingir o saber desse gozo, porque este

saber está no lugar de uma falha, não existindo, porém, um saber do outro no nível desse gozo infinito.

Tal eixo tem respaldo nas reflexões em Freud e Lacan, valendo dizer que este último, no Seminário *Mais, ainda* (1982), afirma que o sujeito é efeito da linguagem e este fato o condena a buscar outras variantes de gozo, desde que nada sabe o sujeito do gozo absoluto<sup>52</sup>.

O autor diz:

Esclarecerei com uma palavra a relação do direito com o gozo. O usufruto – é uma noção de direito, não é? Reúne numa palavra o que já evoquei em meu seminário sobre a ética, isto é, a diferença que há entre o útil e o gozo. O útil serve pra quê? E o que não foi jamais definido, por razão do respeito prodigioso que, pelo fato da linguagem, ser falante tem pelo que é um meio. O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir o que diz respeito ao gozo. O que é o gozo? Aqui ele se reduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada. Ai eu aponto a reserva que implica o campo do direito-ao-gozo. O direito não é o dever. Nada força ninguém a gozar, senão o superego é imperativo do gozo – Goza! (p.11).

Este eixo trata da soberania da droga frente ao sujeito do Inconsciente. O corpo, então, fica a serviço da droga e do gozo obtido através dela. Disse Enarete, mãe de Sísifo:

*Ele começa assim, assim, quando ele começou, logo não. Mas depois acho que ele foi usando mais. Porque o crack, ele não se contenta em usar só uma vez não. Ai ele vai, parece que dá um negócio que quer mais, quer mais. Ele fica gritando. Quebrando portão dentro de casa, querendo assim, gritar comigo. Dá murro. Machuca, né? Nas mãos. Uma vez ele saiu chutando lixeira, e tudo no meio da rua. Fica, ele fica sem controle dele: “Me dê, eu quero!” Isso gritando, né. Pergunto: Ele pede o que? Ela diz: Dinheiro, é? O crack, dinheiro pra, Eu quero usar, eu quero usar.*

Aqui, sua mãe fala da compulsão do seu filho pela droga. A busca pelo prazer que faz o mesmo se machucar. O prazer, que está acima da dor, acima do corpo se machucar, no

---

<sup>52</sup> A diferença entre o gozo fálico e este gozo do qual falamos, a busca pelo gozo ilimitado, já foi posta na fundamentação teórica, a partir de reflexões de Lacan.

momento do uso abusivo. O corpo, então, torna-se local de experimentação de prazer para o toxicômano. Ao mesmo tempo em que há um prazer, há um descuido com este corpo. Como diz Almeida (2010), a droga exerce fascínio sobre o sujeito na sua condição imaginária, que surge para encerrar uma aprisionante relação de amor, mortífera.

Para Le Poulichet (2005), como já mencionado na fundamentação teórica, a toxicomania é a manifestação da pulsão que, por meio da droga, é contornada ou enlaçada. Desde que cada sujeito lida de forma diferente com a pulsão, alguns adictos se fazem compulsivos e outros não; uns ficam sob o comando da exigência pulsional sem medida e outros conseguem diminuir a tendência ao gozo, o que ainda não teria acontecido com Sísifo que, por tantos anos, ainda utiliza o crack. Sua relação com sua pedra permanece repetitiva, como no castigo recebido pelos deuses no mito.

E Sísifo é um deus? Destaquemos no ponto da noção de onipotência, aparente no sujeito Sísifo. Ele mesmo diz não entender como está vivo até hoje, bem como dizem os profissionais que o assistem. O gozo buscado, almejado, mortífero, almejado com o uso do crack, a queda da ilusão experimentada ao fim do efeito, quando não se tem mais crack para usar naquele momento, como acontece com Sísifo: um homem em busca de mais, que repete os mesmos erros, relembra a canção de Lenine e Dudu Falcão, mencionada nas primeiras páginas deste escrito, que diz:

*Solidão, o silêncio das estrelas, a ilusão  
Eu pensei que tinha o mundo em minhas mãos  
Como um Deus e amanheço mortal.  
E assim, repetindo os mesmos erros, dói em mim  
Ver que toda essa procura não tem fim  
E o que é que eu procuro afinal  
Um sinal, uma porta pro infinito irreal  
O que não pode ser dito, afinal  
Ser um homem em busca de mais, de mais [...]*

Desta maneira, em busca do prazer obtido com o consumo do crack, Sísifo vai repetindo sua relação com a pedra...

Disse Sísifo: *Ai eu comecei, ai conheci essa droga e essa droga é uma droga assim, quanto mais você fuma, mais você quer. Ai você perde seu valor... assim, moral, na sociedade. E valores. Coisa que você fica, não dá valor a mais nada que você tem. Você só fica querendo mais a coisa.*

Falou ainda: *Já cheguei a praticar alguns crimes assim, assalto a mão armada. Me meti com o tráfico de drogas. Agora graças a Deus eu nunca fui preso, não tenho passagem na polícia... Eu perguntei: Tudo por causa da droga, Sísifo? Ele continua: Tudo por causa das drogas. A fissura de usar, a vontade de ter mais. Cheguei mesmo a fazer coisas que eu mesmo, na minha lucidez eu abomino, mas... na hora eu fui fazer. Uma vez eu tava com a lágrima escorrendo. Dizendo: “Meus Deus, o que tou fazendo?” Mas na hora, aquela impulsão, aquela vontade era maior. Eu ficava cedendo.*

Em qualquer dicionário comum, o termo fissura, além de significar a fixação de uma pessoa em repetir um ato, como no nosso caso, o consumo de droga, significa, também, um orifício, uma fenda. Pode-se, então, pensar se a falta da droga, a fissura, como um buraco, que precisa urgentemente ser preenchido pela dor que provoca a confrontação com a falta.

A obediência a este imperativo do gozo tem a ver com a pulsão de morte? Sim, porque em 1920, Freud, ao falar sobre sua curiosidade científica por algumas questões da prática psicanalítica, como a repetição, tema também já abordado na fundamentação teórica deste trabalho, coloca que a pulsão de morte contrariaria o “império do princípio do prazer” (p.29), o que seria a pedra angular do funcionamento psíquico (Freud, 1920,1976).

Dessa forma, as pulsões, em busca de retornar a um estado anterior, o estado inorgânico, estão na ordem vital do ser humano, sendo a repetição a consequência da inerência da pulsão ao sujeito: neste princípio, o ser vivo tende para a morte.

Vale, também, ressaltar a questão da pulsão de morte, quando os usuários de crack usam o termo “dar tiro” para o momento em que queimam e inalam a pedra de crack?

Vejamos Sísifo utilizar este termo em duas situações: quando fala no tiro, que é a queima da pedra do crack e no tiro que seu ídolo, Kurt Cobain, dá na própria cabeça, ao suicidar-se:

Diz Sísifo: *“Quando dou o tiro eu fico agitado (...). Tomei uma Heineken, tomei outra, tomei outra. Ai eu tava com um dinheirinho assim, e disse “Não, vou fumar um meladinho, que chama. Melhor que fumar maconha, que é suave. E vou ficar quietinho. Pra que eu fui fazer isso? Ai dei um/ deixei de fumar melado, ai deu o tiro que chama, né. Acabou/ isso foi agora no carnaval, né. Acabou eu fumando da quarta até a segunda de cinco horas da manhã. Ai eu cheguei e disse: “me ajuda que eu tou fumando doze gramas, as vezes vinte gramas.” E você não come, só entra líquido.*

Sobre o tiro do suicida Kurt Cobain, ele conta:

*Eu me baseei muito quando meus pais separaram eu passei um tempo meio fora do ar, eu conheci o Nirvana, eu não sei se a senhora ouviu falar a banda de rock, Kurt Cobain e tal. Ai eu me espelhei em Kurt. Eu disse: “Não, Kurt é o cara, e tal.” Eu comecei a ficar fanático. A coisa ficou doentia. Pergunto: E ele usava droga? Ele diz: Kurt era heroína toda hora, ele... pela história da banda eu achei muito bonito que ele morou na rua que ele acreditava no sonho dele, que a mãe dele disse: “Ou tu arruma um emprego ou tu tá fora.” Mas ele acreditou, dormiu na rua, foi morar na casa de um amigo. Ai nisso ele queria só a fama local ai quando o nervemind veio, aquele música: “With the lights out”. Smells like teen spirit. Estourou mundialmente, ai ele não queria mais aquilo. Ele viu que, a fama tudo incomodava ele era uma pessoa tinha problemas psicológicos, vício de drogas, depressão. Ai eu me baseei nele. Acabou com vinte e sete anos dando um tiro na cabeça.*

O mesmo significante tiro, tão perto da noção de morte, utilizado para quem queima a pedra do crack e para quem deu um tiro na cabeça. Em “Além do Princípio do Prazer” (*op.cit.*), Freud questiona mesmo o porquê do *eu* aceitar o desprazer em face a realização de uma pulsão. Uma camada superficial protegeria o corpo de estímulos nocivos, bem como o *eu* protege o mecanismo psíquico das pulsões. O *eu* barra o que poderia aniquilar o aparelho

psíquico – neste caso, de Sísifo sentir as queimaduras que sofre no instante do consumo deixando a pulsão, neste momento, num lugar inacessível à consciência. Vale, também, ressaltar a questão da pulsão de morte, quando os usuários de crack usam a o termo “dar tiro” para o momento em que queimam e inalam a pedra de crack? Ele “dá o tiro”, mas não morre; a vida de Sísifo continua no mortífero movimento de repetição. Mas, como diz Camus (2010), Homero nos conta que Sísifo acorrentara a Morte e a enganou. Ele conseguiu vencê-la; mas nosso Sísifo não deixa de se punir, ainda que não morra.

Sísifo diz: *Queima mais as pontas do dedo, quando é mesclado<sup>53</sup> queima a boca. E às vezes você tá tão louco que o cigarro bate, você dá aquele tiro e... depois que você vê. Pergunto: Qual a sensação? Ele responde: Primeiro ele parece que tá fritando o cérebro. (...) O baque principal que você apaga mesmo e dá o tiro, que chama, né? Quando eu dava, quando eu via tava o cigarro me queimando e eu sem sentir. (...) Quando eu olhava, digo oxe? O cigarro fritando a pele. Eu tirava assim, botava no cinzeiro. Que às vezes cai. É triste. (...) Ai depois quando vai passando, outro tiro e pá. Ai volta tudo bem e tal e tal e pá. E eu tou bem, tudo bem. Ai vem, comigo é assim quando tá começando, mas quando acaba... você fica só, se deita na cama e “poxa, meu irmão, porque eu fiz isso de novo, se eu sei que o mesmo caminho dá no mesmo lugar? Não tem essa de fumar só um. Porque se eu já vivi um monte de transe na minha vida, sei qual é a sensação. Sei os malefícios, sei botar na balança. O malefício faz isso aqui, ó. Pesa mesmo. O benefício não vem nenhum.* Pergunto a Sísifo sobre si: *Como é que tu avalia teu comportamento quando tu tá assim usando muita droga, como é que tu fica? Depressivo, ansioso, estúpido e contagioso.*

Já em “O caminho da formação dos sintomas” (1969), Freud diz que um grande empobrecimento para a pessoa é a paralisação de todas as tarefas importantes da sua vida em prol do gasto da energia para formar os sintomas. Para Lorencini (1998), por dificuldades em

---

<sup>53</sup> Mesclado ou melado, na linguagem do usuário, significa o cigarro de maconha montado com pedras de crack esmigalhadas dentro.

se autorregular, quanto mais o sujeito recorre ao uso de drogas, maior é a interiorização de que elas são indispensáveis para a sua vida. Assim, o sujeito se achega às drogas na procura de um prazer automático, imediato, que se diferencia dos outros prazeres. Esta experiência substituiria os outros possíveis prazeres, os outros possíveis objetos, pois a droga parece, para o sujeito, substituir todos os demais à altura, o que põe o adicto focado em sua relação com a droga e, diminuindo, assim, os interesses por outras coisas. Comenta o próprio Sísifo sobre sua situação de trabalho:

*Já tive muitos bons empregos e me segurava. Mas depois, assim, não conseguia mais. Ai ficava até brincando, a maldição dos três meses, eu ficava brincando com os usuários assim, porque quando tava chegando no período já da experiência, de passar da experiência no trabalho, eu era demitido. Porque às vezes eu passava a noite fumando, chegava em uso e o corpo acabado. Pergunto: Como é que você acha que o povo te via assim, você chegava no trabalho acabado, como você mesmo diz? Ele responde: Me via totalmente...assim, pra eu não demonstrar eu tinha que cheirar cocaína ou senão, tomar morfina, que dá um baque, depois você acorda acesão. Mas só que você não tá no seu estado normal. Você fica... agitado...as pessoas percebiam algo esquisito, já chegavam... que eu tinha um chefe muito bom, já chegavam: “Rapaz o que é que tá acontecendo? Tu é usuário?” E eu dizia: “Não.” Com vergonha, né? Ai eu vi que a melhor forma de me ajudar era admitir... o que eu sou, o que realmente eu sou.*

Nesta sua fala, Sísifo deixa claro que não consegue trabalhar por causa do consumo. Também, fala das repercussões em seu corpo e de sua displicência nas relações sociais:

*Começa: No meu corpo, minha respiração não é a mesma. Meu gás, eu gostava muito de jogar bola, não é o mesmo. Minha concentração tá abalada. Hoje que preciso de outro guitarrista pra me ajudar porque eu esqueço as letras e as notas e tendo um apoio ali eu já me foco mais na letra, porque se eu errar a nota tem alguém me cobrindo. E assim, muito*

*medo, doutora. Angústia, porque tenho medo de decepcionar as pessoas que eu amo. Porque querendo ou não, a gente gosta. A minha mãe, a minhas irmãs, a minha namorada.*

Voltando-se para o corpo, o que surge, então, no fato de Sísifo, durante o consumo, não perceber as queimaduras em seu corpo e a negligência em relação aos cuidados pessoais, que ocasionam a desfiguração de seu corpo após o uso abusivo? Menninger (1938) sugere a automutilação como um impulso suicida em relação a uma parte do corpo. Para ele, a automutilação, na maioria dos casos, é derivada de um desejo não realizado, reduzido e deslocado a uma parte do corpo, levando a um ato compulsivo e repetitivo. Neuter (1997) diz que “o sintoma fala mesmo àqueles que não sabem ou não querem ouvi-lo. Ele não diz tudo. Mais ainda, esconde o fundo do seu pensamento, mesmo àqueles que querem dar-lhe ouvidos. O próprio portador dessa mensagem ignora seu autor, tanto quanto seu destinatário” (p. 248).

Sísifo confessa: *Vou ser bem claro a senhora, parece um anjo decaído quando eu tou usando. Porque você fica com o semblante péssimo, péssimo mesmo. Olho fundo, feioso, barbudo, desleixado.* Pergunto: Mas quando no meio do consumo não se vê assim? Não pensa nisso? Tu não pensa nisso? *Ele reforça: Não, não pensa nisso. Quando cai a lucidez, o primeiro dia, o segundo, o cara diz: “Meu irmão...”*

Com base na proposta freudiana, pode-se dizer que, neste caso, a automutilação não percebida no momento do consumo do crack, tem o objetivo de não permitir ao sujeito sentir angústia naquele momento e, sim, rume em busca do gozo absoluto, já aqui mencionado.

Freud (1926/1996), em *Inibição, sintoma e angústia*, afirma que o sintoma – em nosso caso, a automutilação das queimaduras nos dedos, braços e lábios de Sísifo – é a relação da pulsão modificada a tal ponto que fica irreconhecível à consciência, possibilitando que o sujeito obtenha algum prazer na sua realização e um desprazer aceitável pelo *eu*. De acordo com minha interpretação, ao recorrer a este sintoma, no momento do êxtase da droga, o sujeito sente uma falsa segurança e estabilidade no eu que “apaga” a percepção da dor,

fazendo com que o sujeito permita a invasão de impulsos nocivos – oriundos da pulsão de morte, da busca do gozo, gozo mortífero – no funcionamento psíquico.

*Sísifo diz: É difícil... eu fico depressivo... eu tava depressivo, aí depois eu olho assim, não. Levanta tua mão servente e recomeça a andar. Tente outra vez. Aí eu me barbeio, passo um cremezinho. que eu já fugi do assunto, eu sinto o corpo debilitado. Aí o que eu faço, eu tomo leite. Bastante leite pra desintoxicar, faço um chazinho de boldo do chile, ai me alimento. Mesmo que não teja... boto pra dentro mesmo. Aí depois de mais um copo de leite e um copo de coca-cola que arrote, eu como é tudinho com fome. Pra não ficar debilitado, que o crack já me destruiu demais e não vai me destruir mais não em nome de Jesus”.*

*Sísifo conta: depois que eu uso bem muito, eu sinto isso aqui, o queixo, a bochecha ficando chupada. A barriga encolhendo, a perna afinando e muita náusea. Náusea. Mas assim, quando eu tou fumando, acabei de fumar um e já penso na outra, dá náusea de vômito, mas dá ansiedade de fumar outro. (...) Agora porque o crack bate a mesma coisa, mas ela é uma droga que você quer mais, quer mais, quer mais, quer mais, quer mais. Bate a fissura, doutora. Agora enjoa também. Enjoa, mas você quer mais sabendo que vai enjoar mas quer mais, não se controla não.*

Já o masoquismo, de acordo com Chemama (2007), como já discutido na fundamentação teórica, definido como a procura da dor física, consciente ou inconsciente, retorna sobre a própria pessoa. Freud, em 1924, põe este conceito após a ideia de pulsão de morte, pensando na possibilidade de uma tentativa inconsciente de punição pelo sujeito. Chama de masoquismo moral quando, movido pelo sentimento inconsciente de culpa, ligado a uma necessidade de destruição e à pulsão de morte. Lacan, como já dito, avança na reflexão de que os atos masoquistas buscam provocar angustia do Outro, neste caso, o outro que foi falho e não teria suficientemente adentrado na vida de Sísifo – O nome do Pai. Quando sofre, o sujeito, sim, passa a existir aos olhos deste Outro.

Pergunto: mesmo com vontade de vomitar dá ansiedade de usar? Ele continua: *É. Não só isso não. E dá dor de cabeça profunda, uma dor estranha, como se tivesse eu dentro de um caixão e uma coisa me espremendo assim e eu querendo lutar contra aquilo, tenho que fumar de novo pra... (inspire o ar) bem de novo. Depois que eu uso muito, aí eu sinto mudanças muito fortes nas costas. Dores. Profundas. Mas graças a Deus quando eu fiz o exame lá, fiz duas vezes a radiografia na Mirueira e deu... disse assim, tinha umas manchas, mas não tinha câncer. Tinha manchas, mas o médico disse que era por causa do cigarro, que se eu diminuísse, com o tempo ia sair. Sem usar, assim, eu sinto dores, doutora, também perto dos rins aqui. Ou é pâncreas ou é rins aqui, eu sinto daqui pra trás. E dói. Na hora, o crack adormece você. Ele adormece mesmo você. Quando você dá o tebei, chama que é o tiro na lata, você fica... aí depois já dá a instigação. Você não dorme, dorme não. Fica aceso. A veia chega pula quando eu lembro. Ó como eu fico tremendo. Tá vendo?*

É importante lembrar que, para Barros (2015), se a droga pode ser concebida como autodestrutiva, levando, muitas vezes, à morte e o sujeito a um estado de indiferença psíquica e física absoluta, a autora também questiona em que medida esta droga pode se colocar a serviço de manter a vida psíquica, funcionando como uma proteção contra ameaças do ambiente exterior, tornando-se uma escolha obrigatória para o sobreviver psíquico do sujeito de um objeto que, apesar de submeter o sujeito a um risco de morte psíquica, coloca-se como insubstituível. A relação com a droga pode, então, sinalizar uma certa impossibilidade de investir na realidade exterior.

Em entrevista prevista no método desta pesquisa a Técnica de Referência que atende Sísifo, reconhece que a falta de cuidados com o corpo pode levar a problemas sérios de saúde. Assim, a magreza, a aparência desleixada e os cuidados pessoais abandonados durante o uso abusivo do crack, seriam uma forma inconsciente de chamar a atenção desse Outro, no caso Sísifo? A TR fala:

*Essa falta de cuidado com o corpo acontece quando também há essa falta de comprometimento familiar, que faz com que ele realmente não tenha um espaço pra cuidar mais desse corpo. Quando ele tem, que ele tem uma família que realmente é inserida nesse contexto, na melhora desse paciente, ele vai tentar, mesmo que ele não tenha essa concepção, essa crítica de “Ah, tá faltando me cuidar,” aquele familiar vai e ajuda. Muitas vezes o familiar ele tá farto, então ele deixa de se importar com o dependente químico. Ai realmente demora muito a recuperação.*

Almeida (2010) diz que a droga funciona como uma suplência da função do Nome-do-Pai, refletindo na substituição do pai pela substância, onde a metáfora paterna fracassa na produção do gozo, neste caso, o gozo fálico<sup>54</sup>. O sujeito afirma-se no Outro, que se colocou de forma problemática na história do sujeito, que fica carente de sentido, desde esta problemática operação da castração.

Ora, como já dito, se Sísifo carece da força da lei de um Outro, lei esta ineficazmente exercida por sua mãe, há de se pensar que a magreza, o descuido com a aparência e até as queimaduras ao alcance dos olhos dos outros (mãos, braços e boca, no caso Sísifo), não percebidas em período de uso abusivo, poderiam significar uma tentativa inconsciente de chamar a atenção do Outro.

Perguntei: O crack já atrapalhou teus dentes? *Ele me disse: Já, meus dentes ficou podre. Eu tenho aqui [mostra os dentes enegrecidos], eu não ligava.* Pergunto novamente: *Isso foi pelo crack? Ele: O crack. Eu já cheguei a comer, engolir dente podre. (...)Quebrando e ficando podre. E eu não ligava, só queria fumar (...).*

Por fim, nas discussões deste eixo, percebe-se que o gozo buscado é ilimitado, mortífero, conduzindo o sujeito a autodepreciação do seu próprio corpo. Já falei que o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), afirma que as mudanças

---

<sup>54</sup>Relembramos a diferença entre o gozo fálico e o gozo ilimitado ou gozo Outro, já foi posto na fundamentação teórica.

corporais acontecem porque o *crack* consome rapidamente massa muscular corpórea do sujeito, responsável pela magreza rapidamente percebida. Chamados de “noiados” ou “nóias”, no Brasil, são magros, tem lábios e dedos queimados causados pela forma de consumo da substância, além da falta de dentes e pela magreza abrupta e excessiva (SENAD, 2010). Na psiquiatria, o termo paranoia (se pensarmos em ‘noia’, como diminutivo) é utilizado na descrição de desconfiança ou suspeita exagerada, está próximo da psicose, que tudo tem a ver com a temática do Nome-do-Pai, abordado em breve. *Pelo que ou por quem* o usuário de crack seria perseguido? As ameaças de morte por dívidas de droga? Pelo próprio crack, cujo uso não consegue abandonar, numa relação repetitiva, como o Sísifo do mito e sua pedra na montanha? O que se pretende dizer com isso, através do corpo?

Sobre a aparência do usuário de crack, essa aparência para chamar a atenção do Outro, lembremos que para Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillippe Lacadeé, chamam de *nomes – do - pior*, se contrapõe ao ideal oferecido pelo Nome - do - Pai: noiado, viciado, drogado, dentre outros, são significantes frutos da desvalorização social desses sujeitos, que são colocados, muitas vezes, como resto, refugio da sociedade e porque não dizer do laço familiar.

Assim, a aparência do usuário de crack fala muito mais do que o seu lugar na sociedade: diz de uma percepção de si apagada durante o consumo abusivo, pela invasão de uma pulsão de morte que conduz ao masoquismo e a automutilação, dizendo, também, da condição psíquica do sujeito, que clama pelo grande Outro, ineficaz, a quem desafia e enfrenta. Para Bèrges (2003), é possível pensar que a mãe não permitiu a entrada da lei paterna, tomando para si essa função, para a qual não tinha legitimidade. Para Melman (1992), no ato de delinquir, os sujeitos querem encontrar essa lei, transgredem na tentativa de encontrar um pai simbólico, que os imponha a Lei – o que está abordado no tópico a seguir.

O que Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013) defendem é que a ausência de um contexto familiar é um dos eixos problemáticos para a dependência química.

A operatividade frágil do Nome-do-Pai levam crianças e adolescentes a deixarem seus corpos vulneráveis aos prejuízos clínicos do crack. Algo semelhante aconteceria, como já apontado na fundamentação teórica, na anorexia, no Parkinson precoce, nos problemas dentários, nos sentimentos paranoicos, nos atos de violência e transações ilícitas, bem como o fato de serem chamados pelos *nomes - do - pior*, partindo Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillippe Lacadeé, como perigosos e viciados.

Sísifo, então, recebe dos outros e de si mesmo um nome – do – pior: noiado. Ao contar o fato de ter empenhado a televisão da irmã em troca de crack e outras questões de dívidas de droga, ele diz ter tido um prejuízo, que se justifica, pelo outro, através do fato de Sísifo ser noiado:

Ele conta: *Peguei, empenhei, ai recebi, tirei e botei lá. E eu perdi cento e trinta reais nesse acordo. Que eu empenhei por cinquenta reais. Questiono: quando ele foi te devolver, te cobrou quanto? Ele: Cento e trinta. Ele disse: “Eu quero cem por cento, o noiado é tu”.*

Em outra situação, diz: *Tu vai cobrar minha coroa mais dinheiro, pô. Tá pensando que eu ganho muito, é? Eu ganho um salário mínimo. Que o INSS só paga um salário mínimo. Tu sabe que minha mãe tem dificuldade com a passagem que eu tenho que tá aqui todo dia. Ainda mais que o noiado aqui entrou num período tranquilo ((fala cochichando)).*

Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (1997) (citado em Machado & Derensky, 2013) afirmam que a droga aparece como a suplência do vazio, pois a partir do momento em que se declara ‘toxicômano’, surge um nome que lhe coloca em um lugar. Daí, cabe a psicanálise pensar se abuso da substância faria encobrir a causa que o teria levado a se drogar: amenizaria a dor perante a existência? Encontraria um sentido possível dentro de uma satisfação na ordem de um gozo?

Mas, existe alguém que não oferta um Nome-do-Pior a Sísifo; talvez, nem tenha permitido a entrada suficiente do Nome-do-Pai; Talvez, até tenha tentado ela mesma fazê-lo, mas até que ponto obteve sucesso? Vou falar, a partir deste aspecto, de Enarete e de Sísifo; de Sísifo e

de Enarete, mãe e filho, filho e mãe. Neste lugar, chega-se a dois importantes tópicos ao falar de toxicomania: a importância do significante do Nome-do-Pai.

## **- Eixo 2: O corpo que clama pelo Outro, pelo Nome-do-Pai**

*“Assim, há deuses de luz e ídolos de lama. Mas é o caminho médio que leva aos rostos do homem que temos de encontrar” (Camus, 2010, p. 74).*

Este eixo, em específico, está focado em reflexões sobre a relação de Sísifo com sua mãe. Refletir sobre esta relação implica, dentro do bojo teórico da psicanálise, falar sobre o que já pontuamos na fundamentação teórica: O Nome-do-Pai. Não se trata de culpabilizar a figura da mãe, mas de refletir aspectos da relação do sujeito com o Outro, significativos, diante dos achados de pesquisa, para a adição do crack e as modificações corporais advindas dela.

Existiria uma fragilidade na inscrição da metáfora paterna no caso Sísifo?

É possível dizer que há autores que aprofundam os esclarecimentos sobre o consumo abusivo de drogas partindo da diferença entre neurose e psicose (Henschel de Lima, 2014). Nas neuroses, a substância rompe com o gozo fálico, conforme colocado na fundamentação teórica, devido à fragilidade da ação do nome -do- Pai na regulação da pulsão; associando os argumentos de Freud e Lacan, é possível dizer que o uso da droga é movido pelo desejo da satisfação que pode ser mortal, como já foi dito. Contudo, a questão da droga pode vir em qualquer estrutura e esta não é a nossa questão: situar Sísifo no campo das neuroses, psicoses ou perversões. A intenção é refletir para além da estrutura.

Henschel de Lima (2014), nesses casos de invasão pulsional no corpo pelo recurso à substância, afirma que isso pode ser um resultado direto da forclusão do Nome-do-Pai. Portanto, para esta autora, Freud e Lacan definem a busca da substância “no ponto em que

não se verifica a formação dos sintomas e dos efeitos da ação do nome do Pai na formação da estrutura psíquica” (p. 46). Para ela, na psicose, a droga depende da forclusão do nome do Pai e na neurose, da baixa operatividade do nome do Pai pode até indicar, de acordo com a relação de cada sujeito com a droga, direções mais efetivas para um tratamento.

Por se tratar de uma questão tão complexa, para Henschel de Lima e Lipiani et.al. (2012), o uso abusivo de droga indicia uma posição subjetiva do sujeito de escassez de recurso ao significante e uma debilidade na metáfora paterna fazendo ascender o desejo da mãe o qual, assim, ganha destaque, assumindo o sujeito o valor de objeto da fantasia materna.

É preciso confessar que, neste eixo encontrei aspectos do campo do não esperado. Sim, na proposta de estudo de caso, a mãe como informante parecia, acreditava eu, enriquecer o debate sobre o corpo na adição do crack. Contudo, as informações trocadas entre Enarete e eu revelaram algo além: uma relação muito próxima entre Sísifo e Enarete, tão próxima, que me levou a refletir sobre uma fragilidade na inscrição do significante do Nome-do-Pai, em nosso estudo de caso. Vamos, então, às falas de Enarete e, também, às de Sísifo. A começar pelas falas de Enarete, pergunto como Sísifo era antes de se envolver com as drogas. Enarete, então, responde outra coisa, tentando justificar a entrada do filho nas drogas:

*[...] Depois, após uma, a perca da tia dele, ele chamava com essa tia ‘tia do amor’ e...ela era muito...não podia ter filho, ai dedicou-se totalmente a ele. Que... quando ele perdeu ela, ele era muito jovem. Quando tava com três anos de casada, ai ela faleceu. Eu achei assim, uma mudança no comportamento dele, tá entendendo?*

Sísifo havia perdido, então, sua referência de ‘amor’? Onde entrou a Lei, quando contamos a história de Sísifo? Será que ela entrou de forma suficiente? Acrescenta sua mãe:

*Ai mudando, foi mudando. E a se/ eu que/ a gente se separou, eu e o pai dele. E o pai dele deixou/ o irresponsável deixou de pagar o colégio, que ele estudava no Souza Leão. Ai ele colocou nesse governo, ai isso foi a faculdade dele pra as droga. (...) Mas ele se envolveu. Ai ele diz que foi por causa de tia, da morte da tia, do falecimento, da separação, por tudo.*

*Só que... eu num acho que seja por causa da separação. Que a gente não vivia bem, eu e o pai dele. Ai num ia adiantar. Do que adianta você viver sendo espancada, você ter que assumir a casa toda, toda a responsabilidade. Não adianta. E tudo isso sempre expliquei aos meus filhos. Só ele se viciou assim. Só ele...*

Enarete assumia toda a casa; e o que mais ela assumia também? Será que ela tentou assumir a função paterna? Repito, que não se trata de culpar sua mãe a respeito da adição e Sísifo, mas de refletir aspectos da relação do sujeito com o Outro, seja ele quem for, para a adição do crack e as modificações corporais advindas dela.

Freud (1924, 2006) diz que o pai é quem barra o desejo e instaura a lei simbolicamente, ao promover a interdição e ao mesmo tempo a castração da mãe em relação ao filho; porém, este pai só ocupa o lugar de terceiro na relação simbiótica mãe-filho, se esta permitir. Até que ponto Enarete permitiu aquele a quem chama de *irresponsável* entrar nesta relação? Posso eu tentar interpretar que aquele que é visto e falado no discurso materno como irresponsável, aquele que não tem responsabilidade, este não teria, também, capacidade, na visão materna, de assumir o lugar de pontuador da Lei. Então, Enarete assumiria todas as funções, toda a *responsabilidade*, exatamente o contrário do que chama de irresponsável. Sim, ela diz assumir a responsabilidade do irresponsável, que seria o pai de Sísifo.

Para o mesmo autor, como já dito na fundamentação teórica, a entrada deste terceiro é que fundamenta a experiência do Édipo e a proibição do incesto, fazendo com que a criança se dê conta de que o amor materno é limitado e que esta figura não pode lhe satisfazer em sua totalidade; esta é uma experiência essencial para a criança.

Mas, se pensamos em Lacan (1957-1958, 1999), ao reler Freud, o autor destaca que o pai, enquanto genitor em sua noção biológica, não é necessariamente aquele que contribui para a fundação do sujeito; a posição do pai no sentido mais amplo do texto pode ser desempenhada por qualquer um que opere o limite, a lei, inclusive no sentido social: a

metáfora do Nome-do-Pai. Assim o pai não se trata de uma pessoa, mas de um significante que lança o sujeito para a dimensão da Lei.

No Seminário sobre As psicoses, como já visto na fundamentação teórica, Lacan (1955-1956/1992) diz:

O complexo de Édipo quer dizer que a relação imaginária, conflituosa, incestuosa nela mesma, esta destinada ao conflito e a mina. Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro, que seja a imagem de alguma coisa de *bem-sucedido*, o modelo de uma harmonia. Não é demais dizer - é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto esta fundada na existência desse nome do pai (p. 114).

A imagem de um *irresponsável* não é, mesmo, aquilo que Lacan chama acima do que seria bem-sucedido. O que Sísifo fala sobre seu pai é muito pouco, exatamente sobre o episódio da separação:

Ele diz: *Minha família é assim, meu pai separou a gente/ eu tinha doze anos. (...) Mas ele... me dá muita atenção. Mesmo distante, que ele mora em Goiana, ele liga pra mim. Ai ele conversa comigo. (...) Mas o que me chateou também, um tipo de revolta, porque ele tava com minha mãe e já tinha outra família. Ai, mas ele me dava atenção, me dá conselho. Ele me trata bem. Ele bebe, mas aquela bebida assim, final de semana, ele, mas com moderação. Às vezes ele ultrapassa também, porque é muito problema ele diz que desconta nisso (...).*

Ora, o pai separou ou não separou *a gente*? Quem são estes? Ele e sua mãe? É possível, então, falar, numa fragilização na inscrição da metáfora paterna do caso Sísifo?

Porge (2006), Lacan, portanto, avança no sentido de apontar a questão da relação do sujeito com o significante do Nome-do-Pai. Como já mencionado na fundamentação teórica, para a operação do significante Nome-do-Pai, a metáfora paterna, faz com que não haja necessidade de ser o pai biológico ou possuir um pênis para ser assim simbolizado pelo sujeito; pai, na metáfora, é simplesmente reconhecido como tal.

Para Henschel de Lima (2014), a foraclusão do Nome-do-Pai<sup>55</sup>, um mecanismo de defesa básico da psicose e a baixa eficácia do Nome-do-Pai, na neurose, podem favorecer o uso da droga como um objeto que visa tamponar esta insuficiência ou esta falta. Como não há como afirmar a psicose no caso Sísifo, falo, a partir de agora, de uma fragilidade na inscrição da metáfora paterna; este termo não propõe a hipótese de foraclusão, mas supõe uma aparente fragilidade deste Nome para Sísifo.

Para Lacan (1985), a psicose está caracterizada pela fixação na imagem do sujeito que atrapalha o seu desenvolvimento subjetivo. Este se afasta da subjetivação autônoma, atrelado ao desejo do outro, num tipo de loucura vivenciada a dois, o filho e sua mãe, impossibilitando o primeiro de acessar a lei paterna. Quando o pai não ocupa esse lugar, o olhar alienante mãe-filho/filho-mãe inviabiliza a inscrição do Nome-do-Pai e a vivência da castração.

Passemos, então, as falas de Enarete e Sísifo, que possam auxiliar nesta reflexão do que há nesta relação, mãe e filho. Começo pelo termo “em cima”, presente na fala da mãe em diferentes momentos da entrevista.

Enarete diz, falando da adolescência do filho: (...) *E ai as pessoas: “Olha, Sísifo fica se envolvendo com os meninos que é viciado”. Então, nesse tempo, que eu acho que ele tinha uns quatorze anos ou quinze. Não existia esse crack. Se existia era muito difícil, né? Era mais a maconha. **E eu em cima, em cima, em cima.***

Em outro momento, ao falar dos objetos que Sísifo empenha para usar a droga, conta:

*Oh, televisão, eh... televisão, as coisa de casa, roupa dele. Roupas boas de marca ele vende. Eh... sapato. Que eu num vou/ eu num tenho dinheiro. E eu também num vou tá contribuindo pra isso. Eu eh, ele entrou no benefício. Mas **eu tenho que tá em cima**, pra poder pagar as dívidas dele. (...) Agora ele tá com celular. Vai fazer mais de um mês. Dois*

---

<sup>55</sup> Conceitos explicitados no capítulo referente à fundamentação teórica.

meses. **Mas ai, eu em cima.** Essa semana ele, a semana passada ele tava querendo empenhar por trinta reais. Ai... a vizinha veio me dizer, ai eu fui e peguei o celular, tomei e guardei.

Sobre a vida profissional de seu filho, ela diz:

*Quando ele trabalhava na Plus Vita, ai ele [o irmão mais velho] colocou ele. Que ele era vendedor. Ai ele: “Vamos comigo.” Ai dava um trocado a ele. Ai ele: “Vou dar tanto avocê e o resto vou dar pra mainha.” Ai ele aceitava. E eu sempre em cima dele: “Rapaz, seu irmão não pode ficar com você dentro do carro, você com cheiro de droga e... bebida. E outra coisa, quando ele chegava pra trabalhar o irmão dele levava ele lá no banheiro e olhava se ele tava, né?”*

Ouso dizer que Enarete teria tentado significar a lei paterna para Sísifo; e ainda quer. Sempre *em cima* dele, tentando instaurar as regras, a Lei, sem conseguir, à medida que seu filho permanece no curso repetitivo do consumo da droga. Diria: a mãe parece querer ser a Lei para ele e não consegue; não consegue fazer com que o filho pare de consumir o crack. Falta a ela o lugar da autoridade da função paterna. Ela mesma, que assumiu a responsabilidade do irresponsável de seu ex-marido, não teria introduzido a Lei nele e, se o fez, foi de forma precária; tomarei por base o *em cima*, tantas vezes repetido por Enarete, até no contexto em que mora: numa relação sexual, geralmente, é o homem quem fica *em cima*. Mas, quem é a Lei nessa dinâmica familiar?

No Livro 5, como já dito na fundamentação teórica, intitulado As formações do inconsciente, Lacan (1957-1958/1999), fala dos três tempos do Édipo. Fala na metáfora paterna, abordando como o sujeito pode desenvolver o que chama de complexo de Édipo:

Não fui eu quem inventou que ele não se introduz nisso sem que aí venha desempenhar um papel de primeiríssimo plano o órgão sexual masculino. Este é o centro, o eixo, o objeto de tudo o que se relaciona com a ordem de acontecimentos, bastante confusos e mal discernidos, convém dizer, a que chamamos de complexo de castração. Nem por isso se deixa de continuar a fazer menção a ele em termos que é espantoso que não acarretem uma insatisfação maior no público (p. 205).

Na exposição de tempos não cronológicos (que chama de lógicos) para o complexo de Édipo, Lacan (*op.cit.*) diz, que num primeiro tempo, há uma relação da criança com o desejo da mãe. Para ele, desejar alguma coisa é diferente de desejar o desejo do outro. “O que cabe compreender é que esse desejo de desejo implica que estejamos lidando com o objeto primordial que é a mãe, com efeito, e que tenhamos constituído de tal maneira que seu desejo possa ser desejo por outro desejo, o do filho, nomeadamente” (p. 205). Neste primeiro momento, o desejo da mãe é desejado pela criança. “Trata-se de saber como ela poderá ir ao encontro desse objeto, posto que este é constituído de maneira infinitamente mais elaborada no nível da mãe, a qual já avançou um pouco mais na vida do que a criança” (p.206). Num segundo tempo, o pai surge como proibidor, mediado no discurso da mãe; a fala do pai interfere no discurso da mãe e o seu desejo passa à criança de forma velada. A mensagem de proibição emitida pelo pai, o não, é recebido também pela criança através da mãe. Assim, “é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto de desejo da mãe” (p.210).

Nas psicoses, portanto, o Nome-do-Pai, como função simbólica, implica numa intervenção que deveria passar para a criança, da mãe para o filho. Esse segundo tempo é o centro do que Lacan chama de “momento privativo do complexo de Édipo” (Lacan, 1999, p.210). Não se trata de olhar Enarete como culpada, mas refletir sobre a relação do sujeito usuário de crack com o outro e suas implicações nas modificações corporais advindas do abuso da substância.

Se, como no caso de Sísifo, a mãe está sempre *em cima*, e o pai é *irresponsável*, há de se questionar se ela mesma, Enarete, não foi aquela que tentou assumir o lugar da autoridade paterna, como já dito, a posição deste terceiro bem-sucedido, que intervém na ordem da palavra, na fundação do Nome-do-Pai. Não obteve sucesso ou passou a Sísifo de forma frágil, não ao ponto psicotizador, já que, como dito no título deste eixo, com o corpo, Sísifo clama

por uma Lei e só clamaria por ela se de algum modo, o Nome-do-Pai, mesmo que de forma precária, tivesse algum tipo de inscrição nele.

O corpo Sísifo debilitado, machudado, o corpo nóia de Sísifo, clama pela Lei.

Falo do corpo, porque, além de ser o foco de interesse da presente pesquisa, a reflexão feita acima incide diretamente sobre a experiência formadora do estádio do espelho. Lacan (1957-1958, 1998) fala do corpo despedaçado em relação ao estádio do espelho e faltas neste estádio, momento organizador desse despedaçamento do corpo, cria obstáculos na formação da imagem de si. A relação de Sísifo com o outro influencia na imagem que ele tem de si mesmo.

É que o *eu* humano é o outro, e que no começo o sujeito está próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria-tendência. Ele é originariamente coleção incoerente de desejos – aí está o verdadeiro sentido da expressão *corpo espedaçado* - e a primeira síntese do ego é essencialmente *alter ego*, ela é alienada. O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que ele lhe dá sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto de desejo do outro (Lacan, 1998, p. 50).

Como fica, então, a imagem que Sísifo tem de si mesmo, se partir da possibilidade de uma extremamente frágil inscrição do Nome-do-Pai? No último eixo destas análises e discussões, está indicada esta reflexão a partir dos significantes que Sísifo usa para falar de si mesmo, depois do uso abusivo do crack. Neste instante, cabe falar num corpo que clama por uma Lei, o corpo nóia, pode não ser um corpo despedaçado, mas é como aponta Rui (2012), uma corporalidade que ganha uma abjeção, ou seja, noção de desprezível, indigno, sujo, dentre outros sinônimos possíveis.

Retornando ao tema das falas de Enarete, *em cima* do filho, não permitindo a entrada eficaz da Lei paterna e não conseguindo fazê-la suficientemente, o Édipo e a experiência do espelho muito informam sobre a imagem do corpo. Como já mencionado na fundamentação teórica, Dolto e Nasio (2008) dizem que a criança, antes mesmo de se vislumbrar refletida em

qualquer superfície, pode sentir seu corpo e possuir uma relação com este, o que se chama de imagem inconsciente do corpo. Esta é uma imagem das sensações corporais, referente às primeiras impressões gravadas no psiquismo da criança a partir do que é escutado, sentido, visto e aí por diante.

Para Dolto (2010), a imagem inconsciente do corpo é a vivência, a experiência do corpo, o que se configura no sentimento identitário de si mesmo. Esta imagem, então, não é objetivamente carnal, nem subjetividade simbólica, mas um corpo real e imaginário, que possui compromissos simbólicos, que se movimenta entre realidades biológicas, pulsionais e simbólicas.

Nesta reflexão sobre a relação entre Sísifo e Enarete, partindo da crença de que o Inconsciente se revela quando não espera, isto é, onde acontecem hesitações, esquecimentos, balbucios, atos falhos, ou seja, onde a linguagem tropeça (Nasio, 1993), Sísifo diz: *“Que eu acho assim, que... eu me baseei muito em Kurt Cobain, {...} ai ele gostava muito de tocar em lugar pequeno porque a fama local já tava bom pra ele. Mas sem querer, ele querer, ele foi eleito o ícone dos ano noventa. Ai o meu medo de crescer, eh...”*

Medo de crescer? Sim, Sísifo diz ter medo de crescer. Também, já havia dito, como posto no eixo anterior, o seu medo de decepcionar as pessoas de que gosta, o que lhe causa angústia. Enarete, inclusive, nega a existência de um neto seu, filho de Sísifo, que ele, posteriormente, assume haver, negando, portanto, sua condição de existir como pai, o que simbolizaria sua condição adulta. Lebrun (2008), na medida em que a regulação faz-se desnecessária e não haveria mais necessidade de existir a proibição, não se é mais subtraído do gozo e consequência é a predominância da imaturidade afetiva e sexual, então, não se cresce.

Vimos nas falas de Enarete o quanto ela controla dinheiro, roupas, moradia e até a comida que ele come:

Pergunto: Ele tem filho? Ela diz: *Tem não. Tem um, mas eu nem acho que é dele não. Que a mulher vivia com um ex-presidiário também, ai... eh... eu num sei nem onde anda. Eh... ai eu pago, ai ele: “Eu quero que a senhora compre o meu cigarro, num sei o que, eu quero comprar roupa.” Ai é quando ele diz quero comprar bermuda, quero comprar isso e isso. Dá?” “É quanto? Tome.”. Então, reproduz fala de Sísifo, ele diz: “Eu num quero ir com a senhora não, que eu não sou mais criança”. Eu dou. Muitas vezes ele compra. Mas as conta dele ele me dá pra pagar, eh... assim, de feira, que ele gosta de se alimentar bem. Tem tempo que ele gosta de comer muita fruta, muita verdura. Por tempo, né. Mas tem tempo que não. É carne, danone, essas coisas. Ai eu compro pra ele, deixo: “Esse aqui é seu.” Mas também compro e deixo na geladeira pra a gente né. Porque só vivia eu e ele dentro de casa.*

Enarete age como a Lei ao “apreender” o celular de Sísifo:

Pergunto: *Mas tu já tava sem celular semana passada, num foi? Ele: Mas eu recuperei. Foi apreendido pela minha mãe.*

Enarete compra a comida que Sísifo come e diz, agora, que ele não mora sozinho, mas com ela. Se Sísifo tem medo de crescer, Enarete não o deixa crescer; parece que ele sempre será uma criança, que nem uma criança pode vir a ter. Quando na ocasião da segunda e última entrevista, quando parecia estar sob o efeito de alguma substância, ele deixa escapar a expressão *minha filha*. Ele próprio, assim como sua mãe, havia negado a existência de um filho. Pergunto: Quando tu fala tua filha é aquela criança que tu não sabe se é tua ou não?

*Ele responde: É, mas eu tenho certeza que é. O sangue... tem um ditado que diz que o sangue fala. Ai eu tou tentando...assim...não vou deixar nada faltar pra criança não, eu sei que ela é minha...*

A mãe do psicótico tenta dar o máximo de si, podendo atrapalhar o crescimento, ainda que o crescimento biologicamente esperado não seja estancado (Dicionário Enclopédico de Psicanálise, 1996).

Como Enarete fala desse filho que não cresce e tem medo de crescer? Cabe lembrar que ele, Sísifo, não recebe dela qualquer Nome-do-Pior (Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013). Os outros, sim, recebem. Enarete diz:

*As vizinhas disseram: “Olha, Sísifo fica se envolvendo com os meninos que é viciado”.*

Quando fala do ex-marido de Mérope, namorada do filho, fala:

*O cara dela era noiado.*

Se o ditado “diz-me com quem andas, que eu te direi quem és” é verdadeiro, Sísifo também poderia ser chamado de viciado. Se o outro pode ser chamado de noiado, Sísifo também poderia, já que é usuário de crack. Henschel de Lima, Valentim, Rocha e Rodrigues (2013) tratam do desencadeamento do consumo do crack como fruto da desvalorização social, da perda fálica ligada ao lugar de resto, de refugio da sociedade, onde o consumo abusivo de crack estaria ligado à falta de recursos subjetivos pela baixa operatividade do nome do Pai para lidar com as mudanças típicas da infância e da adolescência. Sísifo não recebe de sua mãe qualquer nome que o desqualificaria. Mas, ao contrário, para Enarete:

*O povo sabe que ele é um menino bom, que se perdeu nas drogas.*

E para o próprio Sísifo, a comunidade o vê como:

*Menino bom, de família, que se perdeu com as drogas. Tipo assim, sem as drogas ele é uma pessoa massa. E até em uso eu chego, eu falo com meus vizinhos, e respeito.*

Nota-se que a fala de filho e mãe são bem semelhantes, o que aproxima mais a discussão deste caso da reflexão sobre a mãe *em cima* do seu filho. O que diz Mérope, sua namorada:

*Ele mora com a mãe.(...) Bem cuidado, cuidado da casa, ajudava a mãe na limpeza de casa.*

*Cuidava dela, se preocupava com ela. Ele bom, num era.*

Enarete diz:

*Olha Sísifo, vou arrumar uma casinha pra você num lugar bonzinho. Porque eu num vou jogar ele em um lugar pior. Ai arrumo, coloco ele. Coloco móvel pra ele. Faço o seguinte: troco os meus, dou a ele e compro outros pra mim. Quando eu vejo não tem mais nada. Nada. E não coloco em lugar distante porque eu tenho medo que ele encha a casa de amigo... amigos entre aspas, né? Ai eu tenho medo, ai eu procuro colocar ele perto. Perto de gente que é amizade minha que qualquer coisa ligue. E não deixe ele lá só.*

Retomando a questão do corpo, foco do presente estudo, ressalto como Enarete via o seu filho antes do consumo abusivo da droga. Ressalto em negrito:

Pergunto: *E como é que ele era fisicamente... antes de usar droga?* Ela diz: ***Forte... se cuidava, né? (...)*** ***Ele tá debilitado. Ele era forte.(...) : Forte... se cuidava, né? Porque tem tempo que ele se cuida.***

Ela percebe que o filho não se cuida, mas isso não é suficiente para chama-lo de viciado ou de noiado. É ai que as palavras força e forte, debilitado e fraco, ganham significado, não só num primeiro aspecto a se pensar – no físico – mas também no que tange à questão subjetiva: a força é ela, Enarete e vem dela, mas a mesma também fica sem força. Inclusive, a ligação entre os dois parece tão forte que até sintomas físicos Enarete manifesta por conta de Sísifo:

*Família? Não me dá nenhuma força, porque diz que: “A senhora era pra desprezar, agora fica correndo atrás dele”.(...)* *“Sísifo...comigo... não tou mais com a mesma saúde, mas comigo tu ainda tás/ tu ainda tem uma força.*

Forte. É o significante que ela usa para designar o filho antes do consumo de crack. Depois, ela é a força dele. Imbrincados, tão próximos, que um depende do outro.

E eu tou dizendo a ele: *“Sísifo... comigo... não tou mais com a mesma saúde, mas **comigo tu ainda tá/ tu ainda tem uma força.** Teu pai não se incomoda contigo, tua avó tem oitenta e um anos, não é justo você tá aperreando ela. Não é minha mãe não, é mãe do pai dele. E eu, meu filho, a gente não tem dia e não tem hora mas quando a idade vai chegando e a gente não tem uma paz, não tem nada. Não tem/ vendo você desse jeito, você tá acabando comigo. “Ah, tou não, tou acabando comigo mesmo.” ((reproduzindo fala do filho)) Vai chegar um tempo quando Deus me levar, você vai ver como vai ser mais difícil a sua situação. Então procure fazer sua vida.se eu estiver errada... se eu tou errada eu num sei, né. Mas eu acho que eu não estou. Eu tou orientando ele pra ele viver só.*

Como o preparando para viver só, se fica “em Cima” dele o tempo todo? Mannoni (1992), diz que “Na mãe idealizante, é o filho que receberá a carga esmagadora de assemelhar-se ao filho modelo. O filho inteligente, o filho bem comportado, que não fala, que não existe [...] ou seja, o futuro psicótico.” (p. 202). Ensinando-o a viver só, reforçando a dependência a ela? Parece contraditório, dizendo que ela é a força dele? E o próprio Sísifo diz que sua mãe é sua força e que se considera fraco:

*É, é, minha mãe lutando comigo. Nunca me abandonou. Eu vou maltratar uma pessoa dessa? Minha mãe. Quando eu perder eu vou me arrepender. Eu tenho que fazer por ela agora enquanto ela tá viva. Ela chorou, ela disse assim: “Filho, não é possível que eu vou morrer e ver você assim. Isso dói.” Eu digo, eu num tou mentindo não, dá vontade chorar, Doutora. **Poxa, minha mãe é tudo pra mim, ela é a minha força.** Fico debilitado depois. Fraco mesmo.*

A mãe diz várias vezes que o filho era forte; o filho diz que ela é sua força; Mas, ela também perdeu a força, em uma das recaídas do filho:

*Pra você ter uma ideia, duas horas da manhã. Porque eu não tou mais numa idade... nova, né? Mas antes, a, a... a uns quinze anos atrás, eu ainda tava mais forte, eu ai pelas praças duas horas, atrás dele, procurando.*

*Eu fico... meu corpo inteiro me tremendo. Eu não quero ficar dependente de remédio. Ai eu: “Meu Deus, eu tou procurando me controlar.” Eu procuro me controlar, eu digo: “Não Senhor, eu não posso ficar assim. Me dá força.” Dentro de mim, mas eu sinto assim como seu eu tivesse, como se fosse... a dengue. Não **deixa a gente sem força**, né?*

A mãe também fica fraca; Ora, a mãe é a sua força; se é assim, como quereria, Sísifo, crescer? Não falo, repito, apenas de um crescimento físico, biológico, mas do crescimento subjetivo, da sua autonomia, seu medo de crescer. Pergunto:

Como é que você se vê fisicamente no futuro? Ele diz: *Doutora, eu não quero ficar muito forte de novo não, mas eu quero ter uma vida saudável, pelo menos voltar aos meus setenta e oito quilos que era o normal. Agora eu tou pesando sessenta e nove e meio.*

Lebrun (2008) diz que são necessários os limites e as proibições para que se prescreva a proibição do gozo e a criança possa crescer. Mas, se a metáfora paterna se inscreveu de forma frágil no caso Sísifo, como ele poderia crescer, ficar forte? Daí, o corpo fragilizado do nóia, de Sísifo, sem força, como um corpo infantil.

O mesmo autor diz, que no momento atual que a sociedade vive, a criança não consegue distinguir quem exerce a função de mãe ou de pai, desde que não se diz ‘não’ aos filhos. Hoje é quase extinto aquele que ocupa lugar de poder, mestre, chefe, como se não houvesse mais necessidade deste lugar existir. Hoje, vive-se a ilusão da perda da necessidade

do limite para o gozo, não se podendo frustrar ou infligir perdas, elas não são mais necessárias.

Lacan aprofunda os esclarecimentos sobre a relação entre o consumo abusivo de drogas partindo da diferença entre neurose e psicose. Nas neuroses, a substância rompe com o gozo fálico devido à fragilidade da ação do nome do Pai na regulação da pulsão, associando aos argumentos de Freud e Lacan, é possível dizer que o uso da droga com o autoerotismo, como uma possibilidade de ser tóxico ao sujeito por conta do desejo da satisfação que pode ser mortal e necessite de uma direção de tratamento que busque encontrar “o ponto de defesa contra a pulsão e articule essa defesa ao modo de funcionamento psíquico, ou seja, ao campo da estrutura psíquica” (Henschel de Lima, 2014, p. 45).

Na medida em que Sísifo, pela fragilidade da lei, não é regulado de forma eficaz na busca do gozo absoluto, então, ele não se cresce. O pai, a lei, a ordem, não tem legitimidade. A família, a escola, o professor, a lei, perdem a legitimidade; ninguém parece competente para intervir na ilusão da realização, que é mortífera (Lebrun, 2008). Até um deus Sísifo, aquele que no mito desafia a morte, recorre no seu clamor por alguém que lhe barre: o corpo clamando pela Lei.

Cera, Camargo, Scofield, Reymundo e Fiorentino (citado por Machado & Derensky, 2013, p. 204) chamam de “À procura de um Outro Consistente” a busca de toxicômanos pela figura divina, pelo aumento da oferta de tratamento das adições pelas religiões instituídas. A promessa de salvação em nome de Deus, fala no resgate aos desgarrados, dentre eles, os toxicômanos. São retirados do gozo para à Palavra de Deus, onde aceitam que o Outro existe de forma consistente e pode salvá-los da demoníaca pulsão. As chamadas recaídas, mesmo no meio religioso, mostram que este discurso também está fadado ao fracasso, já que o Real é sem lei e se manifesta à revelia das “tentativas de domesticação simbólica da pulsão”. Quando o real irrompe, vem o sentimento de culpa, a ruptura do laço social e a queda em posição de objeto. Livrar-se das drogas pela palavra divina é crer no Outro sem falha, que mantenha o

Outro absoluto ou se encontrar novamente com o furo do Outro, rompendo o laço e insistindo em seu gozo ilimitado, narcísico e mortífero.

Apesar de ficar tão “em cima” de Sísifo, foi a primeira e única vez, em um ano de tratamento, que Enarete foi ao CAPS ad. Cabe refletir se este local, que pode exercer a função de Lei para o sujeito que dela carece, é valorizado por esta mãe que não deixa o filho crescer; por este filho, que tem medo de crescer, e que clama pela Lei. Diz ele:

*Eu num tou vindo pro CAPS de palhaçada e nem por brincadeira não. Vim pra me curar. (...) Eu não quero deixar de vir pro CAPS, não. Já faz um ano, mesmo caindo, levantando, eu venho, venho mesmo. Tava com a aparência parecendo uma caveira, olhos fundos com a perna mole, aquela coisa... e vinha com esse pensamento “se pendura na corda e se mata, tem jeito pra tu não.” Ai eu disse: “Sangue de Cristo tem poder. Vai pra lá! Eu vou pro CAPS, vou procurar ajuda e eu vou ver que eu saio. Eu vou sair dessa, eu não vou desistir não. Nem que eu morra tentando, mas eu não vou desistir não. Porque se eu me entregar é pior.”*

*É difícil... eu fico depressivo... eu tava depressivo, ai depois eu olho assim, não. Levanta tua mão servente e recomeça a andar. Tente outra vez. Eu me baseio nisso. Ai depois vem já a bíblia que diz “mesmo que morto, eu te darei vida.” É mais ou menos isso. Eu tou com sono, tou falando meio embaraçado que tomei a medicação agora. Ai eu digo, eu vou tentar. Num vou desistir não. Se eu desistir é pior. Se eu me entregar eu morro. Ai eu me barbeio, passo um cremezinho. E venho pro CAPS.*

Ainda, Enarete se esquivava de dar ao menos uma descrição sucinta do aspecto físico do filho. Prefere usar o termo “daquele jeito”. E assim prossegue, sem falar do corpo do filho, focando sua fala em aspectos comportamentais:

*“(...) usou tanta droga que ficou daquele jeito (...). E assim, era muito apegado comigo, conversava. Depois ele foi se fechando... foi mentindo muito, mentindo, era mentira, era mentira...”*

Ela começa a falar do desapareço do filho aos próprios objetos e vestimentas, mas entra no quesito dinheiro, trazendo um novo elemento: *é ela, a mãe, que dirige o dinheiro do filho, fala que se repete ao longo do seu discurso: “O dinheiro dele. Agora... eu sempre pego o dinheiro dele e guardo uma parte que quando ele fica muito atacado ele pega”*.

*Daquele jeito* é aquele do qual ela é a força; aquele que era forte. Não conseguir dizê-lo pelos Nomes-do-Pior (Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues, 2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillipe Lacadeé, pode sinalizar a mãe que fracassou na tentativa de significar para o filho alguém que possa falar dele em um lugar social que não seja o de abjeto da sociedade. Então, dizer, como Enarete diz que *ele era forte* deixar escapar, sem depreciar a imagem depreciada do filho, seu fracasso em tentar representar a Lei paterna para Sísifo.

No seminário livro 23, intitulado por O Sinthoma (1975-1976, 2007), Lacan ressalta a importância do Nome-do-Pai não só para o interdito e a lei, mas também para a regulação pulsional. Chemama e Vandermersch (2007), como já dito na fundamentação teórica, lembram que a transgressão da lei está diretamente ligada ao conceito de gozo, onde o sujeito desafia, neste caso Sísifo, as regras e leis, ao mesmo tempo em que seu corpo sinaliza o quanto delas precisa.

Falo novamente no corpo, que é meu interesse, perguntando como ela via as mudanças no corpo dele e na maneira como ele trata o próprio corpo depois que começou a usar o crack. E aí, ela retorna ao significante forte:

*Ele tá debilitado. Ele era forte. Ele até tá melhor, que ele veio segunda-feira, né? Da internação” (...). Ele agora tá melhorzinho, tomou soro um pouquinho. Mas ele chegou muito debilitado lá. E perdeu muito peso... não comia, não se cuidava da higiene, não se importava com a aparência, que ele é vaidoso.*

Lembremos a magreza típica dos noias, como apontou Rui (2012), em seu recente estudo; lembremos a última figura de Sísifo aqui apresentada, na tela de Bank Joseph. Um homem debilitado, fraco. Assim, mãe e filho representam o estado físico de Sísifo.

Relembremos que, para Henschel de Lima (2014), uma fragilidade do Nome-do-Pai pode falar dos descuidos com o corpo, pois isto tem efeito nos fenômenos corporais que incidem sobre a vivência do espelho tal como na anorexia, no mal de Parkinson e nos comprometimentos cardíacos e dentários. A baixa operatividade do Nome-do-Pai não permite que o Outro o coloque como refugio da sociedade, como propõe Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), aqui já mencionados.

O que proponho é que a maneira que Sísifo se vê e como mãe, ou seja, de uma forma debilitada, fraco, para por esta suposta fragilidade do Nome-do-Pai; Enarete, dá a ele e ao seu corpo a qualificação de *não forte*. Como já dito teoricamente, a magreza é um dos sinais que caracterizam aqueles que consomem o crack de forma abusiva; a fraqueza, física e subjetiva, caracteriza aqueles de fragilidade na inscrição da metáfora paterna, que por ela clamam, a partir de seus corpos deteriorados pela droga, no caso Sísifo.

Dessa forma, a proposta desse eixo é pensar se Sísifo, de certa forma, não continua em uma simbiose com o Outro Materno. Mas, no caso de Sísifo, o outro Materno está parafraseando o “em cima” dele e não colado a ele: a simbiose continua, mas não ao ponto de operar a forclusão, como já explicado, princípio fundamental para a formação das psicoses. A substância, o crack, iria tentar possibilitar ao sujeito a busca por essa completude já experimentada no Espelho?

Por se tratar de uma questão tão complexa, para Henschel de Lima e Lipiani et.al.(2012), o uso abusivo de droga indicia uma posição subjetiva do sujeito de escassez de recurso ao significante e uma debilidade na metáfora paterna, fazendo ascender o desejo da mãe, assumindo o sujeito o valor de objeto da fantasia materna: neste caso, o que não é mais forte, que tem na mãe a sua força, que é debilitado e tem medo de crescer.

No momento que Sísifo entra no uso abusivo, o comportamento e sintomas dos dois, mãe e filho, são muito parecidos, porque estão muito próximos. *“Ele era forte e agora eu sou a força dele”*. Então, é possível perguntar: o quanto do desejo materno, de ser tudo para o filho, está sendo satisfeito no momento em que ele usa a droga? O quanto um tratamento pode ser ineficaz se o grande Outro não for trabalhado (a família) nas intervenções?

Avançaremos, assim, sobre isso, mas é possível pensar se aparecem algumas instâncias que representam o clamor pela entrada paterna no caso de Sísifo: a mãe, a instituição e eu, enquanto pesquisadora. Pode-se dizer que Sísifo clamava pelo interdito, até quando utilizou drogas no banheiro do CAPS? Sísifo chegou a dizer:

*Foi aquela entrevista ajudou muito, viu. Porque na terça eu já, na terça eu já botei essa realidade na minha cabeça. Quando a gente desceu da entrevista ela disse: “Porque tu não faz isso e tal”, junto com a ajuda da senhora eu disse: “Realmente, é bem melhor.” Porque cada ajuda, tratamento ajuda, mas só Jesus liberta. Graças a Deus que eu não perdi a fé nele. Se não fosse ele eu já tava morto. Porque, doutora, ó, você escutar de um médico assim: “De tanta droga abusiva que você usa, você pode ter uma parada cardíaca de casa, sem pra nada, pode morrer.*

Para Barros (2015), que se empenhou em estudar o que permitiria delimitar o corpo, o tempo e o espaço para adolescentes em situação de rua, aponta a instituição como local onde o sujeito emite gritos de socorro, onde solicita ser contido e receber palavras confiáveis interditando, assim, o sujeito e o outro, os demais espaços e a instituição. Sísifo, então, ao utilizar droga dentro do banheiro poderia, então, estar pedindo socorro e não teria sido compreendido?

Sobre o medo de crescer escapado por Sísifo, Freud (1912, 1976), relembremos que aponta três possíveis danos que podem emergir da dependência e de vícios. O primeiro, é o

prejuízo orgânico, físico que o sujeito vivencia por conta da sua dependência – refletindo sobre este trabalho específico, os danos físicos visíveis no uso abusivo do crack . Um segundo prejuízo desta busca é a obtenção da satisfação sempre da mesma maneira, o que impede o sujeito de passar pelas experiências do mundo externo para obter sua satisfação – que tange a ideia da repetição do consumo exigida pelo crack e a relação do sujeito com esta *pedra*. E o terceiro prejuízo, seria a permanência do que chama de infantilismo psíquico, ou seja, uma persistência que, de alguma maneira, faz com que o sujeito fique preso a fases anteriores do seu desenvolvimento.

Assim, o medo de crescer, escapado da fala de Sísifo e o não deixar Sísifo crescer, evidente nas falas de sua mãe colocam a fragilidade do Nome-do-Pai e sugerem uma aproximação à relação da mãe e do filho como sinalizada e demarcada no corpo infantilizado, não forte, como o de uma criança, exageradamente emagrecido, como o dizer social sobre os “nóias”.

Retomando o sentido da “paranoia”, já aqui ressaltado, o noiado, não nomeado assim por sua mãe, que não assume fracassar e permanece *em cima* dele, mas por ele assumido, é perseguido pelo desejo da própria mãe, perseguido pelo desejo do Outro; desta maneira, Sísifo não cresce e sua aparência é a de um noiado, refletindo no espelho a perseguição pelo desejo do Outro.

Há dificuldade, em Sísifo, de olhar de si mesmo para si mesmo: ele tem dificuldade, durante o uso abusivo da droga, de olhar pra si mesmo, de falar de si mesmo, mas o Outro olha pra ele, no caso, a sociedade, sua mãe e sua companheira olham para ele. Para Lacan (1998b), o sujeito só se reconhece através do outro, que puxa ele de volta para realidade e para o reconhecimento de si mesmo. Nesta *em cima* de Sísifo com sua mãe, ele sempre ‘se baseia’ (uso dos significantes *basear*, *baseado*, *me baseio*, melhor explicitados nos trechos de fala em análise), está sempre à sombra. Aliás, Sísifo ‘se baseia’ em sua identificação com

Kurt Cobain, ex-vocalista do grupo Nirvana. Mas, este é um ponto abordado em breve neste texto.

Para Lacan (1985), atrelado ao desejo do outro, o sujeito vive um tipo de loucura a dois, o filho e sua mãe, impossibilitando, nas psicoses, o primeiro de acessar a lei paterna. O pai como lei precisa ser permitido pela mãe, ao olhar para ele como representando o seu próprio desejo, fazendo com que a criança desvie o olhar para o pai. Quando o pai não ocupa esse lugar, o olhar alienante mãe-filho/filho-mãe inviabiliza o Nome-do-Pai e a vivência da castração, o que não se pode afirmar no caso Sísifo.

É preciso repetir que neste eixo encontrei aspectos do campo do não esperado. Na proposta de estudo de caso, a mãe parecia, acreditava eu, que poderia apenas enriquecer o debate sobre o corpo na adição do crack. Contudo, as informações trocadas entre Enarete e eu revelaram algo além: revelaram uma relação muito próxima de Sísifo com sua mãe, isso em decorrência de uma possível fragilidade na inscrição do significante do Nome-do-Pai e a relação de quase-colagem, *em cima*, que Sísifo e Enarete mantém. O Nome-do-Pai, aparentemente inscrito de forma tão frágil, que não operou de forma completa a separação, que castram mãe e filho e os roubaria da alienação.

Passo ao eixo que parte das reflexões lacanianas sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário - sobre o nó borromeu -, assumindo um afrouxamento neste nó e a preponderância do Real (Barros, 2015).

### **- O Eixo 3 – o R.S.I. para falar do corpo de Sísifo**

*É durante esse retorno, essa pausa, que Sísifo me interessa. Um rosto que pena, assim tão perto das pedras, é já ele próprio pedra! Vejo esse homem redescer, com o passo pesado, mas igual, para o tormento cujo fim não conhecerá. Essa hora que é como uma respiração e que ressurge tão certamente quanto sua infelicidade, essa hora é aquela da consciência. A cada um desses momentos, em que ele deixa os cimos e se afunda pouco a pouco no covil dos deuses, ele é superior ao seu destino. É mais forte que seu rochedo (Camus, 2010, p 86).*

Neste eixo, assume-se a proposta de autores como Barros (2015), onde se defende que há um afrouxamento do nó borromeu (no caso da supracitada autora, em adolescentes que vivem em situação de rua) nas toxicomanias. O Real, então, se sobressai, o que faria com que, em nosso caso Sísifo, o sujeito perceba as modificações corporais, que ocorrem durante o uso abusivo do crack, quando fala posteriormente sobre elas, demarcando seu definhamento e perecimento subjetivo através do corpo utilizando significantes que sugerem seu desaparecimento enquanto sujeito: significantes ligados à morte.

Barros (2015), em sua tese de doutorado com “meninos de rua” como sujeitos de pesquisa, destaca um esgarçamento do tempo, do corpo e do espaço, desmanche de fronteiras e preponderância do Real. Aborda o Nome-do-Pai como o operador de um lapso no nó e, a partir de dificuldades no estabelecimento dessa metáfora, como em seu público estudado, faz sentido a proposta de uma clínica borromeana. Nessa clínica, a instituição é pensada como referente simbólico para o sujeito e que opera a suplência, pelo uso da palavra, aos possíveis lapsos no nó borromeu; a instituição, assim, se tornaria um ponto de ancoragem para o adolescente que transgride e se vê excluído nos espaços familiar e social.

Vale lembrar Lacan (1956-1957/1995), como já discutido na fundamentação teórica, que o pai funciona, então, articulando aos três registros que compõem o psiquismo do ser humano: O real, o Simbólico e o Imaginário, isso ligado à castração, a privação e a frustração. O sujeito humano depende, então, do simbólico, em sua experiência que o põe em confronto com a castração. A palavra, a fala sobre si, - objetivo do presente estudo - permite a construção de cadeias de significantes, no campo do simbólico.

A cadeia de significantes, no caso Sísifo, tem algo que lhe é característico: termos que o colocam perto ou em “situação de morte” e, a este ponto, damos especial destaque. Em

nosso caso<sup>56</sup>, coloca-se, com especial realce, o transbordar do Real associada à *morte* no uso abusivo do crack, tão inconsciente na pulsão mortífera que o conduz à busca do gozo absoluto; sobressalência Real, sinalizada no corpo, na fala e na imagem que o usuário forma de si, a partir da ideia do nó borromeu.

Lacan (1955-1956/1992) introduz, na constituição psíquica do sujeito, o pensar sobre os registros do Simbólico, do Real e do Imaginário, como já abordados na fundamentação teórica: o R. S. I. Estas três dimensões estariam enodadas, no que chama de nó borromeu, que consiste em três círculos vazados e inseparáveis que, caso desprendido qualquer um dos três, as demais se soltam igualmente e o nó se desfaria. Pode-se, então, pensar que, para o autor, é deste nó que emerge o sujeito, em sua palavra, sua imagem e também seu corpo. Diz Porge (2006, p. 122):

Apresentar separadamente estas três dimensões responde a uma questão didática. No entanto, nos deparamos constantemente com o fato de que não podemos falar de uma dessas dimensões separadamente uma das outras, e que o operador de cada uma delas é relativo aos outros [...] De fato, existe uma necessidade em edificar as “junções” das três dimensões, e é isso que Lacan sempre tenta fazer com as escrituras dos esquemas (esquema L, esquema R), grafos e outras figuras que constituem as linhas das fraturas do cristal RSI.

Para o mesmo autor, o Real pode ser definido como o que retorna sempre ao mesmo lugar, o impossível. De acordo com Barros (2015, p.82), “o irrepresentável, indizível, inapreensível. Impossível de ser simbolizado na fala e na escrita, o Real é o que não cessa de não se escrever”. Lacan (1974/1975/2005), ao falar sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário, diz que o inconsciente é o Real, perfurado pelo simbólico, que faz cercadura, delimitando uma troca do que se embasa numa abertura real no simbólico e uma abertura do simbólico no real.

Já o simbólico diz respeito à malha de significantes que precedem o sujeito, dando-lhe um lugar na área do desejo do Outro e o inscreve no mundo de palavras; é o banho de

---

<sup>56</sup>Barros (2015) discute as falas dos adolescente sobre a morte; em nosso caso, tentaremos mergulhar na circulação desse significante marcado no corpo do usuário de crack, em conformidade com nossos objetivos.

significantes, já mencionado na fundamentação teórica por Lazarini & Viana (2006). Retomando Lacan, o simbólico é o que coloca o homem na posição de perda que a fala acarreta, quando faltam significantes; a falta no que diz respeito ao simbólico é da experiência humana, pois a palavra deixa marcas no sujeito.

Já o imaginário, ponto de partida para a referência ao corpo – como já visto na construção na imagem inconsciente do corpo (Dolto, 2010) - é a extração de representação da realidade, o que conduz o sujeito à apreensão da imagem do seu corpo (Lacan, 1974/1975/2005). O imaginário, no enodamento borromeu, é concebido na intersecção com o Real, como um limite, um freio ao anseio ilimitado de transbordação do Real (Didier-Weill, 1988).

Portanto, tais instâncias, diferentes entre si, fazem um nó, o nó borromeu; nenhuma se encerra em si mesma qualquer conteúdo fechado e “conteúdo” pode deslizar de um a outro registro. Para Barros (2015), na criança, “acontece um confronto entre o real do corpo do bebê, o mundo simbólico do desejo materno e os sentidos que são atribuídos à imagem e às manifestações corporais” (p.83). Partindo de uma posição zero, o real do organismo estaria sobressaído desde o começo. De acordo com Vorcaro e Capanema (2010) “essa superposição real do organismo à posição simbólica investida imaginariamente pela alteridade de um agente, produz uma espécie de regularidade automática de alternância” (p. 498). Os gritos de socorro de um bebê pela presença do Outro inaugura a constituição subjetiva do sujeito, a partir da ausência e da presença, da tensão e da tranquilidade, do prazer e do desprazer.

A questão do Real a partir da temática da morte estaria próximo da toxicomania, da delinquência, dos adolescentes em vivência de rua, estes últimos alvos dos estudos de Barros (2015). No caso Sísifo, há uma indicação de que essa sobressalência do Real se diz borromeamente no limite que o sujeito estabelece com a morte. Repito, neste ponto, o que diz o Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (1996):

A invenção toxicômana se desgasta ao longo do tempo e não consegue separar verdadeiramente os corpos; é por isso que frequentemente ela se conjuga como o exercício de uma violência que leva muitos toxicômanos para o hospital ou para a prisão. Psicopatia? Delinquência? Tendências suicidas? Nenhum destes termos tem poder de expressar a lógica desses atos. Importa antes entender a maneira como eles se constituem como respostas maciças e imediatas a uma questão informulável, a própria questão do puro devir: Devo desaparecer para que o meu lugar seja conservado? Como produzir o que me apaga? Roubar um carro e correr de olhos fechados na estrada do contorno, mergulhar em comas repetitivos, fraturar-se... Todos esses atos representam diferentes respostas à urgência da questão evocada e todos atestam o impasse em que se esmaga um corpo que se impõe a doação do impossível e que só pode subsistir desaparecendo (p. 545).

A busca do gozo mortífero, abordado no eixo 1 deste capítulo, ocupa o lugar central na vida do sujeito; mortífero, impulsionado pela pulsão de morte, apagando a percepção de si do sujeito, em face ao uso abusivo, de acordo com seus relatos pós consumo já apresentados, fazendo com que ele consuma a droga, ainda que se queime e não sinta; ainda que descuide de si, e não perceba; ainda que emagreça, e não note. É o Real, sobressaindo-se, em nosso caso, fazendo que o sujeito utilize *Nomes-do-Morrer*, termo que crio parafraseando os *Nomes-do-Pior*, defendidos por Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillipe Lacadeé e aqui já comentados: não se trata apenas de assumir nomes que o coloquem no refugio da sociedade, mas sim, em nosso caso Sísifo, assumir nomes que o colocam na posição de quase morrer ou do morrer, alvo da pulsão de morte. Ao assumir tais nomes, Sísifo representa o enodamento borromeu, onde o Real de sobressairia pelo afrouxamento deste nó e o Imaginário e o Simbólico, também presentes no nó, perderiam força, permanecendo presentes na constituição subjetiva do mesmo.

O imaginário deve ser compreendido a partir da imagem, sendo o registro do engodo, da identificação. Na relação intersubjetiva, é sempre colocada alguma coisa fictícia, que é a projeção do imaginário de um sobre uma simples tela em que o outro se transforma. É o registro do eu, com o que comporta de desconhecimento, de alienação, de agressividade e amor na relação a dois. Para compreender o imaginário, é preciso partir da fase do espelho, como já apontado nesta fundamentação teórica. Ela é uma das fases da constituição do ser

humano, situada entre os seis e os dezoito meses, caracterizado pela imaturidade do sistema nervoso. A criança, antes disso, se vê como fragmentada, não fazendo nenhuma diferença entre o que é ela e o que é o corpo de sua mãe, entre ela e o mundo externo. A mãe a instaura em sua identidade particular, dando-lhe um lugar a partir do qual o mundo pode ser imaginado, onde o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo. Assim, pode se compreender a fase do espelho como a regra de partilha entre o imaginário, a partir da imagem formadora, mais alienante, e o simbólico, a partir da nomeação da criança.

Para Chemama e Vandermersch (2007), carregado por sua mãe ou por quem exerce esta função materna, a criança vai reconhecer sua imagem no espelho, antecipando, imaginariamente, a forma total de seu corpo. Mas, é como um outro, o outro do espelho em sua estrutura invertida, que a criança se vê e se referencia pela primeira vez; assim, instaura-se o desconhecimento de todo ser humano quanto a verdade do seu ser e sua profunda alienação à imagem que ele vai dar de si mesmo. É o advento do narcisismo primário, narcisismo no sentido pleno do mito, pois indica a morte, morte ligada à incapacidade vital da qual esse momento surgiu.

No Dicionário Enciclopédico de Psicanálise (1996), o Real como sinônimo de realidade, é apontado como proposta freudiana; já o dicionário de psicanálise, em seu volume 2 (2004), aponta que o Real, para Lacan é o impossível. O sujeito o prova como sintoma irreduzível e incontornável, muitas vezes, doloroso e irrepresentável.

O Real, se sobressaindo, faz com que escape, no discurso do sujeito, o que chamo de Nomes-do-Morrer, como por exemplo: *fraco, debilitado, caveira, Cazuza*, dentre outros, melhor debatidos a seguir.

Retomando o eixo 1, depois que passa o uso abusivo da droga, então, o sujeito fala como se percebe (lembrando que este estudo versa sobre a fala do sujeito sobre si mesmo); o anseio pelo gozo ilimitado que o conduziu a repetir, mais uma vez, o consumo da pedra de crack, apaga sua percepção de si e permite as depreciações corporais não percebidas. Mas,

depois do uso abusivo, o sujeito se percebe sempre próximo desse discurso da morte. Isso é a sobressalência do Real que destaco nesta tese, mas sem desprezar as outras instâncias, a dizer o Simbólico e o Imaginário, presentes no nó borromeu, reforço.

No livro *Meu corpo e suas imagens*, Nasio (2009) diz “não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos do nosso corpo” (p. 10), a representação que o sujeito faz – o sujeito do inconsciente – do próprio corpo.

Lacan em *O Sinthoma* (1976/2007), falando sobre o corpo, indaga: "Quem sabe o que se passa no seu corpo? (...) para alguns, chega a ser o sentido que dão ao inconsciente" (p. 145). Na Conferência chamada *A terceira* (1974, p. 65), o autor diz: "A angústia é justamente alguma coisa que se situa alhures em nosso corpo, é o sentimento que surge dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo". Assim, é possível pensar até que ponto o corpo pode suportar a angústia e de que maneiras o sujeito, de forma particular, pode lidar com ela?

"O corpo do gozo é nosso corpo quando sentimos despender sua energia, resistir aos mais extremos sofrimentos, desgastar-se e degradar-se inexoravelmente" (Nasio, 2009, p. 76). Voltando para a fala do sujeito usuário de crack, Leite (2003) faz uma ligação das coisas que acontecem no corpo e acontecem na linguagem; então, se há uma perturbação muito grande no corpo, essa perturbação também se reflete no campo da linguagem o que, para nós, surge nas falas de morte e nos *Nomes-do-Morrer*. As falas de morte surgem em diferentes momentos nas entrevistas realizadas com Sísifo. Mas, enlaçados às menções teóricas, neste eixo, que tange o Real, o Simbólico e o Imaginário Lacaniano, os trechos de fala do próprio sujeito, Sísifo, enunciam o afrouxamento do nó borromeu, mas com a prevalência do Real. Destaco em itálico e em negrito o que significaria isto que venho a assumir:

Diz Sísifo: *Que a gente que usa droga, tem um desespero tão grande de querer parar... que às vezes você, poxa, você sabe que **com duas gramas você pode morrer de***

*overdose. Eu tava chegando num ponto de fumar quinze, dezesseis gramas por dia... quando eu não tinha mais.*

*Quando eu tou meio chapadão eu xingo Deus: “Que nada, eu não pedi pra tá aqui, então me mata logo.”*

*Eu empenhei num canto, peguei sessenta reais, porque eu peguei duas pedras por sessenta reais, que ele vende fiado no juro. **Se num pagar, morre.** Você dizer é amanhã, tem que ir amanhã se não ele já vem de noite ou então no outro dia **pra matar mesmo. Se não tiver o dinheiro na hora, ele mata.***

*Quero fazer rock gospel. Eu já disse que toco rock, toco guitarra e canto. Me baseio nos caras. Pearl Jam é a **única banda de grunge que tá viva até hoje.** Os outros tudinho, **um morreu nas drogas, o outro se matou como Kurt Cobain.** E tudo muito ali, pararam com as drogas, todo mundo coroa tocam ainda. Eu me inspiro nos caras, porque as letras dele antigamente era depressiva. Cathedral é gospel, mas eu não gosto, que acho ele traidor, porque ele, disse mesmo, ao vivo no programa do gordo: “Eu entrei na música agora pra entrar na cena, foi o dinheiro. Agora eu tou rico, tou ganhando grana cantando música do mundo.” **Ele canta o que ele quiser, mas a mão de Deus pesou, morreu o guitarrista dele.** Que é irmão dele.*

*É difícil... eu fico depressivo... eu tava depressivo, ai depois eu olho assim, não. Levanta tua mão servente e recomeça a andar. Tente outra vez. Eu me baseio nisso. Ai depois vem já a bíblia que diz **“mesmo que morto, eu te darei vida.”** É mais ou menos isso.*

*É. E dá dor de cabeça profunda, uma dor estranha, **como se tivesse eu dentro de um caixão** e uma coisa me espremendo assim e eu querendo lutar contra aquilo, tenho que fumar de novo pra... ((aspira o ar)) bem de novo.*

*Foi aquela entrevista ajudou muito, viu. Porque na terça eu já, na terça eu já botei essa realidade na minha cabeça. Quando a gente desceu da entrevista ela [Mérope] disse: “Porque tu não faz isso e tal”, junto com a ajuda da senhora eu disse: “Realmente, é bem*

*melhor.” Porque cada ajuda, tratamento ajuda, mas só Jesus liberta. Graças a Deus que eu não perdi a fé nele. **Se não fosse ele eu já tava morto.** Porque doutora, ó, você escutar de um médico assim: “De tanta droga abusiva que você usou, **você pode ter uma parada cardíaca em casa, sem pra nada, pode morrer.**”*

*Que eu não nasci doente, porque eu não posso me curar? Depende da minha força de vontade, fé em Deus se eu pedir a Ele com fé Ele vai fazer. Eu fazer minha parte, Deus faz a dele. Ele já fez, **Jesus já morreu por mim na cruz.** Só basta eu fazer também minha parte.*

Diante de tudo o que Sísifo disse, qual seria a sua parte? Morrer também, como Jesus Cristo? Misturam-se simbólico, Imaginário e Real, com uma invasão do Real através dos significantes para descrever a si mesmo na ocasião da entrevista realizada no CAPS ad, onde, teoricamente, estaria sem efeito da substância - com o que chamo *Nomes-do-Morrer*. No dicionário de Chemama e Vandermersch (2007), afirma-se que o Nome-do-Pai é o produto da metáfora paterna que, designando primeiramente o que a religião nos ensinou a evocar (‘em nome do Pai, do filho e do espírito santo), atribui a função paterna ao efeito simbólico de um puro significante e que, em um segundo momento, designa aquilo que rege toda dinâmica subjetiva, ao inscrever o desejo no registro da dívida simbólica. Podíamos pensar que este apelo constante que Sísifo faz a Deus e a Jesus decorre de uma ausência na sua vida de um pai simbólico, que representasse a Lei e lhe colocasse limites.

Ainda ressalto uma fala em que Sísifo percebe um outro usuário, ou seja, para falar de outro usuário, perto da morte por causa do consumo e ele, também mortificado, aconselha:

*Mesmo eu assim, depois que eu dava uma pausa de usar, eu ainda dava conselho aos caras. Os caras também, pô, quando param dão conselho. **Teve um que antes dele morrer ele parou e eu disse:** “Negão, dá uma pausa.” Eu tava bem, tinha saído do meu primeiro internamento. Tava/ passei um ano e meio bem. “Dá uma pausa porque tá demais. Meu irmão, dá pelo menos uma pausinha. **Tu tá vindo como tu tá magro, meu irmão, debilitado.**”*

Pergunto: *Quer dizer que quando tu vê o cara magro, porque tava usando muito crack, às vezes tu chega pra aconselhar? Como tu sabia que ele tava usando? Ele diz: Sabia que ele tava usando esse tempo. Olha o jeito que ele tava. Também porque ele já saiu com um baseado na boca. Andando na rua. Ai eu disse: “Negão dá uma pausa, tás vendo como é que tu tás.” “Quem é tu pra falar? Óia...” Eu digo: “Não, eu sei.”*

O corpo, mortificado, parece servir como marcador, diferenciando aqueles que usam dos que não usam; enquanto usuário, Sísifo também dá a outros usuários *Nomes-do-Morrer*. A expressão **morrer, morto**, de maneira geral, aparece diversas vezes no discurso do sujeito. Referindo-se ao momento que diz vivenciar após o uso abusivo, Sísifo diz:

*Eu sinto isso aqui, o queixo, a bochecha ficando chupada. A barriga encolhendo, a perna afinando ...*

Sísifo estaria se tornando uma caveira? Mais à frente, ele se chama assim. Ele fala também, de dores e sensação de adoecimento:

*É muita náusea. Náusea. Assim, eu tou fumando, acabei de fumar um e já penso na outra, dá náusea de vômito, dá ansiedade de fumar outro. Ai eu sinto dores muito fortes nas costas. Dores”.*

Assim, Sísifo descreve como vai se percebendo depois do consumo abusivo, quando na ocasião da entrevista no campo da pesquisa. Relata sentir dores. Mas, mesmo assim e com náuseas, já pensa em consumir outra vez. É a supremacia do gozo. É a repetição lacerante de Sísifo com sua pedra.

Quando questionei como ele acha que as pessoas o percebem, ele diz: *“Oxe, eles diz: “Meu irmão, pare com isso, tu tá parecendo **Cazuza**” Eu acho que fico parecendo uma caveira. Uma caveira. Eu digo: “Cazuza é rock’in roll e eu gosto, massa. Mas Cazuza era massa, mas o caso de Cazuza era AIDS. O meu tava sendo o crack.*

Sísifo começa a falar de como as pessoas o veem, usa o significante Cazuza, cantor do rock brasileiro que faleceu extremamente magro em decorrência de danos ocasionados pelo vírus HIV. Em seguida, chama-se de caveira. Ora, ambos, o significante que ele diz ter gostado de receber (cazuza) e o que ele mesmo se concedeu (caveira), estão no campo da morte.

Sua namorada, Mérope, também o chama por um *Nome-do-Morrer*. Ela diz:

*Ele muda totalmente quando está usando. Assim, os olhos. O jeito de olhar... num é aquele negócio... sei lá, é muito diferente. Eu não sei explicar. Vai, tenta me explicar. Como que é esse jeito de olhar diferente? Muda? Muda, os olhos ficam como se fosse um... vidro, uma bola de gude.*

**Olhos de vidro. Olhos de bola de gude.** Este é o significante que sua namorada usa para descrevê-lo enquanto em uso abusivo. Ora, olhos de vidro são transparentes, mas o que refletem? Olhos opacos, que não refletem o outro, são olhos de quem pode estar morto. Assim, os *Nomes-do-Morrer*, que predominam no sujeito ao falar de si mesmo após o uso abusivo do crack, também estariam presentes no discurso do outro, como *Cazuza* e *olhos de vidro*? Pessoas próximas, do convívio de Sísifo e a sua parceira afetiva acompanham sua degradação junto à pedra. Lembro a figura 3, o Sísifo de Max Klinger, em 1914, onde algumas pessoas parecem observar Sísifo, o do mito, empurrar sua pedra; parecem estar sentadas sobre ela e ampliar, quem sabe, o seu peso e seu desgaste. Ser percebido pelo outro desta forma, talvez, realmente, aumente o peso da culpa de Sísifo.

Nosso Sísifo fala, ainda, das dificuldades em se vestir, diante da extrema magreza. Salta, depois, para o assunto da perda de confiança pela família e da instituição, o CAPS ad.

Sobre seu emagrecimento após o uso abusivo:

*Eu tinha que pegar a bermuda, doutora, e dar duas dobras. Bermuda que eu usava e ficava apertada, tinha que dar duas dobra e ainda saio caindo, levantando. Minha família*

*quando eu tou em uso... oxe, eu perco a confiança total, doutora. Num entro nem em casa. É da grade pra fora. Da casa de cima. Mas doutora, a minha televisão desandei, na última recaída”.*

O próprio Sísifo percebe seu definhamento, sem falar diretamente sobre ele; menciona a perda de roupas antes adequadas. Daí, muda deste que talvez seja um difícil assunto: a família e a instituição já não acreditam nas histórias que Sísifo chega a contar. Seus vínculos estão debilitados, assim como ele se define: fragilizados. Fragilizado, após a suspensão do CAPS ad, ficou também sua relação com a instituição, que pode simbolizar o grande outro de que Sísifo tanto carece. Assim falou a sua técnica de referência sobre a credibilidade do que diz Sísifo:

*Pergunto: Sísifo já está aqui há quanto tempo? Ela diz: Se eu num tou enganada, mais de um ano. Mais de um ano. Questiono: E como é sua relação com ele? Responde: É... no começo do tratamento não conseguia perceber aquela fala que a gente, assim, percebe que é mentira. Então, sempre acreditava na palavra dele. Então eu tinha, assim, o convívio social que ele tinha, eu achava que ele tocava numa banda. Continuo: E ele não toca? Ela responde: Se é real eu não sei mais. Antes eu acreditava que fosse real. Hoje em dia... eu sempre chamei a mãe dele pra vir aqui no CAPS, entretanto ela nunca veio.*

Em outro momento, diz: *E a medicação dele, por várias mentiras que a gente pegou, era, começou a ser diária. Ele começou a fazer uso inadequado de medicação.*

Enarete também fala das “mentiras” de Sísifo. Diz:

*Forte... se cuidava, né? Porque tem tempo que ele se cuida. Mas tem tempo que... fica... daquele jeito. E assim, era muito apegado comigo, conversava. Depois ele foi se fechando... foi mentindo muito, mentindo, era mentira, era mentira...*

No afrouxamento do nó borromeu e na preponderância do Real, defendida por Barros (2015), é possível falar destas descontinuidades e rupturas do discurso. A autora diz:

É no limite, portanto, que situamos a instituição; no corte, operado pela palavra, no livre escoamento de energia pulsional, instituindo fronteiras entre os espaços psíquicos; um corte simbólico que faz furo no Real, contendo sua invasão sobre o Simbólico e o Imaginário. O “entre” remete-nos à ultrapassagem - de lugar, momento ou estado a outro -; ao corte que institui um espaço de dissimetria (Frej, 2003), às descontinuidades e rupturas que podem ter efeito de acontecimento psíquico (Vorcaro, 2009), ao que permite a ex-sistência do Real, do Simbólico e do Imaginário, delimitando as bordas que os mantém enlaçados no enodamento borromeu (p. 187).

Lacan, no Seminário *Mais, ainda* (1982), afirma que o sujeito é efeito da linguagem e este fato o condena a buscar outras variantes de gozo, desde que o sujeito nada sabe do gozo absoluto. Ao retornar à posição de quando apelava ao Outro, concebido como onipotente, o sujeito tenta retornar a um gozo que havia perdido, com a ilusão de recuperar um objeto perdido, de posse desse Outro. No nó borromeu, ainda que afrouxado, não se desfaz (Barros, 2015), mesmo que submetido ao imperativo de gozar.

Mas, a droga não é um caminho socialmente viável, aceito; o caminho “escolhido” por Sísifo não é O Sinthoma de Lacan (1975-1976, 2008). Quando o sujeito faz do seu sintoma o que o autor chama de *sinthome*, faz de maneira que ele goze, responsabilizando-se por isso e o faz de maneira socialmente aceitável. A droga não vai conseguir isso; e a droga não é para gozar de uma forma socialmente viável. No crack, pode-se pensar, há uma busca pela satisfação do gozo e se vai, em busca de um objeto fora, de modo a transgredir.

Para Barros (2015), “diante de uma nomeação real que compromete uma inscrição significativa, é com um corpo mutilado, que cai do discurso e do corpo da mãe, do discurso e do corpo social, que o menino de rua terá que lidar” (p.148). Neste ponto, a autora fala numa anestesia do corpo, que ultrapassaria os limites suportáveis da dor e deixaria o sujeito sob o efeito descarga. A falta de sensibilidade em certas áreas do corpo permitiria uma destruição

progressiva da relação do sujeito com o corpo, a linguagem, o espaço, e ele, indiferente a isso, passam a orifícios e automutilações; o sujeito passa a viver o sofrimento de seu corpo, como se este não lhe pertencesse. Para ela, “o corpo oferece-se, assim, como território em que os adolescentes buscam, no real, na materialidade mesmo da carne, imprimir suas marcas, numa tentativa de demarcação entre o disforme e a escritura do corpo” (p. 149).

As marcas corporais, então, no caso dos meninos de rua, estariam ligadas ao fato do sujeito traçar o real, que delimitam bordas corporais que conferem ao corpo algo de inapreensível, um traço que objetiva capturar o olhar do Outro. Este Outro, que o deixou ausente de inscrição simbólica, faz com que o sujeito, busque seu olhar a partir de queimaduras e feridas que marcam; uma violência sobre si lançada ao inominável, onde o sujeito parece desaparecer.

O que seria, então, inapreensível no caso Sísifo, sinalizado nas marcas em seu corpo que, como dito no eixo anterior, clama pelo Outro? A morte, iminente no uso da droga, presente nas ameaças de morte muitas vezes feitas pelos traficantes? O corpo que ali, mesmo depreciado, resiste à morte, como pode ser falado pelo sujeito? Tomando a proposta de Barros sobre o corpo, em nosso caso, o Outro, falho na inscrição simbólica, como debatido no eixo anterior, que o deixou precário em relação à inscrição simbólica, faz com que Sísifo, como dito, busque seu olhar a partir de queimaduras e feridas que marcam. Mas, como o próprio Sísifo, dentro das reflexões teóricas já abordadas neste e nos outros eixos, pode falar de si mesmo, da sua própria desfiguração acarretada pelo crack?

De acordo com Manonni (1995), quando a morte e a doença se impõem, pode se colocar a ausência de representação, como o inominável. Frente à situação de morte iminente, é possível ver sujeitos mortos subjetivamente antes mesmo de seus corpos morrerem. No masoquismo e automutilações presentes no uso do crack, poderia haver uma violência sobre si também lançada ao inominável, onde o sujeito parece desaparecer.

De que forma Sísifo pareceria desaparecer? Emagrecendo, ficando debilitado, morrendo. Focando, agora, no que Sísifo diz de si após o uso abusivo – quando perguntado, através do instrumento de pesquisa, sobre a noção que possui de si mesmo –, pode-se dizer que haveria, então, uma preponderância do Real (relembrando que não o entrevistei sob o efeito da droga). Como o nó borromeu, neste caso não se desata, o corpo, mesmo fusionado no campo do Real, estando entrelaçado com o simbólico e o imaginário, transforma-se em linguagem, através de nomes que sinalizam a fragilidade e a morte. Falar de si mesmo, então, não parece uma fácil tarefa, mas possível, ainda que, por vezes, fuja-se do tema. Diz ele:

*Mas o crack foi o pior de todos, porque o crack queimam neurônios que não retornam mais. E defasou, **magrelo total, aparência de...** ai eu hoje, vê. Tou **acabando com a minha vida**, com a minha família. E eu quero voltar a estudar, quero fazer meu curso como eu disse a senhora. **Quero ser gente**, realmente, como eu era.*

Apesar de não poder definir os toxicômanos, no caso Sísifo, como psicótico, é possível encontrar convergência com alguns distúrbios de linguagem comuns na psicose. Por exemplo, Sísifo, como no exemplo anterior, começa uma frase dizendo que está *magrelo total, aparência de...* muda o assunto, parecendo perder a lógica inerente a uma frase enunciada no colóquio usual. O Dicionário de Psicanálise (1997), em seu volume 1, aponta os distúrbios da linguagem do psicótico neologismos, frases estereotipadas nos delírios e frases interrompidas, como no caso Sísifo quando fala do seu corpo.

Permanecendo na análise da frase anterior, Sísifo não é gente porque usa crack? Aqui, Sísifo se desumanizou. Adentrou em outra categoria, a de abjeto, como diz Rui (2012). Também, não consegue ir além ao descrever a “aparência de...”, depois que se diz “magrelo total”. Ele foge do tema *corpo* para se focar nas repercussões familiares e profissionais, pelo que ele diz que se passou no momento do uso do crack. Pode-se pensar que o Real se destaca quando o sujeito fala de si, se sobressai, a partir de um esgarçamento do nó, já levantado por Barros (2015). Real continua, parece, destacar-se, porém, o Simbólico e o Imaginário estão

presentes. Essa relação Simbólico e Imaginário, sob a prevalência do Real, estaria aparecendo, mais claramente, no uso dos significantes que chamo *Nomes-do-Morrer*. Continuo, pois, falando da forma como Sísifo fala de si mesmo. Vou destacar novamente, em negrito, as maneiras com que fala de si. Pergunto como ele se vê com o uso de crack. Ele diz:

*Ah, ainda tou **debilitado**, Tava com a aparência parecendo uma **caveira**, olhos fundos com a perna mole, aquela coisa... e vinha com esse pensamento “se pendura na corda e se mata, tem jeito pra tu não.” **Pensamentos suicidas quando via o corpo**. Ai eu disse: “Sangue de Cristo tem poder. Vai pra lá! Eu vou pro CAPS, vou procurar ajuda e eu vou ver que eu saio. Eu vou sair dessa, eu não vou desistir não. **Nem que eu morra tentando**, mas eu não vou desistir não. Porque se eu me entregar é pior.*

Falar diretamente da morte, utilizar nomes próximos da morte ou metáforas, que o aproximem do tema; os *Nomes-do-Morrer*: *debilitado, caveira, Cazuza, pensamentos suicidas quando via o corpo*. Ele usa, portanto, o significante *caveira*. É o Real (da morte) se impondo, com a participação do imaginário (uma imagem de si como caveira, por exemplo) e do simbólico (cadeia de significantes em torno da morte metaforizada pelo significante *caveira*). O sujeito apagado, desaparecido, uma caveira, onde nem vida ele mesmo vê nesse corpo. Corpo que apela ao grande Outro de quem necessita; neste momento, Sísifo também recorre ao sangue de Cristo e ao CAPS ad, sinalizando, no corpo e no uso de significantes – como aqueles, neste tópico, abordados – o interdito de que tanto necessita, ao viver, de forma repetitiva, em busca de um gozo mortífero.

Voltando ao mito de Sísifo, o que poderia fazer com que o seu castigo junto à pedra fosse suspenso e outra forma de pagar por seus erros surgisse? O olhar do próprio deus, a quem nosso Sísifo clama ao dizer “*sangue de Cristo tem poder*”? Ou, como nas imagens de Sísifo presentes na introdução deste trabalho, a partir daquele corpo aparentemente

causticado, chamasse a atenção a sua repetição dolorosa? Ou, se ele falasse que estava perto de morrer será que alguém o socorreria? O Outro? O deus?

Continuando as reflexões sobre o Sísifo da pequena pera de crack, vejamos outro trecho onde ele fala de si com um dos seus *Nomes-do-Morrer*:

*Vou ser bem claro a senhora, parece um **anjo decaído** quando eu tou usando. Porque você fica com o semblante péssimo, péssimo mesmo. Olho fundo, feioso, barbudo, desleixado... Mas quando no meio do consumo não se vê assim? Não pensa nisso? Tu não pensa nisso. Não, não pensa nisso. Quando cai a lucidez, o primeiro dia, o segundo, o cara diz: “Meu irmão...{silêncio}”.*

Mas, na fala do sujeito, continuemos para além dos termos já abordados: os significantes *caveira* e *anjo decaído*, ou seja, o uso de metáforas: ao utilizar *caveira*, será que nem vida ele vê naquele corpo? Sísifo também gosta de rock, da banda Nirvana, que muitas vezes faz uso de símbolos como a caveira. A caveira, então, está presente na vida de Sísifo pela pulsão de morte, pelo seu gosto por rock, pela sobressalência do Real.

Anjo, entidade sem corpo, sem sexo? Decaído, o “corpo” sem sexo, “corpo” à mercê, esse “corpo” apagado? Ora, o anjo é uma figura bonita, que ao cair vai se fragmentar, vai quebrar e a droga desconfigura “esse corpo”. Ao cair, a pessoa se desconfigura, rala, machuca-se, “o corpo” que era bonito, lá no alto, no lugar bom, quando cai, desconfigura-se e perde a beleza. “Corpo fragmentado”, do anjo que decai (de novo, o significante *cair*); pela fala, Sísifo está fazendo uso de significantes e construindo metáforas com seus *Nomes-do-Morrer*. Justifica-se, então, este trabalho ao trazer o corpo para a discussão sobre o uso do crack. O corpo pode, então, ser uma linha condutora para simbolizar a questão corporal.

O que assumo neste terceiro e último eixo discussão é que o Real do corpo é tão forte que invade os outros registros (Barros, 2015). O nó borromeu se afrouxa, o Real se impõe e os demais enfraquecem, mas permanecem existindo. Lacan (1955-1956, 1985), afirma que, nas psicoses, há um desatamento do nó, o que se percebe claramente nos delírios psicóticos, um

Real, sem o Imaginário para atar. Em Sísifo, os *Nomes-do-Morrer* estariam indicando a sobressalência do Real (do corpo), mas sustentado, ainda que de forma precária, pelos ouros dois registros.

## **5. Considerações Finais**

Ao escolher o nome Sísifo para assim chamar o sujeito alvo deste estudo de caso, esperava abordar a sua relação com a pedra de crack e, desse modo, fazer uma metáfora possível, utilizando o mito, a partir da relação repetitiva que o sujeito estabelece com a pedra de crack, a qual sempre quer mais, mais e mais. Não esperava – apesar de partir da minha visão dos corpos degradados com queimaduras, dentes enegrecidos e corpos emagrecidos e descuidados – que, na história do sujeito, para além do gozo mortífero buscado através do consumo da droga, pudessem estar envolvidas questões como o masoquismo e a automutilação, no aparente apagar da percepção de si durante o consumo (partindo da fala do sujeito em momento de não consumo); um “medo de crescer” sinalizado neste corpo frágil. Não esperava ouvir significantes tão próximos da morte. Sísifo, o do mito, talvez também clame por socorro ao empurrar sua pedra, assim como nosso Sísifo pede a lei, sinalizando com seu corpo, com sua fala sua atração pela morte.

Para começar, se o sujeito procura uma instituição como um CAPS ad, por livre e espontânea vontade, como no caso de Sísifo, ele está clamando pela Lei; ainda que a tenha transgredido, ao consumir crack em pleno banheiro do serviço, no dia de nossa última entrevista: Sísifo queria chamar a atenção para si; ele pedia socorro.

No encontro com adolescentes marcados pela crueza do Real da rua e por uma história de invasões do Real do corpo, é o Real que insiste e se impõe a escuta; é preciso “fazer com” o Real, destaca Sciara (2006), Uma clínica, portanto, impôs-se à nossa prática, que, a nosso ver, somente se sustenta se considerar o Real na cena, não prescindindo ele, pois é de sua insistência que se trata. Destacamos, assim, a relevância de uma clínica borromeana para o adolescente em situação de rua, situando a relevância do corte operado pela palavra na criação de espaços psíquicos, a possibilidade de suplência aos

lapses do nós, o enodamento entre o sujeito, a família e a rua (Barros, 2015, p. 197).

Lembro quando Sísifo se refere a si como uma caveira e caveira não tem vida. Como ele chama o consumo do crack? ‘dar tiro’. E o anjo decaído, que seria? Aquele que ficou fraco e não tem poder. E assim, morrendo a cada repetição, Sísifo repete sua sina, empurrando sua pedra monte acima, configurando sua morte subjetiva e, porque não, aproximando-se da morte real a cada repetição, a cada ‘tiro’.

É a partir da fala do sujeito toxicômano que se pode chegar a ele, já que Sísifo tem a condição de refletir sobre sua história, sobre suas práticas e escolhas. Ele fez isso pela importância que deu ao processo de pesquisa e o lugar especial em que ele mesmo e o CAPS me colocaram nesta história.

Falar do próprio corpo, então, neste caso Sísifo, não está fora do simbolizável, mas falado por *Nomes-do-Morrer: fraco, debilitado, caveira, magrelo total, anjo decaído...* O corpo, apesar de tão alterado no consumo abusivo do crack, não é trazido para o centro das discussões e propostas terapêuticas, mas a fala do sujeito Sísifo pode ser uma linha condutora para simbolizar, pode ser um caminho para saída menos sofrida pelo sujeito, uma forma possível desse sujeito aparecer, que não seja pelo doloroso caminho da droga; sair desse ciclo de repetição de uso da droga, do infinito empurrar da pedra do Sísifo, no mito, fazer emergir o sujeito com o desejo. O que fazer com o sujeito para que esse furo aconteça?

Sísifo empurra a pedra, mas não quer deixar o CAPS. Sísifo quer ser visto; quer falar; quer ouvir. Assim seriam os processos de intervenção, dar lugar à fala, ao sujeito, enfim, dar lugar à linguagem. Ora, o que é esse *cair* produzido por Sísifo? O que é esse *se basear*? Pode-se supor uma possível transformação com a intervenção a partir da cadeia de significantes, fazendo-o transitar pelo simbólico. Como disse, seria preciso pensar numa saída menos sofrida que não fosse o lugar da droga, uma forma desse sujeito, finalmente, aparecer. Sair desse ciclo e aparecer o desejo. Essa repetição de empurrar a pedra demanda

por fazer um furo pela fala, fazendo este usuário de crack retomar uma história de vida e seu corpo que está à disposição desse prazer, acima de tudo.

O reiterado uso do termo *cair*, em diferentes momentos, faz Sísifo se remeter a suas quedas no palco, tocando rock (ao *cair*, literalmente, do corpo) e o *cair* voltado à recaída, ao recair no consumo. Falas como estas podem estar repletas de sentido. A partir da intervenção, nos Projetos Terapêuticos Singulares (PTS), propostos pelos CAPS, dando fala ao sujeito, recortando significantes que insistem, possibilitando, talvez, ao sujeito, transitar nas cadeias de significantes! O destaque dado a termos como *cair*, com mais de um sentido, parece importante para vislumbrar uma saída pela fala, operar o furo, o corte por meio da palavra, como diz Barros (2015), pela possível suplência aos lapsos do nó, que enodam o sujeito e sua família.

Para Grossi (2001), em sua experiência no Centro Mineiro de Toxicomania, também percebe que muitos chegam ao serviço e se nomeiam como “eu sou alcoólatra”, “eu sou viciado”, uma sentença, que funciona como uma assinatura para o sujeito. O Outro não pode ser só observador dos tratamentos propostos, mas oferece a possibilidade de ofertar individualidade a cada caso, inserindo o particular na universalidade, ao invés de enlaçar os sujeitos por seus traços em comum: o uso de drogas ou álcool. Para ele, “o que está em jogo é a substituição do significante do Nome-do-Pai por uma nomeação qualquer que vem em socorro a essa perda” (p. 167). Frente ao sofrimento dos sujeitos, deixar o social nomeá-los é contribuir para fenômenos identificatórios vindos do Outro social e não dos próprios sujeitos, quando se favorece espaço de fala a ele e aos seus, de forma realmente singular.

Lembremos que, no discurso do sujeito sobre o próprio corpo, percebeu-se um clamor velado: Sísifo chama pelo grande Outro. É neste ponto, na questão vincular e na proposta de intervenção, que se encerra este trabalho, propondo, inclusive, um final diferente, possível (por que não?) para a repetitiva e dolorosa relação do sujeito com sua pedra.

A entrada de serviços como o CAPS na vida do sujeito em uso abusivo de droga, teria a ver com a função paterna já apontada em eixos anteriores, a entrada do grande Outro. O declínio na função paterna, neste caso, teria levado ao declínio do corpo, por falhar essa função, a Lei, o interdito, o social. O usuário de crack comunicaria o fracasso de sua função paterna, quando chega ao serviço, pelo próprio uso de drogas, que estaria substituindo sua relação com pessoas, sua profissão, vida laboral, pessoal.

No usuário de crack, o que vejo é um corpo sumindo, enquanto a lei também vai desaparecendo. Ao procurar um serviço como CAPS, o sujeito buscaria a lei, buscaria contornar a falha da função paterna, falar de sua condição, simbolizar, quem sabe, fazer seu corpo “aparecer”. Lembro a canção de Raul Seixas que o próprio Sísifo relembrou um trecho:

Veja! Não diga que a canção está perdida, tenha fé em Deus, tenha fé na vida, tente outra vez! Beba! Pois a água viva ainda tá na fonte. Você tem dois pés para cruzar a ponte. Nada acabou! Tente! *Levante sua mão sedenta e recomece a andar. Não pense que a cabeça aguenta se você parar!* Não, não, não, não! Há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira, bailando no ar. Queira! Basta ser sincero e desejar profundo, você será capaz de sacudir o mundo, Tente outra vez! Tente! E não diga que a vitória está perdida, Se é de batalhas que se vive a vida: Tente outra vez!

Sísifo dizia que não iria desistir. Em itálico, destaco a frase que ele mesmo destacou em sua fala. Quando em abstinência ou em redução de danos pelo uso do crack, é comum o sujeito dizer “estou mais forte”, “estou até engordando”. Ora, o corpo estaria reaparecendo, estaria reaparecendo o sujeito, o seu desejo.

O que Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillipe Lacadeé chamam de *Nomes-do-Pior*, Sísifo recebe dos outros, fora do eixo familiar; estes nomes se contrapõem ao ideal oferecido pelo Nome-do-Pai: *noiado, viciado, drogado*, dentre outros, são significantes frutos da desvalorização social desses sujeitos que são colocados muitas vezes como resto, refugio da sociedade e porque não dizer do laço familiar.

Retomando para contribuições sócio antropológicas, Mauss (1974) diz que o corpo é o primeiro e mais natural objeto do homem, modulado de acordo com hábitos culturais e informa a situação moral da pessoa, a qual influencia cada um de nós com normas coletivas implícitas; Para Le Breton, com sua *Sociologia do Corpo* (2006), a corporeidade humana é alvo de representações simbólicas e imaginárias, próprias do fenômeno cultural e social; em seu livro *Adeus ao Corpo* (2003), o autor reflete que o corpo e a carne humana parecem percebidos, desde sempre, como modificáveis, sujeitos a morte, a doenças e ao envelhecimento; Rios (2004) diz os diferentes sistemas de entender o mundo tendem a marcar no corpo as desigualdades sociais, usando tais marcas para justificar diferenças estabelecidas. O corpo físico individual pode, então, ser compreendido como atravessado de significados pelos diferentes sistemas de entendimento e construção da vida social.

Dessa maneira, compreendem-se os nomes que Sísifo, enquanto usuário de crack, pode vir a receber na comunidade onde convive. Mas, os nomes que Sísifo confere a si mesmo são *Nomes-do-Morrer*: o Real, que se sobressai. Almeida (2010) vai mais além: quando, na prática clínica, o sujeito chega ao atendimento enunciando “eu sou toxicômano” ele tem, ali, um lugar de assujeitamento, assegurado pelo Outro, que o convida a gozar cada vez mais.

Define-se, Sísifo, com os *Nomes-do-Morrer*. Volto à canção de Lenine e Dudu Falcão, *Silêncio das Estrelas*:

*[...] E assim, repetindo os mesmos erros, dói em mim  
Ver que toda essa procura não tem fim  
E o que é que eu procuro afinal?*

*Um sinal, uma porta pro infinito irreal  
O que não pode ser dito, afinal  
Ser um homem em busca de mais, de mais.*

Em momentos de abstinência, como em face às entrevistas de pesquisa, Sísifo é capaz de reconhecer o dano que causa a si próprio ao ingerir a droga, mas esse reconhecimento não

é suficiente para fazê-lo desistir desse gozo. Ai ele repete. Ele se deprecia a tal ponto que se torna insuportável conviver consigo mesmo, retomando, então, o uso da droga, para diminuir a angústia, o sofrimento que está sentindo. Voltando ao uso da droga mais uma vez e danificando seu corpo mais uma vez.

As questões de pesquisa: *O que a experiência do consumo de drogas tem a ver com a posição subjetiva do usuário de crack? E Se e como os sujeitos em uso abusivo do crack vivenciam a desfiguração de seus corpos que decorre do abuso desta droga?* Puderam, assim, serem abordadas. A experiência do consumo abusivo de drogas é vital para muitos sujeitos. Estes não perceberiam as modificações corporais que os atravessam, durante o uso abusivo do crack; só depois, quando cessa brevemente o consumo, Sísifo, nosso caso aqui apresentado, percebe o próprio corpo com o uso de significantes com conotação mortífera e a ausência de cuidados pessoais; o gozo é imperador e impede o olhar para si mesmo.

A depreciação da própria imagem e a culpabilidade aparecem nos *Nomes-do-Morrer*. De acordo com Melman (1992), o sujeito toxicômano está impregnado pela pulsão de morte. Mas, no momento do uso da droga, não há espaço para a culpa, ele quer mais é transgredir. Em Freud (1976), as substâncias tóxicas entram, então, como possíveis medidas paliativas para o sofrimento do sujeito, ajudando-o a reduzir suas preocupações e distanciando-o da realidade, criando para o sujeito uma saída a partir da criação de um mundo próprio proporcionando imediato prazer.

Fugindo de sua realidade angustiante, ao utilizar-se dos *Nomes-do-Morrer*, Sísifo se ejeta para encontrar seu lugar, lugar este que a pulsão de morte o conduz a encontrar. É uma dolorosa saída para ele usar a droga: a morte, tão presente no uso e nas ameaças, inclusive nos significantes que usa para se autodescrever após o uso abusivo, soam como uma tentativa de suicídio. Nos *Nomes-do-Pior*, propostos por Henschel de Lima, Valentim, Rocha & Rodrigues (2013), baseados nas reflexões do psicanalista Phillippe Lacadeée nos *Nomes-do-Morrer*, propostos nesta Tese, Sísifo assenta sua identidade e se faz ouvir; através do corpo

alterado, se faz ver. E os corpos perambulam pelas cracolândias. Diz Alberto Camus, no mito de Sísifo (2010):

Deixo Sísifo no sopé da montanha! Sempre se reencontra seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e levanta os rochedos. Ele também acha que tudo está bem. Esse universo doravante sem senhor não lhe parece nem estéril nem fútil. Cada um dos grãos dessa pedra, cada clarão mineral dessa montanha cheia de noite, só para ele forma um mundo. A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz (p. 88).

Posso até imaginar Sísifo feliz. Mas, a verdade é que não sei o que houve com ele, após sua suspensão de trinta dias do CAPS ad. Em tentativas de contato – posteriores ao encerramento da obtenção dos resultados desta pesquisa – com a equipe técnica do local, minha repetida pergunta: “Sísifo voltou?” era sempre seguida de um “não”. Mas, não desisto de minha aposta.

Se “tinha uma pedra no meio do caminho”, a aposta é que a fala possa tirá-la de lá. Escutemos, pois, os usuários de crack em suas singularidades, não porque assim solicitam as políticas vigentes, mas, porque talvez seja este o caminho para que eles encontrem uma saída para a adição.

## 6. Referências Bibliográficas

- Almeida, A.R.B. (2010). *Toxicomanias: uma abordagem psicanalítica*. Salvador: EDUFBA: CETAD/UFBA, BRASIL.
- Andrade, L. (2001). *Os efeitos da fala como acontecimento na clínica fonoaudiológica*. Letras de Hoje, RS: EDIPUCRS, 36(3), 261–265.
- Andrade, T. F. de & Santos, M. A. (2009). A experiência corporal de um adolescente com transtorno alimentar. *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 454-468.
- Aulagnier, P. (1990). *Um Interpretar em Busca de Sentido – Observações sobre a Estrutura Psicótica*. São Paulo, Escuta.
- Badiou, A. & Roudinesco, E. (2012). *Jacques Lacan: passado presente*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Barros, P. C. M. (2015). “Eu vinha rodando pela rua”: que ponto de ancoragem para o sujeito adolescente em situação de rua? Tese de Doutorado. Universidade Católica de Pernambuco, Doutorado em Psicologia Clínica, Recife, Brasil.
- Becker, H. S. (1993). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Bergès, J. (2008). *O corpo na neurologia e na psicanálise: lições clínicas de um psicanalista de crianças*. Porto Alegre, CMC Editora.
- Birman, J. (1947). *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34 Ltda.
- Birman, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brasil (2010b). Presidência da República – Secretaria de Imprensa/SECOM. *Crack, é possível vencer*. Disponível em: <http://www.imprensa.planalto.gov.br/>.
- Brasil. (2013). Ministério da Saúde. *Cadernos de Atenção básica. Saúde mental (n. 34)*. Editora MS. Brasília, Distrito Federal, Cadernos de Atenção Básica, Brasil.
- Brauer, J. F. (1994). *A Criança no discurso do outro: um exercício de psicanálise*. São Paulo: Iluminuras.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Calmon, A. (2011). *A droga ou a vida*. Rio de Janeiro, 6(11), 86-97. Recuperado de [www.nucleosephora.com/asephallus](http://www.nucleosephora.com/asephallus) Acessado em: 1 dezembro 2012.

- Campos, E. A. (2004). As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. *Caderno Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 20 (5), 1379-1387.
- Camus, A. (2010). *O Mito de Sísifo*. Livros do Brasil: Lisboa.
- Catrini, M. (2005). *A marca do caso: singularidade e clínica de linguagem*. Dissertação de Mestrado, LAEL/PUC, São Paulo, SP, Brasil.
- Cavalcanti, R. (1992). *O mito de Narciso – o herói da Consciência*. São Paulo: Cultix.
- Cera, F; Camargo, L.F.E.; Scofield, L.; Reymundo, O.; Fiorentino, V. (2013). Clínica das adições: Oficina de Política Lacaniana de EBP – SC. In O. M. R. Machado & E. Derezsky (2013). *A violência: sintoma social da época*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Chemama, R (1996). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chemama, R. & Vandermersch, B (2007). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: UNISINOS.
- Coutinho J. M. A. (2011). *Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan* (vol. 1 – as bases conceituais). Rio de Janeiro: Zahar.
- Conferência Internacional de História das Ciências da Linguagem. (2002). São Paulo e Campinas. *Caderno de Resumos* (vol. 1). São Paulo/Campinas, SP: FFLCH e UNICAMP.
- Conte, M. (2002). A clínica institucional com toxicômanos: uma perspectiva psicanalítica. In *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, II (2), 28-43.
- Costa, V.A.S. F. (2015). *Da revalidação do Nome-do-Pai à posição diante da Leu e to Ato Infracional na operação adolescente*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – UNICAP, Recife, Pernambuco, Brasil.
- Cukiert, M. (2000) *Uma contribuição à questão do corpo em psicanálise: Freud, Reich e Lacan*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- De Lemos, C.T.G. (1986). *Interacionismo e aquisição da linguagem*. São Paulo, D.E.L.T.A., 2(2).
- De Vitto L. (2000). Patologias da linguagem: subversão posta em ato. In: Leite, N. (Org). *Corpo Linguagem: gestos e afetos* (pp. 233 – 246), Campinas, SP: Mercados de Letras, 2003.
- Deleuze, G. (1968). *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Graal.
- Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. (1996). O legado de Freud e Lacan. Editado por Pierre Kaufmann; tradução, Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Dicionário de psicanálise (1997). Freud & Lacan, 1, Salvador, Bahia: Ágalma.
- Dicionário de psicanálise (2004). Freud & Lacan, 2, Salvador, Bahia: Ágalma.
- Didier-Weill, A. (1988). A Escansão. In *Lacan e a clínica psicanalítica* (pp. 11-40). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Dolto, F. A. (2010). *Imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva.
- Dolto, F; Nasio, J-D. A. (2008). *Criança do espelho*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Dor, J. (1989). *Introdução à Leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Figueiredo, L.C. (1993). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- Freud, S. (1920). “*Além do princípio do prazer*” (1976). ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S (1996). *Inibição, Sintoma e Angústia* (XX ed.). Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas completas: Imago.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (pp. 163-195). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7.
- Freud, S. (1912). A dinâmica da transferência. In *O caso de Schreber e artigos sobre técnica* (p.107-120). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969). Os caminhos da formação dos sintomas. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XVI). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1969). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). Carta 55. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). Carta 79. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. I). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1976). Contribuições a um debate sobre a masturbação. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). Luto e melancolia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XIV), (Trabalho original publicado em 1917). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1988). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII.
- Freud, S. (1989). Totem e Tabu. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (vol. 13), Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1989). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito* (vol. 12), *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1989). *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci* (vol. 11), *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1990). As Neuropsicoses de Defesa. In: S. Freud. *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1990). Projeto para uma Psicologia Científica. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol.1. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, 1911*. In O caso de Schreber e artigos sobre técnica (p. 231-244). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). *Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), 1914*. In O caso de Schreber e artigos sobre técnica. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7). In *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (pp.163-195). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S (1996). Além do princípio do prazer. In *Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira, 1920*. Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, S. (2010). *História de uma neurose infantil* (“O Homem dos Lobos” 1918[1914], v. 14). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Paulo Cesar de Souza, trad. vol 15). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914) Repetir, Recordar e Elaborar. In. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, s/d. CD-ROM

- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad. vol 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- Freud, S. (2010). *Obras Completas - vol. 12 - Introdução ao Narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Editora Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). *Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Garcia-Roza, L. A. (1990). *O mal radical em Freud pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L. A. (2003). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões* (7 ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Giordani, R.C.F. (2009). O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. *Revista de Nutrição*, 22 (6), 809-821.
- Grossi, F. (2001). Centro Mineiro de Toxicomania: uma experiência singular. In *Psicanálise e Psiquiatria – controvérsias e convergências*. Quinet, A (org.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Helman, C.G. (1994). *Cultura, Saúde e Doença*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas.
- Henschel de Lima, C.; Lipiani, A. et al. (2012). O que pode a psicanálise diante do destino para o pior? Considerações sobre a direção de tratamento das toxicomanias no avesso do discurso do mestre contemporâneo. *Opção Lacaniana online*, Rio de Janeiro, 3(7). Recuperado de <<http://www.opcaolacanianana.com>>.
- Henschel de Lima, C.; Valentim, A. P.; Rocha, C. E. da F. (2013). Crack: uma abordagem psicanalítica do seu consumo entre crianças e adolescentes em situação de rua. *Revista Mal Estar e Subjetividade*. Fortaleza, 7 (1-2), p. 155 – 194.
- Henschel de Lima, C. (2014). Investigação psicanalítica dos determinantes psíquicos do consumo abusivo de substâncias psicoativas. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 17(1), 39-50.
- Kloutau, P. (2008) O nascimento da subjetividade: uma incursão pelas teorias de Winnicott e Lacan através do espelho. In D. B. Wanderley (Org.). *O Cravo e a Rosa: A Psicanálise e a Pediatria: um diálogo possível?* – Coleção de Calças Curtas. Salvador: Álgama.
- Lacan, J. (2005). “O simbólico, o imaginário e o real” (1974/1975). In: Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 23: O sintoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2002). A terceira (1974). In *Cadernos Lacan* (v.2). Porto Alegre: Publicação não comercial da APPOA.
- Lacan, J. (1979) *Seminário XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1982). *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário Livro III: As psicoses*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. Original, 1955-1956.
- Lacan, J. (1985). *Os Complexos Familiares: na Formação do Indivíduo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1986). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro 4. A relação do objeto* (2 ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *De uma questão preliminar. Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre “Acarta roubada”, In V. Ribeiro, *Escritos*. Trad. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998). Para além do “Princípio de realidade” (1936). In *Escritos* (p.7-95). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998b). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (p. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O seminário. Livro 5. As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2005). O Simbólico, o Imaginário e o Real. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (2008). *O seminário, Livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lajonquiére, L. (1999). *De Piaget a Freud: Pra repensar as aprendizagens - A (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Rio de janeiro: Editora Vozes.
- Laplanche, J. & Pontalis J. B. (1982). *Vocabulário da psicanálise* (4 ed). São Paulo: Martins Fontes.

- Lazzarini, E. R.; Viana, T.C. (2006). O Corpo em Psicanálise. *Universidade de Brasília*. 22(2), 241-250.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus.
- Le Breton, D. (2006). *A sociologia do corpo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Le Poulichet, S. (2005). *Toxicomanías y psicoanálisis: las narcosis del deseo.*, Buenos Aires-Madrid: Amorrortu editores.
- Lebrun, J-P. (2008). *A perversão comum: viver junto sem o outro*. Rio Grande do Sul. Editora Companhia de Freud.
- Lebrun, J. P. (2010). *O Mal-estar na subjetivação*. São Paulo: CMC Editora.
- Leite, N.V.A. (2003). *Corpo linguagem: gestos e afetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Lorencini, Júnior, A. (1998). Enfoque estrutural das drogas: Aspectos biológicos, culturais e educacionais. In: J. A. Groppa, (org.). *Drogas na escola - alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Malta, M.L. (2006). *Explorando a ecolalia como sintoma no autismo: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil.
- Mannoni, O. (1992). *Um Espanto tão Intenso – a Vergonha, o Riso e a Morte*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Manonni, M.(1995). *O nomeável e o inominável. A última palavra da vida*. Coleção transmissão em psicanálise, Zahhar editor.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- Menninger, K. (1970). *Eros e tanatos: o homem contra si próprio*. São Paulo, Ibrasa.
- Miller, A. (2011). *A revolta do corpo*. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes.
- Milner, J-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Milner, J-C. (2006). *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: companhia das letras.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde (7 ed)*.São Paulo: Hucitec. Rio de Janeiro: Abrasco.
- Mintz, S.W. D. (1984). *Dados: Revista de Ciências Sociais*.mRevista de Ciências Sociais.Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 27(1), 1984.
- Moutinho, K. A.(2010). *Construção narrativa de sentidos de bioidentidade: obesidade e cirurgias bariátricas*. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.

- Nasio, J-D. (1993). *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar Editor.
- Nasio, J-D. (1989). *Lições Sobre os 7. Conceitos Cruciais em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor.
- Nasio, J-D. (1997). *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Nasio, J-D. (2009). *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- Neuter, P. (1994). Do sintoma ao sinthoma. In *Dicionário de Psicanálise Freud e Lacan*. Salvador, Alghama, 1994.
- Neves, A. C. L. & Miasso, A. I. (2010). “Uma força que atrai”: o significado das drogas para usuários de uma ilha de Cabo Verde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 18, 589-597.
- Oliveira, B. S. A.; Carvalho, L.B.C. (1994). O atendimento de crianças: questões sobre estrutura psicótica. In: *Discurso do outro: um exercício de psicanálise*. São Paulo, Iluminuras.
- Pacheco, L. (2013). A violência do horizonte mortífero do gozo e do uso de drogas. In O. M R Machado & E. Derezensky. *A violência: sintoma social da época*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Pastore, J. A D. (2012). Psicanálise e linguagem mítica. *Ciência & Cultura*. Campinas: UEC, v. 64, n.1, p. 20-23, 2012.
- Pereira, A. (2014). *Construção Narrativa do Self em usuários de crack em tratamento*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Pinheiro, M. A. (2011). *Singularidade e corpo: uma questão para a subjetividade*. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Porge, E. (2006). *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Queiroz, M. I. P. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação vida*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Rios, L F. (2004). *O Feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.

- Rocha, D. & Deusdará, B. (2005). Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, 7(2),305-322.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rui, T. C. (2012). *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de Doutorado, UNICAMP, São Paulo, Brasil.
- Santos, A. S. A. (2012). *Atrasos de aquisição de linguagem: algumas considerações sobre o espelhamamento*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco – CFCH. Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, Brasil.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. de S. (2004). A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. *Caderno de. Saúde Pública*. 20(3), 649-659.
- SENAD. (2010). *Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias* (2 ed). Brasília: Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.
- Silva, A. K. B. (2005). *Implicações Psicossociais na mutilação facial e na Reabilitação Protética em Pacientes com Câncer*. Monografia de Graduação em Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE. Recife, Brasil.
- Silva, A. K. B. (2008). *Para uma Psicossociologia da Máscara: sobre curativos, óculos e próteses faciais na trajetória de vida de pessoas que passaram por mutilações na face*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE. Recife, 2008.
- Tauber, B. (1989). Um dispositivo, um significante. In C. Dumezil. *La marca del caso e el psicoanalista por su rastro*. Buenos Aires: Ediciones Nuevas Vision, 31-45.
- Vanier, A. (2005). *Lacan*. São Paulo: Estação liberdade.
- Vasse, D. (1997). *O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças*. São Paulo: Loyola.
- Vorcaro, A. (2004). *Seria a toxicomania um sintoma social?* *Mental*, Barbacena, 2(3). Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 jan. 2016.
- Vorcaro, A. & Capanema, C.A. (2010). *Desastre e acontecimento na realidade psíquica*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 490-504, dez. 2010.
- Yin, R.K. (2011). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Rio de Janeiro: Artmed.

## **Anexos**

**Anexo I – Carta de Anuência**



**PREFEITURA DO JABOATÃO DOS GUARARAPES  
SECRETARIA DE POLÍTICAS SOCIAIS INTEGRADAS  
SECRETARIA EXECUTIVA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE  
GABINETE**

---

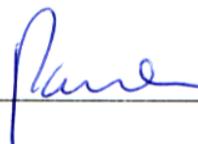
Jaboatão dos Guararapes, 21 de janeiro de 2015

**CARTA DE ANUÊNCIA**

A pesquisa **“O CORPO FALADO: O DISCURSO DO SUJEITO USUÁRIO DE CRACK SOBRE OS SIGNIFICADOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS E MODIFICAÇÕES CORPORAIS ATRAVESSADAS A PARTIR DO CONSUMO ABUSIVO DA DROGA”**, da aluna Anna Katarina Barbosa da Silva, estudante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, está autorizada a ser realizada nesta instituição, mediante autorização prévia do Comitê de Ética e Pesquisa, sob acompanhamento da Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho, conforme projeto de pesquisa apresentado.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a Instituição o parecer consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

  
Gessyanne Vale Paulino  
Secretária Exec. de Promoção da Saúde  
Matrícula 58.596-7

**Gessyanne Vale Paulino**  
Secretária Executiva de Promoção da Saúde

## **Anexo II – Termo de Consentimento**



Universidade Federal de Pernambuco - UFPE  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH  
Departamento de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa **“O Corpo Falado: O Discurso do Sujeito Usuário de Crack, familiares e profissionais sobre os Significados de suas Experiências e Modificações Corporais Atravessadas a partir do Consumo Abusivo da Droga”**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Anna Katarina Barbosa da Silva, endereçada à Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP. 50670-901, Recife – PE, Brasil, telefone (81) 2126-8272/(81)9821-5469 (isto inclusive com ligações a cobrar) e e-mail para contato do pesquisador [anna.katarina@ig.com.br](mailto:anna.katarina@ig.com.br), e está sob a orientação da Profa. Dra. Glória M.M.Carvalho, Telefones para contato:(81) 9962-5800, e-mail [gmmcarvalho@uol.com.br](mailto:gmmcarvalho@uol.com.br).

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Descrição da pesquisa:** a presente pesquisa tem como proposta investigar os discursos dos sujeitos sobre o próprio corpo a partir das mudanças corporais abruptas que advém da experiência do abuso do *crack*. As informações serão colhidas através de observação participante, roteiro de entrevista semiestruturada com acompanhantes e profissionais assistentes e roteiro de entrevista com enfoque biográfico com os usuários do serviço participantes da pesquisa, elaborados a partir dos objetivos geral e específicos desta pesquisa, com uso de gravador de áudio presente em aparelho celular para posterior transcrição. O acompanhamento pode ser feito a partir do contato direto com a pesquisadora responsável através de contato telefônico e/ou e-mail, feito pelos participantes a qualquer tempo da pesquisa e através de retorno a Instituição, ao final da pesquisa, para apresentar os resultados da mesma.

O período de participação do voluntário na pesquisa, terá início no mês de abril de 2015 e término máximo no mês de julho de 2015, sendo o número de visitas para a pesquisa, no mínimo, uma, para realização de entrevista com o usuário do serviço e ao menos um familiar (entrevista semi-estruturada), podendo se estender a mais encontros (até quatro), tendo em vista a entrevista com enfoque biográfico a ser realizada com o usuário, que tem possibilidade de ser realizada com mais de um encontro. Como o voluntário está sob tratamento na unidade de CAPS AD Recanto dos Guararapes, as entrevistas serão realizadas no referido local, mas fora do horário de atendimento do voluntário e de seu familiar no serviço, visando não atrapalhar o processo terapêutico do mesmo.

- **RISCOS diretos para os voluntários:** poderá haver um risco mínimo de constrangimento nas ocasiões das perguntas e repostas das entrevistas. Contudo, a pesquisadora responsável declara que, se durante ou depois do fornecimento das informações for identificado qualquer desconforto no sujeito entrevistado, poderá refletir sobre a possibilidade de sugerir escuta especializada por psicólogos ou outro Técnico de Referência do Usuário no serviço ofertado do CAPS Ad Recanto dos Guararapes.

- **BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os voluntários:** Como benefícios diretos desta pesquisa, a partir desta proposta que visa auxiliar nas compreensões sobre o usuário de crack e suas dinâmicas, o uso dos instrumentos propostos configura-se como possibilidade real de reflexão sobre práticas, dinâmicas familiares e sociais para os entrevistados, o que também pode implicar em benefícios ao usuário e demais diretamente envolvidos, considerando o possível valor terapêutico da fala para dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e espiritual destes envolvidos. Além disto, os dados coletados e tratados podem servir de embasamento para elaboração ou atualização das políticas públicas e dos programas de

intervenção atualmente vigentes, desde que o abuso do crack tem sido alvo de investigação e estudos, com a necessidade de aprofundar o debate diante do agravo acarretado nos sujeitos e na sociedade. De benefícios indiretos desta amostragem, tem-se o desenvolvimento do conhecimento a respeito das dinâmicas envolvidas no consumo de drogas, o aperfeiçoamento dos profissionais de psicologia, bem como de diversas áreas, todos buscando a melhoria na qualidade de vida do usuário e o desenvolvimento da ciência, bem como servir de indicação para futuros trabalhos.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações das entrevistas e suas transcrições), ficarão armazenados no computador pessoal da pesquisadora responsável e da orientadora, sob a responsabilidade das mesmas (pesquisador e Orientador), no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (**Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: [cepeccs@ufpe.br](mailto:cepeccs@ufpe.br)**).

\_\_\_\_\_  
(assinatura do pesquisador)

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “**O Corpo Falado: O Discurso do Sujeito Usuário de Crack, familiares e profissionais sobre os Significados de suas Experiências e Modificações Corporais Atravessadas a partir do Consumo Abusivo da Droga**”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e Data: \_\_\_\_\_

Assinatura do Participante: \_\_\_\_\_

Impressão Digital (Opcional)
------------------------------------

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar.** (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_ Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Anexo III – Roteiro de Entrevista Semiestruturada com Acompanhante**

## **Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada com Acompanhantes**

- 1) Você pode dizer-me como começou o envolvimento dele com as drogas?
- 2) Como você vê a situação que ele está passando?
- 3) Que mudanças você vê no comportamento dele?
- 4) Que mudanças você vê no corpo dele?
- 5) Como você considera os cuidados que ele tem com o corpo?
- 6) Como é ou era a relação dele com os seus objetos pessoais?
- 7) Como ele se comporta em relação a você?
- 8) Como ele se comporta em relação às pessoas no local que mora?

**Anexo IV – Roteiro de entrevista Semi-estruturada com Profissional Assistente**

## **Roteiro de entrevista Semiestruturada com Profissional Assistente**

- 1) Qual e Como é serviço que você presta a ele neste local?
- 2) Se eu te pedir pra descrever aspectos físicos e comportamentais, como você vê esta pessoa?
- 3) Como você vê o comportamento dele em relação ao próprio corpo?
- 4) Como você vê a relação do mesmo com os outros usuários do serviço?
- 5) Como você vê sua relação com seu (s) acompanhante (s)?

**Anexo V – Roteiro de Entrevista com Enfoque Biográfico realizada com o Usuário**

## **Roteiro de Entrevista com Enfoque Biográfico**

1ª. entrada:

A trajetória de vida (mais livremente)

(Eu gostaria que você me falasse sobre você, que você me contasse a sua história... )

- Eixo Exploratório 1: experiências corporais
- Eixo Exploratório 2: família (de origem, parceiros afetivos, filhos, parentes, outros).
- Eixo Exploratório 3: comunidade e o local onde viveu/vive.
- Eixo Exploratório 4: Atividades (trabalho, estudo, hobbies etc).
- Eixo Exploratório 5: Crenças/religiões

2ª. Entrada:

Coisas marcantes que aconteceram na trajetória de vida e suas implicações

- Eixo exploratório 1: início do consumo de drogas
- Eixo exploratório 2: a dependência química
- Eixo exploratório 3: estratégias para lidar com a dependência
- Eixo exploratório 4: experiências e modificações corporais com uso de crack

3ª. Entrada:

Momento atual de vida

- Eixo exploratório 1: impacto do consumo de drogas no presente
- Eixo exploratório 2: impacto das modificações corporais vivenciadas no presente.

4ª. Planos para o futuro:

- Eixo exploratório 1: impacto do consumo de drogas e modificações corporais no futuro.

**ANEXO VI – Aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética**

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O Corpo Falado: O Discurso do Sujeito Usuário de Crack, familiares e profissionais sobre os Significados de suas Experiências e Modificações Corporais Atravessadas a partir do Consumo Abusivo da Droga

**Pesquisador:** ANNA KATARINA BARBOSA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 40985115.8.0000.5208

**Instituição Proponente:** CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 986.377

**Data da Relatoria:** 23/03/2015

#### Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa O CORPO FALADO: O DISCURSO DO SUJEITO USUÁRIO DE CRACK, FAMILIARES E PROFISSIONAIS SOBRE OS SIGNIFICADOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS E MODIFICAÇÕES CORPORAIS ATRAVESSADAS A PARTIR DO CONSUMO ABUSIVO DA DROGA, da doutoranda Anna Katarina Barbosa da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho, será desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Para seu desenvolvimento, o projeto realizará estudo de caso pela observação dos participante e entrevistas (semiestruturada e/ou com enfoque biográfico) com usuários de crack, profissionais assistentes destes pacientes e seus acompanhantes no CAPS AD Recanto dos Guararapes – PE. Para isso, o projeto interroga se e como os indivíduos vivenciam a desfiguração de seus corpos que decorre do uso do crack e como tais modificações corporais afetam sua subjetividade.

#### Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral da pesquisa é investigar – a partir do discurso dos sujeitos sobre si e daqueles que os assistem – a apreensão (ou não) das modificações corporais abruptas do usuário do crack e suas possíveis implicações na subjetividade deste.

Como objetivos específicos, citam-se: i) identificar a forma de se referir ao próprio corpo e ao

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br

Continuação do Parecer: 986.377

corpo de outros usuários de crack em suas redes de significação; ii) buscar compreender quais as funções do corpo para o usuário, além do aporte para as práticas de consumo; e iii) entender se e como os sujeitos usuários de crack consideram o próprio posicionamento na rede de interação em que transitam (família, amigos, comunidade, pessoas em geral) a respeito das modificações corporais atravessadas por eles e os possíveis efeitos disto sobre a percepção de si.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa apresenta nesta segunda versão mais benefícios do que riscos. Os riscos são mínimos e dizem respeito à possibilidade de os voluntários da pesquisa sentirem algum tipo de constrangimento ao responderem o questionário. No que tange aos benefícios, são apontados no corpo do projeto os de natureza direta e indireta. Citam-se aqui os benefícios diretos: a possibilidade de o projeto auxiliar na compreensão sobre o usuário de crack e suas dinâmicas, bem como no seu tratamento no âmbito de políticas públicas e programas de intervenção vigentes.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto apresenta-se relevante, com metodologia compatível e objetivos bem definidos, sendo possível sua execução do ponto de vista ético, pois os riscos de execução são mínimos. Após revisão atenta, foram acatadas todas as indicações de pendência, de forma que o projeto não mais as apresenta. Nesta segunda versão, foram incorporadas em seu corpo os itens: justificativa e fundamentação teórica, estando a apresentação teórica mais expressiva e adequada ao gênero projeto. As narrativas (“flashes”) foram deslocadas para a introdução, o que contribuiu para maior clareza da metodologia, que foi acrescida de algumas informações esclarecimentos, como por exemplo: i) a delimitação do número de participantes da pesquisa e ii) a quantificação/descrição das categorias de análise. Saliencia-se ainda que o título do projeto foi alterado, conferindo-lhe maior adequação tal como recomendado. Apesar disso, ainda há partes do projeto que necessitam revisão gramatical e/ou textual.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Identificam-se devidamente no projeto: folha de rosto, carta de anuência e currículo das pesquisadoras. Encontra-se também o TCLE para maiores de 18 anos, que, após atenta revisão textual/gramatical, foi alterado, estando sua redação adequada.

#### **Recomendações:**

Recomenda-se ainda a revisão gramatical e/ou textual de partes do projeto e a inserção de

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br

Continuação do Parecer: 986.377

Benveniste (1988) nas referências.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pela análise empreendida nesta relatoria, o projeto não mais apresenta pendências, estando APROVADO.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

As exigências foram atendidas e o protocolo está liberado para o início da coleta de dados. Informamos que o parecer consubstanciado de APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dado após a apreciação do envio do relatório final ao Comitê de Ética em Pesquisa/UFPE, via plataforma Brasil, no item "Notificações". O CEP, após apreciação desse relatório final, emitirá o Parecer Consubstanciado pelo sistema.

RECIFE, 16 de Março de 2015

---

**Assinado por:**  
**Gisele Cristina Sena da Silva Pinho**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br